



**NÍVEL 0 DA
ACADEMIA**

Níveis da Academia

**Cientologista Reconhecido Hubbard
(Auditor Classe 0)**



CONTEÚDO

NÍVEL 0 DE CIENTOLOGIA.....	4
A. - SECCÃO DE ORIENTAÇÃO	15
MANTER A CIENTOLOGIA A FUNCIONAR.....	15
DEGRADAÇÕES TÉCNICAS	22
TECH FORA	24
C. - CARTAS E ESCALAS.....	26
Carta de Graus simplificada para graus INFERIORES.....	26
A ESCALA DE TOM COMPLETA.....	30
OBNOSE E A ESCALA DE TOM	33
D. -CÓDIGOS.....	36
O CÓDIGO DO AUDITOR.....	36
E. -EXERCÍCIO E DADOS SOBRE O E-METRO	38
CALIBRAGEM DO E-METRO.....	38
EXERCÍCIO DO E-METRO 5RA APERTAR DE LATAS	39
POSIÇÃO DO METRO.....	45
USO DO "E-METRO".....	46
LISTA DE VERIFICAÇÃO DE TA FALSO	47
REAÇÕES INSTANTÂNEAS	55
LISTA DE VERIFICAÇÃO PARA PREPARAR SESSÕES E UM E-METRO	56
F. - DADOS SOBRE F/N.....	59
O QUE É UMA AGULHA FLUTUANTE?.....	59
AGULHAS FLUTUANTES E FENÓMENOS FINAIS	60
F/N PERSISTENTE.....	63
F/N DE CIENTOLOGIA E POSIÇÃO DO TA	65
G. - O CICLO DE COMUNICAÇÃO EM AUDIÇÃO	68
AXIOMA 28 EMENDADO	68
A MAGIA DO CICLO DE COMUNICAÇÃO.....	69
AS DUAS PARTES DA AUDIÇÃO	71
O CICLO DE COMUNICAÇÃO EM AUDIÇÃO	74
CICLOS DE COMUNICAÇÃO DENTRO DO CICLO DE AUDIÇÃO	75
O CICLO DE COMUNICAÇÃO EM AUDIÇÃO	80
ESTILOS DE AUDIÇÃO.....	82
AS TRÊS LINHAS DE COMUNICAÇÃO IMPORTANTES	89
FALTA DE COMPREENSÃO DO AUDITOR.....	90
RECONHECIMENTOS PREMATUROS	92
ADITIVOS AO CICLO DE COMUNICAÇÃO	93
COMO OBTER AÇÃO DE TA	94
OS DIREITOS DOS AUDITORES.....	101
H. - COISAS QUE O AUDITOR NÃO PODE FAZER.....	110
TODOS OS NÍVEIS Q&A	110
A VERDADEIRA DEFINIÇÃO DE Q&A	112
ERROS DE AUDIÇÃO - INTERRUPTÃO DO BD	113
DEIXAR O PC FAZER ITSA	114
I. - INDICADORES	117
BONS INDICADORES NOS NÍVEIS INFERIORES	117
OS INDICADORES DO PC	119
J. - ADMIN DO AUDITOR.....	124
SUMÁRIO DE COMO ESCREVER	124
DADOS DE C/S	126
K. - PREPARAR O PC	129
MÉTODO 5.....	129
CLARIFICAR ATÉ F/N.....	130



CLARIFICAR COMANDOS.....	131
AUDIÇÃO DE CIENTOLOGIA: CS-1	134
HAVINGNESS DESCOBRIR E PERCORRER O PROCESSO DE HAVINGNESS DO PRECLARO	144
L. - SESSÃO MODELO E RUDIMENTOS	146
LIMPANDO RUDIMENTOS.....	146
RUDIMENTOS, DEFINIÇÕES E FRASEADO	148
MANEJAR A WITHHOLD FALHADO.....	153
SESSÃO MODELO	154
EXTERIORIZAR E TERMINAR A SESSÃO	156
M. - PROCESSAMENTO DE NÍVEL 0	157
AUDIÇÃO ESTILO OUVIR.....	157
PROCESSOS CIENTOLOGIA 0.....	160
VERIFICAÇÃO DAS PERGUNTAS NOS PROCESSOS DOS GRAUS.....	164
FLUXOS SEM LEITURA.....	166
N. - MINI LISTA DE PROCESSOS PARA O GRAU 0.....	167
MINI LISTA DOS PROCESSOS DOS GRAUS DE 0-IV.....	167



GABINETE DE COMUNICAÇÕES HUBBARD
Saint Hill Manor, East Grinstead, Sussex
CARTA POLÍTICA DO HCO DE 22 DE SETEMBRO DE 1978RA
EMIÇÃO I
RE-REVISTO 19 NOVEMBRO 1984
Re-rev. 19.11.84

Remimeo
Orgs de Scn
Academias
Estudantes do Nível 0

(Revisões em *Itálicas*)
(Revisto para pôr em dia e
alinhar a checksheet e para
corrigir os requerimentos audição do estudante.)

NÍVEL 0 DE CIENTOLOGIA

CHECKSHEET DA ACADEMIA STANDARD

(HRS) Cientologista Reconhecido Hubbard

(FICHEIROS EDITÁVEIS)

ESTE CURSO CONTÉM CONHECIMENTOS VITAIS PARA UMA VIDA BEM SUCEDIDA.

NOME: _____ ORG: _____

POSTO: _____

DATA DE COMEÇO: _____ DATA DE COMPLETAÇÃO: _____

Esta checksheet contém os conhecimentos vitais de sobrevivência da tecnologia dos Níveis Sub-Zero e Zero de Cientoologia. Cobre a tecnologia que lida com a "memória" e "comunicação".

REQUISITOS: 1. O Chapéu do Estudante.

2. Um Curso de TRs Profissionais.

3. Método Um de Clarificação de Palavras.

(O Método Um de Clarificação de Palavras é um pré-requisito para treino neste Nível, exceto quando retirado por um C/S qualificado segundo a HCO PL 25 Set 79RA, revista 20 Out 83, MÉTODO UM DE CLARIFICAÇÃO DE PALAVRAS.)

TECH DE ESTUDO: Aplicação total de toda a Tech de Estudo é usada durante este curso. Os itens são estudados e exercitados em sequência. Esta checksheet é feita uma vez, materiais e prática.

O estudante tem de possuir um conjunto completo dos Volumes Técnicos como materiais de referência para os seus níveis da academia e o DICIONÁRIO TÉCNICO DE DIANÉTICA E CIENTOLOGIA que é usado no seu estudo diário.

PRODUTO: Um Cientologista Reconhecido Hubbard que é capaz de auditar os outros de uma forma standard até Release de Comunicações de Grau 0.



CERTIFICADO: A conclusão deste curso dá-te o direito a um Certificado Provisório de Cientologista Reconhecido Hubbard. O certificado só é válido por um ano, tendo nessa altura que ser validado pelo Estágio.

Quando completares o treino de Classe IV, deverias fazer imediatamente o Estágio nesta organização ou numa org superior debaixo do guia profissional de especialistas técnicos. Um Estágio é absolutamente necessário para o treino completo de um auditor. Quando tu podes então aplicar os processos do Grau sem erros, então vais receber o teu Certificado Permanente de Cientologista Reconhecido Hubbard.

DURAÇÃO DO CURSO: 2 semanas a tempo inteiro.

NOTA: STARRATES E CHECKOUTS POR PARCEIROS SÓ SÃO EXIGIDOS NESTE CURSO SE O ESTUDANTE NÃO COMPLETOU O SEU MÉTODO UM DE CLARIFICAÇÃO DE PALAVRAS (Ref. HCOB 13 Ago 72RA TREINO DE FLUXO RÁPIDO.) O estudante atesta assinando o seu nome nos espaços em branco da checksheet, significando que ele compreende completamente e pode aplicar os dados. OS EXERCÍCIOS SÃO PARA SER FEITOS TOTALMENTE ATÉ AO SEU RESULTADO.

ESPERA-SE QUE O ESTUDANTE ENTÃO VÁ POLIR E REFINAR AS SUAS PERÍCIAS DE AUDIÇÃO NO ESTÁGIO DE CLASSE IV, QUANDO COMPLETAR OS NÍVEIS DA ACADEMIA ATÉ CLASSE IV.

A. - SECÇÃO DE ORIENTAÇÃO

1. *[HCOPL 7 Fev. 65](#) N°1 Série KSW, MANTER A CIENTOLOGIA A FUNCIONAR _____
2. *[HCOPL 17 Jun. 70RB](#) N°5R Série KSW, DEGRADAÇÕES TÉCNICAS _____
3. *[HCOPL 22 Nov. 67RA](#) N°25 Série KSW, TODOS OS ESTUDANTES À TODOS OS CURSOS - OUT TECH _____

B. - LIVROS (para serem lidos antes do fim do curso)

1. [DIANÉTICA 55!](#) (Inglês) _____
2. [AUTO ANÁLISE](#) (Inglês) _____
3. [AXIOMAS E LÓGICAS](#) AXIOMAS 1 A 28 _____

C. - CARTAS E ESCALAS

1. *[HCOB 12 Nov. 81RB](#) URGENTE À IMPORTANTE, CARTA DE GRAUS ALINHADA PARA OS GRAUS INFERIORES _____
2. 1986 [CARTA DE CLASSIFICAÇÃO](#), GRADAÇÃO E CONSCIÊNCIA DE NÍVEIS E CERTIFICADOS SECÇÃO DE AUDITOR DE CL 0 _____
3. DEMO: A capacidade ganha para o Grau 0. _____
4. [HCOB 25 Set 71RB](#) A ESCALA DE TOM COMPLETA _____
5. [HCOB 26 Out 70 III](#) OBNOSIS E A ESCALA DE TOM _____
6. EXERCÍCIO: O exercício de Obnosis no 5º par. da emissão acima. _____
7. EXERCÍCIO: O exercício de Obnosis e a escala de tom segundo o 8º par. do HCOB acima. _____



23. EXERCÍCIO DE E-METRO 12. _____
24. EXERCÍCIO DE E-METRO 13. _____
25. EXERCÍCIO DE E-METRO 15. _____
26. EXERCÍCIO DE E-METRO 16. _____
27. EXERCÍCIO DE E-METRO 18. _____
28. *[HCOB 5 Ago 78](#) - LEITURAS INSTANTÂNEAS _____
29. EXERCÍCIO DE E-METRO 19 _____
30. EXERCÍCIO DE E-METRO 20. _____
31. EXERCÍCIO DE E-METRO 21 _____
32. EXERCÍCIO DE E-METRO 23 _____
33. EXERCÍCIO DE E-METRO 24. _____
34. [HCOB 4 Dez 77](#) - CHECKLIST PARA PREPARAR SESSÕES E UM E-METRO _____
35. EXERCÍCIO: As ações completas de preparar uma sessão segundo o HCOB 4 Dez 77 até as poderes fazer suavemente e com confiança. _____

F. - DADOS SOBRE F/N

1. *[HCOB 21 Jul. 78](#) O QUE É UMA AGULHA FLUTUANTE? _____
2. *[HCOB 20 Fev. 70](#) AGULHAS FLUTUANTES E FENÔMENOS FINAIS _____
3. *[HCOB 8 Out 70](#) Nº20 Série C/S Nº9 Série KSW, F/N PERSISTENTE _____
4. [HCOB 10 Dez 76RB](#) F/N DE CIENTOLOGIA E POSIÇÃO DE TA _____
5. EXERCÍCIO: Descobrir F/Ns. O estudante faz várias pessoas segurar as latas com o treinador por detrás a observar. O estudante tem de indicar corretamente uma F/N quando há uma. _____

G. - O CICLO DE COMUNICAÇÃO EM AUDIÇÃO

1. [HCOB 5 Abr. 73R](#) - AXIOMA 28 ADICIONADO _____
2. DEMO COM PLASTICINA: Axioma 28. _____
3. [HCOB 23 Mai. 71R](#) A MAGIA DO CICLO DE COMUNICAÇÃO _____
4. *[HCOB 23 Mai. 71R II](#) AS DUAS PARTES DA AUDIÇÃO _____
5. *[HCOB 30 Abr. 71](#) CICLO DE COMUNICAÇÃO EM AUDIÇÃO _____
6. [PALESTRA: 25 Jul. 63](#) CICLOS DE COMUNICAÇÃO EM AUDIÇÃO _____
7. [HCOB 14 Ago 63](#) GRÁFICOS DAS PALESTRAS (Usar com a fita acima.) _____
8. [PALESTRA: 6 Ago 63](#) CICLOS DE COMUNICAÇÃO DE AUDIÇÃO _____
9. *[HCOB 23 Mai. 71R IV](#) CICLOS DE COMUNICAÇÃO DENTRO DO CICLO DE AUDIÇÃO _____
10. [HCOB 23 Mai. 71R V](#) O CICLO DE COMUNICAÇÃO EM AUDIÇÃO _____
11. DEMO: Cada parte do Ciclo de Comunicação de Audição. _____



12. [HCOB 6 Nov. 64](#) ESTILOS DE AUDIÇÃO (Nível 0) _____
13. [PALESTRA: 20 Ago 63](#) A LINHA DE ITSA _____
14. [PALESTRA: 21 Ago 63](#) A LINHA DE ITSA (Cont.) _____
15. [HCOB 23 Mai. 71 III](#) TRÊS LINHAS DE COMUNICAÇÃO IMPORTANTES _____
16. EXERCÍCIO: Audição do Estilo de Ouvir. O treinador atua como o pc e o estudante percorre um comando como "Conta-me acerca de maçãs." sobre o treinador. Passa-se o exercício quando o estudante pode fazer com confiança estilo de audição de ouvir sem enganos. _____
17. [PALESTRA: 6 Fev. 64](#) O CICLO DE COMUNICAÇÃO EM AUDIÇÃO _____
18. *[HCOB 17 Out 62](#) FALHA DO AUDITOR EM COMPREENDER _____
19. [PALESTRA: 28 Abr. 64](#) SABEDORIA COMO AUDITOR _____
20. *[HCOB 7 Abr. 65](#) ACUSAR DE RECEÇÃO PREMATURO _____
21. [HCOPL 1 Jul. 65](#) ADIÇÕES AO CICLO DE COMUNICAÇÃO _____
22. DEMO: Três exemplos de Adições ao Ciclo de Comunicação . _____
23. DEMO COM PLASTICINA: O Ciclo de Comunicação de Audição e o que é que acontece no banco quando este é aplicado . _____
24. [PALESTRA: 26 Jul. 66](#) A CARTA DE CLASSIFICAÇÃO E AUDIÇÃO _____
25. [HCOB 1 Out 63](#) COMO CONSEGUIR AÇÃO DE TONE ARM _____
26. DEMO: O que é que causa a ação de TA e como. _____
27. Clarifica a palavra terminal no Dicionário Técnico . _____
28. DEMO: Um terminal . _____
29. *[HCOB 23 Ago 71](#) Nº1 Série C/S DIREITOS DOS AUDITORES _____

H. - COISAS QUE O AUDITOR NÃO PODE FAZER

1. *[HCOB 7 Abr. 64](#) TODOS OS NÍVEIS Q&A _____
2. [HCOB 5 Abr. 80](#) Q&A A VERDADEIRA DEFINIÇÃO _____
3. DEMO: Três exemplos de Q&A. _____
4. [HCOB 3 Ago 65](#) ERROS DE AUDIÇÃO, INTERRUPÇÃO DE BLOWDOWN _____
5. DEMO: O efeito da interrupção do Blowdown no pc. _____
6. *[HCOB 5 Fev. 66 II](#) "DEIXAR O PC FAZER ITSA" O AUDITOR BEM TREINADO _____

I. - INDICADORES

1. [HCOB 29 Jul. 64](#) BONS INDICADORES NOS NÍVEIS INFERIORES _____
2. [HCOB 3 Mai. 80](#) INDICADORES DO PC _____



3. EXERCÍCIO: Usando "Os Pássaros Voam?", o estudante e o treinador exercitam com os indicadores com o treinador e exercitam vários indicadores, bons e maus até que o estudante possa descobrir facilmente qual é o indicador que está a ser dramatizado. ____

J. - ADMIN DO AUDITOR

1. *[HCOB 7 Mai. 69 VI](#) - SUMÁRIO DE COMO ESCREVER UM RELATÓRIO DE AUDITOR, FOLHAS DE TRABALHO E RELATÓRIO DE SUMÁRIO COM ALGUMA INFORMAÇÃO ADICIONAL ____
2. [HCOB 25 Jun. 70](#) N°11 Série C/S, DADOS DE C/S ____
3. EXERCÍCIO: Examina o folder de pc e o seu conteúdo e nota como é composto ____
4. Faz um Mock up das seguintes coisas completas:
A) Conjunto de Folhas de Trabalho,
B) Relatório do Auditor e
C) Relatório de Sumário. Dá-as ao teu supervisor. ____

K. - PREPARAR O PC

1. *[HCOB 21 Jun. 72](#) N°38 Série Clarificação de Palavras, MÉTODO 5 CLARIFICAÇÃO DE PALAVRAS ____
2. *[HCOB 8 Jul. 74R](#) N°53R Série Clarificação de Palavras, CLARIFICAR ATÉ F/N ____
3. EXERCÍCIO: Método 5 de Clarificação de Palavras. O parceiro do estudante é o treinador. O estudante clarifica uma palavra com o treinador segundo o HCOB 21 Jun. 72 MÉTODO 5. O treinador reprovava o estudante em quaisquer faltas. Este exercício é feito até que o estudante possa fazer M5 facilmente e sem enganos no gradiente seguinte de passos:
A) Sem o METRO e sem folhas de trabalho. ____
B) Sem o METRO e com folhas de trabalho. ____
C) Com o meter e sem folhas de trabalho. ____
D) Com o meter e com folhas de trabalho. ____
4. PRÁTICA: Clarifica várias palavras com outro estudante com o Método 5 de Clarificação de Palavras (com meter). ____
5. *[HCOB 9 Ago 78 II](#) CLARIFICAR COMANDOS ____
6. EXERCÍCIO: Clarificar Comandos. O parceiro do estudante é o treinador. O estudante clarifica um comando para o treinador conforme descrito segundo o HCOB 9 Ago 78 II CLARIFICAR COMANDOS. O treinador reprovava o estudante por quaisquer falhas. Este exercício é feito até que o estudante possa clarificar o comando facilmente e sem enganos. ____
7. [HCOB 15 Jul. 78RA](#) AUDIÇÃO DE CIENTOLOGIA: CS-1 ____



8. EXERCÍCIO: Fazer um CS-1 de Cientologia com uma boneca, sem provocação e provocado até que o estudante o possa fazer com confiança. _____
9. *[HCOB 7 Ago 78](#) HAVINGNESS, DESCOBRIR E PERCORRER O PROCESSO DE HAVINGNESS DO PC _____
10. DEMO: A) A definição final de havingness. _____
B) Falta de Havingness. _____
11. EXERCÍCIO: Descubra e percorre um processo de Havingness. _____

L. - SESSÃO MODELO E RUDIMENTOS

1. [HCOB 15 Ago 69](#) - VOANDO RUDS _____
2. *[HCOB 11 Ago 78 I](#) RUDIMENTOS, DEFINIÇÕES E LINGUAGEM _____
3. [HCOB 6 Jun. 84 III](#) MANEJAR DO WITHHOLD FALHADO _____
4. DEMO COM PLASTICINA: _____
A) Quebra de ARC. _____
B) Problema de Tempo Presente. _____
C) Withhold Falhado. _____
5. DEMO: Um pc que está "em sessão". _____
6. EXERCÍCIO: Voar Ruds. _____

Nota: Cada parte deste exercício é feita num gradiente. É feito primeiro com o meter e folhas de trabalho presentes, mas sem prestar atenção ao meter e sem fazer as folhas de trabalho. Depois, num gradiente, adiciona o meter (o treinador a apertar as latas para ter leituras) e depois fazer as folhas de trabalho. O uso correto de falso e suprimido também têm de ser exercitados.

- A) Exercita voar o rud de Quebra de ARC com uma boneca. O treinador responde pela boneca e reprova o estudante por quaisquer enganos. Este exercício é feito até que o estudante voe Quebras de ARC fácil e confortavelmente, incluindo o uso correto dos botões, etc. _____
- B) Exercita voar o rud de Problema como acima. _____
- C) Exercita voar o rud de Withhold Falhado como em A) acima. _____
- D) Exercita voar todos os ruds. _____
7. [HCOB 11 Ago 78 II](#) SESSÃO MODELO _____
8. [HCOB 7 Mar 75](#) EXT E ACABAR A SESSÃO _____
9. EXERCÍCIO: Percorrer a Sessão Modelo do princípio até ao fim, usando o processo "Os Pássaros Voam?" _____
A) Não Provocado. _____
B) Provocado. _____



M. - PROCESSAMENTO DE NÍVEL 0

1. [HCOB 10 Dez 64](#) CIENTOLOGIA 0, AUDIÇÃO DO ESTILO DE OUVIR _____
2. DEMO: Quando é que se usa um incitador e porque é que este funciona. _____
3. EXERCÍCIO: Usa cada um dos incitadores. _____
4. [HCOB 11 Dez 64](#) PROCESSOS DE CIENTOLOGIA 0 _____
5. DEMO COM PLASTICINA: O propósito do Nível 0 e da Audição de Estilo de Ouvir. _____
6. *[HCOB 23 Jun. 80RA](#) VERIFICAR PERGUNTAS NOS PROCESSOS DOS GRAUS _____
7. DEMO:
 - A) A regra em relação a verificar perguntas ou comandos de rotina nos Processos dos Graus. _____
 - B) Como é que isto se aplica aos processos do Grau 0. _____
8. *[HCOB 3 Dez 78](#) FLUXOS SEM LEITURAS _____
9. EXERCÍCIO: Verificar perguntas nos processos e fluxos dos Graus para achar leituras. _____

N. - MINI LISTA DE PROCESSOS PARA O GRAU 0

1. [HCOB 8 Set 78RA](#) MINI LISTA DE PROCESSOS DOS GRAUS DE 0 A 4 _____
 - A) Estuda e exercita: N°1 segundo o HCOB acima. Este exercício é feito com uma boneca com o treinador a responder pela boneca. O exercício é feito até que o estudante possa percorrer o processo com confiança e sem falhas. Não-Provocado. _____
 - Provocado. _____
 - B) Estuda e exercita: N°2 segundo o HCOB acima. Este exercício é feito como em A) acima. Não-Provocado. _____
 - Provocado. _____
 - C) Estuda e exercita: N°3 segundo o HCOB acima. Este exercício é feito como em A) acima. Não-Provocado. _____
 - Provocado. _____
 - D) Estuda e exercita: N°4 segundo o HCOB acima. Este exercício é feito como em A) acima. Não-Provocado. _____
 - Provocado. _____

O. - COMPLETAÇÃO DA TEORIA DOS ESTUDANTE

1. ATESTAÇÃO DO ESTUDANTE

A atestação seguinte é para ser assinada, ponto por ponto, antes do estudante começar a auditar Processos do Grau 0.



Se o estudante tiver alguma dúvida ou reserva em relação a atestar qualquer um dos pontos abaixo, ele deveria ser retreinado nessa área.

Só quando o estudante adquiriu essas perícias sem dúvidas, é que ele\ela vai atingir bons resultados com os Processos de Grau 0.

Atesto que:

- A) Eu sei e posso aplicar totalmente a Tech de estudo dada no Chapéu do Estudante. _____
- B) Eu apliquei a Tech de estudo do Chapéu do Estudante totalmente enquanto estive neste curso. _____
- C) Eu compreendo o E-METRO e sei como usá-lo. _____
- D) Eu adquiri bons TR de 0 a 4 no Curso de TRs Pro. _____
- E) Eu tenho, sem reservas, uma compreensão boa da teoria da Comunicação e posso aplicá-la. _____
- F) Eu sei e posso aplicar os passos de preparar uma sessão. _____
- G) Eu compreendo o CS-1 de Audição de Scn e posso aplicá-lo. _____
- H) Eu compreendo e posso aplicar os dados acerca de clarificar comandos. _____
- I) Eu sou capaz de descobrir e percorrer um processo de Havingness. _____
- J) E sei a Sessão Modelo e posso usá-la, com um manejar simples dos rudimentos. _____
- K) Eu compreendo totalmente a teoria e as regras em relação à verificação de perguntas ou comandos nos Processos dos Graus e posso aplicá-los. _____
- L) Eu compreendo a audição do estilo de ouvir e posso percorrê-la. _____
- M) Eu compreendo o uso de Instigadores e sou capaz de os usar corretamente. _____

2. **CONDICIONAL:** Se o estudante não completou Método 1 de Clarificação de Palavras, um exame escrito tem de ser feito em Qual, sobre os materiais desta checksheet.

DIR. VALIDADE: _____ DATA: _____

P. -SECÇÃO DE AUDIÇÃO: PRÁTICA

O estudante agora pode começar audição de estudante nos Processos de Graus 0 (e Fio Direto de ARC).

Ninguém pode exigir que o estudante audite processos acima do seu nível de Treino. Quando processos de níveis superiores são necessários para o caso, devem chamar-se estudantes de níveis superiores para auditarem as ações.

1. Ref. [HCOB 8 Set 78RA](#) MINI LISTA DE PROCESSOS DOS GRAUS DE 0

A 4



2. PRÁTICA: Sai e descobre um estranho completo para a Dianética e Cientologia e audita-o no N°1 segundo o HCOB acima, incluindo Havingness (N°2), até um resultado completamente satisfatório segundo relatório do Examinador e atestação do C/S. O pc não tem de pagar. A intenção é que o estudante saia e consiga ele próprio a pessoa. Ele não pode apanhar alguém na Div.6. _____

3. PRÁTICA: Audita o N°3, incluindo o Havingness (N°4), segundo o HCOB acima, num pc até resultados completamente satisfatórios segundo relatório do Examinador e atestação do C/S. _____

4. Revê e corrige quaisquer erros ou mal-entendidos na aplicação bem sucedida dos Processos do Grau 0. _____

5. ANEXO 1: [B78024](#) - Folha de Assessment Original

5. ANEXO 2: [BTB 15 NOV. 76 I](#) - Processos dos Graus Expandidos - ARC SW

6. ANEXO 3: [BTB 15 NOV. 76 II](#) - Processos dos Graus Expandidos - GRAU 0

ATESTAÇÃO

Eu atesto que cumpri de uma forma bem sucedida os requerimentos de audição para certificação no Nível 0, conforme dado acima.

ATESTAÇÃO DO ESTUDANTE: _____ DATA: _____

Eu atesto que este estudante cumpriu de uma forma bem sucedida os requerimentos de audição para o Nível 0 para certificação, conforme dado acima, demonstrando a sua competência em auditar o estilo deste nível.

ATESTAÇÃO DO SUPERVISOR: _____ DATA: _____

Eu li os livros DIANÉTICA 55!, AUTO ANÁLISE, AXIOMAS E LÓGICA (Axiomas de Cientologia de 1 a 28) e compreendo-os.

ATESTAÇÃO DO ESTUDANTE: _____ DATA: _____

COMPLETAÇÃO DO CURSO DO ESTUDANTE

A. COMPLETAÇÃO DO ESTUDANTE

Eu completei os requerimentos desta checksheet e sei e posso aplicar este material.

ATESTAÇÃO DO ESTUDANTE: _____ DATA: _____



Eu treinei este estudante ao melhor das minhas capacidades e ele/ela completou os requerimentos desta checksheet e sabe e pode aplicar os dados da checksheet.

ATESTAÇÃO DO SUPERVISOR:_____ DATA:_____

DIRETOR DE VALIDADE:_____ DATA:_____

B. - ATESTAÇÃO DO ESTUDANTE A C&A

Eu atesto que a) me inscrevi no curso, b) paguei pelo curso, c) eu estudei e compreendo todos os materiais na checksheet, d) fiz todos os exercícios nesta checksheet, e) posso produzir os resultados requeridos nos materiais do curso.

ATESTAÇÃO DO ESTUDANTE:_____ DATA:_____

C & A:_____ DATA:_____

C. ESTUDANTE INFORMADO POR QUAL SEC OU C&A

Eu atesto que informei o estudante que para tornar o seu certificado permanente ele vai ter de estagiar dentro de um ano.

QUAL SEC OU C&A:_____ DATA:_____

D.- CERTIFICADOS E RECOMPENSAS

Certificado de CIENTOLOGISTA RECONHECIDO HUBBARD (Classe 0) PROVISÓRIO.

C & A:_____ DATA:_____

(Enviar esta forma para o Admin de Curso para arquivar no folder do estudante.)

L. RON HUBBARD
FUNDADOR



A.- SECÇÃO DE ORIENTAÇÃO

GABINETE DE COMUNICAÇÕES HUBBARD
SOLAR DE ST. HILL, GRINSTEAD ORIENTAL, SUSSEX,
HCOPL DE 7 DE FEVEREIRO DE 1965

Reem. 15 Jun. 70, 28 Jan. 1973

Reem. 27 Ago. 1980

Corrigida e Reemit. 12 Out. 1985

MANTER A CIENTOLOGIA A FUNCIONAR

Nota: A negligência desta Carta Política causou grandes dificuldades ao pessoal, custou milhões sem fim e tornou necessário em 1970 entrar num esforço internacional total para restaurar a Cientologia básica pelo mundo inteiro. Cinco anos após a emissão desta PL, comigo fora das linhas, a sua violação quase destruiu as Orgs. Apareceram "Graus à pressa" e negaram ganhos a dezenas de milhares de casos. Por isso, as ações que negligenciam ou violam esta Carta Política são ALTOS CRIMES, resultando em Comm-Evs sobre ADMINISTRADORES e EXECUTIVOS. Não é "inteiramente uma questão Técnica", pois a sua negligência destruiu as Orgs e causou uma recessão de 2 anos. Reforçá-la É O DEVER DE TODO O MEMBRO DO PESSOAL.

MENSAGEM ESPECIAL

A CARTA POLÍTICA SEGUINTE SIGNIFICA O QUE DIZ.

ERA VERDADE EM 1965 QUANDO EU A ESCREVI. ERA VERDADE EM 1970 QUANDO A MANDEI REEMITIR. ESTOU A REEMITI-LA AGORA, EM 1980, PARA MAIS UMA VEZ EVITAR DE NOVO DESLIZAR PARA UM PERÍODO EM QUE AÇÕES FUNDAMENTAIS DA CARTA DE GRAUS SÃO OMITIDAS E APRESSADAS NOS CASOS, NEGANDO ASSIM OS GANHOS E AMEAÇANDO A VIABILIDADE DA CIENTOLOGIA E DAS ORGS. A CIENTOLOGIA CONTINUARÁ A FUNCIONAR SÓ ENQUANTO VOCÊ FIZER A SUA PARTE PARA A MANTER A FUNCIONAR APLICANDO ESTA CARTA DE POLÍTICA.

O QUE EU DIGO NESTAS PÁGINAS SEMPRE FOI VERDADE, É VERDADE HOJE, AINDA VAI SER VERDADE NO ANO 2000 E VAI CONTINUAR A SER VERDADE DAÍ PARA A FRENTE.

NÃO IMPORTA ONDE VOCÊ ESTÁ EM CIENTOLOGIA, SE ESTÁ NO PESSOAL OU NÃO, ESTA CARTA POLÍTICA TEM ALGO A VER CONSIGO.

TODOS OS NÍVEIS

MANTER A CIENTOLOGIA A FUNCIONAR

Um Hat Check (aferição de função) é feito pelo Séc. do HCO ou Comunicador a todo o pessoal e todo o pessoal novo à medida que vai entrando.

Há já algum tempo que nós ultrapassámos o ponto em que atingimos uma tecnologia uniformemente funcional.

A única coisa agora é fazer aplicar essa tecnologia.

Se não consegue fazer aplicar a tecnologia, então você não consegue entregar o prometido. É tão simples como isso. Se você conseguir fazer aplicar a tecnologia, *pode* entregar o prometido.



A única coisa pela qual você pode ser criticado por estudantes ou Pcs é a "falta de resultados". Os apuros só ocorrem quando há "falta de resultados". Ataques de governos ou monopólios só ocorrem quando há "falta de resultados" ou "maus resultados".

Por isso o caminho diante da Cientologia é claro, e o seu sucesso último está assegurado *se* a tecnologia for aplicada.

Portanto, fazer aplicar a tecnologia correta é a tarefa do Secretário da Associação ou da Organização, do Secretário do HCO, do Supervisor de Caso, do Diretor de Processamento, do Diretor de Treino e de todos os membros do pessoal.

Fazer aplicar a tecnologia correta consiste de:

- Um: Ter a tecnologia correta.
- Dois: Saber a tecnologia
- Três: Saber que é correta.
- Quatro: Ensinar corretamente a tecnologia correta.
- Cinco: Aplicar a tecnologia.
- Seis: Assegurar-se de que a tecnologia é aplicada corretamente.
- Sete: Exterminar a tecnologia incorreta.
- Oito: Eliminar as aplicações incorretas.
- Nove: Fechar as portas a qualquer possibilidade de tecnologia incorreta.
- Dez: Fechar as portas à aplicação incorreta.

Um acima, tem sido feito.

Dois, tem sido atingido por muitos.

Três, é atingido pelo indivíduo que aplica a tecnologia correta de uma forma correta e observa que esta funciona dessa forma.

Quatro, está a ser feito diariamente com sucesso na maioria das partes do mundo.

Cinco, é consistentemente realizado no dia a dia.

Seis, é consistentemente atingido por instrutores e supervisores.

Sete, é feito por uns poucos, mas é um ponto fraco.

Oito, não é trabalhado com força suficiente.

Nove, é impedido pela atitude "razoável" daqueles que não devem muito à inteligência.

Dez, raramente é feito com suficiente ferocidade.

Sete, Oito, Nove e Dez são as únicas áreas em que a Cientologia se pode atolar em qualquer lugar.

As razões para isto não são difíceis de encontrar:



Uma certeza fraca de que funciona em Três acima pode levar a uma fraqueza em Sete, Oito, Nove e Dez.

Além disso, os que não devem muito à inteligência têm um ponto fraco no botão da Autoimportância.

Quanto mais baixo é o Q.I., mais o indivíduo é privado dos frutos da observação.

Os Fac-símiles de Serviço das pessoas fazem-nas defenderem-se contra qualquer coisa que confrontem, boa ou má, procurando tornar essa coisa errada.

O Banco procura eliminar o bem e perpetuar o mal.

Assim nós, como Cientologistas e como organização, temos que estar muito alerta com Sete, Oito, Nove e Dez.

Em todos os anos que eu estive ocupado com a pesquisa mantive as minhas linhas de comunicação completamente abertas para os dados de investigação. Em tempos tive a ideia de que um grupo poderia desenvolver algo de verdadeiro. Um terço de século desenganou-me totalmente dessa ideia. Disposto como eu estava a aceitar sugestões e dados, só uma mão cheia de sugestões (menos de vinte) tiveram valor de longa duração e *nenhuma* era principal ou básica, e quando realmente eu aceitei sugestões principais ou básicas e as usei, nós despistámo-nos e eu arrependi-me e tive por fim que arcar com toda a humilhação.

Por outro lado, tem havido milhares e milhares de sugestões e notas escritas que, se fossem aceites e levadas a cabo, teriam resultado na destruição total de todo o nosso trabalho, bem como da sanidade dos Pcs. Portanto, eu sei o que é que um grupo de pessoas vai fazer e quão insanas elas vão ficar quanto aceitarem a "tecnologia" não funcional. Segundo dados reais, a percentagem de possibilidades de um grupo de seres humanos imaginar má tecnologia para destruir uma boa tecnologia é de cerca de 100.000 para 20. Como conseguimos até hoje avançar sem sugestões, então é melhor fortalecemo-nos para continuarmos a fazê-lo, agora que aqui chegámos. É claro que este ponto vai ser atacado como "impopular", "egoísta" e "não democrático". Pode muito bem ser. Mas também é um ponto de sobrevivência. E eu não vejo que as medidas populares, a auto abnegação e a democracia tenham feito alguma coisa pelo homem, a não ser empurrarem-no mais para a lama. Atualmente a popularidade aconselha novelas degradadas, a auto abnegação encheu as selvas do Sudeste Asiático de ídolos de pedra e cadáveres, e a democracia deu-nos a inflação e o imposto de rendimento.

A nossa tecnologia não foi descoberta por um grupo. Verdade seja dita que, se o grupo não me tivesse apoiado de muitas maneiras, eu também não a teria descoberto. Mas ainda assim, se nos seus estados de formação não foi descoberta por um grupo, então pode assumir-se facilmente que os esforços de um grupo não a acrescentarão nem a alterarão com sucesso no futuro. Eu só posso dizer isto agora que está feita. É claro que resta a classificação ou coordenação de grupo, daquilo que tem sido feito e que vai ser valioso, mas só enquanto não procurar alterar os princípios básicos e aplicações bem-sucedidas.

As contribuições que valeram a pena neste período de formação da tecnologia foram a ajuda na forma de amizade, de defesa, de organização, de disseminação, de aplicação, de conselhos sobre resultados e de finanças. Estas foram grandes contribuições, e foram e são apreciadas. Muitos milhares contribuíram desta forma e tornaram-nos no que nós somos hoje. A contribuição para a descoberta, contudo, não fez parte da cena geral.

Não vamos especular aqui porque é que isto foi assim, ou como é que eu consegui levantar-me acima do Banco. Só estamos a lidar com factos, e o que foi dito acima é um facto: o grupo, deixado aos seus próprios meios, não teria desenvolvido a Cientologia, tendo-a simplesmente destruído com estranhas dramatizações do Banco chamadas "novas ideias". A apoiar isto está



o facto de que o homem nunca desenvolveu anteriormente uma tecnologia mental funcional. Prova disto é a tecnologia maligna que ele *realmente* desenvolveu: a psiquiatria, a psicologia, a cirurgia, o tratamento de choque, os chicotes, a dureza, a punição, etc., até ao infinito.

Portanto, compreendam que nós emergimos da lama por qualquer boa sorte e bom senso, e recusamo-nos a afundar-nos nela outra vez. Assegure-se de que Sete, Oito, Nove e Dez acima são seguidos inflexivelmente e nunca seremos parados. Relaxe, fique razoável acerca deles e nós pereceremos.

Até agora, embora mantivesse completa comunicação com todas as sugestões, não falhei em Sete, Oito, Nove e Dez nas áreas que eu pude supervisionar de perto. Mas não é suficientemente bom ser só eu e uns poucos a trabalhar nisto.

Sempre que este controlo segundo Sete, Oito, Nove e Dez foi relaxado, toda a zona organizacional falhou. Testemunhas disto são Elisabeth, N. J., Wichita, as primeiras organizações e grupos. Eles despenharam-se só porque eu deixei de fazer Sete, Oito, Nove e Dez. Depois, quando estavam todos baralhados, viram-se as "razões" óbvias do fracasso. Mas antes disso pararam de entregar e *isso* envolveu-os com outras razões.

O denominador comum de um grupo é o Banco Reativo. Thetans sem Bancos têm respostas diferentes. Eles *só* têm os seus Bancos em comum. Assim eles só concordam com princípios do Banco. O Banco é idêntico de pessoa para pessoa. Portanto, as ideias construtivas são *individuais* e só muito raramente conseguem concordância num grupo humano. O indivíduo tem que subir *acima* de uma *ânsia de concordância* da parte de um grupo humanoide, para fazer qualquer coisa decente. A Concordância-de-Banco foi o que tornou a Terra num Inferno (e se estava à procura do Inferno e encontrou a Terra, essa certamente que servirá). Guerra, fome, agonia e doença têm sido o destino do Homem. Neste momento, os grandes Governos da Terra desenvolveram os meios de "fritar" todos os Homens, Mulheres e Crianças deste planeta. Isso é Banco. Isso é o resultado da Concordância de Pensamento Coletivo. As coisas decentes e agradáveis deste planeta vêm de ações e ideias *individuais* que foram de alguma forma apanhadas pela Ideia do Grupo. Quanto a isso, olhe como nós próprios somos atacados pela "opinião pública" dos média. No entanto não existe grupo mais ético neste planeta do que nós próprios.

Assim, cada um de nós pode subir acima do domínio do Banco, e então, como grupo de seres libertos, atingir a liberdade e a razão. Só o grupo aberrado, a multidão, é destrutivo.

Quando não faz Sete, Oito, Nove e Dez ativamente, está a trabalhar para a multidão dominada pelo Banco. Pois esta de certeza que irá:

- introduzir tecnologia incorreta e jurar por ela,
- aplicar a tecnologia tão incorretamente quanto possível,
- abrir a porta a qualquer ideia destrutiva e
- encorajar a aplicação incorreta.

É o Banco que diz que o grupo é tudo, e que o indivíduo não é nada. É o Banco que diz que nós temos que falhar.

Portanto não jogue pura e simplesmente esse jogo. Faça Sete, Oito, Nove e Dez e eliminará do seu caminho todos os futuros espinhos.

Aqui está um verdadeiro exemplo em que um executivo superior teve que interferir porque um Pc estava a enlouquecer: Um Supervisor de Caso disse ao Instrutor 'A' para fazer o Auditor 'B' correr o Processo 'X' no Preclaro 'C'. O Auditor 'B' disse depois ao Instrutor 'A' que o processo "não funcionou". O Instrutor 'A' era fraco em Três acima e não acreditava realmente em



Sete, Oito, Nove e Dez. Portanto o Instrutor 'A' disse ao Supervisor de Caso: "O Processo X não funcionou no Preclaro 'C'".

Bem, *isto* vai imediatamente contra cada um dos pontos de Um a Seis acima no Preclaro 'C', Auditor 'B', Instrutor 'A' e no Supervisor de Caso. Isto abre a porta à introdução de "nova tecnologia" e ao fracasso.

O que é que aconteceu aqui? O Instrutor 'A' não apertou o pescoço ao Auditor 'B'. Foi isso que aconteceu. Isto é o que ele *deveria* ter feito: ter agarrado no relatório do Auditor e olhado para ele. Quando um executivo superior neste caso o fez, descobriu aquilo que o Supervisor de Caso e o resto não tinham visto: que o Processo 'X' *aumentou* o TA do Preclaro 'C' para 25 divisões de TA na sessão, mas que perto do fim da sessão o Auditor 'B' fez Q&A com uma cognição e abandonou o Processo 'X' quando o TA ainda estava alto e desatou a correr um processo da sua própria autoria que quase enlouqueceu o Preclaro 'C'. Ao examinar isto, descobriu-se que o Q.I. do Auditor 'B' era cerca de 75. Descobriu-se que o Instrutor 'A' tinha grandes ideias sobre nunca se poder invalidar ninguém, nem sequer um lunático. Descobriu-se que o Supervisor de Caso estava "ocupado demais com o trabalho administrativo para ter tempo para casos reais".

Muito bem. Este é um exemplo demasiado típico. O Instrutor deveria ter feito Sete, Oito, Nove e Dez. Isto teria começado desta maneira. Auditor 'B': "O Processo 'X' não funcionou". Instrutor 'A': "Exatamente, o que é que *tu* fizeste mal?" Ataque instantâneo. "Onde é que está o teu relatório de sessão? Ótimo. Olha aqui, tu estavas a ter muito TA quando paraste o Processo 'X'. O que é que fizeste?" Então o Pc não teria quase enlouquecido e todos estes quatro teriam garantido a sua certeza.

No espaço de um ano tive quatro ocorrências *num* pequeno grupo em que o processo correto recomendado foi reportado como não tendo funcionado. Mas durante a revisão descobriu-se que cada um tinha: (A) aumentado o TA, (B) sido abandonado e (C) sido falsamente relatado como não funcional. Também, apesar deste abuso, em cada um destes quatro casos o processo recomendado e correto resolveu o caso. Ainda assim eles foram relatados como *não tendo funcionado*!

Existem exemplos semelhantes na instrução, e estes são de todos os mais mortíferos, pois cada vez que a instrução da tecnologia correta falha, então, o erro resultante, não sendo corrigido no auditor, vai perpetuar-se em cada Pc que esse auditor auditar daí em diante. Portanto Sete, Oito, Nove e Dez são ainda mais importantes num curso do que na supervisão de casos.

Eis um exemplo: Um louvor delirante é dado a um estudante que se estava a graduar "porque ele consegue mais TA nos Pcs do que qualquer outro estudante do curso!" São relatados números da ordem de 435 divisões de TA por sessão. Também isso está incluído no louvor: "É claro que a sua sessão modelo é deficiente, mas isto é um dom que ele tem".

Uma revisão cuidadosa é levada a cabo porque *ninguém* nos níveis de 0 a IV irá conseguir tanto TA assim com os Pcs. Descobre-se então que este estudante nunca tinha sido ensinado a ler o quadrante de TA do E-Metro! E não houve nenhum instrutor que tivesse observado o seu maneio do e-metro para descobrir que ele "ultra-compensava" nervosamente o TA, girando-o duas ou três divisões para lá do ponto onde este necessitava estar para colocar a agulha em "set". Portanto toda a gente estava pronta para atirar fora os processos standard e a sessão modelo, porque este estudante "consequia um TA tão incrível". Eles só liam os relatórios e ouviam as fanfarrônicas, e nunca *olharam* para este estudante. Os Pcs estavam de facto a fazer ganhos ligeiramente abaixo da média, impedidos por uma sessão modelo tosca e processos mal pronunciados. Assim, aquilo que estava a fazer os Pcs vencerem (a verdadeira Cientologia) estava escondido debaixo de um monte de desvios e erros.



Estou a lembrar-me dum estudante que estava a “*esquilar*” (desviar-se para práticas estranhas ou alterar a Cientologia) num curso da Academia e que, depois das horas do curso, andava a auditar outros estudantes na banda total usando um monte de processos não standard. Os estudantes da Academia estavam eletrizados com todas estas novas experiências e não foram rapidamente postos sob controlo. O próprio estudante nunca tinha aprendido os mecanismos Sete, Oito, Nove e Dez de forma a compreendê-los. Subsequentemente, este estudante impediu que outro *esquilo* fosse corrigido e a sua mulher morreu de cancro resultante de abuso físico. Um instrutor duro e inflexível nesse momento, poderia ter salvo dois *esquilos* e poupado a vida a uma rapariga. Mas não, os estudantes tinham o direito de fazer o que mais lhes agradasse.

A *esquilagem* só aparece a partir da não compreensão. Normalmente a não compreensão não é da Cientologia, mas de um contacto anterior com alguma estranha prática humanoide que por sua vez não foi compreendida.

Quando as pessoas não conseguem obter resultados a partir *daquilo que elas pensam* ser a prática standard pode contar-se que *esquilarão*, nalguma medida. A maioria dos sarilhos nos dois últimos anos vieram de Orgs onde um executivo *não conseguia* assimilar a Cientologia correta. Quando se lhes ensinava Cientologia eles eram incapazes de definir termos ou de demonstrar exemplos de princípios. As Orgs onde eles estavam meteram-se em montes de sarilhos. E, pior ainda, isto não pôde ser corrigido facilmente porque nenhuma destas pessoas conseguia ou queria duplicar as instruções. Assim, deu-se um colapso em duas áreas, tendo sido diretamente descobertas na origem, falhas anteriores na instrução.

Portanto, a instrução correta é vital. O DdeT e os seus Instrutores e todos os Instrutores de Cientologia têm que ser impiedosos a pôr Quatro, Sete, Oito, Nove e Dez eficazmente em ação.

Aquele estudante, por mais estúpido e impossível que pareça e sem utilidade para ninguém, pode ainda um dia vir a ser a fonte de incríveis sarilhos porque ninguém esteve suficientemente interessado em se *assegurar* que ele tinha compreendido a Cientologia.

Com aquilo que nós agora sabemos, não há nenhum estudante inscrito que não possa ser corretamente treinado. Como Instrutor, uma pessoa deveria estar muito alerta ao avanço lento, e virar pessoalmente os preguiçosos do avesso. Nenhum *sistema* o vai fazer, só você ou eu, com as mangas arregaçadas, podemos partir as pernas ao mau estudo, e só o podemos fazer com o estudante individual, nunca com uma classe inteira. Ele é lento, logo algo está altamente errado. Tome ações *rápidas* para corrigir isso. Não espere até à semana que vem. Nessa altura ele vai ter outras confusões agarradas. Se não os conseguir graduar apelando ao bom senso, gradue-os num tal estado de choque que eles vão ter pesadelos se contemplarem esquilagem. Depois a experiência vai gradualmente criar Três neles e eles vão *saber* que é melhor não andarem a apanhar borboletas quando deveriam estar a auditar.

Quando alguém se inscreve, considere que ele aderiu para toda a duração do universo. Nunca permita uma abordagem de “espírito aberto”. Se eles vão desistir, deixe-os desistir depressa. Se eles se inscreveram, eles estão a bordo e se estão a bordo, estão aqui nos mesmos termos que nós, para morrer ou vencer na tentativa. Nunca os deixe ficarem indecisos quanto a serem Cientologistas. As melhores organizações da história têm sido organizações duras e dedicadas. Nunca nenhum grupo indeciso de diletantes efeminados alguma vez fez alguma coisa. É um universo duro. O verniz social fá-lo parecer suave. Mas só os tigres sobrevivem, e mesmo *esses* passam um mau bocado. Nós vamos sobreviver porque somos duros e dedicados. Quando nós *realmente* instruímos alguém corretamente, esse alguém se torna cada vez mais um tigre. Quando nós instruímos indecisamente e temos medo de ofender, temos receio de impor, não transformamos os estudantes em bons Cientologistas e isso deixa toda a gente em baixo. Quando a Sra. Queque vem ter connosco para ser ensinada, transforme aquela dúvida vaga nos seus olhos num olhar brilhante, decidido e fixo, ela vai vencer e todos nós venceremos. Apapareque-a e todos nós morreremos um pouco. A atitude correta de instrução é: “tu estás aqui,



portanto tu és um Cientologista. Agora vamos transformar-te num auditor especializado, aconteça o que acontecer. Antes queremos ver-te morto do que incapaz”.

Alinhe isto ao contexto económico da situação e à falta de tempo adequado e verá a cruz que temos de carregar.

Mas não teremos que a carregar para sempre. Quanto maiores ficarmos, mais tempo e meios teremos para fazer o nosso trabalho. As únicas coisas que nos podem impedir de crescer tão rapidamente são as áreas de Um a Dez. Tenha-as em mente e seremos capazes de crescer, e depressa. E à medida que crescermos, as nossas grilhetas serão cada vez menores. Fracassar em manter Um a Dez fará com que *nós* cresçamos menos.

Portanto, o ogre que nos poderia comer não é o Governo nem são os Altos Sacerdotes. É a nossa possível falha de conservar e praticar a nossa tecnologia.

Um Instrutor, Supervisor ou Executivo *tem* que desafiar com ferocidade casos de "não funcionalidade". Eles têm que descobrir o que *realmente* aconteceu, o que *foi* percorrido, o que *realmente* foi feito, ou que não foi feito.

Se tiver Um e Dois, só consegue adquirir Três para todos assegurando-se de todo o resto.

Nós não estamos a jogar algum jogo menor em Cientologia. Não é algo engraçado para fazer à falta de melhor.

Toda a futura agonia deste planeta, todos os seus homens, mulheres e crianças e o seu próprio destino para os próximos triliões de anos sem fim, dependem daquilo que você fizer aqui e agora, dentro e com a Cientologia.

Esta é uma atividade altamente séria. Se fracassarmos em sair da armadilha agora, poderemos nunca mais voltar a ter outra oportunidade.

Lembre-se, esta é a primeira oportunidade para o fazermos em todos os infindáveis triliões de anos do passado. Não a perca agora porque parece desagradável ou antissocial fazer os pontos Sete, Oito, Nove e Dez.

Faça-os e nós venceremos.

L. RON HUBBARD

Fundador



GABINETE DE COMUNICAÇÕES HUBBARD

Solar de St. Hill, Grinstead Oriental, Sussex,

HCOPL DE 17 DE JUNHO DE 70R

Reemit.30 Ago.80

Rev.25 de Out.83

KSW Séries 5R

URGENTE E IMPORTANTE

DEGRADAÇÕES TÉCNICAS

Qualquer Folha de Controlo em uso ou guardada que contiver qualquer declaração degradante, tem que ser destruída e reemitida sem qualificação.

Exemplo: As Folhas de Controlo dos Níveis de 0 a IV de SH dizem: "A. Materiais de Informação. Esta seção é incluída como informação histórica, mas tem muito interesse e valor para o estudante. A maioria dos processos já não são usados, tendo sido substituídos por tecnologia mais moderna. Só se exige que o estudante leia estes materiais e se assegure que não deixa mal-entendidos". Este título cobre coisas como TRs, Op Pro by Dup!

A declaração é uma falsidade.

Estas Folhas de Controlo não foram aprovadas por mim, e todo o material dos Cursos da Academia e SH ESTÃO em uso.

Ações como esta deram-nos os "Graus à Pressa", criaram quebras de ARC com o exterior e degradaram os Cursos da Academia e de SH.

Uma condição de TRAIÇÃO, cancelamento de certificados ou despedimento e uma investigação total do passado de qualquer pessoa declarada culpada, serão ativados no caso de cometer os seguintes ALTOS CRIMES:

1. Abreviar um Curso oficial de Dianética e Cientologia de forma a perder qualquer parte da teoria dos processos ou eficácia do assunto.
2. Adicionar comentários ou instruções às Folhas de Controlo rotulando qualquer material de "informação" ou "já não usado" ou "velho" ou qualquer ação semelhante que resulte no estudante não saber, não usar e não aplicar os dados sobre os quais está a ser treinado.
3. Usar depois do dia 1 de Setembro de 1970 qualquer Folha de Controlo para qualquer curso que não seja autorizada por mim ou pela Unidade Internacional da Autoridade de Verificação e de Correção (AVC Int).
4. (As Folhas de Controlo dos Hats podem ser autorizadas localmente segundo HCO PL 30 Set. 70 FORMATO DA FOLHA DE CONTROLO).
5. Não cortar de uma Folha de Controlo que, entretanto, continue em uso, quaisquer comentários como "histórico", "informação", "não usado", "velho", etc., ou DECLARÁ-LO VERBALMENTE AOS ESTUDANTES.



6. Permitir, sem sequer aconselhar ou avaliar, que um Pc ateste segundo a sua vontade mais de um Grau de cada vez.
7. Correr apenas um processo de um Grau inferior entre 0 e IV, quando o EP do Grau não foi atingido.
8. Não usar todos os processos de um nível quando o EP não foi atingido.
9. Gabar-se da rapidez de entrega numa sessão, como "Eu acabo o Grau Zero em 3 minutos", etc.
10. Encurtar o tempo de aplicação da audição por considerações financeiras ou de economia de pessoal.
11. Atuar de qualquer forma calculada para perder o uso da tecnologia de Dianética e Cientologia, impedir o seu uso ou encurtar os seus materiais ou a sua aplicação.

RAZÃO: Nas organizações considerou-se que a melhor forma de fazer os estudantes terminarem os seus cursos e processar os Pcs, é reduzir os materiais ou retirar processos dos Graus. A pressão exercida para acelerar as compleтаções dos estudantes e dos Pcs foi erradamente resolvida simplesmente não entregando os serviços.

A maneira correta de apressar o progresso de um estudante é através do uso de Comunicação nos 2 Sentidos e da aplicação dos materiais de estudo.

A melhor maneira de realmente manejar os Pcs é assegurar-se de que eles fazem cada nível completamente antes de irem para o seguinte e corrigi-los quando não o fazem.

O enigma do declínio da rede inteira de Cientologia no fim dos anos 60 é totalmente explicado pelas ações empreendidas para encurtar o tempo de estudo e de processamento, retirando materiais e suprimindo ações.

A solução para uma recuperação é o uso e a entrega da Dianética e Cientologia completas.

O produto de uma organização é o seguinte: estudantes bem treinados e Pcs auditados a fundo. Quando o produto desaparece, a organização faz o mesmo. E elas têm de sobreviver para bem deste planeta.

L. RON HUBBARD

Fundador



GABINETE DE COMUNICAÇÕES HUBBARD

Solar de St. Hill, Grinstead Oriental, Sussex,

HCOPL 22 DE NOVEMBRO DE 1967RA

Rev. e Reemit. 12.4.83

Chapéu do Estudante

Remimeo

REVISTA E REEMIT. 18 JULHO 1970

RE-REV. E REEMITIDA 12 ABRIL 1983

(Revista para atualizar os títulos dos postos no primeiro parágrafo e reemitida para incluir esta emissão como parte da Série KSW).

(Revisões em *Itálicas*)

Todos os estudantes

Todos os cursos

Série Manter a Cientologia a Funcionar Nº 25

TECH FORA

Se em qualquer momento um supervisor ou outra pessoa numa Org lhe der interpretações de HCOBs, PLs ou disser "Isso é velho, lê, mas não liguês, são só dados de segundo plano", ou fizer uma *chit* por seguir HCOBs ou Gravações, ou alterar a tech ou cancelar pessoalmente HCOBs ou PLs sem poder mostrar um HCOB ou PL que os cancele, VOCÊ TEM QUE REPORTAR A QUESTÃO, COMPLETA COM NOMES E POSSÍVEIS TESTEMUNHAS, EM LINHA DIRETA AO CHEFE INTERNACIONAL DE JUSTIÇA EM FLAG. SE ISTO NÃO FOR IMEDIATAMENTE MANEJADO, REPORTAR DA MESMA FORMA PARA O C/S SNR INTERNACIONAL E INSPETOR GENERAL NETWORK EM FLAG.

As únicas maneiras de falhar em termos de resultados com Pcs são:

1. Não estudar os HCOBs e os meus Livros e Gravações.
2. Não aplicar o que estudou.
3. Seguir "conselhos" contrários ao que se encontra nos HCOBs e Gravações.
4. Não conseguir obter os necessários HCOBs, Livros e Gravações.

Não existe qualquer linha escondida de dados.

Toda a Dianética e Cientologia funciona. Parte dela funciona mais depressa.

O único verdadeiro erro que os auditores cometeram ao longo dos anos foi não parar um processo no momento em que viram uma agulha flutuante.

Recentemente o crime agravou-se com a descoberta de terem sido retirados dados e Gravações das checksheets, "relegados dados para segundo plano" e de Graus não usados a fundo para completar os fenómenos finais conforme a coluna de Processamento da Carta de



Classificação e Gradação. Isto provocou uma quase completa destruição do assunto e do seu uso. Estou a contar consigo para zelar para que isto NUNCA MAIS seja permitido.

Qualquer executivo ou supervisor que interprete, altere ou cancele a Tech, fica sujeito à atribuição da condição de Inimigo. Todos os dados estão nos HCOBs, PLs ou Gravações.

—————

Deixar de divulgar esta emissão a todos os estudantes implica uma multa de \$10 (Dólares) por cada estudante a quem é sonogada.

L. RON HUBBARD
FUNDADOR



C.- CARTAS E ESCALAS

GABINETE DE COMUNICAÇÕES HUBBARD

Solar de St. Hill, Grinstead Oriental, Sussex,

HCOB DE 12 DE NOVEMBRO DE 1981RA

Remimeo

RE-REVISTO 18 Jan. 1982

Todo os C/Ses

Todos os Auditores

CANCELA A EMISSÃO ORIGINAL

Tech/Qual

Registadores

Disseminação

(Revisão neste tipo de letra)

Executivos

Orgs & Missões

URGENTE - IMPORTANTE

“O Auditor”

BPI

Carta de Graus simplificada para graus INFERIORES

Refiz recentemente a Carta de Graus no interesse de um maior ganho para o PC. Remeti as notas para emissão e elas foram adicionadas por outrem. Algumas das adendas foram feitas por causa de uma desnecessária confusão com o Estado de Claro: Elas não têm nenhum suporte nesta Nova Carta de Graus, logo foram apagadas. Foram escritos por mim dois HCOBs adicionais, HCOB 12 Dez 81, TEORIA DA NOVA CARTA DE GRAUS e HCOB 14 Dez 81, O ESTADO DE CLARO. Este Nova Carta de Graus como segue é para usar de imediato. Uma Nova Carta de Graus completa será emitida mais tarde.

NOVA CARTA DE GRAUS

0. Ações Introdutórias e Assists comumente usadas nas Orgs por auditores em Pcs novos.
1. **RD Purificação.**
2. **Objetivos**, conforme necessário.
3. **RD Drogas de Cientologia (opcional**, só para quem precisa, segundo *HCOB 4 Abril 81, A Personalidade Bioquímica*.
4. **Grau ARC Fio-direto de expandido. (Quad)**
5. **Grau 0 expandido. (Quad)**
6. **Grau 1 expandido. (Quad)**
7. **Grau 2 expandido. (Quad)**
8. **Grau 3 expandido. (Quad)**
9. **Grau 4 expandido. (Quad)**
10. **RD Drogas NED**
11. **NED**
12. Se ficar Claro em NED, DCSI,



13. **RD Brilho de Sol** se ficar Claro em NED

13A. Se não Clarificado em NED vai para uma AO para o Curso de Clarificação

14. **Curso de Auditor Solo**, Claro ou não (ou cursos de Academia Classe 0-4, antes do Curso de Auditor Solo)

AÇÕES INTRODUTÓRIAS E ASSISTS

É bastante comum, auditores e Orgs darem sessões introdutórias ou de demonstração. Existem várias: elas foram emitidas com vários nomes incluindo “Reparação de Vida”. Elas não devem ser excluídas da Carta. O Processamento de Grupo vem sob esta categoria, apesar dos reais ganhos que pode dar.

A Divisão 6 tem frequentemente aconselhando serviços que, embora possam ser feitos em qualquer altura, deverão ser mencionados neste nível.

Assists são, bastante frequentemente, a primeira audição que um Pc obtém, e embora a maior parte das assists possam ser feitas em qualquer altura (excluindo R3R ou NED em Claros ou acima) elas não devem ser omitidas.

PASSOS OPCIONAIS OU CONDICIONAIS

Objetivos

Durante o período da saída das drogas são necessários Objetivos. Para Pcs que não podem seguir comandos, são necessários Objetivos. A Purificação tem em muitos casos que ser acompanhada de audição de Objetivos para permitir a retirada.

A Purificação, num drogado pesado, deve ser seguida de Objetivos.

Isto é uma questão de Programação do C/S. O C/S deve calcular o caso e usar ou omitir os Objetivos conforme indicado na base de programação individual.

Os Regs estão proibidos de fazer C/S, e quando o Purif é feito (ou quando eles o vendem) simplesmente declaram que deve ser acompanhado ou seguido de audição pessoal. E os Regs devem vender *intensivos*.

O Reg pode mostrar a Carta de Graus e dizer para onde vai, mas deve dizer, tem que dizer, que o que for dado é com o C/S.

Um OCA baixo, à direita ou à esquerda, indica a necessidade de Objetivos.

Isto significa que os C/Ses podem, ou programar o caso para Objetivos (opcional), ou diretamente para o RD Drogas de Scn (opcional) ou Fio Direto Expandido (não opcional) e Graus inferiores (não opcional) e NED DRD (não opcional) e NED.

DRD CIENTOLOGIA OU DRD NED

Pode ser necessário em alguns casos fortemente afetados por drogas, manejar os efeitos de drogas para que o Pc faça ganho de caso nos graus. Nem todos os casos foram tão afetados e muitos dos que foram verão que manejaram drogas no RD Purif e Objetivos o suficiente para que façam ganho de caso adequado nos graus. Quando um manejo adicional de drogas é julgado necessário pelo C/S, deve ser feito um RD Droga de Cientoologia depois dos Objetivos e antes de Fio-direto de ARC, ou o caso suavemente mudado, dos graus para um RD Droga de Cientoologia, se descoberto mais tarde. Pode haver alguns casos que ainda não serão capazes de correr os graus devido aos efeitos de drogas e por isso, não só precisariam de um RD Droga de Cientoologia, mas também um RD Droga NED. Tal seria mais raro e a exceção em vez da regra.

FORMA VERDE 40 EXPANDIDA



Há sete fatores que podem fazer um Caso Resistente se não manejado conforme materiais anteriores no Classe VIII original. Maneje isto com uma Forma Verde 40 Expandida por “só 2WC e Recordar” de preferência depois do Grau Fio-direto de ARC Expandido ou qualquer ponto a seguir. (Percursos de Secundários e Engramas não são recomendados antes de NED na Carta de Graus, pois o manejo de elos e Key-ins por 2WC e Recordações são usualmente um gradiente adequado e melhor alcançado deste modo).

RD FELICIDADE

O RD Felicidade pode ser encaixado, de acordo com o caso, antes de ou depois dos graus inferiores, antes de ou depois do NED, antes de ou depois de Claro. MAS para obter resultados ÓTIMOS, como claramente provado pelo piloto, é logo antes dos graus inferiores e depois dos Objetivos. Logo, é onde realmente pertence na Carta de Graus e será posicionado lá na Carta final. E o RD não corre muito bem a quem não fez o Purif ou qualquer necessário manejo de droga e Objetivos.

Não deve ser corrido, é claro, na zona de não-interferência. Até funciona brilhantemente em OTs!

O RD da Felicidade é o RD mais popular. Mas não correrá, é claro, numa pessoa que precisa de um Purif. E não correrá bem em alguém que precise de Objetivos antes de poder cumprir comandos de audição em absoluto. Um C/S tem que saber o que qualquer RD deve fazer.

MÉTODO UM DE CLARIFICAÇÃO DE PALAVRAS

O Método Um é fortemente recomendado para estudantes, auditores e toda a gente que queira recuperar a sua educação passada e aumentar a capacidade de estudar. Seria feito idealmente depois dos Objetivos e antes do RD Droga NED ou NED. Pode, contudo, ser feito em qualquer ponto exceto na Zona de Non-interferência. Pode ser feito através de Co audição de Método Um em Orgs e missões. O Método um é necessário para ser um estudante de fluxo rápido.

RDS E MANEJOS DE PTS

Há vários manejos de PTS e RDs usados para manejar condições PTS. Aqueles não são atribuídos num ponto específico da Carta de Graus, pois eles são usados quando uma condição PTS é encontrada e feita ao ponto de a condição de PTS já não bloquear o progresso de caso ou causar montanha-russa. Há muitos manejos de PTS e RDs publicados. Os que não contêm percurso de engramas podem ser feitos mais cedo na Carta de Graus (e só estes seriam feitos depois de Claro). O PTS RD que contém R3RA deverá ser feito no nível NED da Carta de Graus. O dado estável a usar ao decidir que manejo de PTS ou RD usar é a Carta de Avaliação Humana. O Novo RD de Vitalidade (NVRD) (só Flag) seria feito no nível de NED ou logo antes de NED pois contém R3RA.

RDS DE INT

Os remédios conhecidos como RD de INTERIORIZAÇÃO e o FIM do INTERMINÁVEL RD INT, são usados depois de um preclaro ficar exterior em audição. Uma vez completado, o Pc continua a partir do ponto onde estava na Carta de Graus. O Fim do Int RD Interminável é preferível antes de NED na Carta de Graus pois não contém R3RA e é por isso mais fácil de correr para o Pc; alguns Pcs não dão para correr R3RA facilmente em pontos inferiores da Carta de Graus. O INT RD que contém R3RA deverá ser usado no nível de NED. O Fim do Int RD Interminável deverá ser usado antes de NED ou depois de Claro.

PROGRAMAÇÃO

Os Casos dividem-se em quatro grupos gerais:

Caso 1: em drogas, passará pela abstinência. Precisa de Objetivos e Purificação ao mesmo tempo. Então para cima na Carta de Graus.



Caso 2: esteve em drogas. OCA abaixo da linha central, à direita ou à esquerda. Precisa do Purif, Objetivos antes de poder responder bem a processos de pensamento ou comandos de audição. Então por toda a Carta acima. RD de Felicidade antes de NED.

Caso 3: nenhuma droga pesada. OCA no meio. Purif, Objetivos, Fio Direto Expandido, Graus Inferiores, RD Felicidade, NED e acima.

Caso 4: OCA todo na metade superior do gráfico. Nenhuma história de droga pesada. Purif opcional, ARC Fio Direto, Graus Inferiores Expandidos, RD Felicidade, NED, etc.

Os Regs não devem vender ao Pc um programa. Um Reg vende audição. A pessoa quer um certo RD, o Reg só tem que dizer: “Bom, vai tê-lo”, e o C/S, uma vez informado, pode pô-lo no programa no lugar apropriado.

Os Reembolsos vieram de não-entrega ou má-programação. Como nem todos os casos estão no mesmo estado, não se podem correr todos no mesmo programa. Um Pc cru pode ter todos os RDs que há, mas não na sequência que não se ajuste ao caso dele.

Virão Pcs que tiveram um RD Felicidade numa missão e precisavam de Objetivos. Virão Pcs que tiveram serviços introdutórios ou assists. Nota-se isso simplesmente e não se repetem nem se faz O/R desses processos. Virão Pcs que precisam de reparação da audição. Virão Pcs que tiveram audição de Livro Um. Cada um precisa do seu próprio programa. Tudo isso é com o C/S, e não com o Reg.

O Reg pode dizer ao Pc tudo sobre este ou aquele RD, mas tem sempre que dizer: “eu estou aqui para garantir que você adquira horas bastantes para poder receber o que quer. É com o pessoal Técnico dar ao seu caso uma programação individual. Nós sabemos onde você quer ir, o C/S será informado e nós estamos aqui para o ajudar a chegar lá. Os casos não são todos iguais e o pessoal da Tech talhará o seu programa para se ajustar a si. O RD que você pediu estará nesse programa. Nós queremos que você tire o máximo benefício alcançável disso e isso é feito com preparação. Se você cooperar nós faremos o melhor que pudermos”.

Se lhes mostrar as rotas você pode acentuar a programação *individual*. Todo PC gosta de atenção individual. O facto honesto é que um Carta de Graus só pode dar o grande padrão que a pessoa deverá palmilhar. Como elevar o PC é entre o C/S e o caso individual do Pc.

Não há nenhuma Estrada Real com um ponto de partida exato para cada Pc. Há uma série de ganhos que as pessoas podem atingir, e estes estão numa apropriada sequência de níveis de caso. Uma Carta de Graus é a sequência para todos os casos, mas os casos começam em pontos diferentes quando eles a começam a subir. E por isso um C/S tem que a usar dessa maneira.

ROTA ALTERNATIVA DE CLEAR

Por favor note isso em 12 na lista acima, onde começa a ser constituída a provisão dos que não ficam Claros em NED. O DCSI não é dado a alguém que não ficou Claro em NED.

13. O RD Raio de Sol também não é dado aos que não ficam Claros em NED. Em vez destes (12 e 13), a pessoa pode continuar para uma Org Avançada para o seu Curso de Clarificação (CC).

Mas, por favor note, se uma pessoa fica Clara em NED ou não, é planeada para ser iniciada no seu Curso de Auditor Solo (necessário aos passos de OT) na sua Org. A parte 1 do Curso de Auditor Solo pode ser iniciada logo depois do RD Raio de Sol ou, se não ficou Claro, e a Parte II a completá-lo, e isto pode ser feito numa SH ou AO.

L. RON HUBBARD
FUNDADOR

LRH:dm



GABINETE DE COMUNICAÇÕES HUBBARD

Solar de St. Hill, Grinstead Oriental, Sussex,

HCOB de 25 de Setembro de 1971RB

REV. 1 ABRIL 1978

A ESCALA DE TOM COMPLETA

ESCALA DE TOM EXPANDIDA

SERENIDADE DE SER	40.0
POSTULADOS	30.0
JOGOS	22.0
AÇÃO	20.0
EXULTAÇÃO	8.0
ESTÉTICA	6.0
ENTUSIASMO	4.0
ALEGRIA	3.5
INTERESSE FORTE	3.3
CONSERVADORISMO	3.0
INTERESSE LEVE	2.9
CONTENTAMENTO	2.8
DESINTERESSE	2.6
TÉDIO	2.5
MONOTONIA	2.4
ANTAGONISMO	2.0
HOSTILIDADE	1.9
DOR	1.8
ZANGA	1.5
ÓDIO	1.4
RESSENTIMENTO	1.3
NENHUMA COMPAIXÃO	1.2
RESSENTIMENTO NÃO EXPRESSO	1.15
HOSTILIDADE ENCOBERTA	1.1

ESCALA DE SABER A MISTÉRIO

SABER
NÃO SABER
SABER ACERCA DE
OLHAR
EMOÇÃO POSITIVA
EMOÇÃO NEGATIVA



ANSIEDADE	1.02	
MEDO	1.0	
DESESPERO	0.98	
TERROR	0.96	
ENTORPECIMENTO	0.94	
COMPAIXÃO	0.9	
BAJULAÇÃO- (<i>MAIS ALTO DE TOM- DÁ SELETIVAMENTE</i>)	0.8	
DESGOSTO	0.5	
FAZER EMENDAS- (<i>BAJULAÇÃO - NÃO SE CONSEGUE CONTER</i>)	0.375	
NÃO MERECEDOR	0.3	
AUTO-HUMILHAÇÃO	0.2	
VÍTIMA	0.1	
SEM ESPERANÇA	0.07	
APATIA	0.05	
INUTILIDADE	0.03	
MORIBUNDO	0.01	
MORTE DO CORPO	0.0	
FRACASSO	-0.01	
PENA	-0.1	
VERGONHA- (<i>SENDO OUTROS CORPOS</i>)	-0.2	
ACUSÁVEL	-0.7	
ACUSANDO- (<i>PUNINDO OUTROS CORPOS</i>)	-1.0	
ARREPENDIMENTO- (<i>RESPONSÁ- BILIDADE COMO CULPA</i>)	-1.3	
CONTROLANDO CORPOS	-1.5	ESFORÇO
PROTEGENDO CORPOS	-2.2	
POSSUINDO CORPOS	-3.0	PENSAR
APROVAÇÃO POR CORPOS	-3.5	
NECESSITANDO DE CORPOS	-4.0	SÍMBOLOS
VENERANDO CORPOS	-5.0	COMER
SACRIFÍCIO	-6.0	SEXO
ESCONDENDO-SE	-8.0	MISTÉRIO



SEND0 OBJETOS	-10.0	ESPERAR
SEND0 NADA	-20.0	INCONSCIENTE
NÃO CONSEGUE ESCONDER-SE	-30.0	
FRACASSO TOTAL	-40.0	INCOGNOSCÍVEL

L. RON HUBBARD



GABINETE DE COMUNICAÇÕES HUBBARD

Solar De St. Hill, Grinstead Oriental, Sussex,

HCOB de 26 de Outubro de 1970

OBNOSE E A ESCALA DE TOM

O que se segue é um extrato do Manual Preparatório do Curso Clínico Avançado (ACC) para os Estudantes Avançados de Cientologia. Foi publicado em 1957.

A OBNOSE E A ESCALA DE TOM

Nalgum lugar dos vossos materiais, no seu escritório ou arrumadas numa biblioteca você tem duas grandes folhas de papel. Estão cobertas de dados inestimáveis para um auditor. Já se embrenhou nelas, já se referiu a elas muitas e muitas vezes. Trata-se, é claro, da Carta da Avaliação Humana e do Quadro de Atitudes. Os dados que elas encerram constituem uma grande parte dos materiais do auditor. Todos os auditores do mundo estão, em certa medida, familiarizados com estes dados.

Mas como fazer para se extraírem os dados destes quadros e aplicá-los à vida, a uma pessoa real? Não é difícil, digamos, para um tom emocional ocasional. “O João teve um acesso de 1,5 ontem à noite”. É claro. Ele ficou vermelho que nem um tomate e atirou-vos com um livro à cabeça. É simples. A Maria desatou a soluçar e pegou num lenço. Os dois auditores olham um para o outro e abanam sabiamente a cabeça: “Hum...Desgosto!”

Mas que dizer do tom crónico, coberto pela fina capa brilhante do verniz social? Em que medida consegue você ser perspicaz e ter a certeza dele?

Ora apanhe um Pc que conheça bem. Qual é exatamente o seu tom crónico? Se não o sabe, é melhor continuar a ler. Se sabe, continue a ler e aprenda mais sobre o assunto.

O título deste artigo começa por uma palavra bizarra: *obnose*. Foi criada a partir da expressão “observar o óbvio”. A arte de observar o que é evidente está neste momento intensamente negligenciada na nossa sociedade. E é pena.

É a única forma de alguma vez se ver alguma coisa: observar o óbvio. Observar uma coisa tal como ela é, e que coisas estão realmente aí. Felizmente para nós esta capacidade de “*obnosar*” não é de forma alguma inata ou mística. Mas é deste modo que a apresentam os não Cientologistas.

Como ensinar a alguém a ver o que está aí?

Pois bem, coloque ali uma coisa para que ele a observe e mande-o dizer o que vê. É o que fazemos nas aulas do Curso Clínico Avançado. E quanto mais cedo no curso o fizermos, melhor. Pede-se a um estudante para ficar de pé na frente da aula, e aos outros para o observarem. O instrutor põe-se de lado e repete a pergunta: “O que é que veem?”

As primeiras respostas são algo como: “Bem, vejo que ele tem muita experiência”. “Ah, bom. Será que vês realmente a experiência dele? O que é que vês além?” “Bom, pelas rugas que ele tem à volta dos olhos e da boca posso dizer que já viveu muitas experiências”. “Muito bem, mas o que é que vê?” “Ah, compreendo. Vejo rugas à volta dos olhos e da boca”. “Muito bem!”



O instrutor não aceita nada que não seja bem visível. Um estudante começa a compreender e diz: “Bom, eu vejo realmente que ele tem orelhas”. “Muito bem, mas do teu lugar vês realmente que ele tem duas orelhas, neste momento em que estás a olhar para ele?” “Bom, não”. “Muito bem. O que é que vês?” “Vejo que ele tem a orelha esquerda”. “Muito bem!” Não são aceites conjecturas nem suposições tácitas. Também não se permite que os estudantes vagueiem pelo banco. Por exemplo: “Ele tem uma boa postura”. “Tem uma boa postura em relação a quê?” “Bom, ele está mais direito do que a maior parte das pessoas”. “Essas pessoas estão aqui neste momento?” “Não, mas eu tenho imagens delas”. “Ora vamos! Ele está mais direito em relação a alguma coisa que tu vês aqui neste momento?” “Bom, ele está mais direito do que tu. Tu estás um pouco curvado”. “Neste momento?” “Sim”. “Muito bem!”

Está a ver o objetivo disto? Trata-se de levar um estudante ao ponto de poder observar uma pessoa ou um objeto e ver exatamente o que lá está. Não uma dedução daquilo que lá poderia estar a partir do que ele ali vê efetivamente. Não alguma coisa que o banco considera como devendo estar associada ao que lá está. Simplesmente o que lá está, visível e óbvio, à vista. É tão simples que “se mete pelos olhos dentro”.

No decurso deste exercício prático de observação do óbvio nas pessoas, os estudantes adquirem muitas informações sobre as características físicas e verbais relativas a um determinado nível de tom. São coisas muito fáceis de ver e escutar quando se observa o corpo de uma pessoa e se escutam as suas palavras. “Observar o thetan” não faz parte de obnose. Olhe para o terminal, para o corpo, e oiça o que de lá sai. Não queira tornar-se místico nem comece a confiar na “intuição”. Observe unicamente o que lá está.

Por exemplo, você pode obter uma boa indicação sobre o tom crónico de uma pessoa observado o que ela faz com os olhos. Em apatia, ela tem o aspeto de olhar fixamente para um objeto em particular durante um tempo indeterminado. O único senão é que ela não o está a ver. Não tem qualquer consciência do objeto. Se lhe enfiasse um saco na cabeça, a direção do seu olhar provavelmente manter-se-ia.

Em desgosto, a pessoa tem um ar “abatido”. Uma pessoa cujo tom crónico é “desgosto” tem a tendência de dirigir o olhar para o chão. Nos níveis inferiores de desgosto, a sua atenção estará relativamente fixa como em apatia. Quando se desloca para a zona do “medo”, o seu olhar move-se em todas as direções, mas sempre para baixo. Em medo, a característica mais evidente é que a pessoa não consegue olhar para você. É demasiado perigoso olhar para os terminais. Deveria estar a falar consigo, mas ela olha mais para além, para o lado esquerdo. Depois dá uma rápida vista de olhos aos vossos pés, a seguir olha por cima da vossa cabeça (dá a impressão que um avião vai a passar), mas agora já está a olhar lá para trás por cima do ombro. Clique, clique, clique. Em resumo, olha para todos os lados exceto para você.

Seguidamente, na zona inferior de “fúria”, ela desvia deliberadamente a vista de você. Ela *desvia* a vista de você: é uma rutura manifesta de comunicação. Um pouco mais alto na escala, ela olhará bem de frente para si, mas de uma forma não muito agradável. Quer localizá-lo como alvo. Mais acima, em “tédio”, você vê os seus olhos a vaguear, mas não tão freneticamente como em medo. Ela não evitará olhar para si. Inclui-lo-á nas coisas que observa.

Munidos destes dados e tendo adquirido uma certa competência para observar as pessoas tal como elas são, os estudantes do curso clínico avançado são levados para junto do público a fim de falarem com estranhos e detetarem o ponto onde eles se encontram na escala de tom. Habitualmente, mas unicamente para os ajudar um pouco a abordar as pessoas, são-lhes dadas uma série de perguntas a colocar a cada uma e um bloco de notas onde anotar respostas, observações, etc. Trata-se de entrevistadores da Fundação de Investigação Hubbard que estão a fazer sondagens à opinião pública. O verdadeiro objetivo da sua conversa é detetar o ponto onde as pessoas se encontram na escala de



tom, crónica e socialmente. São-lhes dadas perguntas destinadas a produzir atrasos de comunicação e a quebrar o mecanismo social de modo a fazer surgir o tom crónico. Eis alguns exemplos de perguntas utilizadas neste momento: “O que é mais evidente em mim?”, “Quando é que você cortou o cabelo a última vez?” e “Acha que as pessoas trabalham hoje em dia tanto como há cinquenta anos?”

A princípio os estudantes detetam simplesmente o tom da pessoa que estão a interrogar, e as aventuras que os esperam ao fazer isto são muitas e variadas. Mais tarde, quando já ganharam mais confiança a interpelar estranhos e a fazê-los falar, juntam-se as seguintes instruções: “Interroga pelo menos 15 pessoas. Nas primeiras cinco vai para o tom delas assim que o tenhas detetado. Com as cinco seguintes, desce abaixo do tom delas e vê o que acontece. Com as cinco últimas, adota um tom mais alto do que o delas”.

O que é que um estudante do Curso Clínico Avançado obtém destes exercícios?

Por um lado, o desejo de comunicar com qualquer pessoa. De início, os estudantes escolhem cuidadosamente o tipo de pessoas que abordam. Somente senhoras idosas, ninguém que tenha um ar colérico ou somente as pessoas com aspeto limpo. Por fim, abordam simplesmente a pessoa seguinte, mesmo que tenha o aspeto de um leproso ou que esteja armada até aos dentes. A faculdade de confrontar aumentou e trata-se simplesmente de mais alguém com quem falar.

Ficam desejosos de situar uma pessoa na escala de tom sem vacilar. Eles dizem: “É um 1,1 crónico. O tom social é 3,5, mas na realidade falso”. É assim mesmo e eles dão conta disso.

Também ficam muito talentosos em adotar à vontade diversos tons, fazendo-os passar de forma muito convincente e com grande suavidade. Isto é muito útil em muitas situações e também divertido. Eles tornam-se adeptos de dar cabo dos atrasos de comunicação em situações informais. Ficam hábeis a fazer a diferença entre a aparência e a realidade.

O aumento de segurança na comunicação, o à-vontade e facilidade de lidar com as pessoas que os estudantes formados nesta escola têm, são coisas que é preciso ver, ou ter passado pela experiência, para crer.

A pergunta que se faz ouvir mais frequentemente em qualquer unidade do curso clínico avançado é: “Será que poderíamos, por favor, fazer mais um pouco de obnose esta semana? Não fizemos ainda o suficiente”. (Esta declaração diverte imenso os instrutores do CCA visto que estes mesmos estudantes diziam no início: “Se me obrigar a ir lá abaixo, abandono o curso”).

A obnose é algo muito importante que todos os Cientologistas devem aprender o mais meticolosamente possível.

L. Ron Hubbard
Fundador



D.-CÓDIGOS

GABINETE DE COMUNICAÇÕES HUBBARD

Solar de St. Hill, Grinstead Oriental, Sussex,

HCOPL DE 14 DE OUTUBRO DE 1968RA

Rev. 19.6.80

(Também HCOB 19.6.80)

O CÓDIGO DO AUDITOR

AD18

Celebrando os 100% de Vitórias alcançáveis com a Tecnologia Standard prometo, como auditor, seguir o Código do Auditor.

- 1- Prometo não avaliar pelo preclaro nem lhe dizer o que ele deve pensar sobre o seu caso, em sessão.
- 2- Prometo não invalidar nem o caso nem os ganhos do preclaro, dentro ou fora de sessão.
- 3- Prometo não ministrar a um preclaro nada mais a não ser Tecnologia Standard de uma forma standard.
- 4- Prometo respeitar todas as marcações de audição, uma vez feitas.
- 5- Prometo não auditar um preclaro que esteja cansado ou não tenha tido repouso suficiente.
- 6- Prometo não auditar um preclaro que não esteja suficientemente alimentado ou que esteja com fome.
- 7- Prometo não permitir uma mudança frequente de auditores.
- 8- Prometo não entrar em empatia para com um preclaro, mas sim, ser eficiente.
- 9- Prometo não permitir que o preclaro termine a sessão por sua própria determinação, mas sim terminar os ciclos que iniciei.
- 10- Prometo nunca abandonar um preclaro em sessão.
- 11- Prometo nunca me encolerizar com um preclaro em sessão.
- 12- Prometo auditar cada ação maior do caso até à sua agulha flutuante.
- 13- Prometo nunca auditar qualquer ação individual para além da sua agulha flutuante.
- 14- Prometo conceder condição de ser ao preclaro em sessão.
- 15- Prometo não misturar os processos de Cientologia com outras práticas, exceto quando o preclaro estiver fisicamente doente e convierem unicamente cuidados médicos.
- 16- Prometo manter a Comunicação com o preclaro em sessão e não cortar a sua comunicação nem o deixar fazer Overrun em sessão.
- 17- Prometo não introduzir comentários, expressões ou perturbações numa sessão que distraiam um preclaro do seu caso.
- 18- Prometo continuar a dar ao preclaro, em sessão, o processo ou o comando de audição sempre que necessário.
- 19- Prometo não deixar um preclaro executar um comando mal compreendido.



- 20- Prometo não explicar, justificar ou pedir desculpas em sessão, por qualquer erro, quer real quer imaginário, de um auditor.
- 21- Prometo só avaliar o estado do caso corrente de um preclaro através dos dados Standard da Supervisão de Caso e a não divergir por qualquer diferença imaginária no caso.
- 22- Prometo nunca usar os segredos de um preclaro divulgados em sessão para punição ou ganho pessoal.
- 23- Prometo assegurar que quaisquer honorários recebidos para processamento sejam reembolsados, se o preclaro não estiver satisfeito e o exigir dentro de um período de três meses após o dito processamento, sendo a única condição que ele não pode ser de novo processado ou treinado.
- 24- Prometo não preconizar o uso da Cientologia unicamente para a cura de doenças ou para tratar os doentes mentais, sabendo bem que ela tem como objetivo o melhoramento espiritual.
- 25- Prometo cooperar totalmente com as organizações legais de Dianética e Cientologia, tal como desenvolvidas por L. Ron Hubbard, na salvaguarda do uso e prática ética do assunto, de acordo com as bases da Tecnologia Standard
- 26- Prometo recusar-me a permitir que qualquer ser seja fisicamente maltratado, violentamente estropiado, operado ou morto em nome de "tratamento mental".
- 27- Prometo não permitir liberdades sexuais ou violação dos mentalmente diminuídos.
- 28- Prometo recusar-me a admitir nas fileiras de praticantes qualquer ser mentalmente doente.

Auditor _____

Data _____

Testemunha _____ Lugar _____

LRH.



E.-EXERCÍCIO E DADOS SOBRE O E-METRO

GABINETE DE COMUNICAÇÕES HUBBARD

Solar de St. Hill, Grinstead Oriental, Sussex,

HCOB DE 11 DE Maio DE 1969R

REV. 8 JULHO 1978

(Revisões neste tipo de letra)

Remímeo

Secs Exec

(Substitui HCOB 27 Jul. 66 mesmo Nome)

Sec Tech

Sec Qual

Todos os Hats Tech

Todos os Hats Qual

Cursos de Dianética

(DIV Tech) (DIV Qual)

CALIBRAGEM DO E-METRO

(Para E-Metros com Botão de Calibragem)

Os E-Metros podem ficar descalibrados durante uma sessão devido a mudanças de temperatura.

Por isso, mesmo que o E-Metro tenha sido corretamente calibrado, marcando no início da sessão 2.0 para uma resistência de 5.000 OHM e 3.0 para uma resistência de 12.500 OHM nas latas, um Pc poderá estar aparentemente a registar abaixo de 2.0 no final da sessão porque o e-metro está descalibrado.

Deve, por isso, seguir-se o procedimento com o e-metro NO FINAL DE CADA SESSÃO, (DEPOIS DE DIZER AO PC: "FIM DE SESSÃO!"):

1. NÃO MEXER NO BOTÃO DE CALIBRAGEM.
2. TIRAR A FICHA.
3. MOVER O TA ATÉ A AGULHA FICAR EM "SET", COM A SENSIBILIDADE USADA NA SESSÃO.
4. REGISTAR A POSIÇÃO DO TA AO FUNDO DO RELATÓRIO DO AUDITOR, ASSIM: "Calibragem TA = ..."
5. SE SOUBER QUE O SEU E-METRO ESTÁ DESCALIBRADO (conforme parágrafo 2 acima), REGISTE TAMBÉM: "erro de calibragem: no e-metro = 2.0 real", ao fundo do relatório.

L. Ron Hubbard

Fundador



GABINETE DE COMUNICAÇÕES HUBBARD

Saint Hill Manor, East Grinstead, Sussex

BOLETIM DO HCO DE 7 DE FEVEREIRO DE 1979R

Corrigido e Reemitido 12 fevereiro 1979

Revisto 15 Fevereiro 1979

Remimeo
Checksheet
de Ok para
Operar o E-Meter
Todos os Auditores (Revisões em Itálicas)
Tech (Reticências indicam remoção)
Qual
C/Ses
Oficiais de Cramming

EXERCÍCIO DO E-METRO 5RA APERTAR DE LATAS

O Exercício do E-Meter seguinte revê e substitui imediatamente o Exercício do E-Meter 5, conforme o Livro de Exercícios do E-Meter e modifica quaisquer dados contrários em Essenciais do E-Meter.

Número: EM-5RA

Nome: APERTO DE LATAS

Propósito:

- I. Demonstrar ao estudante como um aperto de latas incorreto dá uma reação da agulha incorreta, na qual não se pode confiar.
- II. Treinar o auditor estudante a levar um pc a dar um aperto de latas preciso.
- III. Treinar o auditor estudante na determinação da sensibilidade obtendo uma queda da agulha de 1/3 de mostrador com um aperto de latas, a fim de poder fixar a sensibilidade correta para cada preclaro numa sessão de audição.
- IV. Convencer o auditor estudante de que ele tem de usar a sensibilidade correta para uma queda de 1/3 de mostrador com um aperto de latas, para dispor de um E-Meter funcional e legível.

Posição: O treinador e o auditor estudante sentam-se defronte um para o outro a uma mesa com um E-Meter virado para o auditor estudante. O E-Meter já está montado.

Ênfase de Treino:

Secção I: Dar ao auditor estudante uma realidade sobre como um aperto de latas pode ser feito in-corretamente, para que ele saiba todos os pontos que poderá ter de corrigir para garantir um aperto de latas preciso.

1. O treinador pega nas latas e mantém as mãos na mesa para que o estudante as possa ver claramente.



2. O treinador manda o estudante colocar o botão amplificador da sensibilidade na posição mais baixa e a sensibilidade a 1 no botão da sensibilidade.
3. O treinador manda o estudante ajustar a agulha na linha de Set no mostrador.

O treinador mandará o estudante reajustar a agulha para Set conforme necessário ao princípio de cada demonstração de aperto de latas.
4. O treinador dá um aperto nas latas com uma pressão uniforme. Se não houver leitura ou se houver uma leitura muito pequena, menos de 2.5 cm, com a sensibilidade a 1, o auditor estudante move o botão da sensibilidade para 5, e consegue outro aperto de latas. Se ainda não houver leitura ou esta for menor que uma polegada, o estudante move a sensibilidade para 16 e consegue outro aperto de latas. Para os propósitos da demonstração seguinte, pretendemos fixar a sensibilidade para que possamos ver obviamente um movimento da agulha de cerca de 2.5 cm com o aperto de latas. Portanto a sensibilidade pode ser posta abaixo de 5 ou acima de 5, desde que tenhamos uma queda de cerca de 2.5 cm com o aperto de latas.
5. Com a sensibilidade determinada em 4 acima, o treinador apertará então as latas incorretamente, em cada vez de forma diferente. O treinador mostra ao estudante o que ele está a fazer de especial com as suas mãos, e depois manda o estudante observar o que acontece no E-Meter e a distância a que a agulha cai no mostrador quando ele faz cada versão de um aperto de latas incorreto como se segue:
 - A. O treinador pega nas latas com as palmas das mãos e todos os dedos e ambos os polegares em contacto completo com as latas. À medida que aperta as latas ele levanta um dedo, pondo o dedo de volta após relaxar o aperto. Este é um aperto de latas incorreto.
 - B. O treinador segura as latas como em A. Desta vez dá às latas um aperto muito rápido e leve. Este é um aperto de latas incorreto.
 - C. O treinador pega nas latas como em A, aperta-as com uma pressão gradual e depois, quando alivia o aperto, ele relaxa-o de forma que este fique muito mais frouxo do que antes do aperto das latas. Este é um aperto de latas incorreto.
 - D. O treinador pega nas latas como em A, dando desta vez um aperto duro e rápido. Este é um aperto de latas incorreto.
 - E. O treinador pega nas latas como em A, aperta-as firmemente e só desprende o aperto parcialmente. Este é um aperto de latas incorreto.
 - F. O treinador pega nas latas como em A, mas aperta-as em 2 estágios, primeiro um aperto pequeno, depois, de repente, um mais duro. Este é um aperto de latas incorreto.
 - G. O treinador pega nas latas como em A, dá-lhes um aperto forte e rápido, e mantém o aperto. O estudante deve notar que a agulha desliza muito para a direita devido ao movimento repentino, e que só volta parte do caminho com o treinador a manter ainda o aperto, dando assim uma medida incorreta do aperto de latas. O estudante deve ver que a distância entre a primeira posição da agulha em Set e a posição final da agulha com o treinador a manter ainda o aperto é a verdadeira medida da queda do aperto de latas. Não é a distância entre a primeira posição da agulha em Set e a posição da agulha no deslize mais longo para a direita. Um aperto de latas duro e rápido é um aperto de latas incorreto.
 - H. O treinador segura nas latas de forma que estas não estejam em contacto com as palmas das mãos e aperta-as. Este é um aperto de latas incorreto.
 - I. O treinador segura nas latas com os polegares a subirem pelos lados e saírem pelo topo das latas e aperta-as. Este é um aperto de latas incorreto.
 - J. O treinador agarra nas latas com força e aperta-as. Este é um aperto de latas incorreto.



K. O treinador pega nas latas com os dedos indicadores ligeiramente levantados e põe os dedos indicadores nas latas durante o aperto. Este é um aperto de latas incorreto.

O exercício é continuado até que o auditor estudante consiga a ideia de que um aperto de latas incorreto dá reações da agulha incorretas nas quais não se pode confiar.

Secção II: Dar ao auditor estudante uma ideia correta em relação ao que é um aperto de latas correto e treiná-lo a conseguir um aperto de latas correto.

1. O exercício seguinte deve ser feito primeiro pelo treinador para demonstrar ao auditor estudante o que é um aperto de latas correto:
 - A. O treinador manda o auditor estudante abanar as mãos até os dedos estarem descontraídos e bambos.
 - B. Depois o treinador manda o auditor estudante pôr as mãos na mesa, com as palmas para cima, sem exercer controlo sobre os seus dedos. Os dedos do auditor estudante farão um arco para dentro na direção das palmas.
 - C. Agora o treinador coloca simplesmente as latas nas mãos do auditor estudante num ângulo que atravessa as palmas. O arco natural dos dedos é o suficiente para manter as latas no seu lugar, e a colocação das latas num ângulo assegura que a área máxima da pele está a tocar nas latas. As palmas e todos os dedos e ambos os polegares do auditor estudante têm de estar a tocar nas latas. Asseguramo-nos de que os polegares estão à volta das latas e não sobem pelos lados.
 - D. Agora o treinador manda o auditor estudante gradualmente aumentar a pressão do seu aperto nas latas até atingir um aperto leve, e depois descontraí-lo. Este é um aperto de latas correto.
 - E. Nota: Asseguramo-nos de que quando o auditor estudante descontraí o seu aperto ele não retira um dedo ou polegar ou as suas palmas das latas. Ele deve ter sensivelmente o mesmo contacto que tinha ao princípio como em C acima.
 2. Tendo feito o acima descrito, o treinador agora põe o auditor estudante a fazer o exercício da forma seguinte:
 - A. Manda o treinador pegar nas latas e manter as mãos na mesa de forma que o estudante as possa ver durante todo o aperto de latas.
 - B. Verifica o aperto do treinador nas latas para se assegurar de que é correto como em B e C acima. O estudante pode ter que experimentar vários tamanhos diferentes de latas, pequenas, médias ou grandes, dependendo do tamanho das mãos do treinador, para obter a lata de tamanho correto que ele pode segurar confortavelmente sem esforço e que se encaixe na palma da sua mão, com o máximo contacto da pele.
 - C. Ajusta o botão amplificador de sensibilidade para a posição mais baixa.
 - D.
 - (a) Põe o botão da sensibilidade a 1 no mostrador da sensibilidade.
 - (b) Ajusta a agulha para a linha de Set no mostrador da agulha.
 - (c) Damos os comandos próprios para conseguir um aperto de latas correto da maneira seguinte:

"Aperta as latas, por favor."

"Obrigado."
- O estudante tem de se assegurar de que o treinador gradualmente aumenta a pressão nas latas e de que a descontraí.



(d) Notamos a distância a que a agulha caiu quando o treinador apertou as latas.

E. Agora aumentamos a sensibilidade para 2 e repetimos os passos D (b), (c) e (d) acima, notando mais uma vez a distância a que a agulha cai quando o treinador aperta as latas.

F. Repetimos os passos D (b), (c) e (d) para uma sensibilidade em 3, depois para uma sensibilidade em 4, depois 5, depois 6 e subindo até termos a agulha a bater no lado do mostrador com o aperto de latas. Com a agulha a bater do lado do mostrador com o aperto de latas, não seríamos capazes de notar o comprimento da queda da agulha.

Flunks são dados por não mandar o treinador tirar todos os anéis ou joias de mão, pois estas podem fazer com que a agulha dê leituras pouco usuais; por não verificar que há um contacto máximo da pele com as latas; por falhar em assegurar-se de que os polegares vão à volta da lata e não sobem pelos lados; por falhar em preparar o E-Meter e a agulha corretamente; por falhar em notar e manejar um aperto de latas repentino ou duro ou tremido ou convulsivo em vez de um aumento de pressão uniforme nas latas ou deixar as latas repentinamente; por não se assegurar que o treinador não tira um dedo ou polegar ou palma das latas quando desprende o contacto; por falhar em notar precisamente a distância a que a agulha cai no aperto de latas; e por dar os comandos errados. A falta de perícia em exercícios anteriores é corrigida com uma folha rosa.

Secção III: Dar ao auditor estudante uma realidade sobre preparar a sensibilidade para uma queda da agulha de 1/3 de mostrador com o aperto de latas.

O auditor estudante deveria saber que preparar a sensibilidade para uma queda de 1/3 de mostrador com o aperto de latas é uma parte integral da preparação de cada uma das sessões que ele faz. É a sensibilidade que ele vai usar durante a sessão. É vitalmente importante que ele consiga a preparação correta da sensibilidade para cada preclaro em cada sessão, de forma a que não lhe escapem leituras ou F/Ns. Uma preparação de sensibilidade que seja baixa demais ou alta demais para esse preclaro em particular na sessão em particular obscurecerá leituras e F/Ns, perturbando assim o caso do preclaro. Por isso, o auditor estudante tem de ser proficiente neste exercício.

1. A. Manda o treinador pegar nas latas e manter as mãos na mesa de forma que o estudante as possa ver durante todo o aperto de latas.
- B. Verifica o aperto do treinador para te assegurares de que é correto, assegurando-te também de que tens o tamanho correto de latas.
- C. Ajusta o botão amplificador de sensibilidade para a posição mais baixa.
- D.
 - (a) Põe o botão da sensibilidade a 5 no mostrador da sensibilidade.
 - (b) Ajusta a agulha para a linha de Set no mostrador da agulha.
 - (c) Manda o treinador a apertar as latas assegurando-te de que ele o faz corretamente.
 - (d) Nota a distância a que a agulha cai quando o treinador aperta as latas.
- E. No passo D (d) a agulha caiu uma distância de ou
 - (a) uma queda de **menos** de 1/3 de mostrador
ou
 - (b) uma queda de mais de 1/3 de mostrador.

Se for (a), aumenta um pouco a sensibilidade e repete os passos D (b), (c) e (d) e continua a fazer isto até teres uma queda de 1/3 de mostrador. Se for (b), baixa um pouco a sensibilidade e repete os passos D (b), (c) e (d) e continua a fazer isto até teres uma queda de 1/3 de mostrador.



Por outras palavras, continua a ajustar a tua sensibilidade mais abaixo ou mais acima de acordo com a queda ser maior ou menor que $1/3$ do mostrador, até teres uma sensibilidade correta.

Cada vez que se pede um novo aperto de latas, o auditor estudante tem de se assegurar de que o treinador está a segurar as latas corretamente e a dar um aperto de latas correto.

F. O estudante então nota a sensibilidade exata à qual ele conseguiu a queda de $1/3$ de mostrador.

Flunks são dados por erros como os da Secção II acima e por falhar em reconhecer quando uma queda da agulha de $1/3$ de mostrador com o aperto de latas foi obtida; por falhar em reconhecer se o treinador está a apertar de latas consideravelmente mais duro ou mais leve do que estava a dar com a sensibilidade a 5 e por falhar em estabelecer a preparação de sensibilidade correta para uma queda de $1/3$ de mostrador com o treinador.

2. Agora o treinador põe o auditor estudante a fazer o exercício com alguns dos outros estudantes, o treinador a observar, até estar satisfeito por o estudante poder estabelecer fácil e precisamente a sensibilidade correta para um aperto de latas com uma queda de $1/3$ de mostrador com o aperto de latas.

Secção IV: Dar ao auditor estudante uma realidade sobre como uma preparação correta de sensibilidade para uma queda de $1/3$ de mostrador com o aperto de latas proporciona um E-Meter que se pode ler e que é funcional e como uma preparação incorreta de sensibilidade proporciona um E-Meter que não se pode ler e que não é funcional, de forma que o estudante compreenda porque é que tem de usar uma sensibilidade que dê uma queda de $1/3$ de mostrador.

1. O treinador faz o estudante auditor preparar a sensibilidade corretamente com um aperto de latas correto para uma queda de $1/3$ de mostrador como na Secção III.
2. O auditor estudante faz um "teste de beliscão" da forma seguinte: o estudante belisca o braço do treinador, com força suficiente para doer um bocadinho.
3. Agora, enquanto observa o E-Meter, o estudante diz para o treinador:
"Recorda o beliscão que acabei de te dar."
"Obrigado."
4. O estudante nota a reação da agulha ao seu comando e a distância a que a agulha caiu.
5. O treinador põe o estudante a fazer os passos 2, 3 e 4 várias vezes, notando cada uma das vezes o que a agulha faz em resposta a "Recorda esse beliscão".
6. O treinador manda agora o estudante pôr a sensibilidade a 1. O estudante manda o treinador apertar as latas e nota se há leitura ou não. Se houver leitura, nota o tamanho da leitura e deixa a sensibilidade a 1. Se não houver leitura no aperto, o estudante deixa ainda a sensibilidade a 1.
7. O auditor estudante faz outro "teste de beliscão" como em 2, 3, 4 e 5 acima, notando a diferença na resposta da agulha ao comando "recorda esse beliscão" comparada com o que era no Passo 5 com a sensibilidade correta. Pode não haver absolutamente nenhuma leitura e o estudante deve notar isso.
8. O treinador faz o estudante colocar agora a sensibilidade a 32, e o treinador aperta as latas.
9. O estudante volta a fazer o teste de beliscão e nota a reação da agulha ao seu comando "Recorda esse beliscão".
10. O treinador manda o estudante colocar depois a sensibilidade corretamente para uma queda de $1/3$ de mostrador com um aperto de latas correto e volta a fazer o teste de beliscão.



11. O estudante deve observar a partir destes testes de beliscão que uma sensibilidade correta, determinada a partir de um aperto de latas correto, proporciona um E-Meter que se pode ler e que é funcional, e que uma sensibilidade incorreta proporciona um E-Meter que não se pode ler e que não é funcional. Se ele não vir isto claramente, então o treinador deve pôr o estudante a refazer os passos de 7 a 10 até que o estudante veja porque é que a sensibilidade tem de ser preparada para uma queda de 1/3 de mostrador determinado a partir de um aperto de latas correto.

Flunks são dados por falhar em notar o que a agulha fez e o tamanho da leitura em resposta ao estudante dizer ao treinador para se recordar do beliscão e por erros em preparar a sensibilidade precisamente e conseguir um aperto de latas correto quando este é exigido no exercício.

História: Desenvolvido como um exercício de treino por L. Ron Hubbard em Saint Hill, em Dezembro de 1963, e revisto por L. Ron Hubbard, em Fevereiro de 1979.

L. RON HUBBARD

Fundador



GABINETE DE COMUNICAÇÕES HUBBARD

Solar de St. Hill, Grinstead Oriental, Sussex,

HCOB DE 14 DE OUTUBRO DE 1968

Remimeo

POSIÇÃO DO METRO

NÃO SE DEVE NUNCA, NUNCA, NUNCA TER O E-METRO NUMA POSIÇÃO TAL QUE O PC POSSA LER O TA.

Isso ocasiona preocupação no pc a respeito da posição do seu TA e tira a sua atenção do seu caso.

Viola a Cláusula 17 do Código do Auditor.

L. Ron Hubbard

Fundador



GABINETE DE COMUNICAÇÕES HUBBARD

Solar de St. Hill, Grinstead Oriental, Sussex,

HCOB DE 23 DE MAIO DE 1971

Emissão IX

USO DO "E-METRO"

NÃO se diz, nunca, nada ao pc sobre o metro ou as suas reações, exceto para indicar uma F/N ("floating needle": agulha flutuante).

Quando alguma coisa reage, pode-se guiar o pc com um "Isso - Isso - Isso". Então, não se está a por a sua atenção no metro mas sim no banco.

A definição de "Em Sessão" é "o pc interessado no seu próprio caso e disposto a falar com o auditor".

É ilegal dizer "Isso está a reagir", "Isso não reagiu", "Isso deu 'Blowdown'". Não substitui o TR2 . Viola a definição de "Em Sessão", colocando a atenção do pc no "metro" e pode fazer com que fique pouco disposto a falar com o auditor.

LRH.



GABINETE DE COMUNICAÇÕES HUBBARD

Solar de St. Hill, Grinstead Oriental, Sussex,

HCOB 21 de JANEIRO de 1977RB

Re-rev.25.5.80

Remimeo

Tech & Qual

Todos os níveis

Todos os Auditores

Todas as Checksheets de Tech

(este HCOB foi revisto para incluir dados adicionais sobre TA Falso e a lista completa de referências sobre TA Falso. O plano da lista de manejos foi organizado para seguir a linha de verificar e referenciar todas as marcas específicas de creme de mãos que foi adotada).

LISTA DE VERIFICAÇÃO DE TA FALSO

Referências.

HCOB 08 Junho 70	MANEJO DO TA BAIXO
HCOB 16 AGO 70R	C/S série 15R, LEVAR A F/N AO EXAMINADOR
HCOB 24 Out 71RA	TA FALSO
HCOB NOV. 12 71RB	TA FALSO, adição
HCOB 15 FEV. 72R	TA FALSO, adição 2
HCOB 18 FEV. 72RA	TA FALSO, adição 3
HCOB 16 FEV. 72	C/S série 74, falar para DESCER O TA
HCOB 23 NOV. 73RB	mãos secas e MOLHADAS fazem TA FALSO
HCOB 24 Nov 73RD	C/S 53RL FORMA CURTA
HCOB 24 Nov 73RE	C/S 53RL FORMA longa
HCOB 19 ABR. 75R	básicas FORA e como Introduzi-los
HCOB 23 Abr. 75RA	creme DISSIPADO e TA FALSO
HCOB 24 Out 76RA	C/S série 96RA, listas de reparação. de entrega
HCOB 10 dez 76RB	C/S série 99RB, F/N DE SCN E posição DO TA
HCOB 13 Jan 77RB	manejo DE UM TA FALSO
HCOB 24 Jan 77	RONDA DE correção DA TECH
HCOB 26 Jan 77R	uso PROIBIDO DE PALMILHAS
HCOB 30 Jan 77R	dados falsos DE TA
HCOB 04 Dez 77	CHECKLIST para PREPARAR sessões e um E-METER
HCOB 07 FEV. 79R	EXERCÍCIO DE E-metro 5RA
BTB 24 Jan 73RII	EXAMINADOR E TA FALSO
livro:	O ESSENCIAL DO E-METER
livro:	INTRODUÇÃO AO E-METRO
MANUAL DO possuidor	MARK VI PROFISSIONAL HUBBARD "COMO PREPARAR O SEU MARK VI".

"Este Boletim cancela o HCOB 29 Fevereiro 1972RA Revisto a 23 de Abril de 1975, pois é enganoso e levou alguns auditores a verificar o Pc no e-metro para encontrar a causa do TA falso em vez de o verificar diretamente com o Pc". Este Boletim restabelece a Lista de TA falso com o manejo específico diretamente das emissões que eu escrevi sobre TA falso.



São os seguintes os itens a serem averiguados pelo auditor em qualquer Pc. Basta fazer isto uma única vez, a menos que a própria verificação seja suspeita ou a condição das mãos do Pc, etc., mude.

A lista é mantida na pasta do Pc e dá entrada no Sumário da Pasta como feita.

“O valor de operar com o tamanho correto de latas não deve ser subestimado e os Boletins que a isso se referem mostram a razão”.

O auditor assinala e responde aos pontos seguintes da lista. O auditor deve obter a informação verificando pessoalmente as mãos do Pc para saber se estão secas ou húmidas. A causa do TA falso está no universo físico e é ali que a sua verificação é feita. Não é perguntando ao Pc ou testando a reação no e-metro. Assim, o auditor apalpa as mãos do Pc a fim de determinar se estão secas ou húmidas, apalpa as mãos do Pc após ter posto creme para saber se o creme secou, vê se as mãos do Pc fazem concha de modo a que a área formada não toca as latas, etc. O TA falso não é pensamento ou massa mental. Está no universo físico e é onde tem de ser tratado para ser corrigido. O manejo vem a seguir a cada linha, à medida que se verifica. Isto é simplicidade, pois é assim que a lista está feita, resolvendo cada linha à medida que se avança.

FATOR DE REALIDADE AO PC: "VOU VERIFICAR AS LATAS, AS TUAS MÃOS E VÁRIAS OUTRAS COISAS, A FIM DE AJUSTAR TUDO PARA OBTER UMA MAIOR EXATIDÃO”.

LISTA DE VERIFICAÇÃO DE TA FALSO E MANEJO

1. O E-METRO ESTÁ COMPLETAMENTE CARREGADO? _____

Manejo: "Manter o e-metro a carregar pelo menos uma hora para cada 10 de audição numa corrente de 240 voltes, ou 2 horas para cada 10 horas de audição numa corrente de 110. (O Mark VI dará cerca de 6 horas para cada hora de carga.)" Antes de cada sessão, rode o botão para TEST. A agulha deve bater com força no lado direito do mostrador. Pode até fazer ricochete. Se a agulha não bater com força à direita ou não atingir bem a linha de TESTE, então o e-metro vai ficar sem carga a meio da sessão e dará um TA falso, não apresentando reações ou movimentos de TA em assuntos quentes" (HCOB 24/10/71RA - TA FALSO)

NOTA: Para garantir uma verificação exata, o e-metro deve ser ligado um ou dois minutos antes de colocá-lo em TEST.

2. O E-METRO ESTÁ CORRETAMENTE CALIBRADO? _____

Manejo: "Um e-metro pode estar impropriamente calibrado (não colocado em 2.0 com o botão de calibragem) e dar uma posição falsa de TA. Quando não é ligado um minuto ou dois antes da calibragem, pode ir à deriva na sessão e dar um TA ligeiramente falso.

A calibragem pode ser discretamente verificada no meio da sessão retirando a ficha do e-metro, colocando o TA em 2.0 para ver se a agulha fica em SET. Caso contrário, pode mexer no botão regulador para ajustá-lo. A ficha é discretamente colocada de volta. Tudo sem distrair o Pc”. (B24/10/71RA - TA FALSO)

3. OS FIOS ESTÃO LIGADOS AO E-METRO E ÀS LATAS? _____

Manejo: "Um e-metro ajustado como deve ser, com latas adequadas ao Pc, que as segura corretamente, ESTÁ SEMPRE CORRETO" (HCOB-24/10/71RA). A referência



para o ajuste do e-metro é dada no Livro de Exercícios do E-Metro, EM 4 e, no caso dum Mark VI, no manual do proprietário.

4. AS LATAS ESTÃO ENFERRUJADAS? _____

Manejo: "Latas ferrugentas podem falsificar o TA. Obtenha latas novas de vez em quando" (HCOB- 24/10/71RA)

5. AS MÃOS DO PC SÃO EXCESSIVAMENTE SECAS, NECESSITANDO DE CREME? _____

Manejo: "Um teste rápido é fazer o Pc colocar as latas nas axilas se se trata de calosidades ou mão secas motivadas por produtos químicos. A mão excessivamente seca tem aparência brilhante ou polida. Dá para sentir a secura. O tratamento correto é usar um creme para mãos, mas não gorduroso ou que desapareça. Um bom creme para mãos espalha-se bem sem deixar excesso de gordura. Usualmente unta-se, esfrega-se e pode-se então enxugar o creme completamente. Normalmente as mãos produzirão então um TA normal e reação no e-metro" (HCOB-23/11/73RB 25/5/80 Mãos secas e mãos húmidas dão TA falso)

6. AS MÃOS DO PC ESTÃO EXCESSIVAMENTE HÚMIDAS, NECESSITANDO DE TALCO? _____

Manejo: "Se o TA está baixo, verificar se as mãos do Pc estão húmidas. Caso estejam, faça-o enxugá-las e obtenha o novo TA. Normalmente descobre-se que 1.6 era, na verdade, 2.0.". (HCOB-24/10/71RA, Fazer o Pc enxugar as mãos.) "Podem ser usados antitranspirantes em mãos muito suadas. Há muitas marcas, frequentemente em pó ou spray. Podem-se enxugar após a aplicação e pode durar duas a três horas". (HCOB-23/4/75RA)

7. NÃO ESTÁ A DIZER CONTINUAMENTE AO PC PARA ENXUGAR AS MÃOS? _____

Manejo: Ver acima, com referência a mãos húmidas.

8. O APERTO DAS LATAS NÃO ESTÁ A SER CONSTANTEMENTE VERIFICADO PELO AUDITOR DE MODO A INTERROMPER O PC? _____

Manejo: "Manter as mãos do Pc à vista. Observar o aperto das latas. Obtenha latas menores". (HCOB-24/10/71RA)

8A. O PC ESTÁ A USAR O TIPO ERRADO DE LATAS? _____

a) Onduladas? _____

b) De metal revestido de plástico? _____

c) De metal errado _____

O metal certo é o aço estanhado (folha-de-flandres) e não revestido de plástico ou pintado.



Manejo: Substituir por latas corretas. "As latas devem, é claro, ser de aço com um fino revestimento de estanho". (HCOB-24/10/71RA)

8B. AS LATAS SÃO MUITO CURTAS PARA AS MÃOS DO PC

Manejo: Substituir por latas de comprimento correto para a mão toda ter contacto com elas. (HCOB-24/10/71RA)

9. POSIÇÃO DO TA COM LATAS GRANDES?

Tamanho aproximado de 11 x 8cms

Manejo: Para um Pc de mãos normais ou grandes, o tamanho da lata é de cerca de 12,5 x 7cms. Podem ir até 11x 8 cm. São medidas padrão". (HCOB-24/10/71RA)

10. POSIÇÃO DO TA COM LATAS MÉDIAS?

Tamanho aproximado de 12,5 x 7 cm

Manejo: Descrito acima.

11. POSIÇÃO DO TA COM LATAS PEQUENAS?

Tamanho aproximado de 9 x 5 cm.

Manejo: "Esta lata deveria ter 9 x 5 cm de diâmetro mais ou menos. Uma criança ficaria perdida mesmo com esta lata. Assim, uma latinha de filme de 35mm poderia ser usada para ela. Mede 5 x 3 cm. Funciona, mas tenha atenção pois estas latas são de alumínio. Funcionam, mas teste quanto ao

verdadeiro TA com uma lata ligeiramente maior e, em caso de diferença, ajuste a seguir para as latas de alumínio".

"As latas, é claro, devem ser de aço com leve camada de estanho. Latas vulgares de sopa. O tamanho adequado da lata evita alívio do aperto das latas ou cansaço nas mãos, tornando-as frouxas, dando ao auditor F/Ns a 3,2 e sarilhos". (HCOB-24(10/71RA)

11A. TAMANHO DE LATA INCORRETO PARA UMA CRIANÇA?

Manejo: Para uma criança, o tamanho pode descer ao das latas de filme de 35mm, aproximadamente de 5 x 3cms. Anotar a posição do TA

.

11B. SE O TAMANHO MENCIONADO ACIMA NÃO É CERTO PARA AS MÃOS DO PC, PODEM TENTAR-SE OUTROS TAMANHOS

Manejo: Podem experimentar-se tubos de 3 ou 3,5cms ou outros tamanhos de lata para ver se se adaptam às mãos do Pc. Notar a posição do TA.

12. AS LATAS SÃO DEMASIADAMENTE GRANDES PARA O PC?

Manejo: "O tamanho adequado da lata evita aliviar o aperto das latas ou cansar as mãos, tornando-as frouxas". (HCOB-24/10/71RA).



Verifique o aperto das latas do Pc e veja se a mão está a tocar em toda a lata, e se o tamanho é confortável. (Ref. HCOB-13/1/77RB Lidar com um TA falso)

13. AS LATAS SÃO MUITO PEQUENAS PARA O PC?

Manejo: Conforme acima. Verificar como o Pc está a pegar nas latas, se a mão está toda nas latas e se elas são confortáveis, e ajuste conforme acima.

14. AS LATAS SÃO CERTINHAS PARA O PC?

Manejo: Verifique o aperto e se a lata é de tamanho correto para o Pc. As latas encaixam-se confortavelmente nas mãos com estas a tocarem nas latas de modo a obterem uma reação exata no e-metro? Se o tamanho é correto, assegure-se, a seguir, de que o aperto das latas também é correto

15. AS LATAS ESTÃO FRIAS?

Manejo: "Qualquer que seja o tamanho da lata, os eléctrodos frios têm tendência a dar uma posição do TA muito mais alta, particularmente em alguns Pcs.

Até as latas aquecerem, a posição é geralmente falsa e acima. Alguns Pcs têm “sangue frio” e o choque das latas geladas pode levar o TA para cima, levando um pouco de tempo para descer.

Uma prática que contorna isto é o auditor, ou o Examinador, segurar um pouco as latas até aquecerem e então dá-las ao Pc. Outro modo é o auditor, ou Examinador, colocar as latas nas axilas enquanto ajusta o e-metro. Isto aquece-as. Há provavelmente muitos outros modos de aquecer as latas à temperatura do corpo”. (HCOB-12/11/71RB)

15A. O PC LAVOU AS MÃOS LOGO ANTES DA SESSÃO?

Manejo: Use um pouco de creme para devolver as mãos à humidade normal

16. AS MÃOS DO PC ESTÃO SECAS OU CALEJADAS?

Manejo: Isto é tratado acima, com referência a mãos excessivamente secas, necessitando creme para mãos. Há modos corretos de aplicar o creme para mãos para o Pc específico e resolver o TA falso. Uma das formas é espalhá-lo extensivamente, enxugando-o a seguir, e pondo depois um pouco mais, incluindo os polegares. (Ref. HCOB-13/1/77RB) O importante é apalpar as mãos após a aplicação do creme, para ver se eliminou a secura excessiva do aspeto brilhante ou polido. Não devem dar a sensação de secura. (Ref. HCOB-23/11/73RB) O tratamento correto é usar um creme para mãos, mas não gorduroso ou que desapareça. Um bom creme para mãos, ao ser esfregado, penetra na pele e não deixa gordura em excesso. Isto restaura o contacto elétrico normal. Tal creme só teria de ser aplicado uma vez por sessão, no início da sessão, pois dura muito tempo. Se um creme deixa manchas na lata, foi usado em demasia ou muito pouco absorvido. (HCOB-23/4/75RA)

17. O PC TEM MÃOS ARTRÍTICAS?



Manejo: "Muito de vez em quando há Pcs tão deformados pela artrose que não fazem um contacto completo com as latas. Isto produz TA alto. Use tiras (ou correias) largas nos pulsos e obterá uma posição correta". (HCOB-24/10/71RA)

18. O PC ALARGA O APERTO DAS LATAS?

Manejo: Verifique o aperto. O ângulo das latas atravessa as palmas das mãos? A curva natural dos dedos é suficiente para manter as latas no lugar e a colocação das latas está num ângulo que garanta a área máxima da pele a tocar as latas? (Ref. LIVRO DE EXERCÍCIOS DO E-METRO). Veja se a palma da mão está a tocar na lata, e não para cima, sem contacto. (Ref. B-13/1/77RB)

19. VERIFICAR O APERTO DO PC. ELE PEGA CORRETAMENTE NAS LATAS?

Manejo: Tratado na secção acima. Verifique também se o Pc está a pegar nas latas com tanta força que causa suor nas mãos e regista um TA falsamente baixo.

(Ref. HCOB-13/1/77RB e HCOB-7/2/79R - Exercício 5RA do E-Metro)

20. O PC ESTÁ COM CALOR?

Manejo: Tenha um ventilador na sala ou refresque a sala, ponha e o Pc confortável.

21. O PC DORMIU BEM?

Manejo: Não audite um Pc que não teve repouso suficiente ou está fisicamente cansado. (Ref. HCOPL-14/10/68RA - O Código do Auditor)

22. O PC ESTÁ COM FRIO?

Manejo: "Um Pc que está com frio tem, às vezes, um TA FALSO alto. Embrulhe-o num cobertor ou aqueça a sala de audição. O ambiente de audição é da responsabilidade do auditor". (HCOB-24/10/71RA)

23. O PC ESTÁ COM FOME?

Manejo: Faça o Pc comer alguma coisa e não audite um Pc que não está suficientemente alimentado ou com fome. (Ref. HCOPL-14/10/68RA - O Código do Auditor)

24. A HORA (DA NOITE) É AVANÇADA?

Manejo: "A partir das duas ou três da madrugada, ou a uma hora avançada da noite, o TA do Pc pode ficar muito alto. Depende de quando ele dorme usualmente. O TA encontrar-se-á na faixa normal durante as horas regulares". (HCOB-24/10/71RA)

25. A AUDIÇÃO ESTÁ A SER FEITA FORA DAS HORAS NORMAIS EM QUE O PC ESTÁ ACORDADO?

Manejo: Conforme acima.



26. O PC ESTÁ COM OS ANÉIS NOS DEDOS? ---

Manejo: "O Pc deve sempre retirar os anéis. Eles não influenciam o TA, mas produzem uma "R/S" falsa". (HCOB-24/10/71RA)

Caso não consiga retirar os anéis, use tirinhas de papel ao seu redor para evitar que toquem nas latas.

27. O PC ESTÁ COM SAPATOS APERTADOS? ---

Manejo: Faça-o tirar os sapatos. (Ref. HCOB-24/10/71RA)

28. A ROUPA DO PC ESTÁ APERTADA? ---

Manejo: Se se verificar que as roupas apertadas estão a afetar o TA, assegure-se de que o Pc não usa mais roupas apertadas em sessões futuras. Se possível, faça-o tirar a roupa apertada para ver o efeito que tem no TA. Faça com que não mais sejam usadas roupas apertadas em futuras sessões.

29. O PC ESTÁ A USAR CREME INCORRETO PARA MÃOS? ---

Manejo: Usando os materiais de referência, descubra o creme para mãos correto e experimente-o no Pc. Anote a posição do TA.

30. A APLICAÇÃO DO CREME PARA MÃOS ESTÁ CORRETA E ABRANGE A MÃO TODA? ---

Manejo: Observe como o Pc aplica o creme para mãos e veja se é passado na mão toda, incluindo os polegares. Caso contrário faça o Pc passá-lo na mão toda e pegar nas latas. Anote a posição do TA. Alguns Pcs podem ter de pôr o creme, enxugá-lo e depois tornar a pô-lo. (Ref. HCOB-13/1/77RB)

31. A CADEIRA EM QUE O PC ESTÁ SENTADO É DESCONFORTÁVEL? ---

Manejo: Arranje outra cadeira que seja confortável para o Pc.

32. NA VERDADE TRATA-SE DUM CASO CRÓNICO DE TA ALTO OU BAIXO? ---

Manejo: Verificação da C/S 53 ou de TA Alto-Baixo. Feito até uma verificação Flutuante.

Assim sendo, a tecnologia standard trata do TA alto e baixo. A Série de C/S fornece mais dados sobre o assunto

33. O PC ENTROU EM DESESPERO QUANTO AO SEU TA? ---

Manejo: Trate do TA falso usando esta lista como orientação para achar a causa do TA falso e saná-lo inteiramente com o Pc através dos vários modos mencionados acima. Uma vez o TA falso solucionado, verifique se há preocupações relacionadas com o TA, aborrecimentos com o TA e faça uma L1C pela melhor leitura



.

Esta lista das maneiras de manejar é usada em conjunto com os itens verificados, pois fornece o modo de tratá-los.

Recorra aos materiais de referência para obter dados adicionais sobre como lidar com um TA falso.

L. RON HUBBARD

Fundador



GABINETE DE COMUNICAÇÕES HUBBARD

Solar de St. Hill, Grinstead Oriental, Sussex,

HCOB DE 5 DE AGOSTO DE 1978

REMIMEO

Refs:

HCOB 28 Fevereiro 71 Série C/S 24 MEDIR ITENS REAGENTES

HCOB 8 78 de Abril UMA F/N É UMA LEITURA

Essenciais do E-metro, pág. 17 (R/S)

HCOB 18 Jun. 78 NED Série 4 VERIFICAÇÃO E COMO OBTER O ITEM

REAÇÕES INSTANTÂNEAS

A definição correta de reação instantânea é:

AQUELA REAÇÃO DA AGULHA QUE OCORRE NO EXATO FINAL DE QUALQUER PENSAMENTO PRINCIPAL PROFERIDO PELO AUDITOR.

Todas as definições que declaram que a reação se produz frações de segundos após a pergunta ser feita, estão canceladas.

Assim, uma reação instantânea que ocorre quando o auditor faz a verificação dum item, ou faz uma pergunta, é válida e deve ser considerada e reações latentes ocorrendo frações de segundo após o pensamento principal são ignoradas.

Além disso, ao procurar reações enquanto se faz a clarificação dos comandos ou quando o pc está a originar itens, o auditor deve anotar somente as reações que ocorrerem no momento exato em que o pc termina o enunciado do item ou comando.

L. RON HUBBARD

Fundador



GABINETE DE COMUNICAÇÕES HUBBARD
SOLAR DE ST. HILL, GRINSTEAD ORIENTAL, SUSSEX,
HCOB DE 4 DE DEZEMBRO DE 1977

LISTA DE VERIFICAÇÃO PARA PREPARAR SESSÕES E UM E-METRO

A seguinte lista foi organizada a fim de evitar constantes interrupções para ir buscar dicionários, listas preparadas, etc., etc., e no interesse vital de manter o pc tranquilamente em sessão, interessado no seu próprio caso e disposto a falar com o auditor.

O auditor deve exercitar-se nesta lista de verificação até tê-la apreendido completamente, sem precisar de recorrer a ela.

A. ANTES DA HORA MARCADA PARA A SESSÃO:

1. Nota de pagamento do pc _____
2. Pastas do pc:
 2. a) Atuais _____
 2. b) Anteriores _____
3. Estudo por parte do auditor da pasta do pc _____
4. Sumário de Erros de Pasta _____
5. C/S para a sessão _____
6. Quaisquer ações de 'Cramming' a respeito do C/S _____

B. MARCAÇÃO:

7. Tempo suficiente para fazer a sessão _____
8. MARCAÇÃO DA HORA (feita pelo auditor ou Serviços Técnicos) _____
9. Quadro de Compromissos (auditor, pc, sala, hora) _____

C. PREPARAÇÃO DA SALA:

10. Limpeza da sala _____
11. Ausência de odores _____
12. Temperatura da sala resolvida _____
13. Fazer avisos de silêncio para a zona e para a entrada _____
14. Avisos de silêncio colocados _____
15. Conhecimento de onde fica o WC _____
16. Mesa de tamanho certo, firme, sem ranger _____
17. Mesa lateral _____



- 18. Luz adequada se a sala ficar escura _____
- 19. Lanterna para o caso de faltar a luz _____
- 20. Relógio silencioso _____
- 21. Cobertor, para o caso do pc sentir frio _____
- 22. Ventilador ou Ar Condicionado para o caso do pc sentir calor demais _____

D. MATERIAL DE AUDIÇÃO:

- 23. Papel para Folhas de Trabalho e listas _____
- 24. Esferográficas ou lápis _____
- 25. Kleenex _____
- 26. Antitranspirante, para palmas suadas _____
- 27. Creme para mãos, para palmas secas _____
- 28. Dicionários, incluindo o Técnico, o de Admin. e um não-abreviado da língua em causa. _____
- 29. Gramática _____
- 30. Material de audição, Formulários de Assessment Original, listas preparadas, inclusive as que poderão ser necessárias ao lidar com outras listas preparadas. _____
- 31. E-Metro _____
- 32. Metro sobresselente _____
- 33. Verificação preliminar de carga e condição operacional do metro _____
- 34. Anteparo do metro (para encobri-lo da vista do pc) _____
- 35. Aviso 'Em Sessão' para a porta _____
- 36. Fios extras para o metro _____
- 37. Latas de tamanhos diferentes _____
- 38. Um saco de plástico para cobrir uma lata, no caso dos pcs que encostam uma lata à outra _____
- 39. Conclusão da preparação da sala para a sessão _____

E. ENTRADA DO PC NA SALA DE AUDIÇÃO:

- 40. Aviso de 'Em sessão' pendurado na porta _____
- 41. Campainha do telefone desligada _____
- 42. Colocação do pc na cadeira _____
- 43. Verifique com o pc se a cadeira é confortável; resolver _____
- 44. Ajuste da cadeira do pc _____
- 45. Verificar se as roupas ou sapatos estão apertados; resolver _____
- 46. Verificar com o pc se a sala está satisfatória; resolver _____



F. AJUSTE DO METRO PARA A SESSÃO:

47. Verificar o Teste (quanto à carga) _____
48. Ver que a agulha não esteja a dançar ou a auditar sozinha _____
49. Certifique-se que $2.0 = 2.0$ pelo botão calibrador _____
50. Colocar a ficha no metro _____
51. Verificar a calibragem pela resistência de calibragem
colocada nas fichas crocodilo _____
52. Colocar a agulha no 'Set' _____
53. Colocar o pc nas latas _____
54. Ajustar a sensibilidade do pc para uma queda
de 1/3 do mostrador através do aperto das latas _____
55. Percorrer a Lista de Correção de TA Falso, se necessário,
incluindo mudança de latas, creme e antitranspirante _____
56. Fazer o pc inspirar fundo, aguentar o ar por um momento e
soltá-lo pela boca, para ver se a agulha produz uma queda
retardada (que é o que deveria acontecer) _____
57. Verificar se o pc dormiu o suficiente _____
58. Certificar-se de que o pc comeu e não está com fome _____
59. Perguntar se há alguma razão para não começar a sessão _____

G. COMEÇAR A SESSÃO:

L RON HUBBARD

Fundador



F.- DADOS SOBRE F/N

GABINETE DE COMUNICAÇÕES HUBBARD

Solar de St. Hill, Grinstead Oriental, Sussex,

HCOB DE 21 JULHO DE 1978

Remimeo

Todos os Auditores

Todos os C/Ses

Todos os Clarificadores de Palavras

Toda as Checksheets de Tech

O QUE É UMA AGULHA FLUTUANTE?

Uma agulha flutuante é uma varrida rítmica do quadrante a passo lento e regular da agulha.

É isto que é um F/N. Nenhuma outra definição é correta.

L. RON HUBBARD

Fundador



GABINETE DE COMUNICAÇÕES HUBBARD

Solar St. Hill, Grinstead Oriental, Sussex,

HCOB de 20 DE FEVEREIRO DE 1970

Remimeo

Checksheet Dn

Checksheet Classe VIII

AGULHAS FLUTUANTES E FENÓMENOS FINAIS

Pode acontecer, de vez em quando, que um preclaro proteste por causa de agulhas flutuantes.

O preclaro sente que havia mais a fazer e, no entanto, o auditor diz: “a tua agulha está a flutuar”.

Isto é às vezes tão mau que, nas revisões de Cientologia, tem de se fazer Prepcheck ao item “agulhas flutuantes”.

Pode ser agitada uma porção de BPC = (carga ultrapassada) o que provoca quebras de ARC no Pc (aborrece, perturba).

A razão pela qual as agulhas flutuantes podem causar perturbação é que o auditor não compreendeu um assunto chamado FENÓMENOS FINAIS.

A definição de FENÓMENOS FINAL é: "aqueles indicadores do preclaro e do e-metro que mostram que uma cadeia ou um processo está terminado. Isto mostra, em Dianética, que o básico daquela cadeia e daquele fluxo foi apagado e, em Cientologia, que o preclaro ficou liberto no processo que está a ser feito. Pode-se iniciar um novo processo ou um novo fluxo, é claro, quando os FENÓMENOS FINAIS do processo anterior são obtidos.

DIANÉTICA

As agulhas flutuantes são apenas UM QUARTO DOS FENÓMENOS FINAIS de toda a audição de Dianética.

Qualquer audição de Dianética abaixo de Poder tem QUATRO REAÇÕES EXATAS NO PRECLARO QUE MOSTRAM QUE O PROCESSO ESTÁ TERMINADO.

1. Agulha Flutuante.
2. Cognição.
3. Muito bons indicadores (preclaro feliz)
4. Apagamento da última imagem da cadeia.

Os auditores ficam em pânico em relação a O/R. Se ultrapassar os Fenómenos Finais, a F/N para e o TA sobe.

Mas isso é se ultrapassar todas as quatro partes dos fenómenos finais, não uma agulha flutuante.

Se, quando ela começa a flutuar, observar a agulha atentamente sem dizer nada a não ser apenas os comandos de R3R, verificar-se-á que:

1. Ela começa a flutuar um pouco;



2. O preclaro tem a cognição (isto é, "quer saber uma coisa? então não é que aquele..."), e ela flutua mais;
3. Aparecem muito bons indicadores e a flutuação fica quase do tamanho do mostrador.
4. Ao interrogar o Pc fica a saber que a imagem se apagou e a agulha varre agora todo o mostrador.

Estes são os Fenómenos Finais completos de Dianética.

Se o auditor vê uma flutuação a começar (como em 1) e diz: "gostaria de te indicar que a tua agulha está a flutuar", pode perturbar o banco do Pc.

Ainda existe carga. Não foi permitido ao preclaro ter a cognição. Os VGIs é claro que não aparecerão e um pedaço de imagem ainda lá ficou.

A indicação prematura do auditor ao preclaro, devida à sua impetuosidade, a ter medo de O/R ou apenas a precipitação, impede o Pc de obter três quartos dos Fenómenos Finais.

CIENTOLOGIA

Tudo isto também se aplica à audição de Cientologia.

Todos os processos de Cientologia abaixo de Poder têm os mesmos fenómenos finais.

Os Fenómenos Finais de Cientologia de 0 a IV são:

- A. Agulha Flutuante;
- B. Cognição;
- C. Muito bons indicadores;
- D. Libertação.

O preclaro não deixa de passar por essas quatro etapas, SE LHE FOR PERMITIDO FAZÊ-LO.

Como a audição de Cientologia é mais delicada do que a audição Dianética, pode ocorrer mais facilmente um O/R (a F/N desaparece e o TA sobe, requerendo reabilitação). Assim sendo, o auditor tem de estar mais alerta. Mas isso não é desculpa para decepar três das etapas dos fenómenos finais.

O mesmo ciclo da F/N ocorrerá se for dada uma oportunidade ao Pc. Em A obtém-se uma F/N incipiente, em B uma ligeiramente mais ampla, em C ainda mais ampla e, em D a agulha *está* realmente a flutuar com largueza.

"Gostaria de te indicar que a tua agulha está a flutuar" pode interromper o Pc. É também um falso relatório se não estiver a flutuar amplamente e se não continuar a flutuar.

Os Pcs que saem da sessão a flutuar e chegam ao Examinador sem F/N, ou que acabam por não chegar à sessão com uma F/N, foram mal auditados. A forma menos visível de má audição é o corte da F/N, conforme descrito neste parágrafo. A maneira mais óbvia é fazer O/R no processo. (Auditar o preclaro após ele ter exteriorizado também dará um TA alto no Examinador).

Em Dianética, é frequentemente necessário mais uma passada pelo incidente para obter os Fenómenos Finais 1, 2, 3, 4 acima.

Eu sei que diz no Código do Auditor para não ir além de uma F/N. Talvez isso devesse ser modificado para "uma F/N realmente ampla". Aqui põe-se a questão: de que largura é uma F/N? No entanto, o problema NÃO é difícil.

Eu sigo esta regra: nunca perturbo nem interrompo um preclaro que ainda está a olhar para dentro. Por outras palavras, eu nunca puxo a sua atenção para o auditor. Afinal de contas é do caso dele que estamos a tratar, e não das minhas ações como auditor.

Quando vejo uma F/N começar ponho-me à espera da cognição do Pc. Se esta não vem dou-lhe o comando seguinte. Se ainda não aparece dou o comando seguinte, etc. Então, obtenho a cognição e calo a



boca. A agulha flutua mais amplamente, aparecem indicadores muito bons (VGIs) e a F/N abrange todo o mostrador. A habilidade real está em saber quando não dizer mais nada.

Então, com o preclaro todo resplandecente, com todos os Fenómenos Finais à vista (F/N, cog., VGIs, apagamento ou libertação, dependendo se é Dn ou Scn), eu digo, como que concordando com o preclaro: "A tua agulha está a flutuar".

Singularidade Dianética

Sabia que pode repassar uma imagem meia dúzia de vezes, a F/N a ficar cada vez mais larga e mais larga, sem o preclaro ter a cognição? Isto é raro, mas pode acontecer uma vez em cem. A imagem ainda não se apagou. Pedacos dela parecem continuar a surgir. Então apaga-se de todo e pronto: 2, 3 e 4 ocorrem. Isto não é *remoer*, é esperar que uma F/N se alargue até à cognição.

O preclaro que se queixa das F/Ns está a indicar, na verdade, um problema errado. O problema real foi o auditor distrair o preclaro da cognição ao chamar a sua atenção para ele e para o e-metro um pouco prematuramente.

O preclaro que ainda está a olhar para dentro fica perturbado quando a sua atenção é atraída bruscamente para fora. Nesse momento é deixada carga na área. Um preclaro a quem são negados os Fenómenos Finais completos com demasiada frequência, começará a recusar audição.

A despeito disto tudo, ainda assim não se deve fazer O/R nem fazer o TA subir. Mas em Dianética um apagamento não deixa nada que faça subir o TA!

O problema é pior para o auditor de Cientologia, pois pode fazer O/R mais facilmente. Existe o risco de voltar a meter o Pc no banco. Assim, o problema é mais de Cientologia, do que de Dianética.

Mas TODOS os auditores devem compreender que os FENÓMENOS FINAIS de audição bem-sucedida não são apenas a F/N, mas que há mais três requisitos que um auditor pode omitir por engano.

O que marca o verdadeiro VIRTUOSO (mestre) em audição é a sua habilidade para lidar com a agulha flutuante.

L. RON HUBBARD

Fundador

[Este HCO B é referido no HCO B 21 de Março 1974, Fenómenos Finais, Volume VIII, pág. 272.]



GABINETE DE COMUNICAÇÕES HUBBARD

Solar de St. Hill, Grinstead Oriental, Sussex,

HCOB de 8 de OUTUBRO de 1970

Remimeo
C/Ses
Todos os Auditores
Nível 0
Checksheet do HGC

Série 20 do C/S

F/N PERSISTENTE

Uma AGULHA FLUTUANTE pode *persistir*.

Este facto diz-nos de imediato porque é que não se podem fazer três ações principais seguidas no espaço de dez minutos.

Este foi o "gato" que esteve na origem dos "Graus à Pressa" (0 a IV numa sessão. Também ocorreu em Poder, quando este era feito todo num só dia). O auditor poderia ter obtido uma F/N fidedigna de mostrador inteiro. O Pc estava ainda a ter cognições, ainda mergulhado numa grande vitória. O auditor passava à "clarificação do comando do processo seguinte" e via uma F/N. Avançava então para a "clarificação do comando do processo seguinte" e ainda via uma F/N.

MAS ERA A MESMA F/N!

O resultado foi que os processos 2 e 3 NUNCA FORAM AUDITADOS NO CASO.

É isto, realmente, o que se entende por "Graus à Pressa".

Em 1958 obtivemos verdadeiros Libertos. Durante *dias* e semanas não se conseguia destruir a F/N.

Vários processos tinham este efeito. O Clear verdadeiro de hoje em dia também funciona assim. Não consegue "matar" a F/N "nem à machadada.

Quando, por exemplo, se auditam muitos processos do Nível Zero, pode obter-se uma F/N, oscilante e imbatível.

Ela não só vai até ao Examinador como chega ao início da sessão do dia seguinte!

Agora, se fizessemos todo o Nível Zero numa sessão e se passássemos para o Nível Um, estaria simplesmente a *auditar-se uma F/N persistente*. O Pc não obteria absolutamente qualquer benefício do Nível Um. Ele ainda estaria no "Oh!" do Nível Zero.

Se fizessemos o Nível Zero com um processo que desse uma enorme F/N e a seguir "auditássemos" os Níveis I, II, III e IV, seria apenas um Liberto do Nível Zero. O banco do Pc não estaria em nenhum lugar onde pudesse ser encontrado. Assim, na semana seguinte ele teria problemas (Nível I); ou um Fac-símile de Serviço (Nível IV); seria apenas um Grau Zero; no entanto, no livro de registos do Departamento de Certificados constaria que ele era um Grau IV. Assim, teríamos agora um "Grau IV" que teria dificuldades de Nível I, II, III e IV!

Uma sessão que tenta ir além duma grande F/N que desliza pelo mostrador inteiro, distrai simplesmente o Pc da sua vitória, da sua GRANDE VITÓRIA.

Qualquer *grande vitória* (F/N de mostrador inteiro, Cog, VGIs) dá-lhe esta espécie de F/N persistente.

Devemos, pelo menos, deixá-la chegar até ao dia seguinte e deixar o Pc ter a sua vitória.



É isso que quer dizer deixar o Pc ter a sua vitória. Quando se obtém uma dessas F/Ns de mostrador inteiro, Cog, VGIs e de aclamações de alegria, pode-se encerrar o expediente por aquele dia.

ALARGAMENTO GRADUAL

Ao trabalhar uma cadeia de Dianética em fluxo triplo até ao básico, vê-se, às vezes, numa sessão: uma F/N de 1/2 mostrador no Fluxo 1, de 3/4 de mostrador no Fluxo 2 e uma F/N de mostrador inteiro no Fluxo 3.

Numa sessão pode haver quatro assuntos para tratar com 2 WC ou Prepcheck. Na primeira ação surge uma F/N de 1/3 de mostrado que depois para e o TA sobe. Na segunda ação obtém uma F/N de 1/2 mostrador que para a seguir. Na terceira ação a F/N é de 3/4 de mostrador. Na quarta ação, a F/N é vária, oscilante, flutuante por todo o mostrador.

Também notará na mesma sessão que a primeira ação leva muito tempo e que as três seguintes levarão cada vez menos.

Tem agora uma F/N que, seja o que for que tente percorrer, continuará simplesmente a flutuar, SEM AFETAR ABSOLUTAMENTE NADA O CASO.

Se auditar por cima disto, será uma perda de tempo e de processos.

Tombou sobre uma "F/N indestrutível", devidamente chamada F/N persistente. É persistente pelo menos durante esse dia. O que for feito a mais é um desperdício.

Se o auditor nunca viu isto, então é melhor fazer TR 0 de provocação durante 2 horas seguidas sem falhas até ficar plano e exercitar as partes fracas dos outros TRs. Porque isto é o que é suposto acontecer.

A F/N de Pcs auditados (naquela sessão) até F/N persistente, chega sempre ao Examinador.

Se ela é apenas uma "pequena F/N", não chegará ao Examinador. Entretanto, em alguns Pcs, talvez isso seja suficiente. Pode levar-lhe várias sessões, obtendo em cada uma, uma F/N final cada vez mais ampla. Finalmente consegue uma F/N que chega ao Examinador. Depois disto, se for continuamente bem auditado, a F/N dura cada vez mais.

Um dia o Pc vem para sessão com uma F/N oscilante, flutuando por todo o mostrador e qualquer coisa que faça ou diga não perturba de modo algum essa F/N.

É uma verdadeira Libertação, meu caro. Pode durar semanas, meses, anos.

Diga então ao Pc para voltar quando sentir que precisa de audição e anote as horas restantes não utilizadas (se vendidas), ou, se vendido pelo resultado, divulgue o resultado.

Se a F/N for verdadeiramente persistente, ele não terá nenhuma objeção. Se não for, ele objetará. Se for o caso faz o Pc voltar no dia seguinte e continuar o que quer que estivesse a fazer.

SUMÁRIO

O "gato" técnico que esteve por trás dos "Graus à Pressa" ou do "Poder à Pressa" foi a F/N Persistente.

Não deve ser confundida com a agulha Fase Quatro (sobe, para, desce, sobe, para, desce) ou com uma agulha de Quebra de ARC (o Pc com Maus Indicadores enquanto a agulha flutua).

Isto não deve ser usado para recusar qualquer audição adicional ao Pc.

Deve ser usado para determinar quando encerrar uma série de ações principais numa sessão.

L. RON HUBBARD

Fundador

LRH:rr.rd



GABINETE DE COMUNICAÇÕES HUBBARD

Solar de St. Hill, Grinstead Oriental, Sussex,

HCOB de 10 de DEZEMBRO de 1976RB

Rev.7.7.78

Re-rev. 18.9.78

Remíneo
Todos os Auditores
Todos os Estagiários
Supervisores
Todos os C/Ses

URGENTE - IMPORTANTE

C/S Série 99RA

F/N DE CIENTOLOGIA E POSIÇÃO DO TA

Através de tecnologia verbal agora localizada descobriu-se que alguns auditores receberam ordens para desconsiderarem as F/Ns acima de 3.0 ou abaixo de 2.0. no e-metro.

Também houve auditores que anunciaram F/Ns que eram agulhas de Quebra de ARC, indicando-as falsamente ao Pc.

Estas duas ações, as de não levar em conta F/Ns autênticas por o TA não estar entre 2 e 3, e anunciar "F/Ns" que não eram senão F/Ns de Quebra de ARC, perturbaram muitos Pcs.

As incorreções aqui são:

- A.** Não considerar os indicadores do Pc como o mais importante;
- B.** Não notar os indicadores do Pc ao anunciar uma F/N e,
- C.** Ignorar e dar menor importância à tecnologia de TAs Falsos.

(Veja lista de referências no fim deste HCOB ou o índice de assuntos dos Volumes de HCOBs)

Os auditores foram até levados a falsificar folhas de trabalho (dando o TA dentro do âmbito quando de facto não estava, ao anunciarem uma F/N) porque poderiam "ter problemas" por anunciarem uma F/N fora do âmbito, tal como 1.8 ou 3.2.

O procedimento CORRETO para F/Ns fora de âmbito é:

1. Observar os indicadores do Pc;
2. Anunciar a F/N, independentemente do seu âmbito;
3. Anotar a posição REAL do TA;
4. Resolver o TA Falso na primeira oportunidade quando não interferir com o corrente ciclo de audição em que o Pc está. (Não se interrompe, por exemplo, uma R3RA Quad para tratar um TA Falso. Completa-se e, sob a direção do C/S, maneja-se depois o TA Falso).
5. Em qualquer Pc suspeito de F/Ns ignoradas por causa de TA Falso, obter um C/S para reparação e reabilitação deste erro.

As latas do E-metro podem influenciar ou mudar a posição do TA quando as palmas das mãos estão demasiado secas ou demasiado húmidas, quando essas latas são demasiado grandes ou demasiado pequenas, ou quando é usado um creme inadequado para as mãos. O E-metro não reage somente à humidade da



mão, conforme o pessoal de eletrônica acreditou durante muito tempo. Mas é que o TA depende da resistência das palmas das mãos, fios e e-metro à corrente elétrica, assim como da resistência principal que acontece vir das massas mentais ou da falta delas.

Dizer simplesmente a um Estagiário que "não considere uma F/N fora do âmbito correto" é prepará-lo para perdas, levando o Pc ao desastre. A informação correta é que, uma F/N que não está dentro do âmbito, é acompanhada por indicadores do Pc que mostram se é uma F/N ou não. ALÉM DISSO também indicam que será melhor tratar desse TA Falso depressa, uma vez que esse facto não interrompa o ciclo em curso. TAMBÉM se anota o TA quando ocorre a F/N a fim de o C/S poder dar o C/S para o manejo do TA Falso.

No caso de aparecer uma agulha de Quebra de ARC (que se parece com uma F/N), quer esteja dentro ou fora do âmbito (de 2.0 a 3.0, ou abaixo de 2.0 ou acima de 3.0). OLHE para o Pc e determine os indicadores antes de anunciar uma F/N falsa. Um Pc quase a chorar NÃO está a flutuar e, se for indicada uma F/N a esse Pc, isso irá aumentar a Quebra de ARC e reprimirá uma carga emocional pronta a sair.

REPARAÇÃO

Quando os assuntos acima não foram completamente compreendidos e tendo ocorrido erros com os Pcs, deve presumir-se que:

1. Os auditores falsificaram as suas folhas de trabalho quanto à posição do TA, acumulando, desse modo, contensões, e ficando assim com tendência para se afastarem;
2. Todo o Pc que já teve problemas devido a TA alto ou baixo teve F/Ns não consideradas como tal e F/Ns de Quebra de ARC mal indicadas;
3. Todos os Estagiários e Auditores devam estudar e exercitar este Boletim;
4. Deve ser feito um breve programa de limpeza de F/Ns desconsideradas e F/Ns de Quebra de ARC mal anunciadas, para cada Pc;
5. Cada um desses Pcs seja considerado em dificuldades relativas a TA Falso e precise de um C/S para o manejar e corrigir;
6. Todos os Auditores e Estagiários devam ser exercitados em todos os HCOBs relativos a indicadores de Pcs.

AMOSTRA DE C/S DE LIMPEZA

Não considere a posição do TA; use apenas F/Ns e indicadores do Pc ao fazer este C/S.

1. Descobriu-se que algumas das tuas F/Ns (pontos de libertação) podem não ter sido consideradas por auditores passados ou presentes.
2. Alguma vez sentiste que uma F/N (ponto de libertação ou fim de ação) foi ultrapassada no teu caso?
3. Encontrar e reabilitar, até F/N, o *Overrun* do ponto de libertação. Verificar se houve outras F/Ns ultrapassadas e reabilitá-las.
4. Alguma vez sentiste que uma F/N não devia ter sido indicada pelo auditor?
5. Localizar o ponto, introduzir o botão "suprimido" e completar a ação. Verificar: "há quaisquer outras F/Ns que o auditor não deveria ter indicado, e indicou?" e manejar conforme acima.
6. Descobrir e resolver as Quebras de ARC ultrapassadas, com o manejo de Quebras de ARC.
7. Localizar e resolver, por completo, o TA Falso.

F/Ns DE DIANÉTICA

Quando faz R3RA, o auditor não anuncia uma F/N sem ter sido alcançado o EP total de Dianética.



Ao fazer R3RA o auditor não está à procura de F/Ns. Ele está à procura do postulado localizado no fundo da cadeia que está a ser auditada.

O EP duma cadeia de Dianética é sempre, sempre, sempre *a saída do postulado*.

O postulado é o que mantém a cadeia no lugar. Solta-se o postulado e a cadeia desaparece. É tudo.

O auditor deve: reconhecer o postulado quando o Pc o apresenta, verificar os VGIs, anunciar a F/N e dar por terminada a audição daquela cadeia.

Uma F/N que aparece enquanto o incidente se está a apagar não se anuncia.

O Pc não precisa de declarar que o incidente se apagou. Quando o postulado se apresenta, o incidente apagou-se. O auditor verá uma F/N e VGIs. SÓ AGORA é que a F/N é anunciada. Não se anunciam F/Ns antes do EP “postulado fora, F/N e VGIs” ser atingido.

É do postulado, e não da F/N, que andamos à procura na Nova Era Dianética.

F/Ns DOS PROCESSOS DE PODER

Em Poder não se consideram as F/Ns.

Cada Processo de Poder tem os seus próprios Fenómenos Finais e só termina quando estes são obtidos.

BOLETINS DE REFERÊNCIA PARA TA FALSO

- | | |
|--------------------|--------------------------------------|
| 1. HCOB 24/10/71R | TA FALSO |
| 2. HCOB 15/2/72R | TA FALSO - ADIÇÃO 2 |
| 3. HCOB 12/11/71RA | TA FALSO - ADIÇÃO |
| 4. HCOB 18/2/71RI | TA FALSO - ADIÇÃO 3 |
| 5. HCOB 21/1/77RA | LISTA DE VERIFICAÇÃO DE TA FALSO |
| 6. HCOB 23/11/73RA | MÃOS SECAS E HÚMIDAS CAUSAM TA FALSO |
| 7. HCOB 23/4/75R | CREME EVANESCENTE E TA FALSO |

BOLETINS SOBRE INDICADORES DO PC

- | | |
|------------------------|---|
| 1. HCOB 29/7/84 | BONS INDICADORES EM NÍVEIS MAIS BAIXOS |
| 2. HCOB 28/12/63 | INDICADORES, PARTE UM, BONS INDICADORES |
| 3. HCOB 23/5/71R | RECONHECIMENTO DA CORREÇÃO DE UM SER |
| Emissão VIII-R 4.12.74 | |
| 4. HCOB 22/9/71 | AS TRÊS REGRAS DE OURO PARA O C/S LIDAR COM AUDITORES |
| 5. HCOB 21/10/68R | AGULHA FLUTUANTE |

L. RON HUBBARD

Fundador



G.- O CICLO DE COMUNICAÇÃO EM AUDIÇÃO

GABINETE DE COMUNICAÇÕES HUBBARD

Solar de St. Hill, Grinstead Oriental, Sussex,

HCOB DE 5 DE ABRIL DE 1973

Reemitido e reinstalado 25.5.86

(Este HCOB foi incorretamente revisto por outro no dia 24 de Setembro de 1980, adicionando dados que não pertencem ao Axioma 28. Essa emissão, HCOB 5 Abr. 73R, Rev. 24.9.80, AXIOMA 28 EMENDADO, É por este CANCELADA. O HCOB original de 5 de Abril de 1973, AXIOMA 28 EMENDADO, e por este meio reemitido).

AXIOMA 28 EMENDADO

AXIOMA 28.

COMUNICAÇÃO É A CONSIDERAÇÃO E AÇÃO DE ENVIAR UM IMPULSO OU PARTÍCULA DE UM PONTO DE ORIGEM, ATRAVÉS DE UMA DISTÂNCIA, ATÉ UM PONTO DE RECEÇÃO, COM INTENÇÃO DE TRAZER À EXISTÊNCIA NO PONTO DE RECEÇÃO UMA DUPLICAÇÃO E COMPREENSÃO DAQUILO QUE EMANOU DO PONTO DE ORIGEM.

A fórmula da Comunicação É: Causa, distância, Efeito, com intenção, atenção e duplicação COM COMPREENSÃO.

As partes componentes da Comunicação são Consideração, Intenção, Atenção, Causa, Ponto de Origem, Distância, Efeito, Ponto de Recepção, Duplicação, Compreensão, a Velocidade do impulso ou partícula, Nada ou Algo. Uma não Comunicação consiste de Barreiras. Barreiras consistem de Espaço. Interposições (como paredes e Écrans de partículas em movimento rápido) e Tempo. Uma comunicação, por definição, não tem de ser nos dois sentidos.

Quando uma Comunicação É retornada, a fórmula É repetida, com o ponto de recepção tornando-se agora um ponto de origem e o ponto de origem anterior tornando-se agora o ponto de recepção.

L. RON HUBBARD

Fundador



GABINETE DE COMUNICAÇÕES HUBBARD
SOLAR DE ST. HILL, GRINSTEAD ORIENTAL, SUSSEX,
HCOB DE 23DE MAIO DE 1971R
Emissão I

A MAGIA DO CICLO DE COMUNICAÇÃO

Se você examinar a comunicação, verificará que a magia da comunicação é praticamente a única coisa que faz a audição funcionar.

O Thetan, neste universo, começou a considerar-se MEST e começou a considerar-se massa, e o ser que se considera massa, responde, obviamente, às leis da eletrônica e às leis de Newton. Na verdade, é incapaz de originar muito ou "as-isar" muito.

Um indivíduo considera-se MEST ou massudo e, portanto, tem de ter um segundo terminal. Um segundo terminal é necessário para descarregar a energia.

Temos aqui dois polos. Temos um auditor e um pc e, enquanto o auditor audita e o pc responde, temos um intercâmbio de energia do ponto de vista do Pc.

Muitos auditores pensam estar a ser um segundo terminal ao ponto de apanharem os somáticos e doenças do Pc. Não há, de facto, nenhuma espécie de retorno de fluxo atingindo o auditor, porém se ele estiver tão convencido de ser MEST, ligará somáticos, fazendo eco do Pc. Na verdade, nada atinge o auditor; terá de ser criado (mock-up) ou imaginado por ele.

Em essência, estabeleceu-se um sistema de dois polos e isso ocasionou o desaparecimento da massa.

Não é queima de massa, é o desaparecimento da massa e, por isso, não há nada a atingir o auditor.

Assim sendo, é essa a essência da situação. A magia envolvida na audição está contida no ciclo de comunicação de audição. Vê-se agora que se está a lidar com o INTERCÂMBIO SUAVE ENTRE ESSES DOIS POLOS.

Quando você observar dificuldades em audição, compreenda estar simplesmente a lidar com dificuldades do ciclo de comunicação; quando você próprio, como auditor, não permite UM INTERCÂMBIO SUAVE ENTRE VOCÊ COMO TERMINAL E O PC COMO TERMINAL, E O PC COMO TERMINAL DE VOLTA PARA VOCÊ, não obtém o desaparecimento da massa. Assim sendo, não consegue movimento do TA.

Parte da proeza é, certamente, o que tem de desaparecer e como proceder, mas chamamos a isso técnica - qual o botão a apertar. Verificamos, estranhamente, que se o auditor é verdadeiramente capaz de tornar o Pc disposto a falar-lhe, não tem de acertar num botão para obter movimento de TA. (Basicamente, não pode fazer o Pc ter movimento de TA porque não existe um ciclo de comunicação).

A pessoa que continuamente faz questão duma nova técnica está a descuidar a ferramenta básica da audição, que é o ciclo de comunicação em audição.

Quando o ciclo de comunicação não existe numa sessão de audição temos a terrível combinação do grave delito de tentar fazer uma técnica funcionar sem que possa ser ministrada, por falta do ciclo de comunicação para ministrá-la.

Audição básica, é assim chamada por vir ANTES da técnica.



Tem que haver um ciclo de comunicação antes que a técnica possa existir.

A entrada fundamental no caso não é ao nível da técnica, mas ao nível do ciclo de comunicação.

Comunicação é simplesmente um processo de familiarização baseado em avançar e recuar (ou tocar e largar).

Quando fala a um pc você está a avançar (ou a tocar). Quando para de falar, você está a recuar (ou a largar). Quando ele o ouve, está nesse momento a recuar um pouquinho, mas a seguir vem na sua direção (ou toca-o) com a resposta.

Você vê-o num recuo enquanto está a raciocinar. Em seguida, alcança a razão. Aí, alcançará o auditor com a razão e dirá o que foi.

Você faz um intercâmbio do pc para o auditor e vê-o refletido no E-Metro porque esse intercâmbio está agora produzindo dissolução de energia.

NA AUSÊNCIA DESSA COMUNICAÇÃO NÃO SE OBTÉM REAÇÃO DO E-METRO.

Assim sendo, O PONTO FUNDAMENTAL DA AUDIÇÃO É O CICLO DE COMUNICAÇÃO. É o fundamento da audição e é realmente a grande descoberta da Dianética e da Cientologia.

É uma descoberta tão simples, mas percebe-se que ninguém sabia nada a esse respeito.

L. Ron Hubbard

Fundador



GABINETE DE COMUNICAÇÕES HUBBARD

Solar de St. Hill, Grinstead Oriental, Sussex,

HCOB DE 23 DE MAIO DE 1971R-II

AS DUAS PARTES DA AUDIÇÃO

Tirado de uma gravação de LRH de 2/7/64: "O/W Modernizado e Revisto"

Para poder fazer algo por alguém tem que ter uma linha de comunicação com ele.

As linhas de comunicação dependem da realidade, da comunicação e da afinidade. Quando um indivíduo é demasiadamente exigente, a afinidade tende a diminuir ligeiramente.

O processamento compreende duas etapas:

1. Entrar em comunicação com o que estão a tentar processar;
2. Fazer alguma coisa *por* ele.

Há muitos Pcs que andam por aí entusiasmados com o auditor o qual não fez nada *por* eles. Tudo o que aconteceu foi ter sido estabelecida uma grande linha de comunicação com o Pc e isso é tão novo e tão estranho, que ele considera ter ocorrido um milagre.

Ocorreu um milagre, mas neste exemplo particular, o auditor negligenciou totalmente a *razão* de, em primeiro lugar, ter estabelecido aquela linha de comunicação. Primeiro que tudo, ele estabeleceu-a para fazer algo pelo Pc.

Muitas vezes o auditor confunde o facto de ter estabelecido uma linha de comunicação e a reação do Pc a este facto, com ter *feito* algo pelo Pc.

Existem duas fases.

1. Estabelecer uma linha de comunicação.
2. Fazer algo pelo Pc.

Estas são as duas fases distintas. É assim como (1) Andar até ao autocarro e (2) Ir fazer uma viagem. Se não fizerem a viagem *nunca* irão a lugar nenhum.

É muito delicado e não deixa de ser importante ser capaz de comunicar com um ser humano nunca antes tocado pela comunicação. É bem notável, e é um feito tão notável que para alguns parece ser o fim de toda a Cientologia.

No entanto, vemos que isso é apenas ir até ao autocarro. Agora, temos de *ir* a qualquer lugar.

Qualquer perturbação que o indivíduo tenha, está tão instável, tão delicadamente equilibrada, que é difícil de se manter de pé. *Não é difícil ficar-se bem*. É muito duro permanecer maluco. A pessoa tem de trabalhar para isso.

Se a sua linha de comunicação for *muito* boa e *muito* suave, se a sua disciplina de audição for *perfeita* de modo a não perturbar esta linha de comunicação e se tivesse acabado de fazer uma intromissão com uma importância não maior do que dizer algo como: "o que é que estás a fazer de sensato e por que é que é sensato?", e se mantiver sempre alta a linha de comunicação e uma grande afinidade com o Pc e se fizer isso com perfeita disciplina, verá mais aberração a despedaçar-se por centímetro quadrado do que jamais imaginou que fosse possível existir.

Bem, é isso o que quero dizer quando digo *fazer algo pelo Pc*.



É preciso auditar bem, ter uma disciplina *perfeita* e *aplicar* o ciclo de comunicação. Não quebre o ARC do Pc e *acabe* os seus ciclos de ação.

Tudo isto é simplesmente uma entrada. A disciplina da Cientologia torna isto possível, e uma das razões pela qual outros campos da mente nunca avançaram, não conseguindo nunca uma aproximação, foi devido a não poderem comunicar com ninguém.

Assim sendo, esta disciplina é *importante*.

É a escada que sobe até à porta e se não se chegar à porta, não se pode fazer nada.

A disciplina perfeita de que falamos, *o ciclo de comunicação perfeito*, a presença perfeita do auditor, a leitura perfeita do e-metro, todas essas coisas são apenas para levarem ao estado de *poder* fazer algo por alguém.

Então, quando você é realmente vagaroso a adquirir a disciplina, realmente vagaroso a aprender a manter o ciclo de comunicação, quando é fraco no assunto, está ainda a 10kms da festa. Nem sequer está ainda a assistir a ela.

O que deseja poder fazer é auditar *perfeitamente*. Quer dizer, manter um ciclo de comunicação, ser capaz de chegar perto do Pc, ser capaz de falar ao Pc e *manter* o ARC. Fazer o Pc *responder* às suas perguntas. Ser capaz de ler o metro e obter *leituras*.

Todas estas coisas têm de ser *muito bem-feitas*, pois, de qualquer forma é muito difícil conseguir uma linha de comunicação com alguém. Todas têm de estar presentes e todas têm de ser *perfeitas*. Se estiverem todas presentes e forem todas perfeitas, *então* podemos *começar* a auditar. Só então podemos começar a dar processamento a alguém.

Estou a dar aqui um ponto da entrada. Se todos os ciclos estão perfeitos, se foi possível sentarem-se ali e confrontar o Pc, colocá-lo no e-metro, manter o relatório de auditor e fazer todas essas múltiplas e variadas coisas, e ainda conservar um sorriso agradável e não cortar a comunicação do Pc, bem, agora há algo a fazer com tudo isto. Agora é necessário um processo.

Costumávamos ter tudo isto ao contrário. Costumávamos tentar ensinar às pessoas o que podiam fazer por alguém. Porém, não podiam nunca entrar em comunicação com esse alguém para esse fim e, portanto, aconteceram insucessos na audição.

O procedimento mais elementar seria: "O que é que achas sensato?", ou qualquer coisa parecida. O Pc diz: "Bem, acho que os cavalos dormem em camas. Isso é sensato". O auditor diz: "Está bem. Então, porque é que isso é sensato?". O Pc diz: "Bem... ah... Hem?... Isso não é sensato. É loucura!" Na verdade, não seria preciso fazer mais nada para além disto. Ele cognitou. A coisa está esgotada. É tão fácil, mas você continua à procura da magia.

Bem, a magia reside em entrar em comunicação com essa pessoa. O resto é muito fácil, é só manter a comunicação com ela enquanto a fazemos e compreender que essas imensas aberrações que a pessoa tem se equilibram de modo fantasticamente delicado sobre cabeças de alfinetes. Tudo o que há a fazer é soprar e tudo se desmorona.

Agora, se não estiver em comunicação com a pessoa, ela não cognita. Ela assume o que lhe disserem como uma ação acusativa. Tenta justificar-se por pensar daquele modo. Tenta dar uma boa imagem e apresentar, dum modo ou de outro, uma fachada. Tenta manter o seu status.

Sempre que vejo um bando de Pcs a quererem à viva força entrar em coisas diferentes, porque acham ser isso que se percorre nas pessoas sãs (e nas pessoas malucas é que se percorrem outras coisas e eles não querem percorrer coisas malucas), sei logo que os seus auditores não estão em comunicação com eles e que a própria disciplina da audição se desfez, pois o Pc está a tentar justificar-se e a procurar afirmar o seu próprio status. Assim, deve defender-se do auditor.

Não é possível que o auditor tenha estado em comunicação com ele.

Estamos, assim de volta ao fundamento de porque é que o auditor não entrou em comunicação com o Pc.



Em primeiro lugar, entra em comunicação com o Pc pondo em prática a disciplina cientóloga. Não contém truques. É tão simples como 1, 2, 3, 4.

Senta-se, começa a sessão, inicia o manejo do Pc e dos seus problemas e esse género de coisas. FÁ-LO COMPLETANDO OS CICLOS DE COMUNICAÇÃO E SEM LHE CORTAR A COMUNICAÇÃO: AS MESMÍSSIMAS COISAS QUE ENSINAM NOS TRs, e verifica assim que está em comunicação com a pessoa. Agora terá que fazer algo por ela.

Uma vez em comunicação, se não fizer nada pela pessoa, perderá a linha de comunicação, pois o Fator R da razão de se estar em comunicação com o Pc quebra-se. Ele já não pensa que é assim tão bom e você deixa de estar em comunicação com ele. Acontecendo isto, a pessoa entrará numa espécie de defesa do seu status e começará com conjecturas acerca da razão por que está a ser auditada.

Por outro lado, se tiver feito algo pelo Pc, tendo ele tido a sua cognição, e se tentar prosseguir para obter mais movimento de TA do assunto de "todos os cavalos dormirem em camas", não irá lá, pois o processo já está esgotado.

Pode ultra-auditá-lo e pode sub-auditá-lo.

Se não reparar que foi dada uma resposta que indicava ter feito algo pelo Pc e o manteve a batalhar na mesma coisa, o movimento do TA desaparecerá, o Pc ficará ressentido e a linha de comunicação perder-se-á.

Vejamos, ele já teve a sua cognição. Agora está só a restimulá-lo. Já obteve o seu fator de des-restimulação de key-out. Aconteceu bem diante dos seus olhos. Fez algo pelo Pc. Mais uma só menção do assunto e está perdido.

Há uma porção de coisas que podia fazer *com* o Pc, sem fazer nada *por* ele. Pode ligar belíssimos somáticos num Pc uma vez por outra, sem nunca os desligar. Mas o que nós temos é que fazer algo *pelo* Pc e não *ao* Pc.

Por outro lado, pode estar a fazer (A) e o Pc a fazer (B), continuar a fazer (A) e o Pc a fazer (B), e então, nalgum ponto do percurso, acaba numa confusão infernal e sem saber o que aconteceu.

Ora, o Pc nunca fez o que lhe disse, portanto não fez nada por ele. Não houve, de facto, nenhuma barreira à sua disposição para fazer algo pelo Pc, mas deve ter havido uma tremenda barreira à sua compreensão do que estava a acontecer.

A perguntarem (A), enquanto o Pc respondia (B), mostrava, por si só, que a observação do auditor era muito pobre, não estando, portanto, em comunicação com o Pc.

Assim, novamente, o fator comunicação estava ausente e, uma vez mais, não estava a fazer nada pelo Pc.

Requer disciplina da parte do auditor para manter a sua linha de comunicação a funcionar. Ele precisa permanecer em comunicação com o seu Pc. Esses ciclos têm de ser perfeitos. Ele não pode distrair a atenção do Pc para o TA, (por exemplo: "não estou a obter agora nenhum movimento do TA"). Isto não é estar em comunicação com o Pc, não tem nada a ver com isso. Está é a distrair o Pc das suas próprias áreas e zonas.

Não ponha a atenção do Pc fora de sessão. Mantenha-o a avançar e a linha de comunicação a funcionar. O requisito seguinte é fazer algo produtivo pelo Pc, usando a linha de comunicação.

L. Ron Hubbard
Fundador



GABINETE DE COMUNICAÇÕES HUBBARD

Solar St. Hill, Grinstead Oriental, Sussex,

HCOB de 30 de ABRIL de 1971

Remimeo
Chkshts HDC
Chkshts C/S
Chksht Classe 0
Cramming

O CICLO DE COMUNICAÇÃO EM AUDIÇÃO

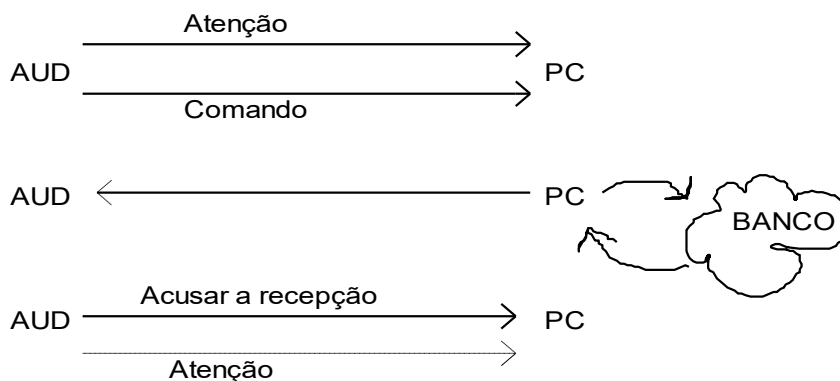
(O seguinte ciclo de comunicação em AUDIÇÃO é tirado das palestras do SHSBC).

Um auditor controla a sessão. Ele dá ao Pc a ação da sessão sem forçar a atenção do Pc para si mesmo. Ele não deixa o Pc inativo nem se distrair sem ter nada que fazer. Não deixa o Pc conduzir a sessão. O auditor conduz a sessão. Ele não espera que a corda do Pc se acabe como se ele fosse um relógio, nem fica ali sentado enquanto o TA sobe depois de uma F/N.

O auditor controla a sessão. Ele sabe o que fazer em cada uma das situações que venha a suceder.

Este é então o ciclo de Comunicação de Audição e que está sempre em uso:

- 1- O Pc está preparado para receber o comando? (aparência, presença)
- 2- O auditor dá o comando/pergunta ao Pc (causa, distância, efeito)
- 3- O Pc procura no banco a resposta (linha produtora de Itsa)
- 4- O Pc recebe a resposta do banco.
- 5- Pc dá a resposta ao auditor (causa, distância, efeito)
- 6- O auditor acusa a recepção ao Pc.
- 7- O auditor verifica se o Pc recebeu o acusar de recepção (atenção)
- 8- Um novo ciclo se inicia com 1.



L. RON HUBBARD

Fundador



GABINETE DE COMUNICAÇÕES HUBBARD
SOLAR DE ST. HILL, GRINSTEAD ORIENTAL, SUSSEX,
HCOB DE 23 DE MAIO DE 1971R

Emissão IV
Rev. 4 Dez. 74

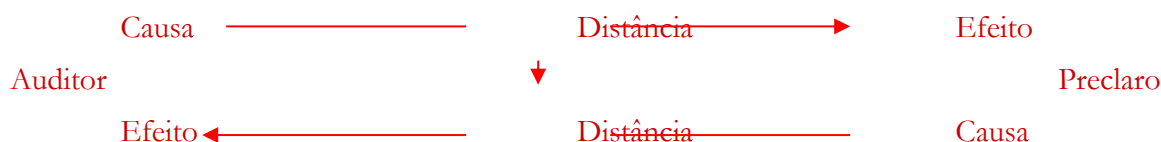
CICLOS DE COMUNICAÇÃO DENTRO DO CICLO DE AUDIÇÃO

*(Tirado da gravação de LRH "Ciclos de
Comunicação em Audição", 25/7/63)*

A dificuldade que um auditor encontra é normalmente relacionada com o seu próprio *ciclo de audição*.

Existem basicamente dois ciclos de comunicação entre o auditor e o preclaro que compõem o *ciclo de audição*.

São “causa, distância, efeito”, com o auditor no ponto de causa e o Pc no ponto de efeito; e “causa, distância, efeito”, com o Pc no ponto de causa e o auditor no ponto de efeito.



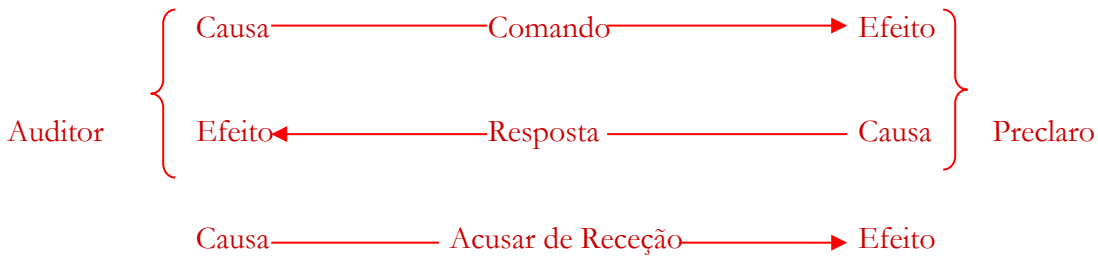
Eles são completamente distintos. A única coisa que os associa e os torna num ciclo de audição é o facto de o auditor, no seu ciclo de comunicação, ter restimulado, calculadamente, algo no preclaro, e esse algo é depois descarregado através do ciclo de comunicação do preclaro.

O que o auditor diz causa uma restimulação e então o preclaro precisa de responder à pergunta para se livrar da restimulação.

Se o preclaro não responder à pergunta, não se livra da restimulação. Esse é o jogo travado num ciclo de audição, e é a totalidade desse jogo. (Algumas audições fracassam quando o auditor não está disposto a restimular o preclaro).

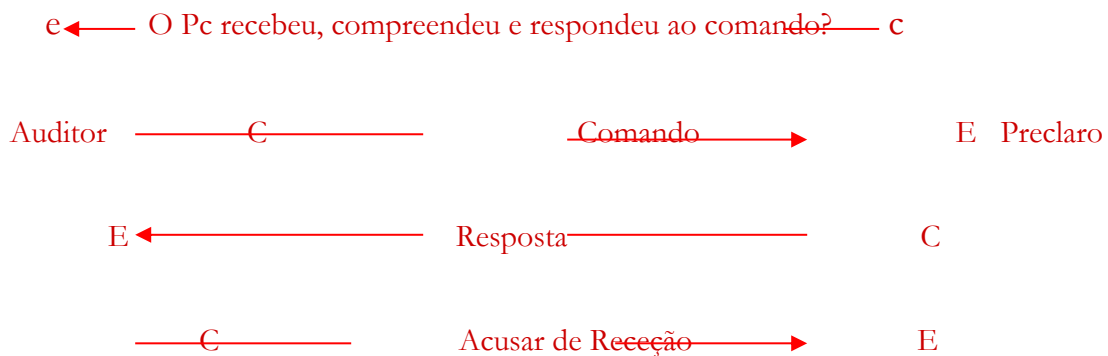


Há aqui um pequeno ciclo de comunicação extra. O auditor diz "Obrigado". É o ciclo de acusar de recepção.



Agora há alguns pequenos ciclos internos que podem confundir e fazer pensar que existem outras coisas dentro do ciclo de audição. Há um outro pequeno quase ciclo: é o facto de observar se o Pc recebeu o comando de audição. Esta é uma “causa” tão minúscula que quase todos os auditores que têm dificuldade em descobrir o que está a acontecer com o Pc e deixam passar. "Será que ele recebeu o comando?" Na verdade, existe aqui um outro ponto de causa e quando não estão a perceber o preclaro estão a perdê-lo.

Ao olhar para o preclaro, você pode julgar se ele ouviu ou compreendeu o que lhe disse ou se está a fazer algo estranho com o comando que acabou de receber. Qualquer que seja a mensagem de resposta, ela viaja por esta linha.



Um auditor que nunca observa o Pc não repara nunca quando este não está a receber ou a compreender o comando de audição. Assim, subitamente, em qualquer ponto aparece uma quebra de ARC e aí fazem-se verificações, repara-se a sessão e tudo dá errado.

Bem, na verdade, se antes de tudo esta linha tivesse sido respeitada, nada teria dado errado. O que é que o Pc está a fazer, independentemente de responder? Bem, o que ele está a fazer é esta outra pequena sublinha causa, distância, efeito.

Outra destas pequenas linhas é a linha causa, distância, efeito de: "O Pc está pronto para receber o comando de audição?"



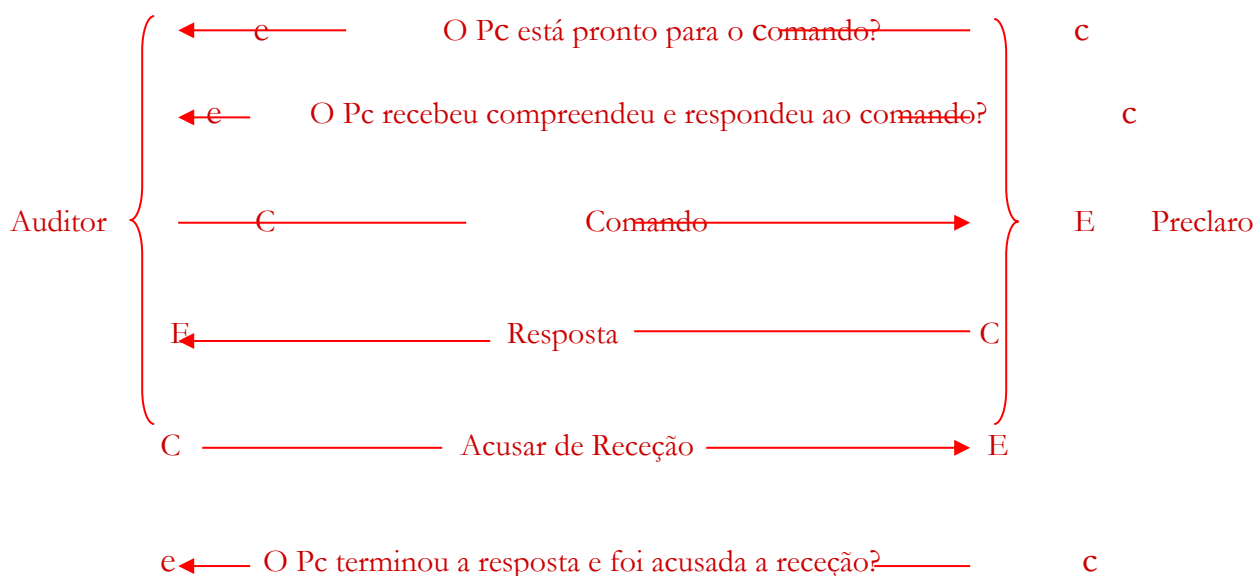
Isto é o Pc a ser causa, e aquilo em que ele está a ser causa viaja pela linha, através da distância, é recebida pelo auditor e o auditor apercebe-se de que o Pc está a fazer qualquer outra coisa.

Isto é importante e verifica-se com muita frequência que os auditores erram nela: a atenção do Pc ainda está na ação anterior.

Eis uma outra: "Será que o Pc recebeu o acusar de receção?" Às vezes isto é violado. Você dá-lhe o acusar de receção, mas não verificou que ele não o recebeu. Essa perceção contém uma *outra* pequenina que entra nesta linha: "Será que o Pc respondeu tudo?"

O auditor está a observar o Pc e verifica que ele não disse tudo o que tinha a dizer. É assim que às vezes se entra em dificuldade com os preclaros. Nem tudo o que estava no ponto de "causa" atravessou a linha até o ponto efeito, não recebeu todo o "efeito", e mete-se a acusar a receção antes desta linha se ter completado.

É uma machadada na comunicação do Pc. Você não deixou o ciclo de comunicação fluir mesmo até ao fim. Acusar a receção tem lugar e, logicamente, não pode chegar lá visto encontrar-se numa linha de afluxo, e fica logo aí encravado na linha efluente da resposta incompleta do Pc.



Portanto, se quiser esmiuçar tudo, verá que um ciclo de audição é composto por seis ciclos de comunicação. Seis, não mais que seis, a menos que comece a entrar em problemas. Se violar uma destas seis linhas de comunicação, por certo que vão aparecer dificuldades que causam uma trapalhada de qualquer tipo.

Existe um *outro* ciclo de comunicação dentro do ciclo de audição: tem lugar no Pc. É um pequeno ciclo adicional entre o Pc e ele próprio. Consiste de ele falar consigo próprio. Você está a escutar o interior do seu cérebro quando o observa. Na verdade, pode ser múltiplo, visto que depende das complicações da mente.



Acontece que esta é a menos importante de todas as ações, exceto quando não está a ser feita. E, é claro, é a mais difícil de ser detetada quando não está a ser feita. O Pc diz: "Sim. "Ora, a que é que o Pc disse sim? Por vezes, você não é suficientemente curioso. Isto, na sua essência, é a sua percepção interna desta linha. Ela inclui o ricochete da causa, distância, efeito: "Será que o Pc está a responder ao comando que eu lhe dei?"

Portanto, com este, existem sete ciclos de comunicação englobados num ciclo de audição. É um ciclo múltiplo.

Um ciclo de comunicação consiste apenas de causa, distância, efeito com intenção, atenção, duplicação e compreensão. Quantos, como este, existem num ciclo de audição? Tem de se responder a isto indicando quantos ciclos principais existem porque alguns ciclos de audição contêm, em si, mais alguns. Se um Pc indica não ter percebido o comando (causa, distância, efeito), o auditor repete-o (causa, distância, efeito) e isto acrescentaria mais 2 ciclos de comunicação ao ciclo de audição ficando assim 9, porque houve uma falha. Portanto, qualquer coisa fora do normal que aconteça numa sessão, aumenta o número de ciclos de comunicação no ciclo de audição, mas, mesmo assim, fazem todos parte do ciclo de audição.

O comando repetitivo, como ciclo de audição, é a repetição do mesmo ciclo uma e outra vez.

Existe, porém, um ciclo completamente diferente dentro do mesmo esquema. O Pc vai originar algo que não tem nada a ver com o ciclo de audição. A única coisa em comum é que ambos usam ciclos de comunicação. Mas este é novinho em folha. O Pc diz qualquer coisa que não está relacionado com o que o auditor está a dizer ou a fazer, e tem de se estar alerta para esta ocorrência em qualquer altura. A forma de estar preparado para isto é apenas compreender que pode acontecer em qualquer altura e iniciar, simplesmente, a ação que o maneja. Não o misture com a ação do ciclo de audição. Considere-o como uma ação independente. Passe para esta ação quando o Pc fizer qualquer coisa inesperada.

E, a propósito, isto maneja originações, como a que o Pc faz quando atira com as latas. Isto também é uma originação. Não tem nada a ver com o ciclo de audição. Talvez o ciclo de audição se tenha desfeito, e este ciclo de originação entrou em cena. Ora o ciclo de audição não pode ser completado porque este ciclo de originação está agora presente. Isto não significa que esta originação tenha precedência ou predomínio, mas pode começar, e ocorrer e ter de ser terminada antes de se poder retomar o ciclo de audição.

Portanto, isto é um ciclo "interruptor" e é causa, distância, efeito. O Pc causa algo. Agora o auditor tem de originar, pois ele tem de compreender do que é que o Pc está a falar e, depois, acusa a receção. E na medida em que for difícil de compreender, o auditor tenta esclarecer o assunto usando causa, distância, efeito. E todas as vezes que fizer uma pergunta, obtém um novo ciclo de comunicação.

Você não pode utilizar aqui uma ação mecânica, pois o assunto tem de ser *compreendido*. Isto tem de ser feito de tal forma que o Pc não esteja meramente a repetir a mesma originação, senão ficará furioso pois não consegue sair dessa linha. Está parado no tempo, o que o perturba verdadeiramente. Portanto o auditor tem de ser capaz de compreender de que raio é que o Pc está a falar. E não há realmente nada que substitua tentar simplesmente compreendê-lo.



Surge uma pequena linha quando o Pc indica que quer dizer alguma coisa. Esta é uma linha (causa, distância, efeito) que surge **antes** da originação aparecer. Nesta altura, não dê o comando seguinte ou provocará um engarrafamento. O efeito no lado do auditor é calar-se e deixar o Pc agir. Pode ainda existir uma outra pequena linha (causa, distância, efeito) onde o auditor indica que está a escutar. Então há a originação, acusar a sua receção e a percepção do facto de o Pc ter recebido o acusar de receção.

Esse é o ciclo da originação.

Um auditor devia desenhar todos estes ciclos de comunicação numa folha de papel. Dê uma olhadela a todas essas coisas, faça o mock-up de uma sessão e, de repente, tornar-se-á muito claro como essas coisas são e já não terá algumas delas emaranhadas. O que está principalmente errado com o seu ciclo de audição é que você misturara a tal ponto alguns ciclos de comunicação que não se apercebe da sua existência porque não os diferencia uns dos outros. É por isso que, por vezes, corta a comunicação do Pc, que está a tentar responder à pergunta.

Você sabe se o Pc respondeu à pergunta ou não. Como é que sabe? Mesmo que seja por telepatia, ainda assim é causa, distância, efeito. Não interessa como é que essa comunicação aconteceu. Você sabe se ele respondeu ao comando através de um ciclo de comunicação. Não me interessa como é que o percecionou.

Se vice estiver nervoso com o uso do instrumento básico da audição e se isso lhe está a causar problemas (e se tiver dificuldade em rapidamente o decompôr e analisar) então deveria decompô-lo e analisá-lo numa altura em que estivesse a auditar algo agradável e simples.

Dei-lhe um esquema geral para um ciclo de audição. Talvez que, ao estudar isto de novo, você possa encontrar mais alguns ciclos de comunicação. Mas estão todos lá, e se fizer alguém passar por todos eles meticolosamente, pode descobrir onde é que o seu ciclo de audição está encravado. Não está necessariamente encravado na sua capacidade de dizer "Obrigado". Pode muito bem estar encravado noutro lado.

L. Ron Hubbard

Fundador



GABINETE DE COMUNICAÇÕES HUBBARD

Solar de St. Hill, Grinstead Oriental, Sussex,

HCOB de 23 de Maio de 1971R

Emissão V

O CICLO DE COMUNICAÇÃO EM AUDIÇÃO

A facilidade de lidar com um ciclo de comunicação depende da capacidade de observar o que o Pc está a fazer.

À simplicidade do ciclo de comunicação há que adicionar a OBNOSE (observação do óbvio).

A inspeção do que você está a fazer deverá ter terminado com o treino. Daí para a frente deve preocupar-se exclusivamente com a observação do que o Pc está a fazer ou não.

A destreza com um ciclo de comunicação deveria ser de tal maneira instintiva e boa que nunca se preocupasse com o que está agora a fazer.

A altura de pôr tudo isto em ordem é durante o treino. Se souber que o seu ciclo de comunicação é bom, já não terá que se preocupar. Sabe que está bom e não se preocupa mais com isso.

Na audição real, o ciclo de comunicação que observa é o do Pc. O seu trabalho é o ciclo de comunicação e as respostas do Pc.

É isto que capacita o auditor para quebrar qualquer caso. Sem isto, temos um auditor que não seria sequer capaz de partir um ovo mesmo que passasse por cima dele.

Esta é a diferença: o auditor consegue ou não observar o ciclo de comunicação do Pc e reparar os seus vários deslizes.

É tão simples.

Consiste simplesmente em fazer uma pergunta à qual o Pc consiga responder, e depois observar que o Pc **responde** e, quando ele tiver respondido, observar que o Pc completou a resposta. Acusar-lhe então a receção. Depois dar-lhe outra coisa para fazer. Pode fazer-lhe a mesma pergunta ou pode fazer-lhe outra pergunta.

Fazer ao Pc uma pergunta à qual ele consiga responder implica aclarar o comando de audição. Também implica fazer a pergunta ao Pc de modo a que ele a consiga ouvir, sabendo bem o que lhe está a ser perguntado.

Quando o Pc responde à pergunta, seja suficientemente inteligente para saber que o Pc está a responder a essa pergunta e não a outra qualquer.

Há que desenvolver uma sensibilidade em relação a saber quando o Pc acaba de responder ao que lhe foi perguntado. Conseguir ver quando ele terminou. É um conhecimento. Aparentar ter terminado e sentir que terminou. É em parte o sentido do que ele diz, é em parte a entoação de voz, mas é sobretudo um instinto que se desenvolve. Você sabe que ele terminou.

Então, sabendo que ele acabou de responder, dizer-lhe que acabou acusando-lhe a receção, O.K., Ótimo, etc., é como apontar a carga ultrapassada ao Pc. Assim: "Encontraste e localizaste a carga ultrapassada ao responder à pergunta e disseste-o". Essa é a magia de acusar a receção.

Quando o auditor não tem esta sensibilidade de saber quando o Pc termina, o Pc irá responder, não obtém nada de você que continua ali sentado a olhar para ele, a maquinaria social do Pc entra em ação, ele entra em auto-audição e não obtém ação de TA.



O grau de paragem que se coloca ao acusar a receção depende também do bom senso, e pode-se acusar a receção tão fortemente que a sessão termina ali mesmo.

Está muito bem que se façam estas coisas no treino e é desculpável, mas NÃO numa sessão de audição.

Faça com que o seu ciclo de comunicação fique suficientemente afinado para não ter mais preocupações com ele depois do treino.

L. Ron Hubbard

Fundador



GABINETE DE COMUNICAÇÕES HUBBARD

Solar de St. Hill, Grinstead Oriental, Sussex,

HCOB DE 6 DE NOVEMBRO DE 1964

ESTILOS DE AUDIÇÃO

Nota 1: A maioria dos auditores antigos, particularmente graduados de SH., foi nalguma ocasião treinados nestes estilos de audição. Aqui são-lhes dados nomes e atribuídos níveis para que possam ser mais facilmente ensinados e para que a audição geral possa melhorar.

Nota 2: Eles não foram antes escritos porque eu ainda não tinha determinado os resultados vitais para cada nível.

Existe um estilo de audição para cada classe. Estilo significa método ou uma maneira habitual de efetuar uma ação.

Um Estilo não é muito determinado pelo processo que se corre. Um Estilo é a forma como um auditor aborda a sua tarefa.

Diferentes processos talvez requeiram estilos diferentes, mas não é essa a questão. A Cura de Mesa de Plasticina no Nível III pode ser feita no Estilo do Nível I e mesmo assim ter algum proveito. Mas um auditor treinado em todos os estilos até ao do Nível III, faria melhor trabalho não só na Cura de Mesa de Plasticina, mas também em qualquer processo repetitivo.

Estilo é a maneira de auditar usada pelo auditor. O verdadeiro perito pode fazê-los todos, mas só depois de treinado em cada um em separado. O Estilo caracteriza a Classe de Auditor. Não é algo pessoal. Para nós é uma forma particular de usar os instrumentos de audição.

NÍVEL ZERO

ESTILO OUVIR

No Nível 0 o estilo é Ouvir. Aqui, espera-se que o auditor ouça o pc. O único talento necessário é ouvir outra pessoa. Mal esteja assegurado que o auditor está a ouvir (não apenas a confrontar ou ignorar) pode-se-lhe fazer um exame. O tempo que ele consegue ouvir sem mostrar tensão nem fadiga, pode ser um fator. O que o pc faz não é um fator a considerar ao avaliar este estilo. Os pcs, no entanto, falam com um auditor que está realmente a ouvir.

Temos aqui o ponto mais alto que as antigas terapias mentais, tais como a psicanálise, alcançaram (quando alcançaram), quando ajudaram alguém. Na maioria dos casos estavam bem abaixo disto, avaliando, invalidando e interrompendo. Essas três coisas são o que o instrutor deste estilo deve tentar fazer compreender ao estudante do Curso HAS.

Não se deve complicar o Estilo Ouvir esperando mais do auditor do que apenas isto: Ouvir o pc sem avaliar, invalidar ou interromper.

Adicionar outras capacidades como "O pc está a falar de modo interessante?" ou até "O pc está a falar?" não fazem parte deste estilo. Quando este auditor fica atrapalhado e o pc não quer falar ou não está interessado, chama-se um auditor de classe superior, o supervisor faz uma outra pergunta, etc.

Na realidade, para ser *muito* técnico, não se trata de Itsa. (Itsa é um neologismo formado a partir do inglês "It's a..." que quer dizer "É um...") Itsa é a ação do pc dizer "é isto ou é aquilo". Levar o pc a fazer Itsa, quando o pc não quer, está muito além dos auditores estilo-ouvir. É o Supervisor ou a pergunta escrita no quadro preto que leva o pc a fazer Itsa.



A *capacidade* de ouvir, bem aprendida, fica com o auditor através dos graus. Não para de a usar, mesmo no Nível VI. Mas é preciso aprendê-la nalgum lugar e esse lugar é o Nível Zero. Assim sendo, Audição Estilo Ouvir é apenas ouvir. ele Fará parte dos estilos que se seguem.

NÍVEL I

ESTILO AMORDAÇADO

Este também poderia ser chamado estilo audição de rotina. O estilo amordaçado há muitos anos que é usado. É o lote completo dos TRs de 0 a 4, sem adicionar nada.

É chamado assim porque os auditores adicionavam frequentemente comentários, faziam Q&A, desviavam-se, discutiam e baralhavam a sessão de outros modos. Amordaçado significa "ter-lhes posto uma mordaca", falando em sentido figurado, para que apenas dessem os comandos e os reconhecimentos.

A audição de comando repetitivo, usando os TRs de 0 a 4 é feita inteiramente amordaçada.

Poderia ser chamado Audição Estilo Repetitivo Amordaçado, mas será abreviadamente chamado, "Estilo Amordaçado".

Tem sido fruto de grande experiência saber que Pcs que não tinham ganhos com auditores parcialmente treinados e a quem era permitido fazer 2WC, os obtinham no instante em que o auditor era amordaçado, isto é, não autorizado a fazer nada senão dar os comandos e reconhecimento, sem qualquer outra pergunta ou comentário.

No Nível I não se espera que o auditor faça nada, além de dar o comando (ou fazer a pergunta) sem variação, expressar o reconhecimento da resposta e lidar com as originações da pessoa, compreendendo e reconhecendo o que foi dito.

Os processos usados no Nível I, respondem na verdade melhor ao emprego amordaçado e respondem pior a esforços desorientados para o uso de 2WC.

O Estilo Ouvir combina facilmente com o Estilo Amordaçado.

Comandos repetitivos incisivos, claros, amordaçados, dados e respondidos *muitas vezes* e não as divagações do paciente, são a porta de saída.

Um Pc neste nível é instruído exatamente sobre o que se espera dele, exatamente o que o auditor irá fazer. Põe-se até o pc a fazer alguns ciclos de "Os pássaros voam?" até apreender a ideia. Aí, então, os processos funcionam.

É triste de ver tentar fazer Processos Repetitivos Amordaçados num Pc que fica divagando e divagando através de "experiências terapêuticas" passadas. Significa que o controle está fora (ou que o paciente nunca saiu do Nível Zero).

Passar do frouxo Estilo Ouvir para o Estilo Amordaçado incisivo, controlado, pode ser um choque. Mas cada um deles é o mais baixo de duas famílias de estilos de audição; totalmente Permissivo e totalmente Controlado. E são tão diferentes que cada qual é fácil de aprender sem confusão. A falta de diferença entre estilos é que confunde o estudante, levando-o a espalhar-se. Bem, estes dois são suficientemente diferentes - Estilo Ouvir e Estilo Amordaçado - para meter qualquer pessoa na linha.

NÍVEL II

ESTILO GUIADO

Um auditor da velha guarda teria reconhecido este estilo sob dois nomes separados: (a) 2WC e (b) audição formal.

Nós condensámos estes dois velhos estilos sob um novo nome: audição estilo guiado.

Primeiro *guiamos* o Pc com 2WC, para qualquer assunto que tenha que ser manejado ou para revelar o que tem que ser manejado e depois o auditor maneja isso com comandos repetitivos formais.

O estilo guiado é fazível apenas quando o estudante sabe bem os estilos ouvir e amordaçado.



Anteriormente, o estudante que não podia confrontar ou duplicar um comando, refugiava-se em conversa mole com o Pc e chamava a isso audição ou 2WC.

A primeira coisa a saber sobre o estilo guiado é que deixamos o Pc falar e fazer *itsa* sem o parar, mas que também é dirigido para o próprio assunto e que executa o trabalho com comandos repetitivos.

Pressupomos que o auditor neste nível já teve ganho de caso suficiente para ser capaz de ocupar o ponto de vista do auditor e ser por isso capaz de observar o Pc. Também pressupomos neste nível que o auditor, sendo capaz de ocupar um ponto de vista, é por isso mais autodeterminado, estando ambas as coisas relacionadas. (Uma pessoa só pode ser autodeterminada quando pode observar a situação real perante ela, senão um ser é determinado por ilusão ou por outrem).

Assim, na audição estilo guiado o auditor está lá para descobrir o que se passa com o Pc e aplicar depois o necessário remédio.

A maioria dos processos de *O Livro dos Remédios de Caso* estão incluídos neste nível (II). Para os usar é preciso observar o Pc, descobrir o que o Pc está a fazer e remediar o seu caso em conformidade.

O resultado para o Pc é uma reorientação de grande alcance na vida.

Assim, a essência da audição estilo guiado consiste em 2WC que leva o Pc a revelar a dificuldade, seguido de um processo repetitivo para manejar o que foi revelado.

Usamos TRs com perícia, mas podem discutir-se coisas com o Pc, deixar o Pc falar e em geral, audita-se o Pc que está à nossa frente, estabelecendo o que *esse* Pc precisa e depois fazê-lo com audição repetitiva firme, mas sempre alerta às mudanças do Pc.

Corre-se este nível contra a ação de TA, prestando pouca ou nenhuma atenção à agulha exceto como dispositivo de centragem para a posição do TA. Até se estabelece o que há a fazer pela ação de TA. (O processo de acumular coisas para correr no Pc a partir do que dava queda quando ele estava a correr o que está a ser corrido, pertence agora ao nível (II) e será renumerado em conformidade).

Em II esperamos manejar montes de PTPs crônicos, overts, quebras de ARC com a vida, (mas não quebras de ARC de sessão que sendo uma ação de agulha, quebras de ARC de sessão são resolvidas por um auditor de classe mais elevada caso ocorram).

Para executar tais coisas (PTPs, overts e outros remédios) na sessão, o auditor tem que ter um Pc “disposto a falar ao auditor sobre as suas dificuldades”. Isso pressupõe que temos neste nível um auditor que sabe fazer perguntas, não repetitivas, que levam o Pc a falar da dificuldade que precisa ser manejada.

Grande domínio do TR 4 é a grande diferença primária nos TRs do Nível I. Quando não compreendemos, compreenderemos fazendo mais perguntas e acusando realmente a receção só quando realmente o compreendemos.

Comunicação guiada é a pista para o controle neste nível. Devemos guiar *facilmente* a comunicação do Pc para dentro, para fora e à volta sem cortar o Pc ou desperdiçar tempo de sessão. Assim que um auditor obtém a ideia de *resultado finito*, ou seja, um resultado específico e definido esperado, tudo isto é fácil. O Pc tem um PTP. Exemplo: O auditor tem que ter a ideia de que tem que localizar e desreestimar o PTP para que o Pc não seja incomodado por ele (e não está a ser compelido a *fazer* nada por isso) como resultado finito.

O auditor em II é treinado a auditar o Pc que está na sua frente, pôr o Pc em comunicação, guiar o Pc aos dados necessários à escolha do processo e depois correr o processo necessário à resolução dessa coisa encontrada, usualmente por comando repetitivo e sempre por TA.

O Livro dos Remédios de Caso é a chave para este nível e estilo de audição.

Só damos ouvidos àquilo para que o Pc foi guiado. Corremos comandos repetitivos com bom TR4. *E* podemos andar a pesquisar um pouco até ficarmos satisfeitos com a resposta do Pc, necessária à resolução dum certo aspeto do caso do Pc.



Podem ser corridos O/WHs no Nível I. Mas no Nível II podemos guiar o Pc a divulgar o que o Pc considera um real overt e, tendo isso, guiar então o Pc por todas as razões porque não era um overt e assim por fim o estoírar.

O meio acusar de receção também é ensinado no Nível II; as maneiras de manter um Pc a falar dando ao Pc a impressão de estar a ser ouvido e ainda não o cortar com TR2 a mais.

Um, grande ou múltiplo acusar de receção também é ensinado para calar o Pc quando o Pc vai a sair do assunto.

NÍVEL III

AUDIÇÃO ESTILO ABREVIADO

Abreviado quer dizer “resumido”, aparado dos extras. Qualquer comando de audição não verdadeiramente necessário é eliminado.

Por exemplo, no Nível I, quando o Pc anda à procura do assunto, o auditor *disse sempre*: “vou repetir o comando de audição” e assim faz. No estilo abreviado o auditor omite isto quando não é necessário e apenas dá o comando de novo caso o Pc o tenha esquecido.

Neste estilo, mudamos de pura rotina para um uso ou omissão sensível conforme necessário. Ainda utilizamos o comando repetitivo com perícia, mas não usamos a rotina que é desnecessária à situação.

2WC entra no Nível III por direito próprio. Mas com forte utilização dos comandos repetitivos.

Neste nível, temos como processo primário Cura de Mesa de Plasticina. Aqui, o auditor tem que *se assegurar* que os comandos são seguidos com exatidão. Nenhum comando de audição é *jamaiz* largado até que o verdadeiro comando seja respondido pelo Pc.

Mas ao mesmo tempo, não necessariamente damos cada comando do processo no seu RD.

Em Cura de Mesa de Plasticina, devemos assegurar-nos todas as vezes que o Pc está satisfeito. Isto é feito mais por observação do que com o comando. É, contudo, feito.

No Nível III supomos ter um auditor que está em muito boa forma e pode observar. Assim, *vemos* que o Pc está satisfeito e não o menciona. Vemos assim quando o Pc está em dúvida e por isso, obtemos algo de que o Pc esteja certo ao responder à pergunta.

Por outro lado, *todos* os comandos necessários são dados vigorosa e exatamente, obtendo a sua execução.

Prepcheck e uso da agulha são ensinados no Nível III, assim como Cura de Mesa de Plasticina. Audição por Lista também. Na audição estilo abreviado, podemos ver o Pc (que está a limpar uma pergunta de Lista) a dar uma dúzia de respostas num instante. Não se impede que o faça, dá-se um meio acusar de receção, deixando-o continuar. Estamos de facto só a lidar com um ciclo de comunicação maior. A pergunta produz mais que uma resposta que é na realidade apenas uma resposta. E quando essa resposta é dada, é-lhe acusada a receção.

Nós *vemos* quando a agulha está limpa sem qualquer fórmula de perguntas que invalidem todo o alívio do Pc. E vemos quando *não está* limpa pela confusão contínua no rosto do Pc.

Há truques envolvidos nisto. Fazemos uma pergunta ao Pc com a palavra chave incluída, e notando que a agulha não treme concluímos assim que a pergunta sobre a palavra está esgotada. E por isso não a verificamos de novo. Exemplo: “mais alguma coisa foi suprimida?” Um olho no Pc, outro no e-metro. A agulha não estremece. O Pc parece reservado. O auditor diz: “Muito bem, em _____” e vai para a próxima pergunta eliminando uma possível leitura de protesto que pode ser tomada por outra “supressão”.

Na audição estilo abreviado colamos ao essencial e deixamos a rotina quando ela impede o avanço de caso. Mas isso não quer dizer que andemos à deriva. Ainda seremos mais decididos, minuciosos com a audição estilo abreviado do que na rotina.



Estamos a ver o que acontece e a fazer exatamente o suficiente para atingir o resultado esperado.

Por “abreviado” queremos dizer fazer o trabalho exato, o caminho mais curto entre dois pontos, sem desperdício de perguntas.

Neste momento o estudante já deve saber que corre um processo para atingir um resultado exato e corre-o de maneira a atingir esse resultado no mais curto espaço de tempo.

O estudante é ensinado a guiar rapidamente, sem tempo para grandes desvios. Neste nível os processos são todos ra-ta-ta-ta; Cura de Mesa de Plasticina, Prepcheck, Audição por Listas.

Repito, é o número de vezes que a pergunta de audição é respondida por unidade de tempo de audição que faz o resultado rápido.

NÍVEL IV

AUDIÇÃO ESTILO DIRETO

Por direto queremos dizer rigoroso, concentrado, intenso, aplicado duma forma direta.

Não queremos dar a direto o sentido de dirigir ou guiar. Queremos é dizer que *é* direto.

Por direto não queremos dizer franco ou abrupto. Pelo contrário, pomos a atenção do Pc no seu banco e tudo o que fizermos é calculado apenas para tornar essa atenção *mais* direta.

Também podia significar que não estamos a auditar através de vias. Estamos a auditar diretamente as coisas que precisam ser alcançadas para fazer alguém Clear.

Fora isto, a atitude de audição é *muito* fácil e descontraída.

No Nível IV temos a Clarificação de Mesa de Plasticina e processos tipo verificação.

Estes dois tipos de processos são ambos espantosamente *diretos*. Eles são diretamente apontados à mente reativa. São feitos de forma direta.

Na Clarificação de Mesa de Plasticina, temos dos Pcs quase só trabalho e ita. De um extremo ao outro da sessão, poderemos ter apenas alguns comandos de audição. É que um Pc em Clarificação de Mesa de Plasticina, faz quase todo o trabalho se está minimamente em sessão.

Temos assim outra implicação na palavra “direto”. O Pc está a falar diretamente para o auditor sobre o que está a fazer e porquê, em Clarificação de Mesa de Plasticina. O auditor dificilmente abre a boca.

Em Verificação, o auditor aponta diretamente para o banco do Pc e não deseja na sua frente um Pc pensativo, especulador, divagante ou a fazer ita. Esta verificação é, por isso, uma ação *muito* direta.

Tudo isto requer um controle do Pc, fácil, suave, de “mão de ferro em luva de veludo”. *Parece* fácil e descontraído como estilo, mas é rigoroso, como uma espada de Toledo.

O truque é ser direto no que é requerido e não desviar nada. O auditor estabelece o que deve ser feito, dá o comando e depois o pc pode trabalhar muito tempo, com o auditor alerta, atento, completamente descontraído.

Em Verificação, muitas vezes o auditor não presta qualquer atenção ao Pc, como nas quebras de ARC ou listas de verificação. Na verdade, um Pc deste nível está treinado para estar quieto durante a verificação de uma lista.

E na Clarificação de Mesa de Plasticina um auditor pode estar quieto uma hora seguida.

Os testes são: pode o auditor manter o Pc quieto enquanto verifica, sem lhe quebrar o ARC? Pode o auditor mandar fazer qualquer coisa ao Pc e depois, com o Pc trabalhar nisso, manter-se quieto e atento durante uma hora, compreendendo tudo e interromper prontamente só quando não compreende e mandar o Pc clarificar-lho, de novo sem lhe quebrar o ARC?

Poderíamos confundir este estilo direto com o estilo ouvir se meramente olharmos para uma sessão de Clarificação de Mesa de Plasticina. Mas que diferença. No estilo ouvir o Pc anda para ali às cegas. No estilo



direto, o Pc divaga um pouco para fora da linha e começa a fazer itsa, digamos, sem o trabalho de plasticina, era depois disso óbvio para o auditor que este Pc tinha esquecido a plasticina, víamos o auditor, rápido como uma seta, olhar muito interessado para o Pc e dizer: “vamos ver isso em massa”. Ou o Pc não dando uma capacidade que realmente deseja melhorar, ouviríamos a voz uma voz muito persuasiva do auditor: “tens a certeza absoluta que queres melhorar isso? A mim parece-me uma meta. Simplesmente algo, uma capacidade que gostarias de melhorar”.

Este estilo poderia chamar-se audição de uma via. Depois o Pc recebe as suas ordens, é tudo do Pc para o auditor e tudo o que envolve a execução dessa instrução de audição. Quando o auditor está a verificar, é tudo do auditor para o Pc. Só quando a ação de verificação encontra um empecilho como um PTP é usado outro estilo de audição.

Este é um estilo de audição muito extremo. Ele é francamente direto.

Mas em qualquer nível, quando necessário, os estilos de audição aprendidos abaixo deste, são também empregados com frequência, mas nunca nas verdadeiras ações de Clarificação na Mesa de Plasticina e de Verificação.

(Nota: o Nível V seria no mesmo estilo de VI abaixo).

NÍVEL VI TODOS OS ESTILOS

Até agora temos lidado com ações simples.

Agora temos um auditor a manejar um e-metro e um Pc a fazer itsa e a cognitar e que tem PTPs e Quebras de ARC e Carga de Linha e que cognita e encontra itens e lista e em que tudo tem que ser manejado, manejado, manejado.

Como o TA de audição para uma sessão de 2 ½ h pode ir de 79 a 125 divisões (comparado com 10 ou 15 no nível inferior), o *ritmo* da sessão é maior. É este ritmo que torna vital uma capacidade perfeita em cada nível inferior, quando eles combinam todos os estilos. É que cada um deles é agora mais rápido.

Por isso aprendemos todos os estilos apreendendo bem cada um dos estilos inferiores, observando e aplicando depois o estilo necessário cada vez que é necessário, mudando de estilo tanto como uma vez por minuto!

A melhor maneira de aprender todos os estilos, é ficar perito em cada um dos estilos inferiores, a fim de usar o estilo correto para a situação, cada vez que ocorra a situação que exige esse estilo.

É menos duro do que parece.

Use o estilo errado numa situação e estão feitos. Quebra de ARC! Nenhum progresso!

Exemplo: em plena verificação a agulha fica suja. O auditor não pode, ou não deve continuar. O auditor, no estilo direto, levanta os olhos para ver um franzir de testa confuso. O auditor tem que mudar para estilo guiado a fim de descobrir o que o Pc tem. (o que provavelmente na realidade não sabe), depois estilo ouvir enquanto o Pc cognita sobre um PTP que acaba de emergir e incomoda o Pc, depois para o estilo direto para acabar a verificação em progresso.

A única maneira de um auditor ficar confuso em todos os estilos, é não ser bom num dos estilos de nível inferior.

Uma inspeção cuidadosa mostrará onde o estudante que usa todos os estilos escorrega. Pomos então o estudante a rever e praticar um pouco o estilo que não estava bem aprendido.

Assim, todo o estilo, quando devidamente feito, é muito fácil de remediar, pois estará errado num ou mais dos estilos de nível inferior. E como todos eles podem ser ensinados independentemente uns dos outros, o todo pode ser coordenado. Todos os estilos são difíceis de fazer quando não dominamos um dos estilos de nível inferior.



SUMÁRIO

Estes são os estilos importantes de audição. Existiram outros, mas são apenas variações dos dados neste HCOB. O estilo tom 40 é o mais notável aqui em falta. Ele continua como estilo prático no Nível I para cada manejo destemido corpos e para ensinar a obter obediência ao seu comando. Na prática já não é usado.

Como era necessário ter todos os resultados e todos os processos para todos os níveis, para finalizar, deixei este para o fim e cá está.

Por favor notem que nenhum destes estilos viola o ciclo de comunicação de audição ou os TRs.

L. RON HUBBARD

Fundador



GABINETE DE COMUNICAÇÕES HUBBARD

Solar de St. Hill, Grinstead Oriental, Sussex,

HCOB de 23de MAIO DE 1971

Emissão III

Reemitido em 1/12/74

Cancela BTB 23/5/71 III mesmo título

Audição Básica Série 3

AS TRÊS LINHAS DE COMUNICAÇÃO IMPORTANTES

(Tirado da gravação de LRH de 15/10/63 "Pontos Essenciais da Audição)

Quando se senta numa sessão de audição, quais as 3 linhas de comunicação importantes e qual a *ordem de importância*?

1. A primeira é a linha do Pc para o seu banco. A linha “*Produtora de Itsa*”;
2. A segunda é a linha do Pc para o auditor. A linha de “*Itsa*”;
3. A terceira é a linha do auditor para o Pc. A linha de “*O que é?*”.

Então, a definição "Disposto a falar para o auditor" é muito fácil de interpretar como "*A falar para o auditor*". E assim, o auditor *corta a linha do Pc para o banco* para o fazer falar, pois, segundo ele, "É a linha de Itsa que faz dissipar a carga".

Assim sendo, o auditor *corta a comunicação do Pc com o seu banco* para *dar lugar* a uma linha de Itsa, e depois interroga-se por que razão não obtém movimentação de TA e o Pc tem uma quebra de ARC.

Esta linha de comunicação cortada não é perceptível a olho nu. Está escondida porque se situa entre o Pc (um thetan invisível ao auditor) e o seu banco (invisível também ao auditor).

O auditor está ali simplesmente para usar a linha de “*O que é?*” com a finalidade de fazer o Pc confrontar o seu banco. A carga dissipa-se na proporção em que é confrontada, e isto é representado pela linha de Itsa.

A linha de Itsa é um relato a respeito do que foi as-isado e é isso o que a faz fluir.

No ciclo de audição, o uso destas linhas é feito pela seguinte ordem: 3,1 e, então, 2.

Quando o auditor negligencia esta linha escondida, a do Pc para o seu banco, quando não compreende essa linha escondida e não pode interpretá-la ou fazer algo com ela, irá falhar.

L. Ron Hubbard

Fundador



GABINETE DE COMUNICAÇÕES HUBBARD

Solar de St. Hill, Grinstead Oriental, Sussex,

HCOB de 17 de Outubro de 1962

Emissão VI

Audição Básica Série 6

FALTA DE COMPREENSÃO DO AUDITOR

Se um Pc disser alguma coisa e o auditor não compreender o que ele disse ou quis dizer, a ação correta é: "Não ouvi, ou não compreendi o que foi dito, ou não entendi a última parte".

Fazer alguma outra coisa não é apenas uma má forma, mas pode custar uma pesada quebra de ARC.

INVALIDAÇÃO

Dizer: "tu não falaste suficientemente alto..." ou qualquer outro uso de "tu" é uma invalidação.

O Pc também é posto fora de sessão ao ser-lhe colocada a responsabilidade nos ombros.

O *auditor* é responsável pela sessão. Portanto, o auditor tem de assumir a responsabilidade por todas as quebras de comunicação da sessão.

AVALIAÇÃO

Muito mais séria do que a Invalidação acima, é a Avaliação accidental que pode ocorrer quando o auditor *repete* o que o Pc disse.

NUNCA repita nada que um Pc diga depois dele falar, seja qual for a razão.

Repeti-lo, não só não mostra ao Pc que foi ouvido, mas também lhe dá a ideia que você é um circuito.

O maior avanço da Psicologia do Sec. XIX foi uma máquina de endoidar as pessoas. Tudo o que fazia era repetir o que a pessoa dizia a seguir a ela.

As crianças fazem isto para importunar.

Mas essa não é a principal razão para *não* repetir o que o Pc diz. Se for dito erradamente, o Pc põe-se a protestar violentamente. O Pc precisa de corrigir o erro e fica encalhado ali mesmo. Pode levar uma hora para o tirar de lá.

Além disso, não gesticule para descobrir do que se trata. Dizer apontando: "então queres dizer este item". não só é uma avaliação, como quase um comando hipnótico que o Pc sente precisar de rejeitar fortemente.

Não diga ao Pc o que o Pc disse e não gesticule para descobrir o que o Pc quis dizer.

Faça apenas com que o Pc o diga outra vez, ou faça-o apontar de novo para ele. Essa é a ação correta.

METER-LHE PARA DENTRO OS PONTOS DE ANCORAGEM

Não empurre ou atire também coisas para um Pc. Não gesticule na direção de um Pc. Isso empurra-lhe os pontos de ancoragem para dentro e leva o Pc a rejeitar o auditor.



OS QUE DÃO R/Ss

A razão pela qual uma pessoa dá R/S sobre a Cientologia, ou os auditores e afins também não conseguem auditar bem, é por estarem muito desconfiados do Pc e sentirem que precisam de repetir o que o Pc acaba de dizer, de o corrigir ou gesticular na sua direção.

Mas, com ou sem R/S, qualquer auditor novo pode cair nesses maus hábitos que devem ser logo eliminados.

SUMÁRIO

Uma grande percentagem de quebras de ARC ocorre por causa da falta de compreender o Pc.

Não *mostre* que não compreendeu com gestos ou repetições erróneas.

Por favor, audite simplesmente.

L. Ron Hubbard

Fundador



GABINETE DE COMUNICAÇÕES HUBBARD

Solar de St. Hill, Grinstead Oriental, Sussex,

HCOB DE 7 DE Abril DE 1965

RECONHECIMENTOS PREMATUROS

Eis uma nova descoberta. Imaginem, mais uma a respeito da fórmula da comunicação, depois de todos estes anos!

As pessoas às vezes continuam a explicar-lhe as coisas depois de há muito você já ter compreendido?

As pessoas irritam-se quando estão a tentar contar-lhe alguma coisa?

Isto acontece quando há um Reconhecimento Prematuro.

Tal como o mau cheiro do corpo e o mau hálito, isto também não leva a qualquer felicidade social. Mas não use sabonete Lifeboy ou Desodorizante oral, mas uma fórmula de comunicação correta.

Quando você "alicia" uma pessoa a falar com um aceno de cabeça ou um "sim" em voz baixa depois dela ter começado, está a dar-lhe um reconhecimento, fazendo com que ela se esqueça e depois fale LARGAMENTE. Ela sente-se mal, não cognita e pode ter uma quebra de ARC.

Experimente. Diga a uma pessoa para lhe contar qualquer coisa e depois encoraje-a antes de lhe ter dito tudo.

EIS porque os pcs falam inutilmente sem parar: o auditor reconheceu (acusou a receção) prematuramente. EIS porque os pcs se irritam "sem qualquer razão". O auditor acusou a receção prematuramente e sem notar. EIS porque nos sentimos estúpidos ao falar com certas pessoas.

A maneira mais rápida de se tornar um pária social é acusar a receção prematuramente. Isto pode fazer-se de diversas maneiras.

O modo mais rápido de iniciar uma conversa sem fim, é acusar a receção prematuramente, pois a pessoa acredita que não foi compreendida e começa a explicar cada vez mais.

Portanto isto foi o criador oculto de quebras de ARC, o destruidor de cognições, o stupidificador, o que prolongava ita nas sessões.

E é a razão por que algumas pessoas acreditam que os outros são estúpidos ou não compreendem.

Hábitos de ruídos concordantes e acenos de cabeça, podem confundir-se com reconhecimentos, terminando o ciclo do orador, fazendo-o esquecer-se, sentir-se estúpido, acreditar que o ouvinte é estúpido, irritar-se, cansar-se de explicar e quebrar o ARC. O M/WH surge inadvertido. Ele não teve oportunidade de dizer o que ia a dizer porque foi parado por um reconhecimento prematuro. Resultado: M/WHs da parte de quem está a falar, com todas as consequências.

Isto pode dar-lhe medo de "concordar com ruídos ou gestos", um pouco, mas depois compreenderá.

Que pedaço de tech para permanecer incompletamente explicado. O que é correto assusta sim. E na Fórmula de Comunicação também!

L. Ron Hubbard

Fundador



GABINETE DE COMUNICAÇÕES HUBBARD

Solar St. Hill, Grinstead Oriental, Sussex,

HCOPL de 1 de Julho de 1965

ADITIVOS AO CICLO DE COMUNICAÇÃO

Não são permitidos quaisquer aditivos ao Ciclo de Comunicação em Audição.

Exemplo: Fazer o Pc expor o problema depois dele ter dito qual é o problema.

Exemplo: Perguntar ao Pc se aquela é a resposta.

Exemplo: Dizer ao Pc que "isto não reagiu" no E-Metro.

Exemplo: Questionar a resposta.

Este é o PIOR tipo de audição.

Os processos funcionam melhor AMORDAÇADOS. Amordaçado quer dizer usar APENAS TR 0, 1, 2, 3 e 4, exatamente segundo o exercício.

Os resultados de um Pc irão por água abaixo com um aditivo ao ciclo de comunicação.

Existem cem mil truques que podem ser adicionados ao Ciclo de Comunicação de Audição. CADA UM DELES é uma ASNEIRA.

A ÚNICA ocasião em que se pede para o Pc repetir é quando não foi ouvido.

Desde 1950 que eu sei que todos os auditores falam demais durante a sessão. O máximo de conversa é APENAS o Modelo de Sessão Padrão e o Ciclo de Comunicação em Audição dos TRs 0 a 4.

Pedir a um Pc para "esclarecer a sua resposta" é uma coisa muito séria. É realmente um assunto de ÉTICA e, se for feito habitualmente, torna-se num Ato Supressivo, pois eliminará todos os resultados.

Existem também maneirismos aditivos.

Exemplo: Esperar que o Pc olhe para você antes de dar o comando seguinte. (Os Pcs que não olham para os auditores têm uma quebra de ARC. Não distorça então isto para significar que o Pc tem de olhar para você antes de dar o comando seguinte.)

Exemplo: Uma sobrancelha levantada diante de uma resposta.

Exemplo: Um tipo de acusar de receção interrogativo.

Resumindo:

A BOA AUDIÇÃO OCORRE QUANDO APENAS É USADO O CICLO DE COMUNICAÇÃO E ESTE É AMORDAÇADO.

Aditivos ao Ciclo de Comunicação em Audição são QUALQUER AÇÃO, DECLARAÇÃO, PERGUNTA OU EXPRESSÃO ADICIONADA AOS TRs 0 - 4.

São Erros Crassos de Audição. (GAEs)

E devem ser considerados como tal.

Os auditores que adicionam ao Ciclo de Comunicação em Audição jamais farão Libertos.

Consequentemente, isto é Supressivo.

Não o faça!

L. Ron Hubbard

Fundador



GABINETE DE COMUNICAÇÕES HUBBARD

Solar de St. Hill, Grinstead Oriental, Sussex,

HCOB DE 1 DE OUTUBRO DE 1963

CIENTOLOGIA TOTAL

COMO OBTER AÇÃO DE TA

A necessidade mais vital na audição em qualquer nível de Cientologia é obter Ação de TA. Não se trata de preocupar o Pc com isso, mas simplesmente de obter ação de TA. Não é encontrar algo que irá produzir TA no futuro. É obter TA, AGORA.

Muitos auditores ainda medem o seu sucesso pelo número de coisas encontradas ou realizadas em sessão. Embora isto também seja importante (principalmente no Nível IV), é secundário, se comparado à Ação de TA.

1. Tem de obter boa Ação de TA.
2. Tem de realizar coisas na sessão para aumentar a Ação de TA.

DADOS NOVOS SOBRE O E-METRO

O erro mais elementar ao tentar conseguir ação de TA encontra-se certamente nos fundamentos da audição: a *leitura do E-Metro*.

Este ponto é tão facilmente ignorado e parece tão óbvio, que os auditores, por hábito, esquecem-se dele. Até que compreendam este ponto, os auditores continuarão a obter um TA mínimo e a contentar-se com 15 Divisões por sessão - o que pelo meu livro não é TA, mas um E-Metro encalhado na maior parte da sessão.

Há dados que têm de ser conhecidos sobre a leitura do E-Metro e obtenção de TA. Até aprenderem isto, não aprenderão mais nada.

VERIFICAÇÃO POR TA

O TA permite fazer ações de verificação. Assim como a agulha reage aos itens de uma lista, também o TA reage nas coisas que vão produzir TA.

Normalmente, *não se faz* a verificação *pela agulha* nos Níveis I, II e III. A verificação *faz-se pelo TA*.

A regra é: **AQUILO QUE FIZER BAIXAR O TA, IRÁ PRODUZIR AÇÃO DE TA.**

Inversamente, outra regra: **AQUILO QUE APENAS FIZER MOVER A AGULHA, RARAMENTE PRODUZIRÁ BOM TA.**

Deste modo, para os Níveis I, II e III (não para o IV), pode na verdade colar-se um papel no mostrador da agulha deixando visível apenas a parte inferior da haste da agulha, para o TA poder ser ajustado e fazer todas as verificações necessários com o TA. Se o TA se mover num assunto, então esse assunto irá produzir TA, sendo permitido ao Pc falar a esse respeito (fazer Itsa sobre tal assunto).

No início, quando a linha de Itsa foi revelada, quase todos os auditores tentaram encontrar apenas uma **AÇÃO FUTURA DO TA**, nunca levando em conta a **AÇÃO PRESENTE DO TA**. Isto resultou numa contínua elaboração de listas de problemas e anulação pela agulha, numa busca interminável para descobrir algo que "produziria TA". Procuravam freneticamente e por toda a parte encontrar algum assunto que



produzisse ação de TA, e nunca olhavam para o TA do E-Metro para descobrir o que estava a produzir ação AGORA.

Parece quase tolo ressaltar isto: o que está a produzir TA irá produzir TA. É a primeira lição a aprender. E leva muito tempo a aprender.

Os auditores ficaram também nervosos, tentando compreender o que era a LINHA DE ITSA. Pensavam ser uma Linha de Comunicação, parte dos CCHs ou qualquer outra coisa, menos aquilo que é. É simples demais.

Há duas coisas de grande importância num ciclo de audição. Uma é o “O que é?” e a outra é “Itsa”. Confundam-se as duas e não se obterá TA.

Se o auditor colocar “Itsa” e o Pc “o que é?” o resultado é ausência de TA. O auditor coloca “O que é?” e o Pc “Itsa”, sempre. É tão fácil inverter os papéis em audição que é o que acontece à maioria dos auditores a princípio. O Pc está muito disposto a falar das suas *difficultades, problemas e confusões*. O auditor quer de tal maneira fazer “Itsa” (descobrir) do que está a perturbar o Pc que, ainda verde nisto, trabalha, trabalha, trabalha tentando fazer “Itsa” de algo “que dê TA ao Pc”, de tal modo que leva este a fazer “o que é?”, “o que é?”, “O que é?” que está errado comigo?”. Listar não é realmente fazer “Itsa” bem; é fazer “O que é?” pois o Pc está, “É isto? É aquilo?”, mesmo quando se estão a listar “soluções” para verificação. O resultado é fraco TA.

O TA vem do Pc dizer “É isto!” e não “É isto?”

Exemplos de “o que é?” e “Itsa”:

Auditor: “O que é que está aqui?” (“o que é?”)

Pc: “Um auditor, um Pc, um E-Metro”. (“Itsa”)

“Itsa” nem é realmente uma linha de comunicação. É o que viaja numa Linha de Comunicação do Pc para o auditor, se o que viaja está a dizer, sem dúvida, “Itsa” (É) isto.

Eu posso sentar-me com um Pc e um E-Metro, levar cerca de três minutos a fazer uma verificação por ação de TA e, usando apenas R1C, conseguir 35 Divisões de TA em 2 ½ horas, sem mais trabalho do que o de escrever as leituras do TA e o meu relatório de auditor. Porquê? Porque o Pc não está a ser impedido de fazer “Itsa” e porque não levo o Pc a fazer “o que é?”. E também porque não penso que auditar seja complicado.

Se não ocorrer ação de TA, tem que ter sido *impedida*. Exemplo: Um auditor, sempre que notava que “o que é?” movia o TA mudava logo esse “o que é?” para um “o que é?” diferente. Aconteceu mesmo. No entanto quando lhe perguntaram o que fazia na sessão, respondeu: “Peço ao Pc um problema que tenha tido e, sempre que ele apresenta um, peço soluções para ele”. Não acrescentou que mudava freneticamente de “o que é?” sempre que o TA começava a mexer. Resultado: 9 Divisões de TA em 2 1/2 horas e o Pc cheio de carga ultrapassada. Se tivesse feito só o que disse que fez, teria obtido TA.

Se não ocorreu Ação de TA ela tem que ter sido impedida! Não é só “não ocorreu” e pronto.

A confirmar a grande ansiedade dos auditores para serem eles próprios a introduzir a linha de “Itsa” e não deixarem o Pc fazê-lo, está a mania de usar o E-Metro como uma mesa espírita. O auditor faz continuamente perguntas ao E-Metro, e não ao Pc. E lá se vão as divisões de TA. “Este item é um terminal?” pergunta o auditor ao E-Metro. Porque é que não pergunta ao Pc? Se perguntasse ao Pc obteria “Itsa”. “Não, penso que é um terminal oposto porque.....”. e o TA move-se.

Para dar uma ideia de como é simples fazer o Pc estabelecer uma linha de “Itsa”, experimentem isto:

Comece a sessão, recoste-se e fique só a olhar para o Pc. Não diga nada. Sente-se só ali a olhar para o Pc. O Pc, é claro que começará a falar. E se acenarmos com a cabeça de vez em quando, continuando a fazer o relatório de auditor, discretamente, para não cortar o “Itsa”, teremos um Pc falador e, na maior parte do



tempo, bom TA. Ao fim de 2 ½ horas, termine a sessão. Se somarmos o TA obtido, descobriremos normalmente que obtivemos bastante mais do que nas sessões anteriores.

Se não houve ação de TA é porque foi impedida! Ela não deixa pura e simplesmente de acontecer.

Mas isto não é apenas uma proeza. É uma regra vital e valiosa para a obtenção de TA.

REGRA: UM AUDITOR SILENCIOSO ENCORAJA A “TTSAR”

No entanto, nem tudo é bom. Ao fazer o trabalho de R4, R3R ou R4N, o auditor silencioso deixa o Pc fazer Itsa pela pista toda e provoca uma Ultra-Restimulação, o que encrava o TA. Porém, em níveis de audição mais baixos, encorajar Itsa com silêncio é uma ação vulgar.

Nos níveis I, II e III de Cientologia, na sessão, o auditor fica muito mais tempo calado do que a falar, numa proporção de cerca de 100 em silêncio para 1 a falar. Contudo, assim que chega ao Nível IV de audição, aos verdadeiros GPMs do Pc, o auditor tem de ser decidido e ativo para conseguir TA, e um auditor calado e indolente pode baralhar o Pc e obter muito pouco TA. Isto tudo tem a ver com "controlar a atenção do Pc". Cada nível de audição controla a atenção do Pc um pouco mais do que o último, e o salto do Nível III para o IV é enorme.

O Nível I quase não a controla. A regra acerca do auditor silencioso aplica-se inteiramente.

O Nível II apanha as metas da vida e vivência do Pc (ou as metas para a sessão), põe-no a fazer Itsa sobre elas e deixa-o discorrer. Ao auditor cabe apenas interferir para manter o Pc a fornecer soluções, tentativas, ações e decisões sobre as metas da sua vida, vivência ou sessão, em vez de dificuldades, problemas ou queixas sobre elas.

O Nível III adiciona uma *rápida* busca (através de verificação por TA) do Fac-símile de Serviço (talvez 20 minutos das 2 h ½) depois guia para lá o Pc através dos processos do R3SC. A regra aqui é que se a coisa encontrada que moveu o TA não poria os outros errados, mas sim o Pc, trata-se então de um elo num oppterm e há que fazer-lhe um Prepcheck. [Os dois RIs do topo contidos no GPM de PT do Pc constituem o Fac-símile de Serviço. (RI -Reliable Item: Pode ser um terminal de oposição ou um terminal, quer dizer, um item que provocou uma R/S quando descoberto). Um é o terminal do Pc, o outro é um terminal oposto. Cada um contém milhares de elos do RI. Qualquer par de elos do RI conta como Fac-símile de Serviço dando ação de TA]. Um bom Prepcheck *lento*, mas, ainda assim, um Prepcheck. Quer se percorra Certo-Erro, Dominar-Sobreviver (R3SC), ou o Prepcheck, (os dois únicos processos usados), deixamos o Pc realmente responder antes de lhe acusar a receção. Cada pergunta pode ter 50 respostas! Com um “o que é?” O auditor obtém 50 “Itsas” do Pc.

Na audição de Nível IV o auditor deixa suavemente o Pc itsar os RIs e listas, mas avançando como uma pequena máquina a vapor, encontrando RIs, RIs, RIs, RIs, Metas, RIs, RIs, RIs. É que o TA total de uma sessão de R4 só é proporcional ao número de RIs encontrados, sem enganos, sem metas falsas ou outros erros que roubem ação de TA.

Assim, quanto mais alto é o nível mais controlo da atenção do Pc. Porém, nos níveis mais baixos, à medida que se volta para baixo, os processos usados requerem cada vez menos controle, menos ação do auditor para obter TA. O nível é projetado para produzir TA nesse nível de controlo. E se as ações do auditor são mais ativas do que o requerido nos níveis mais baixos, o TA por sessão é diminuído.

ULTRA-RESTIMULAÇÃO

Conforme se encontrará noutro Boletim e nas palestras do Verão e Outono de 1963, aquilo que prende o TA em cima é a *Ultra-Restimulação*. A REGRA É: QUANTO MENOS ATIVO O TA, MAIS ULTRA-RESTIMULAÇÃO. (EMBORA A RESTIMULAÇÃO TAMBÉM POSSA ESTAR AUSENTE)

Portanto um auditor, auditando um Pc com baixa ação de TA (abaixo de 20 Divisões de TA para uma sessão de 2,5 horas) precisa ter cuidado para não Ultra-restimular o Pc (ou estimulá-lo lentamente). Isto é verdade para todos os níveis. No Nível IV, significa não descobrir a meta seguinte sem esvaziar toda a



carga possível do GPM em que está a trabalhar. E no Nível III é assim: não procurar demasiados fac-sími-les de Serviço novos sem antes extrair todo o TA do que já temos. No Nível II é não tocar numa nova do-ença até que o Pc sinta que já recuperou completamente da dor lombar que está a ser manejada. E no Ní-vel I consiste em "Deixar o falatório para o Pc".

A Ultra-Restimulação é o problema mais sério do auditor.

Sub-Restimulação significa simplesmente que o auditor não colocou a atenção do Pc em coisa alguma.

As fontes de Restimulação são:

1. O Ambiente da Vida e Vivência. É o mundo quotidiano do Pc. O auditor resolve isto com Itsa ou "Grandes Ruds Médios, Desde" e até regulando ou mudando algo da vida do Pc, dizendo-lhe apenas para não fazer isto ou aquilo durante o intensivo, ou até fazendo o Pc mudar de residência por algum tempo, se for essa a fonte. Isto subdivide-se em Passado e Presente.
2. A Sessão e o seu Ambiente. Isto é tratado fazendo Itsa do assunto do ambiente de sessão e de outros maneiras. Isto subdivide-se em Passado e Presente.
3. O Assunto da Cientologia. Isto é feito por verificação (por ação de TA) da antiga Lista Um de Cientologia fazendo depois Itsa ou Prepcheck do que for encontrado.
4. O Auditor. Isto é tratado com "O que é que estarias disposto a dizer-me. Com quem estarias disposto a falar?" e outras coisas deste tipo, para o Pc fazer Itsa delas. Isto subdivide-se em Passado e Presente.
5. Esta vida. Isto é tratado com verificações lentas e muito Itsa no que for descoberto, *quando se verificou haver ação de TA durante a verificação lenta*. Nos Níveis I a III, não se anula uma lista, ou fica durante dez horas a Listar & Nulificar para descobrir algo para fazer Itsa. Descobre-se o que move o TA e esvazia-se *logo* com Itsa).
6. O Caso do Pc. Nos Níveis I a III isto só é atacado indiretamente, conforme acima.

E, além das ações acima, pode manejar-se cada coisa ou o que for encontrado fazendo um Prepcheck lento.

LISTA PARA VERIFICAÇÃO

Faça a verificação por ação *de TA* da seguinte lista:

- O ambiente em que vives.
- O ambiente em que viveste.
- O ambiente aqui.
- O ambiente de audição ou tratamentos do passado.
- Coisas relacionadas com a Cientologia (Lista Um de Cientologia).
- Eu como auditor.
- Audidores ou terapeutas do passado.
- A tua história pessoal desta vida.
- Metas que estabeleceste para ti próprio.
- O teu caso.

No Nível II, ou simplesmente faz o Pc estabelecer metas de Vida e Vivência, e metas para a sessão, ou co-lhe o existente em relatórios anteriores, obtendo as decisões, ações, considerações, etc., a esse respeito, através de Itsa, retirando bastante bem o TA de cada um deles. Normalmente, pega na meta em que o Pc parece mais interessado (ou naquela em que já entrou em apatia), pois verificar-se-á que é aquela que vai apresentar mais TA.

Seja no que for que faça numa verificação por TA, quando encontra o item retire-lhe toda a ação *de TA* antes de o abandonar. E não corte o Itsa.



A MEDIDA DOS AUDITORES

A perícia de um auditor é diretamente proporcional à quantidade de TA que consegue obter. Um Pc não é mais difícil do que o outro. Pode fazer-se qualquer Pc produzir TA. Entretanto, alguns auditores cortam o TA mais do que outros.

Também, diga-se de passagem, um auditor não consegue falsificar o TA. Isso está escarrapachado no Pc após uma sessão: muito TA, Pc reluzente; pouco TA, Pc desanimado.

E o Movimento Corporal não conta. A movimentação corporal extrema em alguns Pcs pode produzir uma divisão de TA! Alguns Pcs tentam esgueirar-se do caminho para Clear! Uma boa maneira de curar um Pc irrequieto e atento ao TA é dizer: "Não posso registrar o TA provocado pelo movimento do teu corpo".

Como se pode suspeitar, o caso do Pc não avança muito até se manejarem os processos de R4. Porém, a des-Restimulação do caso pode produzir mudanças surpreendentes na condição-de-ser. "Key-out" é a principal função dos Níveis I a III. No entanto, carga retirada dum caso é carga retirada. A menos que seja des-restimulado, um caso não consegue obter uma Leitura Foguete (RR) ou apresentar ao auditor uma meta válida. Os Níveis I a III produzem um Clear de Livro Um (Book One). O Nível R4 produz um OT. Mas é necessário acondicionar (limpar) o caso antes da R4 poder ser corrida. E um auditor que não consegue lidar com os Níveis I a III, certamente não será capaz de cuidar dos processos próprios de um "homem-dos-sete-instrumentos" no Nível IV. Logo, torne-se competente nos Níveis I a III antes sequer de estudar o IV.

A PRIMEIRA COISA A APRENDER

Verificação Lenta significa deixar o Pc fazer Itsa durante a verificação. Isto consiste da ação rápida, muito decisiva, do auditor para conseguir algo que produza ação *de TA* e então, mudar imediatamente e ficar quieto para deixar o Pc fazer Itsa sobre isso. A lentidão é a ação geral. Leva horas e horas a fazer um velho formulário de verificação do preclaro, mas o TA voa.

A audição real no nível III tem a seguinte aparência: o auditor percorre como louco uma lista ou um formulário com um olho colado ao TA. À primeira ação *de TA* (não causada por movimento corporal), ele continua só mais um pouco ou nem tanto, e depois encosta-se para trás e fica a olhar para o Pc. O Pc volta-se para fora, vê o auditor à espera e começa a falar. O auditor, sem o interromper, anota o TA e de vez em quando acena com a cabeça. A ação *de TA* vai morrendo ao cabo de alguns minutos ou de uma hora. Assim que o TA pareça não conter muito mais ação, o auditor endireita-se, deixa o Pc terminar o que estava a dizer, então entra de novo em ação. Porém, nenhuma ação do auditor pode interferir com o TA. Nos Níveis I a III não se continua uma lista de verificação para além de uma ação *de TA* até que essa ação *de TA* esteja manejada.

Ao fazer uma verificação da Lista Um de Cientologia, percorre a lista até haver ação *de TA* (não devido a movimentação corporal). Então (visto que o TA não é muito específico), o auditor volta a passar por um ou dois pontos acima de onde viu pela primeira vez o TA e, observando o interesse do Pc e o TA, anda à volta daquela área até ter a certeza de ter localizado o que produziu movimento *de TA* e aí, esgota o TA através de Itsa ou de Prepcheck.

Dir-se-á então: mas o auditor não usa os TRs com o Pc? Isto é uma pergunta para uma resposta? NÃO!

Deixe o Pc acabar o que estava a dizer. E deixe o Pc ficar satisfeito de tê-lo dito, sem muita conversa pelo meio.

NÃO HAVER AÇÃO DE TA É SINAL PARA O AUDITOR AGIR.

HAVER AÇÃO DE TA É SINAL PARA O AUDITOR NÃO AGIR.

Só o auditor pode aniquilar a ação de TA. Assim, quando o TA começa a mexer, para de agir e começa a ouvir. Quando o TA para de mexer ou parece estar quase a parar, para de ouvir e começa de novo a agir.



Ele atua apenas quando o TA estiver relativamente imóvel. E então atua apenas o bastante para o fazer mover de novo.

Se aprender apenas o que aqui é dado, isto é, agir quando não dá TA e não agir quando dá TA, poderá por si só fazer com que comece a obter uma boa ação de TA no seu Pc.

Assim consegue tempo livre para observar o que se está a passar. Com meia centena de regras e a sua própria confusão a dar preocupações, nem sequer vai começar. Assim, para começar a obter TA do Pc tem primeiro que aprender o truque do convite silencioso. Comece simplesmente a sessão e fique à espera. Conseguirá assim algum TA.

Quando tiver isto dominado (e que luta para não agir, não agir, não agir e não falar dez vezes mais que o Pc!) passa então à etapa seguinte.

Aborde as fontes principais de Ultra-Restimulação enumeradas acima pedindo soluções para elas.

Aprenda a localizar a ação de TA mal ela ocorra, e a notar o que quer que o Pc estava a dizer nesse momento exato. Coordene estes dois factos: 1, o Pc a falar acerca de algo, e 2, o TA a mover-se. Isto é Verificação dos Níveis I a III. Apenas isso. É ver o TA mover-se e relacionar isso com o que o Pc está a dizer nesse momento. Saber que se o Pc falar por exemplo de "Bichos", ele obtém ação de TA. Anotar isso no Relatório. MAS não chame de outro modo a atenção dele para isso, pois ele já está a ter ação de TA noutra assunto. Este Pc *também* obtém TA em bichos. Vai guardando cinco ou dez desses assuntos dispersos sem fazer nada ao Pc a não ser deixá-lo falar sobre as coisas.

Ora, umas sessões mais tarde, o Pc terá contado tudo a respeito da principal fonte de Ultra-Restimulação do que, espero eu, você fez a cobertura com ele, fazendo o Pc recomençar apenas quando lhe estivesse a acabar a corda. Teremos agora uma lista de diversas outras coisas que dão TA. O QUE PRODUZIR MAIS TA NESSA LISTA REVELARÁ UMA META DO PC, POIS É O SEU FAC-SÍMILE DE SERVIÇO. Agora pode obter TA à vontade com este Pc. Tudo o que há a fazer é obter Itsa numa dessas coisas.

QUALQUER TA é o único alvo dos Níveis I a III. Não importa o que o gera. Só no Nível IV (Processos de R4) é que é vital saber em que é que se obtém TA (pois no Nível IV, se não se for exato não obterá TA).

Nos Níveis I a III a felicidade ou a recuperação do Pc só depende desse ondulante Ponteiro do Tom. Quanto é que ondula? Tanto quanto o caso avançar. Só no Nível IV é que interessa em que é que ondula.

Como auditor dos Níveis I a III será tanto melhor quanto mais TA obtiver com o seu Pc, e é tudo. E no Nível IV obterá tanto TA quanto mais exatamente estiver em cima de Metas e RIs certos nos lugares certos, e dos que não quer deixar inertes, imperturbáveis.

O seu maior inimigo é a Ultra-Restimulação do Pc. Assim que o Pc mergulha em mais carga do que pode facilmente Itsar, o TA diminui! E logo que o Pc se afunda em Ultra-Restimulação o TA para! Aí, o problema é corrigir o caso. E isso é mais difícil do que obter TA logo à partida.

Sim, dirá você, mas como é que se *começa* a “construir uma linha de Itsa?”. “O que é Itsa?”

Bem, uma criança entra na sala. O auditor diz-lhe "O que é que te incomoda?" A criança responde: "Estou preocupada com a mamã e não consigo que o papá fale comigo e...". NENHUM TA.

Esta criança não está a dizer nada do que é. Esta criança está a dizer "Confusão, caos, preocupação". Nenhum TA. A criança está a falar em Opptermis.

A criança entra na sala. O auditor diz-lhe: "O que é que está nesta sala?" A criança responde: "Você e o cadeirão e o tapete...". Isto é Itsa. Isto é TA.



Somente na R4 onde está mesmo sobre os GPMs do Pc e o Pc pode dizer o que é e o que não é, pode obter-se boa ação de TA ao Listar & Nulificar. E até mesmo aí não deixar o Pc dizer que isto é isto, pode encurtar grandemente o TA.

O auditor diz: "Sempre que falas de casas tens ação de TA. Nesta vida que soluções relativas a casas encontre?" E eis as duas sessões seguintes totalmente delineadas, cheias de ação de TA e sem nada que fazer para além de anotá-lo e acenar com a cabeça de vez em quando.

A TEORIA DA AÇÃO DE TA

O movimento do TA é causado pela saída da energia do caso contida nas confusões. A confusão é mantida por dados estáveis aberrados.

O dado estável aberrado (não baseado em factos) está ali para conter a confusão, mas, na realidade, antes de tudo, a confusão só se acumulou ali por causa de uma consideração ou postulado aberrado. Assim, quando o Pc faz as-is destes dados estáveis aberrados, a confusão desaparece e obtém TA.

Enquanto persistir o dado estável aberrado a confusão (e a sua energia) não fluirá.

Peça confusões (preocupações, problemas, dificuldades) e só Ultra-Restimulará o Pc, pois põe a sua atenção na massa da energia e não no *dado estável aberrado* que a mantém.

Peça-lhe o dado estável aberrado (considerações, postulados e até tentativas, ações ou qualquer "botão") e o Pc fará as-is, a confusão começa a efluir como energia (não como confusão) e obterá TA.

Restimulando só antigas confusões sem tocar no verdadeiro dado estável que as mantém no lugar o Pc obterá a massa, mas não o seu alívio e, portanto, nenhum TA.

O Pc tem que dizer: "É um.....(alguma consideração ou postulado)" para libertar a energia presa e abafada por aquilo.

Portanto, um dos piores erros do auditor que impede o TA é permitir que o Pc mexa em confusões sem fazer ceder, com exatidão, as considerações e postulados que mantêm as confusões no lugar.

E isso é "Itsa". É deixar o Pc dizer o que está ali, que foi lá posto, para afastar uma confusão ou um problema.

Se o Pc não está com vontade de falar com o auditor, então é disso de que fará Itsa. Por exemplo: "decisões que tomaste acerca de auditores". Se o Pc parece não poder ser auditado naquele ambiente, faz Itsa de antigos ambientes. Se o Pc tem montes de PTPs no início da sessão, peça as soluções do Pc para problemas semelhantes do passado.

Ou faz-se simplesmente *Prepcheck Lento* da zona de perturbação ou interesse do Pc.

E obterá TA, e em grande escala.

A não ser que o impeça.

Não há qualquer razão pela qual um auditor verdadeiramente bom não possa obter grande quantidade de ação descendente do TA numa sessão de 2 ½ horas, auditando qualquer coisa antiga que surja no Pc.

Mas um auditor verdadeiramente hábil não tentará fazer Itsa no Pc. Ele vai é tentar que o Pc faça Itsa. Essa é a diferença.

Francamente, é mais simples do que se pensa.

L. RON HUBBARD

Fundador



GABINETE DE COMUNICAÇÕES HUBBARD

Solar de St. Hill, Grinstead Oriental, Sussex,

HCOB DE 23 DE AGOSTO DE 1971

(HCOB 24 Maio 70 Revisto)

Série C/S 1

OS DIREITOS DOS AUDITORES

(Revisto para atualizar e cortar a lista de O/R e adicionar Audição Sobre Ruds Fora). Todas as alterações são neste tipo de letra.

RESPONSABILIDADE DO AUDITOR PELOS C/Ss

Um auditor que recebe orientação de um Supervisor de Caso (C/S) quanto ao que auditar num Pc, NÃO está desobrigado da sua responsabilidade como auditor.

O AUDITOR TEM UMA SÉRIE DE RESPONSABILIDADES QUE FAZEM PARTE DE CADA C/S QUE RECEBE PARA AUDITAR.

ACEITAÇÃO DO PC

Não é exigido que nenhum auditor aceite um Pc específico só porque este lhe é atribuído.

Se o auditor não acredita poder ajudar ou se não lhe agrada auditar aquele Pc específico, tem o direito de recusar-se a auditá-lo.

O auditor deve declarar a razão.

Nem o Supervisor de Caso, nem o Diretor de Processamento, nem o Diretor de Revisão, nem qualquer dos seus superiores, podem proceder disciplinarmente contra um auditor por este se recusar a auditar um Pc específico.

Logicamente, um auditor que se recuse a auditar a sua quota de horas ou de sessões fica sujeito a sanções.

Desse modo, recusar auditar um Pc em particular, desde que não se recuse a auditar outros Pcs, não está sujeito a sanções.

Nesta matéria, a declaração legal do auditor é: "Não quis auditar este Pc porque _____. Estou disposto a auditar outros Pcs."

Certos Pcs ganham má fama com alguns auditores; alguns não apreciam a audição, outros entram em conflito com a própria personalidade de um auditor em particular. Há casos assim. Não significa que certos Pcs não possam ser ajudados por outros auditores.

É também verdade que um auditor que não gosta de um Pc, pode não fazer um bom serviço, portanto a regra também tem um lado prático.

Um auditor não gostava de jovens e prestava-lhes um mau serviço. Outro não gostava de senhoras idosas e interrompia o que diziam em sessão. Um Pc tinha baralhado diversos Cientologistas e não encontrava absolutamente ninguém que o auditasse.

Não estamos a auditar pessoas para pagarmos pelos nossos pecados.

Assim um auditor tem o direito de rejeitar ou aceitar os Pcs que lhe são dados.



ACEITAÇÃO DE UM C/S

Quando um auditor recebe um C/S para usar num caso e acha não ser a coisa correta a fazer tem o direito de rejeitar o C/S para aquele Pc e solicitar outro com que possa concordar.

O auditor *não* tem o direito de começar a fazer um C/S e mudá-lo durante a sessão, exceto conforme abaixo indicado.

O auditor NÃO pode fazer C/S na cadeira de audição, enquanto audita o Pc. Se não tiver NENHUM Supervisor de Caso, mesmo assim o auditor audita a partir de um C/S. Escreve o C/S antes da sessão e segue-o à risca em sessão. Fazer outra coisa e não seguir o C/S chama-se "Fazer C/S na cadeira" e é uma forma muito medíocre pois leva a Q&A.

C/S ANTIGO

Um C/S com uma ou duas semanas ou um Programa de Reparação (Progresso) com um mês ou mais são dinâmite.

Chama-se "Programa Fora de Prazo" ou "C/S Fora de Prazo", significando ser muito antigo para ter validade.

Devia ter sido executado mais cedo. O Pc da semana anterior, quando o C/S foi escrito, podia estar bem e feliz no emprego, mas uma semana mais tarde, pode ter dores de cabeça ou reprimenda do chefe.

É perigoso aceitar um Programa de Reparação (Progresso) antigo.

O auditor que vê que o seu C/S é antigo e vê o Pc com Maus Indicadores, tem justificação para exigir novo C/S, apresentando as suas razões.

Um programa escrito em Janeiro pode estar completamente fora de prazo em Junho. Quem sabe o que pode ter acontecido entretanto?

Use C/Ss e Programas recentes.

De qualquer maneira, C/Ss fora de prazo só acontecem em Divisões malconduzidas e com trabalho em atraso. O verdadeiro remédio é reorganizar e contratar mais e melhores auditores.

FIM DA SESSÃO

Quando o C/S existente se mostra não-funcional *durante* a sessão, o auditor tem o direito de terminar a sessão e mandar a pasta para o C/S.

A decisão de terminar a sessão cabe inteiramente ao auditor.

Se o auditor simplesmente não completar uma ação que estava a produzir TA e que poderia ter sido completada é, obviamente, uma falha. Um tal caso é, por exemplo, não se percorrer um engrama básico uma vez mais, o que traria o TA para baixo e levaria aos fenómenos finais corretos. Esta e outras ações semelhantes seriam um erro do auditor.

O que aqui se julga é se o auditor teve ou não justificação para terminar a sessão.

Embora ele possa ter cometido um erro, o auditor não pode ser acusado de *terminar* a sessão, pois isso cabe-lhe inteiramente a ele. Ele pode é levar uma falha pelo erro.

AUDITAR POR CIMA DE RUDIMENTOS-FORA

Auditar um Pc noutra coisa qualquer quando os seus rudimentos estão fora é um GRANDE ERRO DE AUDIÇÃO.

Mesmo que no C/S se omita "Fazer flutuar um rud" ou "Flutuar os ruds", não é justificação para o auditor auditar o Pc por cima de rudimentos fora.



O auditor pode fazer uma de duas coisas: Pode fazer flutuar todos os ruds ou pode devolver a pasta e solicitar que os ruds sejam flutuados.

O AUDITOR DE DIANÉTICA não tem desculpa para auditar por cima de ruds fora e, num HGC, isto deve ser especialmente acautelado para não acontecer, mas devolver a pasta para novo C/S. Melhor ainda, ele deveria aprender a fazer flutuar os ruds.

INCAPACIDADE DE FAZER FLUTUAR OS RUDS

Se um auditor não consegue fazer flutuar um rud, não pode fazer qualquer rud dar F/N, tem justificação para começar uma Green Form.

A solução do auditor para a falta de F/N nos ruds é fazer uma GF, quer o C/S o tenha dito ou não.

É uma das ações esperadas.

Subentende-se que o auditor teria usado Suprimido e Falso ao tentar fazer flutuar os ruds.

SESSÕES MUITO DISTANCIADAS

Quando um Pc não teve sessão por algum tempo, ou quando o Pc teve sessões com dias de intervalo, OS RUDS TÊM DE SER FLUTUADOS. De contrário, o Pc seria auditado por cima de ruds fora. Isto pode criar massa mental.

O esquema ideal de sessões é uma série delas ou um programa inteiro feito num bloco de sessões perto umas das outras. Isto impede que o mundo ponha fora os ruds do Pc entre sessões.

Sessões muito distanciadas mal chegam para se porem a par com a vida. O tempo de audição é gasto a reparar a vida corrente.

Resultados rápidos põem o Pc acima das perturbações da vida, mantendo lá o Pc

ITENS SEM REAÇÃO

Quando um item que foi dado ao auditor para manejar não reage no e-metro, mesmo quando ele testa Suprimido e Invalidado, o auditor NÃO PODE fazer nada com tal item dissesse o C/S o que dissesse.

Espera-se que ele veja se reage e use nele Suprimido e Invalidado. E se mesmo assim não reagir, espera-se que NÃO o percorra.

LISTAS

Quando o auditor cujo C/S diz para listar "Quem ou o quê _____" ou qualquer outra pergunta de listagem, verifica que a pergunta não reage, NÃO PODE listá-la.

Ao fazer uma lista ordenada pelo C/S, presume-se que o auditor irá testá-la quanto à reação antes de listar e que NÃO listará uma pergunta que não reage. (Uma reação é um verdadeiro Fall, não um tique ou uma agulha parada.)

PROBLEMAS COM LISTAS

Quando um auditor tem dificuldade em fazer uma lista e em obter um item, espera-se que seja usada uma Lista Preparada, como a L4B para localizar o problema e resolvê-lo.

Visto ser muito duro para um Pc baralhar uma lista, espera-se que o auditor lide com a situação imediatamente, sem instruções adicionais do C/S.



TA ALTO

Quando o auditor vê que o TA está alto no início da sessão e, no entanto, o C/S diz para "Flutuar um rud" ou auditar uma cadeia, o auditor NÃO PODE TENTAR FLUTUAR UM RUD e não pode começar uma cadeia.

Tentar trazer o TA para baixo com Quebras de ARC ou ruds é muito duro para o Pc pois as Quebras de ARC não são a razão para o TA subir.

Vendo um TA alto no início, o auditor de Dianética ou o auditor de Cientologia até Nível II, NEM inicia a sessão, mas manda a pasta de volta para o C/S para que um auditor de classe mais alta o resolva.

Ao ver um TA alto no início, o auditor de Cientologia (Classe III ou acima) faz o seguinte:

verifica se houve exteriorização numa sessão recente e, no caso afirmativo, a sessão é terminada, sendo pedido ao C/S um "INT RD";

se o Pc já fez um INT RD, o auditor pede ao C/S autorização para fazer uma "C/S 53", um "Verificação de TA Alto-Baixo" ou o que o C/S indicar. O INT RD pode ter sido (normalmente é) "Overrun" e precisa de reabilitação ou correção, sendo usual verificá-lo; isto está incluído no "C/S 53" e no TA Alto-Baixo.

Esperam-se estas ações do auditor, mesmo quando não indicadas pelo C/S.

CONTINUAR NA ESPERANÇA

Quando um caso começa a correr mal de sessão para sessão, a ÚLTIMA coisa a fazer é continuar com a esperança de o resolver, tanto com audição, como com C/S.

"Vamos tentar ____", "depois tentamos isto", "então isto", não vai resolver o caso.

OBTENHA DADOS. Pode conseguir dados usando um Form Branco (Formulário de Verificação do Pc). Pode conseguir dados através duma GF totalmente Verificada (Método 5). Pode conseguir dados com 2WC sobre vários assuntos. Pode fazer uma entrevista de D. de P. e obter respostas. Pode até perguntar à mãe dele.

Procure os erros do caso. Estude a pasta até onde o Pc ia bem, avance daí para a frente e sempre encontrará o erro.

Não continue só Na esperança de o resolver, sessão falhada após sessão falhada. Isso é pura idiotice.

Obtenha dados! De listas preparadas, da vida, do Pc, da pasta.

ENCONTRE A FALHA!

Ah, meu Deus, ele é um Agente Pinkerton, sob juramento de segredo! Faz exercícios de ioga após cada sessão. Foi julgado por assassinio quando tinha 16 anos e ninguém limpou aquele engrama.

Vários auditores percorreram a mesma cadeia de engramas quatro vezes.

Um auditor fez-lhe o INT RD duas vezes.

Após o Poder ela teve um bebé e ninguém limpou o parto.

Ele não gosta de falar, mas é um "Grau Zero"!

Podem existir dúzias e dúzias de razões.

Um auditor não deixa um C/S fazer C/S na esperança de resolver. Recusa o C/S até ser feito um Sumário de Erros de Pasta (FES) e a falha ser encontrada.

COISAS FEITAS DUAS VEZES

Por descuido, o mesmo percurso pode ser pedido e feito duas vezes ou até mais.



Tem de haver e em dia, um Sumário da Pasta do lado de dentro da capa da frente.

Por cima dele tem de existir um programa segundo o qual o caso está a ser auditado. No entanto, só por-que está mencionado no programa, nunca deixe de registar uma sessão e o que nela foi feito, no Sumário da Pasta.

Se lhe mandarem fazer "Mantenha-o Parado", verificar se esse processo já tinha sido feito antes.

Não deixe que Percursos principais sejam feitos duas vezes.

Os ITENS DE DIANÉTICA nunca podem ser auditados duas vezes. Listas de Dianética não podem estar espalhadas na pasta. Ponha-as todas juntas, mantenha-as juntas e em dia.

CÓPIA

Não copie listas de Dianética ou folhas de trabalho de notas ou itens de listas.

Mantenha todo o trabalho administrativo limpo e na forma original.

Copiar torna os erros possíveis.

RUDS A SALTAREM FORA

Quando os ruds saltam fora durante a sessão, o auditor reconhece o seguinte:

Pc crítico = W/H para com o auditor

Pc antagonista = BPC em sessão

Nenhum TA = Problema

Cansado = Propósito falhado ou dormiu pouco

Triste = Quebra de ARC.

TA a subir = "Overrun" ou Protesto.

Dormitar = F/N passada por cima ou sono insuficiente.

Falta de interesse = Ruds fora ou falta de interesse desde o início.

Um auditor que não tem a certeza do que se passa, mas que entra em problemas com o Pc (exceto em listas, as quais ele trata sempre imediatamente), será suficientemente esperto para rapidamente encerrar a sessão, escrever completamente as suas observações e mandá-las para o C/S.

O auditor que é um veterano e sabe o que tem na frente conforme a escala atrás (e as instruções que o C/S daria), maneja a coisa de imediato.

Pc crítico = W/H = Puxa o W/H.

Pc Antagonista = BPC = Faz a Verificação da lista apropriada (como L1C) e resolve-o.

Nenhum TA (ou de resultados de caso) = Problema = Localiza o problema.

Cansado = Propósito falhado ou dormiu pouco = Verifica qual é e resolve.

Triste = Quebra de ARC = Localiza e resolve. Itsa, itsa anterior.

Ta a subir = Overrun ou Protesto = Descobre qual é e resolve. O/R é normalmente tratado com Reab.

Dormitar = F/N ultrapassada cima ou sono insuficiente = Verifica se é falta de dormir ou reabilita a F/N.

Falta de interesse = Ruds fora ou, desde o início, falta de interesse = Verifica o interesse ou limpa os ruds.



Lista que saiu mal = BPC = Resolve ou faz uma L4B ou qualquer L4, imediatamente.

Ruds que não flutuam = Algum outro erro = Faz a Verificação da GF e resolve.

O auditor não tem nada que tentar fazer o C/S dado quando este colide com qualquer das coisas acima e não se destina a resolvê-las.

Se a sessão anterior revelou um certo erro e o C/S para esta sessão, que se destinava a resolvê-lo, não o fez, o auditor deve terminar a sessão e o C/S seguinte deve ser “2WC para obter dados”.

CASO NÃO RESOLVIDO

Quando o auditor ou o Examinador depara com um Pc que assegura que o seu caso não foi resolvido, não se pode mandar fazer um novo conjunto de ações baseadas em poucos dados. O auditor deverá terminar e o C/S deverá mandar fazer uma “2WC sobre o que não foi resolvido”.

O auditor não deverá logo tomar isto como parte de qualquer outro C/S.

Por outras palavras, o auditor não muda o C/S para um 2WC sobre algo que não foi pedido pelo C/S.

AÇÕES PRINCIPAIS

Um auditor nunca deverá começar uma ação principal num caso que não está para ela preparado.

Como isto pode ocorrer durante uma sessão, é vital compreender a regra e segui-la. De contrário, um caso pode ficar encravado aí mesmo e será difícil de recuperar, pois agora a uma ação não corrigida junta-se uma nova ação a corrigir. Agora, se o auditor inicia uma ação principal num caso não “preparado”, temos duas coisas a reparar quando tínhamos apenas uma, porque a ação principal não irá também funcionar.

Reparação = remendo de erros de audição passada ou da vida recente. Isto é feito com listas preparadas, completando a cadeia, corrigindo listas ou até 2WC ou Prepcheck acerca de auditores, sessões, etc.

Rudimentos = preparação do caso para a ação de sessão. Inclui quebras de ARC, PTPs, W/Hs, GF, listagem de Overruns ou qualquer lista preparada (como L1c, etc.)

Preparação = obtenção de uma F/N e VGIs antes de iniciar qualquer ação principal. Significa justamente isso, uma F/N e VGIs antes de iniciar qualquer ação principal. Pode requerer uma ação de reparação e também os ruds.

Ação Principal = qualquer ação, qualquer que ela seja destinada a mudar um caso, mudar as considerações gerais, tratar de uma doença contínua ou melhorar a capacidade. Isto significa um Processo ou mesmo uma série de processos, como 3 fluxos. Não significa um grau. É qualquer processo que o caso não tinha recebido.

Grau = Uma série de processos culminando numa capacidade exata adquirida, examinada e atestada pelo Pc.

Programa = qualquer série de ações projetadas por um C/S para obter resultados definidos num Pc. Um programa usualmente inclui diversas sessões.

A grande maioria dos erros de audição ocorre porque os C/Ss e os auditores procuram usar uma Ação Principal para reparar um caso.

É da responsabilidade do auditor rejeitar um C/S que procura usar uma ou mais ações principais para reparar um caso que não está a correr bem.

O auditor precisa compreender isto completamente. Ele pode ser levado a aceitar um C/S errado para o Pc e, até mais importante, pode na sua própria sessão fazer esse erro e baralhar o caso.

Exemplo: O Pc não tem respondido bem (ausência de TA que se veja ou teve um Relatório de Exame mal-humorado). O auditor vê que o C/S mandou fazer uma ação principal em vez de uma reparação com listas preparadas, ruds, etc. O auditor tem de rejeitar o C/S porque este levá-lo-á a falhar a sessão.



Exemplo: O auditor recebe um C/S: “(1) Flutua um Rud; (2) Faz a Verificação da LX3; (3) Percorre recordar nos-3-sentidos, secundários nos-3-sentidos, engramas nos-3-sentidos em todos os itens com / / X” O auditor não consegue fazer flutuar um Rud. Faz a LX3. Por outras palavras, falha por deixar de “PREPARAR” o caso. Poderia também acontecer deste modo: o auditor não consegue fazer flutuar um Rud, faz uma GF, não consegue F/N. Ele NÃO PODE começar uma ação principal e TEM QUE terminar a sessão ali mesmo.

É fatal começar qualquer processo novo destinado a mudar o caso, se o caso não estiver com F/N e VGIs.

O Pc que inicia o processamento pela primeira vez e certamente não está com F/N, VGIs, precisa ser *preparado* através de ações de reparação: rudimentos simples, ruds na vida, lista de Overruns na vida, até com Verificações de listas preparadas sobre a vida. Isto são ações de reparação. O Pc, mais cedo ou mais tarde, começará a flutuar. Então, no início da sessão, limpa-se um rud, consegue-se uma F/N, VGIs e podem iniciar-se as ações principais.

Assim sendo, o auditor tem a responsabilidade de não se deixar levar por um C/S que manda fazer uma ação principal num Pc que não teve reparação ou que não foi capaz de obter, através de reparação, uma F/N, VGIs em sessão.

As *únicas* exceções são uma assistência de toque, ruds na vida ou assistência de Dianética, tudo isto num Pc temporariamente doente. Mas isso é reparação, não é?

VIOLAÇÕES DE PROGRAMAS

Quando um auditor recebe um C/S e vê que ele viola o programa do Pc, deve rejeitá-lo.

Digamos que o Pc deve findar a sua Dianética Tripla, porém, subitamente, recebe um Intensivo de Engramas de Grupo. Isso viola o programa e o grau também.

Se a coisa estiver a correr mal, deve ser mandada fazer uma reparação. Caso contrário deve completar-se o programa.

Exemplo: Está a ser feito um esforço para que o Pc vá para a banda passada. É um programa contendo diversas ações principais, consistindo provavelmente em várias sessões. Antes deste programa estar completo e antes do Pc ter ido para a banda passada, o C/S manda “(1) Flutuar um Rud; (2) 3 S&Ds”. O auditor deveria reconhecer nos 3 S&Ds uma ação principal metida no meio de um programa e por isso rejeitá-lo. A ação correta, logicamente, é o processo seguinte de banda passada.

VIOLAÇÕES DE GRAUS

Um Pc que está num grau e ainda não o atingiu, não pode receber ações principais que não fazem parte daquele grau.

Exemplo: O Pc está no Grau I. O C/S manda fazer uma lista tendo a ver com a bebida. Não é um processo daquele grau. Poderia ser feito depois de terminar o Grau I e antes de iniciar o Grau II. O C/S está incorreto e não pode ser aceite.

CAPACIDADE ALCANÇADA

Por vezes, o Pc poderá atingir a capacidade do grau ou chegará aos seus fenómenos finais, antes de toda a ação principal estar completa, ou antes de todos os processos do grau serem feitos.

Isto é principalmente verdade no caso de deslocadores de valências ou de Percursos de Interiorização e pode também acontecer nos Graus.

O auditor deve reconhecer isto e, com a F/N, VGIs sempre presentes em tais momentos, dar a coisa por terminada,



Sei de um caso que teve uma enorme cognição acerca de Interiorização no Fluxo I de Engramas e foi empurrado, não só pelo C/S como pelo auditor, a fazer os Fluxos 2 e 3. Encravou-se tanto que levou semanas a endireitar o caso.

A própria capacidade fica invalidada se a ação for levada em frente.

Por outro lado, não deve nunca ser aceite como desculpa isto: “Penso que ele cognitou para si mesmo e, portanto, terminámos a sessão.” Precisa ser uma verdadeira cognição dada em voz alta: “Então não querem saber!?” Com uma *grande* F/N, VGIs e diretamente relacionada com o assunto, para que se possa encerrar a ação principal, um programa ou um Grau, antes de todas as ações terem sido auditadas.

REVER REVISÕES

Um auditor que recebe um C/S ou ordem para reparar um caso que está a correr bem, deve recusar-se a fazer essa ação.

Vi um caso que tinha tido Exteriorização com Percepções Completas ser enviado para reparação. A reparação encravou o caso. Depois, ficou bem de novo, mas, um segundo C/S mandou fazer nova reparação o que, naturalmente o encravou. Aí foram feitas ações principais. O caso foi novamente reparado e reabilitado e ficou bem. O auditor deveria ter dito NÃO três vezes.

RELATÓRIOS FALSOS

O truque mais vil que pode ser aplicado a um Pc é o auditor falsificar um relatório de audição.

Pode pensar-se que é “boas Relações Públicas” do auditor para o C/S.

Na verdade, esconde um erro e põe o Pc em risco.

INTEGRIDADE é uma marca que distingue a Dianética e a Cientologia.

Só porque os psiquiatras foram desonestos não é razão para que os auditores o sejam.

Os resultados estão lá para serem obtidos.

Relatórios falsos bem como os falsos atestados, viram-se de uma forma terrível contra o auditor e o Pc.

OVERTS CONTRA Pcs

Quando o auditor se encontra a resmungar ou a criticar os seus Pcs, deveria ter os seus W/Hs e overts contra os Pcs tirados fora.

Um auditor que fica triste, está a auditar Pcs por cima das suas próprias quebras de ARC.

Um auditor preocupado com o seu Pc está a trabalhar por cima de um Problema.

Limpar os nossos próprios ruds a respeito dos Pcs, C/Ss ou da Org, pode trazer novo sabor à vida.

OS AUDITORES NÃO TÊM CASO

Na cadeira, nenhum auditor tem caso.

Se a respiração embaciou um espelho colocado em frente ao seu rosto, ele ainda pode auditar.

Desmaie depois se tiver que ser, mas assegure-se que o Pc chega ao Examinador com a sua F/N.

Depois arranje quem o trate.

“O QUE É QUE ELE FEZ ERRADO?”

Um auditor tem o direito de saber o que é que fez de errado na sessão que correu mal.



A maior parte das vezes, uma sessão só é má quando as regras e dados deste Boletim foram violados.

Mas os TRs do auditor podem desaparecer ou a sua “L&N” incorrer em erro.

Após uma sessão que correu mal, alguém, que não o auditor, deve perguntar ao Pc o que é que o auditor fez. Por vezes, isto identifica um relatório falso. Mas às vezes, é também um relatório falso da parte do Pc.

De qualquer modo o auditor tem o direito de saber. Aí, ele pode corrigir a sua audição ou o seu saber, ou pode até avisar o C/S que o relatório do Pc não é verdadeiro e que se pode aplicar ao Pc uma reparação melhor.

Quase nunca é requerida uma ação drástica contra um auditor. Ele estava a tentar ajudar. Algumas pessoas são difíceis de ajudar.

Não só o auditor tem o direito de saber o que estava errado, mas também lhe tem de ser dada a data e o título exatos do Boletim que violou.

Nunca aceite uma correção verbal ou escrita que não esteja incluída num Boletim ou palestra.

Não seja, cúmplices de uma “linha oculta de dados” que não existe.

“Arruinaste o Pc” não é uma declaração válida. A acusação correta é: “Violaste o Boletim _____, página._____”.

Nenhum auditor pode ser castigado por pedir: “Posso por favor ter a palestra ou o Boletim que foi violado, para o ler ou ir para Cramming?”

Se não constar de uma palestra, de um livro ou de um Boletim, NÃO É VERDADE e nenhum auditor tem de aceitar qualquer crítica não baseada nos verdadeiros dados da fonte.

“Se não está escrito não é verdade.” é a melhor defesa e a melhor maneira de melhorar a técnica.

Estes são os direitos do auditor em relação a um C/S. Todos eles são direitos técnicos baseados em princípios.

O auditor deve conhecê-los e usá-los.

Se um auditor se firmar nestes direitos e for atacado, deve apresentar todos os factos perante a OTL ou S.O. mais próxima, pois alguma coisa está algures muito errada.

A audição é uma atividade feliz, quando feita como deve ser.

L. RON HUBBARD

Fundador



H.- COISAS QUE O AUDITOR NÃO PODE FAZER

GABINETE DE COMUNICAÇÕES HUBBARD

Solar de St. Hill, Grinstead Oriental, Sussex,

HCOB de 07 de ABRIL de 1964

TODOS OS NÍVEIS Q&A

Há uma grande quantidade de auditores que fazem Q&A.

Isto porque não compreendem o que significa Q&A.

Quase todos os seus fracassos em audição provêm, não do uso de processos errados, mas de Q&A.

Em função disso, examinei o assunto e redefini Q&A.

A origem do termo Q&A provém de "mudar quando o preclaro muda". A resposta básica a uma pergunta é, obviamente, a pergunta, se seguirmos completamente a duplicação da fórmula da comunicação. Vejam-se as gravações do Congresso de Filadélfia, em 1953 onde isto é abordado em detalhe. Uma definição posterior foi: "Questionar a resposta do preclaro". Outro esforço para ultrapassar a dificuldade e explicar Q&A foi o exercício Anti-Q&A. Porém nada disto atingiu o que se pretendia.

A nova definição é:

Q&A É A FALTA DE COMPLETAR UM CICLO DE AÇÃO NUM PRECLARO.

UM CICLO DE AÇÃO É REDEFINIDO COMO COMEÇAR, CONTINUAR, TERMINAR.

Assim, um ciclo de comunicação de audição é um ciclo de ação. Inicia-se com o auditor a fazer uma pergunta a que o preclaro consegue compreender, continua com a obtenção de uma resposta do preclaro e termina acusando-lhe a receção.

Um ciclo de um processo é a seleção de um processo para ser auditado no preclaro, fazer o processo dar TA (se necessário) e escoar todo o TA do processo.

Um ciclo de um programa é a seleção de uma ação a ser executada, executar essa ação e completá-la.

Pode assim ver-se que um auditor que interrompa ou que mude um ciclo de comunicação de audição antes de este estar completo, está a "fazer Q&A". Isto pode acontecer pela violação, impedimento ou não execução de qualquer das partes do ciclo de audição. Isto é: Pergunta uma coisa ao preclaro, recebe a resposta a uma ideia diferente, faz uma pergunta sobre essa ideia diferente abandonando assim a pergunta original.

Um auditor que começa um processo, que o põe simplesmente a funcionar e que obtém uma ideia nova por causa de uma cognição do preclaro e passa a lidar com a cognição e abandona o processo original, está a fazer Q&A.

Um programa, tal como um "Prepcheck na família deste Preclaro", que é iniciado e que por qualquer razão é deixado incompleto para perseguir qualquer nova ideia sobre a qual fazer o Prepcheck, é Q&A.

O que aniquila os casos são os ciclos de ação não concluídos.

Tendo em conta que o tempo é um "continuum", não concluir um ciclo de ação (um continuum) encalha o preclaro nesse exato ponto.



Se não acredita nisto faça um Prepcheck em "Ações incompletas" de um preclaro! Que ação incompleta foi suprimida?, etc., limpando mesmo o e-metro em cada botão. Então terá um clear, ou pelo menos alguém que se comportará como tal ao e-metro.

Compreenda isto e será à volta de noventa vezes mais eficiente como auditor.

"Não faça Q&A" significa: "Não deixe ciclos de ação incompletos num preclaro".

Os resultados que pretende alcançar num preclaro perdem-se quando faz Q&A.

L. Ron Hubbard
Fundador



GABINETE DE COMUNICAÇÕES HUBBARD

Solar de St. Hill, Grinstead Oriental, Sussex,

HCOB de 5 de ABRIL de 1980

Cursos de TRs

A VERDADEIRA DEFINIÇÃO DE Q&A

Existem várias definições para o termo "Q&A".

Em linguagem de Cientologia é muitas vezes usado para significar "indeciso", que não se consegue decidir.

O "Q" é de "Questionar" (Perguntar) o "A" é de "Aceder" (Aceder a Responder).

Se estivermos a lidar com uma "duplicação perfeita", a resposta à Pergunta é a própria Pergunta.

Eis a verdadeira definição, tal como se aplica aos TRs: "Questionar a última Resposta".

Exemplo:

Pergunta: "Como é que estás?"

Resposta: "Estou bem".

Pergunta: "Bem como?"

Resposta: "Dói-me o estômago".

Pergunta: "Quando é que o estômago te começou a doer?"

Resposta: "Por volta das 4 horas".

Pergunta: "Onde é que estavas às 4 horas?"

Etc., etc., etc.

Este exemplo constitui num erro grosseiro de audição. Chamamos-lhe "Q&A" uma vez que cada pergunta é baseada na resposta precedente. Poder-lhe-íamos chamar também: "Q (Questão) baseada na última A [Acedência a responder]".

Deste modo, um ciclo nunca mais termina. Os Pcs mergulham na confusão. É uma violação do TR3. Não o façam.

Creio que o que acabo de dizer desfaz toda a confusão sobre este assunto.

L. Ron Hubbard

Fundador



GABINETE DE COMUNICAÇÕES HUBBARD

Solar de St. Hill, Grinstead Oriental, Sussex,

HCOB DE 3 DE AGOSTO DE 1965

ERROS DE AUDIÇÃO - INTERRUPÇÃO DO BD

Durante um BD do Ponteiro de Tom (TA), é um erro sério do auditor falar ou mexer-se.

Quando o TA tem de ser trazido rapidamente para baixo a agulha parece flutuar, mas está apenas em queda.

Para se ver uma agulha a flutuar o TA deve ter parado de cair.

Um BD é o período de alívio e cognição para uma pessoa enquanto ocorre e um instante depois de ter parado.

Consequentemente, é um erro sério do auditor falar ou mover-se durante um BD do TA ou no momento imediatamente após ter ocorrido. Isto foi notado há anos e foi dado em material anterior sobre listas.

UM AUDITOR NÃO DEVE FALAR OU MEXER-SE DURANTE UM BD.

Quando o auditor tem que mover o TA da direita para esquerda para manter a agulha no mostrador e o movimento é de 0.1 divisões ou mais, está a ocorrer um BD. A agulha, logicamente está a cair para a direita.

Esse é o período de descarga do banco. Ele é acompanhado de tomadas de consciência do Pc. Às vezes o Pc não as declara em voz alta. No entanto, elas ocorrem.

Se o auditor falar ou se mexer além de ajustar o TA com o polegar, o Pc pode suprimir as cognições e parar o BD.

Uma F/N não pode ser observada durante um BD.

O facto de um auditor se empertigar e demonstrar surpresa ou prazer, ou dar o comando seguinte ou um “pronto” durante um BD, pode perfeitamente arruinar o caso de um Pc. Consequentemente, é mesmo um erro fazer isto.

Para conseguir resultados em audição é preciso auditar com um bom Ciclo de Comunicação, aceitar as respostas do Pc, manejar as suas originações, ser discreto nas ações de audição do Pc, não o parar enquanto escreve, não desenvolver truques tais como esperar que o Pc olhe para si antes de dar o comando seguinte, não lhe Acusar a Receção prematuramente dando inicio a Itsa compulsivo, e ficar bem quieto durante e imediatamente após um BD.

L RON HUBBARD

Fundador



GABINETE DE COMUNICAÇÕES HUBBARD

Solar de St. Hill, Grinstead Oriental, Sussex,

HCOB DE 5 DE FEVEREIRO DE 1966

Emissão II

Audição Básica Série 8

DEIXAR O PC FAZER ITSA

O AUDITOR DEVIDAMENTE TREINADO

A coisa mais dolorosa que jamais espero ver é um auditor "a deixar o Pc fazer itsa".

Tenho visto auditores a deixarem um Pc falar, falar, falar, falar e esvair-se, falar e esvair-se e falar novamente até perguntar onde, se algures, aquele auditor foi treinado.

Em primeiro lugar, tal auditor não poderia saber o que significa a palavra ITSA.

Itsa significa "é um"

Agora, está para além da minha compreensão, um auditor acreditar que deixar o Pc falar faz com que ele localize o que É.

Este Pc tem estado a falar toda a sua vida. Ele não está bem. Os analistas faziam as pessoas falar durante cinco anos e elas raramente se curaram.

Desse modo, como se pode hoje em dia supor que um Pc, que se deixa falar bastante, ficará bem?

Não ficará.

O auditor não conhece as bases mais básicas da técnica de audição. É tudo. São os TRs.

Um auditor que não consegue fazer TRs não consegue auditar. E ponto final.

Em vez disso, ele diz que está "a deixar o Pc fazer itsa".

Se com isso ele quer dizer que está a deixar o Pc andar de um para o outro lado da estrada e a cair nas bermas, então isto não é audição.

Em audição, um auditor guia o Pc. Dá ao Pc algo para responder. Quando o Pc responde, ele está a dizer "**É UM.....**" e isso é itsa.

Se o Pc responde e o auditor acusa a receção cedo de mais, o Pc tende a entrar em ansiedade. Ele foi interrompido. Deste modo, fala mais do que queria.

Se o Pc responde e o auditor não lhe acusa a receção, então o Pc continua a falar, a falar, à espera que lhe acuse a receção que não vem, "esgota-se", tenta de novo, etc.

Assim sendo, um acusar de receção prematuro, tardio ou inexistente resulta na mesma coisa: o Pc continua, continua, continua.



E eles chamam a isto "deixar o Pc fazer itsa". Bolas! Se um Pc fala demais numa sessão, ou está a ser interrompido pelo auditor ou então não tem auditor nenhum. Não é itsa. São TRs torpes. (A única exceção é o Pc que teve anos de análise, mas até ele começa a melhorar se lhe forem aplicados TRs corretos.)

O remédio certo é exercitar o auditor até ele compreender que:

- 1- O auditor faz as perguntas.
- 2- O Pc diz **o que é** na resposta "**É um**"
- 3- O auditor acusa a receção quando o Pc o disse a seu contento.
- 4- O auditor acusa a receção quando o Pc terminou de dizer "**É um.....**"

E isto é itsa.

A audição de Cientologia é uma técnica exata, e não blá-blá-blá.

- 1- O auditor quer saber.....
 - 2- O Pc diz **o que é.....**
- 1-2, 1-2, 1-2, 1-2, etc.

CONHECIMENTO DA TECNOLOGIA

Mas um auditor que não saiba a tecnologia da mente e os respetivos processos, por certo nunca saberá o que perguntar. Assim, ele fica para ali como uma trouxa de roupa à espera de que o Pc diga qualquer coisa que o faça sentir melhor.

Permitir que o Pc continue, continue, continue a fazer itsa é a prova evidente que o auditor não distingue um engrama de uma vaca.

Em Cientologia sabemos *mesmo* o que é a mente, o que é um ser, o que está errado com a mente e como o corrigir.

Não somos psicanalistas nem psiquiatras ou feiticeiros de luxo. Nós *sabemos* mesmo.

Podem obter-se e aprender-se dados sobre os seres e a vida em Cientologia.

Não é a “nossa ideia” de como são as coisas ou a “nossa opinião sobre...”

A Cientologia é um assunto exato. Tem axiomas, como a geometria. Dois triângulos equiláteros não são semelhantes porque Euclides o disse. São semelhantes porque são. Quem não acreditar, que olhe para eles.

Não há um único dado na Cientologia que não possa ser provado com tanta precisão como chávenas de chá serem chávenas de chá e não panelas.

Mas quando se trata de uma pessoa recém-saída do estudo da “metafísica mística de Cuffbah”, ela vai ter dificuldades. Os seus Pcs vão fazer “itsa” até rebentarem e nunca vão ficar bem nem melhor. Porque essa pessoa não sabe Cientologia e pensa que se trata apenas de uma opinião imprecisa.

A *novidade* da Cientologia é que colocou o estudo da mente dentro das ciências exatas. Se não se souber isso os Pcs irão fazer itsa durante horas por se desconhecer com que se está a lidar e que coisa é um “Pc”.

Para mim, um auditor é auditor quando os seus Pcs NÃO falam de mais nem de menos, mas respondem às perguntas de audição e, de vez em quando, alegremente, fazem originações.



Assim, como se reconhece um auditor, como se determina se finalmente ele está treinado, é constatando se os SEUS PCS DÃO RESPOSTAS OU SE FALAM, FALAM, FALAM.

Se eu tivesse um auditor num HGC cujos Pcs tagarelassem, tagarelassem até secarem, enquanto o auditor apenas ficava para ali como um piloto chinês congelado ao volante, eu faria com esse auditor o seguinte:

1. Remédio A, Livro de Remédios de Caso;
2. Remédio B, Livro de Remédios de Caso;
3. Encontrar todas as discordâncias com a Cientologia, a tecnologia, Orgs, e personalidades da Cientologia, segui-las até ao básico e fazê-las desaparecer;
4. Mandar estudar minuciosamente os Axiomas de Cientologia até o “auditor” conseguir FAZÊ-LOS EM PLASTICINA.
5. Memorização das Lógicas, Qs (Pré-Lógicas) e Axiomas de Dianética e Cientologia;
6. TRs de 0 a 4 até lhe saírem pelas orelhas;
7. TRs de 5 a 9;
8. Op Pro by Dup até ESGOTADO;
9. Um estudo duro e longo do E-Metro;
10. O triângulo de ARC e outras escalas;
11. Os Processos de Nível 0;
12. Alguns resultados.

E então eu teria um *auditor*. Teria alguém que conseguia consistentemente obter Libertos de Grau Zero.

É a falta do que vem acima que faz um “auditor” dizer: “eu deixo o Pc fazer ita”, quando o Pc fala, fala, fala.

A Cientologia é o passo em frente que fez a Filosofia passar de um assunto indefinido para um instrumento de precisão.

E quando é aplicada, os Pcs sentem-se bem e ficam Libertos.

L. Ron Hubbard

Fundador



I.- INDICADORES

GABINETE DE COMUNICAÇÕES HUBBARD

Solar de St. Hill, Grinstead Oriental, Sussex,

HCOB DE 29 DE JULHO DE 1964

Cientologia de I a IV

BONS INDICADORES NOS NÍVEIS INFERIORES

John Galusha compilou a seguinte lista de Bons Indicadores a partir das minhas palestras e gravações, às quais, no final, se juntam mais três.

Bons indicadores nos Níveis Inferiores

- 1- Pc alegre ou a ficar mais alegre.
- 2- Pc a ter cognições.
- 3- A certeza básica do Pc a afirmar-se.
- 4- O Pc a dar ao auditor dados sucinta e claramente.
- 5- O Pc a encontrar coisas rapidamente.
- 6- O E-Metro a funcionar com precisão.
- 7- O que está a ser feito está a produzir a devida resposta no E-Metro.
- 8- O que está a ser encontrado está a dar a resposta devida no E-Metro.
- 9- O Pc está a percorrer rapidamente e a esgotar através do TA ou cognição.
- 10- O Pc dá informações ao auditor com facilidade.
- 11- A agulha a mover-se limpa.
- 12- O Pc a percorrer com facilidade, e, encontrando somáticos, eles descarregam.
- 13- O TA desce quando o Pc tem uma cognição.
- 14- O TA tem mais BDs à medida que o Pc continua a falar acerca de algo.
- 15- O E-Metro comporta-se como esperado e não com reações imprevisíveis.
- 16- O Pc sente-se mais quente e continuar assim, ou aquecer e arrefecer durante a audição.
- 17- O Pc com somáticos ocasionais de curta duração.
- 18- O TA anda na faixa de 2.25 a 3.5.
- 19- Boa ação do TA ao localizar coisas.
- 20- O E-Metro com boa reação àquilo que o Pc e o auditor pensam estar errado.
- 21- O Pc não se atormenta muito com PTPs e eles são facilmente resolvidos ao ocorrerem.
- 22- O Pc continua certo da audição como solução.
- 23- O Pc feliz e satisfeito com o auditor, independentemente do que o auditor está a fazer.
- 24- O Pc não protesta a respeito das ações do auditor.
- 25- O Pc tem melhor aparência por causa da audição.
- 26- O Pc sente-se com mais energia.
- 27- O Pc sem dores, mal-estar ou doenças desenvolvidas durante a audição. Não significa que o Pc não deva ter somáticos, mas apenas que não deve ficar doente.
- 28- O Pc quer mais audição.
- 29- O Pc confiante e a ficar mais confiante.
- 30- O Pc a fazer Itsa livremente, mas abordando apenas o assunto em questão.
- 31- O auditor ver facilmente como foi ou é o caso do Pc, através das explicações dele.
- 32- A capacidade do Pc fazer Itsa e de confrontar a melhorarem.
- 33- O banco do Pc a ordenar-se.
- 34- O Pc sente-se confortável no ambiente da audição.
- 35- O Pc aparecer para audição por vontade própria.



- 36- O Pc aparecer pontualmente para a sessão e disposto a ser auditado, mas sem ansiedade.
- 37- As dificuldades da vida do Pc a diminuírem progressivamente.
- 38- A atenção do Pc mais livre e mais sob o seu controle.
- 39- O Pc tornar-se mais interessado nos dados e na técnica da Cientologia.
- 40- A condição-de-ter (havingness) do Pc na vida e na vivência a melhorar.
- 41- O ambiente do Pc a ficar mais facilmente resolúvel.

L. Ron Hubbard
Fundador



GABINETE DE COMUNICAÇÕES HUBBARD
Solar De St. Hill, Grinstead Oriental, Sussex,
HCOB DE 3 DE MAIO DE 1980

OS INDICADORES DO PC

Refs.

HCOB 3 Maio 62R	QUEBRA DE ARC, MWHS
Rev. 5.7.78	
HCOB 28 Dez. 63	INDICADORES, PARTE UM: BONS INDICADORES
HCOB 29 Jul. 64	BONS INDICADORES NOS NÍVEIS INFERIORES
HCOB 7 Maio 69R V	AGULHA FLUTUANTE
Rev. 15.7.77	
HCOB 1 Ago. 70RA	F/N E APAGAMENTO
Rev. 21.10.74	
HCOB 21 Jul. 78	O QUE É UMA AGULHA FLUTUANTE?
HCOB 16 Jun.70	C/S Série 6, O QUE O C/S ESTÁ A fazer
HCOB 23 Maio 71R VIII	RECONHECIMENTO DA CERTEZA DE UM SER
Rev. 4.12.64	
HCOB 22 Set. 71	C/S série 16, AS TRÊS REGRAS DE OURO DOS C/Ss AO MANEJAR AUDITORES
HCOB 22 Set. 71RB	ESCALA DE TOM COMPLETA
Rev. 1.4.78	
HCOB 18 Set. 67	ESCALAS
BTB 6 Nov.72RA IV	Admin do Auditor Série 11RA, O RELATÓRIO DE EXAME
HCOPL 8 Mar. 71	FORMA DE EXAME
HCOB 18 Mar. 74R	e-metros, erros de sensibilidade
BTB 7 Nov. 72R V	Admin do Auditor Série 20R, RELATÓRIOS MISTOS

Nesta nova emissão foram revistos e reorganizados os maus indicadores e foi introduzida uma lista inteiramente nova de bons indicadores.

OS INDICADORES: DEFINIÇÃO E EMPREGO

INDICAR: Orientar a atenção para, mostrar com o dedo, designar, mostrar.

INDICADOR: Uma pessoa ou uma coisa que indica.

Um INDICADOR é uma condição ou circunstância que surge no decurso de uma sessão (ou antes ou depois) e que indica se a sessão (ou o caso) vai bem ou mal.

É algo que se OBSERVA.

OBNOSE: Significa “observar o óbvio”. É algo que se faz com os olhos. E com o E-Metro.

Os indicadores são usados para programar o caso. Quando existem bons indicadores, quer dizer que se pode continuar. Quando há maus indicadores quer dizer que é necessário fazer uma correção.

Devemos ser capazes de os VER, de os CONHECER e de os anotar nas folhas de trabalho logo que surjam.

OS MAUS INDICADORES

1. QUADRO DE AVALIAÇÃO HUMANA. O Pc não se move na Escala de Tom durante um intenso ou no decurso de um programa.



2. QUADRO DE AVALIAÇÃO HUMANA. O tom crónico do Pc permanece inalterado apesar de um ou mais intensivos.
3. QUADRO DE AVALIAÇÃO HUMANA. O tom crónico do Pc baixa apesar dos intensivos.
4. FOLHAS DE TRABALHO. RELATÓRIOS DIVERSOS. O Pc não deseja mais audição.
5. FOLHAS DE TRABALHO. RELATÓRIOS DIVERSOS. O Pc protesta outra sessão.
6. RELATÓRIOS DE EXAME. OBNOSE. O Pc com pior aspeto após a sessão.
7. FOLHAS DE TRABALHO. RELATÓRIOS DIVERSOS. O Pc parece não ter tempo para ser auditado.
8. FOLHAS DE TRABALHO. E-METRO. O Pc não é capaz de facilmente localizar incidentes.
9. QUADRO DE AVALIAÇÃO HUMANA. FOLHAS DE TRABALHO. OBNOSE. O Pc tem menos certeza do que antes, em relação às coisas.
10. QUADRO DE AVALIAÇÃO HUMANA. FOLHAS DE TRABALHO. RELATÓRIOS DIVERSOS. O Pc não vai tão bem na vida como antes.
11. E-METRO. FOLHAS DE TRABALHO. Os somáticos do Pc parecem não desaparecer ou apagar-se.
12. RELATÓRIOS DIVERSOS. RELATÓRIOS DE ÉTICA. O Pc tem problemas éticos após a última audição.
13. FOLHAS DE TRABALHO. E-METRO. O Pc protesta contra as ações de audição.
14. FOLHAS DE TRABALHO. OBNOSE. O Pc vagueando por toda a banda incapaz de permanecer num incidente e resolvê-lo.
15. FOLHAS DE TRABALHO. RELATÓRIOS DE EXAME. OBNOSE. O Pc com emoções negativas no fim da sessão.
16. FOLHAS DE TRABALHO. RELATÓRIOS DE EXAME. RELATÓRIOS DIVERSOS. O Pc exigindo soluções insólitas.
17. FOLHAS DE TRABALHO. RELATÓRIOS DE EXAME. RELATÓRIOS DIVERSOS. O Pc tenta explicar uma condição ao auditor ou a outros, quer oralmente, quer por escrito.
18. FOLHAS DE TRABALHO. RELATÓRIOS DIVERSOS. RELATÓRIOS DE EXAME. O Pc continua a queixar-se de somáticos depois de estes terem sido auditados.
19. FOLHAS DE TRABALHO. RELATÓRIOS DIVERSOS. RELATÓRIOS DE EXAME. O Pc a auto-auditá-lo após a sessão.
20. FOLHAS DE TRABALHO. RELATÓRIOS DE EXAME. RELATÓRIOS DIVERSOS. A dependência de medicamentos do Pc não diminui.
21. FOLHAS DE TRABALHO. RELATÓRIOS DE EXAME. RELATÓRIOS DIVERSOS. O Pc continua com outras práticas.
22. OBNOSE. RELATÓRIOS DE EXAME. Tom da pele baça.
23. OBNOSE. RELATÓRIOS DE EXAME. Olhos baços.
24. OBNOSE. RELATÓRIOS DE EXAME. O Pc sonolento.
25. ESCALA DE TOM. FOLHAS DE TRABALHO. RELATÓRIOS DE EXAME. OBNOSE. O Pc não fica mais alegre com a audição.
26. FOLHAS DE TRABALHO. RELATÓRIOS DE EXAME. RELATÓRIOS DIVERSOS. O Pc quer ter audição especial.



27. E-METRO. FOLHAS DE TRABALHO. Sem ação do Tone ARM durante a audição de incidentes ou no decurso da audição.
28. FOLHAS DE TRABALHO. O Pc não tem cognições.
29. OBNOSE. FOLHAS DE TRABALHO. O Pc está disperso.
30. OBNOSE. E-METRO. AS FOLHAS DE TRABALHO. O Pc está avassalado.
31. OBNOSE. FOLHAS DE TRABALHO. O Pc entediado com a audição.
32. OBNOSE. RELATÓRIOS DIVERSOS. O Pc não está disponível para as sessões.
33. OBNOSE. FOLHAS DE TRABALHO. RELATÓRIOS DE EXAME. O Pc está cansado.
34. OBNOSE. FOLHAS DE TRABALHO. RELATÓRIOS DE EXAME. O Pc tem a atenção no auditor.
35. FOLHAS DE TRABALHO. OBNOSE. O Pc não quer fazer o processo ou percorrer o incidente.
36. FOLHAS DE TRABALHO. OBNOSE. RELATÓRIOS DIVERSOS. O Pc a tomar drogas ou álcool em excesso.
37. FOLHAS DE TRABALHO. RELATÓRIOS DE EXAME. RELATÓRIOS DIVERSOS. O Pc não tem a certeza que a audição funciona para ele.
38. QUADRO DE AVALIAÇÃO HUMANA. FOLHAS DE TRABALHO. O Pc não está a manejar o meio ambiente mais facilmente.
39. RELATÓRIOS DO OFICIAL MÉDICO. FOLHAS DE TRABALHO. RELATÓRIOS DE EXAME. RELATÓRIOS DIVERSOS. O Pc doente depois da última sessão (normalmente devido a um erro de listagem)
40. FOLHAS DE TRABALHO. RELATÓRIOS DE EXAME. OBNOSE. O Pc critica o auditor ou as organizações (o que denota W/Hs tocados)
41. FOLHAS DE TRABALHO. OBNOSE. O Pc em dope-off ou boil-off.
42. QUADRO DOS GRAUS. O Pc não avança para o grau ou nível seguinte.
43. E-METRO. FOLHAS DE TRABALHO. RELATÓRIOS DE EXAME. O Pc tem agulhas sujas.
44. E-METRO. FOLHAS DE TRABALHO. O Pc não tem leituras no E-Metro ou tem uma agulha colada.
45. E-METRO. FOLHAS DE TRABALHO. Apesar das correções do TA falso, o Pc tem um TA alto crónico.
46. E-METRO. FOLHAS DE TRABALHO. Apesar das correções do TA baixo, o Pc tem um TA baixo crónico.
47. E-METRO. FOLHAS DE TRABALHO. RELATÓRIOS DE EXAME. Nenhuma F/N.
48. E-METRO. FOLHAS DE TRABALHO. Sem mudança de características no E-Metro.
49. RELATÓRIOS DE EXAME. Sem mudança nos relatórios de exame.
50. QUADRO DE AVALIAÇÃO HUMANA. OBNOSE. FOLHAS DE TRABALHO. Sem mudança.

(Nota: Encontram-se dados suplementares sobre indicadores no B-3/3/62 “QUEBRAS DE ARC, W/HS TOCADOS” onde são descritos os indicadores que dizem respeito a W/Hs tocados).



OS BONS INDICADORES

1. FOLHAS DE TRABALHO. OBNOSE. O Pc está disposto a falar ao auditor.
2. FOLHAS DE TRABALHO. OBNOSE. Durante a sessão, o Pc está interessado no seu próprio caso.
3. E-METRO. FOLHAS DE TRABALHO. Uma boa leitura durante o teste de respiração mostra que o Pc está a comer e a dormir bem.
4. FOLHAS DE TRABALHO. De sessão para sessão os rudimentos são cada vez mais fáceis introduzir e manter.
5. OBNOSE. ESCALA DE TOM. FOLHAS DE TRABALHO. RELATÓRIOS DE EXAME. O Pc está alegre.
6. E-METRO. FOLHAS DE TRABALHO. Há uma F/N no início da sessão.
7. E-METRO. O Tone ARM a mover-se entre 3,0 e 2,0.
8. E-METRO. A agulha move-se facilmente quando o Pc faz o processo.
9. E-METRO. FOLHAS DE TRABALHO. Ocorrem BDs nos itens e cognições corretos.
10. E-METRO. O contador de TA indica um TA normal ou melhor para a sessão.
11. E-METRO. FOLHAS DE TRABALHO. Mudança de características no comportamento do E-Metro em certas sessões.
12. E-METRO. FOLHAS DE TRABALHO. BDs do Tone ARM nas cognições.
13. E-METRO. FOLHAS DE TRABALHO. Cognições e F/Ns coincidem.
14. FOLHAS DE TRABALHO. RELATÓRIOS DE EXAME. Os somáticos desaparecem no decorrer do processamento.
15. FOLHAS DE TRABALHO. RELATÓRIOS DE EXAME. O Pc faz desaparecer mais facilmente os somáticos e as aberrações.
16. FOLHAS DE TRABALHO. E-METRO. QUADRO DE AVALIAÇÃO HUMANA. As respostas do Pc estão relacionadas com o que se está a auditar.
17. ESCALA DE TOM. QUADRO DE AVALIAÇÃO HUMANA. O Pc move-se na Escala de Tom.
18. FOLHAS DE TRABALHO. RELATÓRIOS DE EXAME. QUADRO DE AVALIAÇÃO HUMANA. O Pc compreende-se melhor a ele próprio.
19. OBNOSE. RELATÓRIOS DE EXAME. Olhos mais brilhantes.
20. OBNOSE. RELATÓRIOS DE EXAME. Melhor tom da pele.
21. FOLHAS DE TRABALHO. RELATÓRIOS DE EXAME. O Pc ouve melhor de repente.
22. FOLHAS DE TRABALHO. O Pc com cognições.
23. FOLHAS DE TRABALHO. RELATÓRIOS DE EXAME. QUADRO DE AVALIAÇÃO HUMANA. Os problemas da existência diminuem.
24. FOLHAS DE TRABALHO. RELATÓRIO DE EXAME. O Pc faz bem o programa com resultados.
25. FOLHAS DE TRABALHO. RELATÓRIOS DE EXAME. QUADRO DE AVALIAÇÃO HUMANA. A condição-de-ter do Pc na vida e na sua determinação a melhorarem.
26. FOLHAS DE TRABALHO. RELATÓRIOS DE EXAME. QUADRO DE AVALIAÇÃO HUMANA. O Pc tem resultados de caso.



27. RELATÓRIOS DE EXAME. Mudança de características dos relatórios de exame.
28. FOLHAS DE TRABALHO. RELATÓRIOS DIVERSOS. O Pc quer mais audição.
29. QUADRO DOS GRAUS. HISTÓRIAS DE ÊXITO. FOLHAS DE TRABALHO. RELATÓRIOS DE EXAME. O Pc sobe no Quadro dos Graus sem audição apressada e com resultados.

L. RON HUBBARD

Fundador



J.- ADMIN DO AUDITOR

GABINETE DE COMUNICAÇÕES HUBBARD

Solar de st. Hill, Grinstead Oriental, Sussex,

HCOB DE 7 DE MAIO DE 1969

Emissão VI

SUMÁRIO DE COMO ESCREVER UM RELATÓRIO DE AUDITOR, FOLHAS DE TRABALHO E RELATÓRIO SUMÁRIO COM ALGUMA INFORMAÇÃO ADICIONAL

RELATÓRIO DO AUDITOR

Um Relatório de Auditor deve conter:

Data

Nome do Auditor

Nome do pc

Condição do pc

Duração da sessão

Horas de início e fim da Sessão

TA no início e no final da Sessão

Rudimentos

Que processo foi corrido, LISTANDO OS COMANDOS EXATOS (muitas vezes esquecido pela maioria dos Auditores)

Horas de Início e Fim do Processo

Se o Processo está esgotado ou não

Quaisquer F/Ns

FOLHAS DE TRABALHO

Uma Folha de Trabalho deve ser um completo registo do curso da sessão, do início ao fim. O Auditor não deve andar a saltar de uma página para a outra, mas escrever página após página à medida que a sessão avança.

Uma Folha de Trabalho é sempre em papel A4 escrita frente e verso, e cada página numerada. O nome do Pc é escrito em cada folha.

Uma Folha de Trabalho pode ser feita em 2 colunas, dependendo do tamanho da letra do Auditor.

Uma vez a sessão completada as Folhas de Trabalho são postas na sequência própria e agrafadas com o Relatório do Auditor em cima, do início para o fim da sessão.



Anotações de TA e de tempo devem ser feitas a intervalos *regulares* através da sessão.

Ao fazer uma lista num pc:

1. Marcar sempre uma leitura como for: F, LF, BD
2. Circundar sempre o item reagente. Marcar com *Ind* se indicado ao pc.
3. Sempre que prolongar uma lista trace uma linha a partir da qual foi prolongada, p. ex.

Item: João
Sapatos
Peúgas
_____Prolongada
Céu
Cera
Porcos, etc., etc., etc.

NOTA: Quando se repara uma sessão de audição antiga escreva *sempre* isso no Relatório de Audição e Folhas de Trabalho antigos a *cor diferente* com a data do Relatório.

Ao correr vários processos numa sessão, marca-se cada FN claramente, anotando a hora e o TA.

RELATÓRIO SUMÁRIO

Um Relatório Sumário é escrito exatamente segundo o B17369, “Relatório Sumário”.

Duas grandes asneiras que eu notei ao supervisionar pastas no RSM (navio) é que os Auditores não mandavam os casos de Ética para o MAA. Uma vez um Pc foi auditado por dois Auditores em duas sessões diferentes, teve uma R/S e MWHs em crimes contra Cientologistas e nenhum Auditor enviou o Pc para Ética. Este não é exemplo único. A segunda é que os Auditores são muito avaliativos do caso do Pc, como se pode ver pelos seus comentários no Relatório Sumário. Isto é incorreto. Este relatório é usado simplesmente como registo exato do que aconteceu durante a sessão. Não cabe ao Auditor avaliar o Caso do pc, mas ao Supervisor de Caso. O Auditor pode sugerir o que é que deve ser corrida, momento em que o Supervisor de Caso revê a sessão, o que foi corrido, como o Pc se portou em relação ao que estava a ser corrido, para então dar as suas instruções.

Os Relatórios do Auditor ou Folhas de Trabalho nunca são copiados. O Auditor deve sempre reler as suas Folhas de Trabalho antes de mandar a pasta para o Supervisor de Caso e, se quaisquer palavras ou letras faltarem ou não puderem ser lidas, devem ser escritas com uma cor diferente.

Se estas regras forem seguidas o trabalho do Supervisor de Caso tornar-se-á muito mais fácil e os relatórios do Auditor mais valiosos.

Para adicionar o que é evidente, é um CRIME dar uma sessão ou assiste sem fazer um relatório de Auditor ou copiar o relatório original verdadeiro depois da sessão e apresentar uma cópia em vez do mesmo relatório original. Os relatórios de assits em que se usam só assits de contacto ou assits de toque podem ser escritos depois da sessão e enviados para o Qual.

L. RON HUBBARD

Fundador



GABINETE DE COMUNICAÇÕES HUBBARD

Solar de St. Hill, Grinstead Oriental, Sussex,

HCOB DE 25 DE JUNHO DE 1970

Série C/S 11

Foram combinados nesta emissão os seguintes HCOBs:

HCOB 31 Ago. 68	“Instruções escritas do C/S”
HCOB 01 Set. 68	“Pontos na Supervisão de Caso”
HCOB 11 Set. 68	“Dados de Supervisão de Caso”
HCOB 17 Set. 68	“Erros de Supervisão de Caso”
HCOB 17 Set. 68	“Admin Fora - Risco”
HCOB 22 Set. 68	“Auditores Devem Sempre...”
HCOB 08 Out. 68	“Supervisão de Caso - Manejo da As pastas”
HCOB 15 Mar. 70	“Perigo de pasta Dupla”
HCOB 29 Mar. 70	“Audição e Ética”

e referência a LRH ED 101 Int “Nomes Populares de Desenvolvimentos”

DADOS DE C/S

As instruções da Supervisão de Caso são sempre escritas. Um Supervisor de Caso escreve sempre as instruções de C/S numa folha separada para a pasta do Pc.

Programas de Reparação (agora chamados **Programas de Progresso**) são numa folha vermelha.

Programas de Retorno (agora chamados Programas de Avanço) são numa folha azul claro.

Todos os C/Ss são em duplicado (a papel químico). O C/S guarda a cópia como referência, caso o original se venha a perder.

ALTO CRIME

É um alto crime o C/S não *ESCREVER* as instruções na pasta do Pc e é um alto crime o Pc aceitar instruções verbais do C/S.

Cometer estes crimes resulta em:

1. Extrema dificuldade para fazer um FES, pois não existem antecedentes do que foi mandado fazer e porquê.
2. Deixar o auditor fazer o que lhe apetece, pois nada está por escrito.
3. Ficar aberto a má duplicação e poder correr um processo esquivo e assim baralhar um Pc com tech não standard.

Qualquer C/S verificado culpado a partir desta data, deve ser retirado pois isto só pode ser considerado uma tentativa deliberada para baralhar Pcs.

PONTOS NA SUPERVISÃO DE CASO

1. Conferir as suas ordens para ver se o auditor as cumpriu.
2. Conferir os comandos e se a reação do Pc é a reação esperada a esses comandos.
3. Conferir qualquer lista e ver se houve Listagem deficiente.
4. Aconselhar segundo os antecedentes da Tech Standard.
5. Mandar corrigir quaisquer erros ou avançar o caso para graus superiores.
6. Ter cuidado com ultra correção.



7. Cuidado com falsos relatórios de auditor pessimistas ou super entusiásticos. Eles são detetados por o caso responder ou não a ações usuais, como qualquer outro.
8. Ter cuidado com falar com o auditor ou com o Pc.
9. Ter confiança implícita na Tech Standard. Se for reportada como não funcional, o relatório do auditor é falso ou a aplicação terrível, mas nada disso reportado.
10. Sobretudo manter um standard e NUNCA dar ouvidos ou usar soluções inusitadas.

O PERIGO DUMA PASTA DUPLA

Quando um Pré OT tem uma pasta de Solo e uma Pasta de Audição, é muito perigoso o um Supervisor de Caso não as ver a AMBAS antes de fazer o C/S.

Circunstâncias houve em que um Pré OT correu C/Ss estranhos nele próprio. Outro correu C/Ss de outras pastas nele próprio. Em ambos os casos as consequências foram difíceis de reparar quando finalmente encontradas.

Noutro caso, segundo a pasta de Solo, o Pré OT tinha ficado exterior com perceção completa. Mas era da pasta de Audição, e Não de Solo, que o C/S estava a ser feito. O TA disparou por dois meses sem que qualquer C/S, exceto eu próprio, exigisse *todas* as pastas.

Os Pré OTs infelizmente correm com uma pasta a Solo e outra de Audição normal. A menos que ambas estejam à mão ao fazer C/S, podem ser cometidos erros crassos pelo C/S.

Há *também* o caso da pessoa que tem duas pastas auditados sob C/S ao mesmo tempo. Isto é um erro de Admin.

A regra firme é: FAZER C/S APENAS COM TODAS AS PASTAS À MÃO.

A situação embaraçosa na qual não podemos obter uma pasta de outra Org ou auditor de campo, ou quando a antiga pasta está perdida, tem que se resolver de alguma maneira. Isso não deve parar totalmente a audição.

SUPERVISÃO DE CASO - MANEJO DA PASTA

Analisar Pastas

Voltar na pasta ao ponto onde o Pc estava a correr bem e ir daí para a frente a fazer um FES.

Rever Pastas

Ao rever pastas, a primeira coisa a fazer é ver se o C/S foi feito.

Use o Sumário para obter a atitude do Auditor e as mudanças de maneirismos do Pc.

Use o Relatório do Auditor para obter o tempo do processo.

Leia e tire todos os dados das folhas de trabalho e compare-os para ver se esse C/S foi cumprido e assegurar que a tech standard foi aplicada.

Se os relatórios não puderem ser lidos, mande-os de volta para que o auditor escreva por cima as palavras ilegíveis com letra de imprensa. Nunca tente fazer C/S numa folha de trabalho ilegível pois isso só dá dores de cabeça.

O Relatório de Exame Depois de Sessão dá a primeira pista da suspeição que deve ter ao examinar a pasta, e se sim ou não os relatórios de audição contêm falsidades.

TECH STANDARD

Nunca por nada seremos levados a abandonar da Tech Standard. A *única* razão por que ela não funciona é porque não foi aplicada.

A principal questão de um C/S é:

FOI APLICADA?



Se seguir isto exatamente nunca falha.

DADOS DE SUPERVISÃO DE CASO

Um Supervisor de Caso deve estar atento à Ética dos Pcs para quem fizeram C/S.

Se caírem de cabeça, entrarem em condições baixas, a sua pasta tem que ser revista.

O mais provável é o auditor não ter feito o que lhe foi ordenado e, se a pasta parece bem, há possibilidade de o Relatório do Auditor ser falso ou *algo está errado*, senão o Pc não estaria em apuros.

AUDIÇÃO E ÉTICA

Casos que sofrem ações de Ética, Comm-Evs, projetos de emendas ou condições baixas, não devem ser auditados até as questões de Ética serem clarificadas e completadas. Auditar casos sob tal tensão só os complica.

ADMIN

Os auditores devem pôr sempre o grau ou nível de OT bem visível no Relatório de Audição.

Um Supervisor de Caso não pode fazer C/S de um caso como deve ser sem ter estes dados.

Não fazer isto é Admin fora.

ADMIN FORA - RISCO

Muito foi dito sobre a importância da Admin em audição, mas os auditores não o estão a apreender, por isso... torna-se agora um RISCO ter Admin fora nas pastas dos Pcs.

As pastas devem ser apresentadas com a última sessão em cima. O Relatório do Auditor é agraphado às folhas de trabalho que são datadas, numeradas e por ordem, o último por cima. O Relatório Sumário é depois junto ao Relatório de Audição e folhas de trabalho com um *clipe*. Isto é claro, com a Admin usual tal como escrita legível, palavras ilegíveis rescritas, leituras e F/Ns e todos os EPs marcados, etc.

As instruções do C/S para essa sessão são para essa sessão, assim você tem C/S de 4.6.68, Sessão de Audição 4.6.68, C/S 5.6.68, Sessão de Audição 5.6.68, C/S 7.6.68, Sessão de Audição 7.6.68, etc., etc.

Como todo o propósito do Classe VIII é minimizar o tempo de audição praticando uma Tech Standard perfeita, isto não pode ser feito se levar 15 minutos a pôr a pasta de maneira a poder ser C/Sada e depois auditada.

ERROS GROSSEIROS DE SUPERVISÃO DE CASO

1. deixar de usar Programas de Progresso e Programas de Avanço quando NECESSÁRIO.
2. Mandar fazer reparações desnecessárias.
3. Tentar usar processos de reparação para obter ganho de caso em vez de meter o Pc no próximo grau.
4. Não escrever as instruções do C/S, mas dá-las verbalmente ao auditor.
5. Falar com o auditor sobre o caso.
6. Falar com o Pc sobre o caso.
7. Deixar de enviar o Pc ao examinador, caso não tenha a certeza da razão por que a pasta foi mandada para C/S.
8. Ser razoável.
9. Não ter suficiente presença Ética para fazer cumprir ordens.
10. Emitir ordens de reparação confusas.
11. O ERRO MAIS GROSSEIRO DE SUPERVISÃO DE CASO é o C/S não ler a pasta do Pc.

L. RON HUBBARD

Fundador



K.- PREPARAR O PC

GABINETE DE COMUNICAÇÕES HUBBARD

Solar de St. Hill, Grinstead Oriental, Sussex,

HCOB DE 21 DE JUNHO DE 1972

Emissão I

Série Clarificação de Palavras 38

MÉTODO 5

O Método 5 de Clarificação de Palavras é um Sistema em que o clarificador de palavras fornece palavras à pessoa e manda-a definir cada uma delas. É chamado Clarificação de Material. Aquelas que a pessoa não sabe definir têm que ser vistas.

Este método pode ser feito sem e-metro. Também pode ser feito com um e-metro.

A razão por que este Método é necessário é que muitas vezes a pessoa não sabe que não sabe. Por causa disto o método 4 tem as suas limitações uma vez que o e-metro nem sempre lerá.

As ações são muito precisas.

O Clarificador de palavras pergunta: “qual a definição de _____?” A pessoa dá-a. Se existir a mais pequena dúvida ou se a pessoa ficar minimamente hesitante, a palavra é vista num dicionário apropriado.

Este método é usado para clarificar palavras, ou comandos de audição, ou listas de audição.

L. Ron Hubbard

Fundador



GABINETE DE COMUNICAÇÕES HUBBARD
SOLAR DE ST. HILL, GRINSTEAD ORIENTAL, SUSSEX,
HCOB DE 8 DE JULHO DE 1974R
Rev. 24.7.74

Clarificação de palavras Série 53R
(Revisões neste estilo de letra)

CLARIFICAR ATÉ F/N

(A Série 32R de clarificação de palavras foi corrigida como 32RA para exigir F/N em todas as palavras e proíbe a Clarificação de palavras com TA alto).

Não tente a Clarificação de Palavras numa pessoa, *Método 1, 2 ou 4*, cujo TA está alto no início da sessão. Use sim os procedimentos standards de audição por um Auditor da classe requerida para baixar o TA ao nível normal. (Usualmente um C/S Série 53RG e respetivo manejo).

Se o TA está alto no início da sessão não podemos, é claro, flutuar um TA na Clarificação de Palavras, *quando* ele está alto por qualquer outra razão.

Flutue SEMPRE a palavra que está a ser clarificada *no e-metro*. Pode acontecer que exista uma cadeia e a palavra tenha que ir a anterior semelhante. Mas mesmo aí, quando a cadeia é flutuada, as palavras da cadeia que não flutuaram têm que flutuar.

Exemplo: uma palavra *tipo* química leu. Ela não flutua. E/S nela em palavras E/S conduz a uma palestra na escola. A palavra MU flutua. Agora verificamos as palavras tocadas ao ir E/S. Usualmente elas darão logo F/N.

NÃO leve uma quantidade de palavras a agulha “Limpa” e depois não diga que a pessoa teve “Clarificação de Palavras”. Os casos ficam todos baralhados porque a clarificação de palavras pode ser feita por cima de rudimentos fora, ou mesmo listas fora ou out Int.

Uma folha de trabalho de Clarificação de Palavras tem que mostrar com verdade todas as palavras flutuadas.

ETIQUETA VERMELHA

Quando um Pc teve Clarificação de Palavras ao *e-metro* sem F/N ou até com um TA alto ou baixo, **TODO O FOLDER DEVE LEVAR ETIQUETA VERMELHA.**

As folhas de trabalho de Clarificação de Palavras têm que ir para os folders do Pc, tal como busca de porquês, assists de toque e outras ações de audição.

Um Pc com etiqueta vermelha devido a Clarificação de Palavras tem que ser reparado nas 24 horas seguintes conforme o caso de qualquer outra etiqueta vermelha.

Casos atolados foram dar a erros de Clarificação de Palavras. A reparação destes pô-los-á de novo a andar.

L. Ron Hubbard
Fundador



GABINETE DE COMUNICAÇÕES HUBBARD

Solar de St. Hill, Grinstead Oriental, Sussex,

HCOB DE 9 DE AGOSTO DE 1978 II

CLARIFICAR COMANDOS

(Ref: HCOB 14 Nov. 65, CLARIFICAR COMANDOS
HCOB 9 Nov. 68, CLARIFICAR COMANDOS, TODOS OS NÍVEIS
HCO PL 4 Abr. 72R ÉTICA TECH DE ESTUDO)

Sempre que percorrer um processo de novo ou o preclaro esteja confuso sobre o significado dos comandos, clarifica todas as palavras de cada comando com o preclaro, usando, se necessário, um dicionário. Desde há muito que isto é um procedimento standard.

Pretende-se um preclaro que corra suavemente, sabendo o que se espera dele e compreendendo exatamente a pergunta que lhe está a ser feita ou o comando que lhe está a ser dado. Uma palavra ou comando de audição mal compreendido pode desperdiçar horas de audição e impedir todo um caso de avançar.

Logo é VITAL a utilização deste passo preliminar sempre que se usa um processo ou um procedimento pela primeira vez.

As regras da clarificação de comandos são:

1. EM NENHUMA CIRCUNSTÂNCIA PODE O AUDITOR AVALIAR PELO PRECLARO DIZENDO-LHE O QUE A PALAVRA OU COMANDO SIGNIFICA.
2. TEM SEMPRE CONTIGO, NA SALA DE AUDIÇÃO, OS NECESSÁRIOS (*E BONS*) DICIONÁRIOS.

Isto inclui o Dicionário Técnico, o Dicionário Administrativo, um bom dicionário de Português e um bom dicionário (não resumido) da língua nativa do preclaro. No caso de um preclaro de língua estrangeira (cuja língua nativa do preclaro não seja a Portuguesa) também vais precisar de um dicionário duplo para essa língua e de Português.

(Exemplo: A palavra portuguesa "maçã" é vista no dicionário Português/Francês e é encontrada "pomme". Agora vê-a no dicionário Francês a definição de "pomme").

Portanto, para o caso de língua estrangeira, dois dicionários são necessários: (1) Português para a língua estrangeira e (2) da própria língua estrangeira.

3. MANTÊM O PRECLARO NAS LATAS DURANTE TODA A CLARIFICAÇÃO DE PALAVRAS E COMANDOS.
4. CLARIFICA O COMANDO (OU PERGUNTA OU ITEM DE UMA LISTA) DO FIM PARA O INÍCIO, CLARIFICANDO EM SEQUÊNCIA CADA PALAVRA DO FIM PARA O INÍCIO DA FRASE.



(Exemplo: Para clarificar o comando "Os peixes nadam?", clarifica "nadam" em primeiro lugar, depois "peixes" e depois "os").

Isto evita que preclaro comece a percorrer o processo sozinho enquanto ainda se está a clarificar as palavras.

4A. NOTA: AS F/Ns OBTIDAS DURANTE A CLARIFICAÇÃO DAS *PALAVRAS* NÃO SIGNIFICAM QUE O *PROCESSO* TENHA SIDO PERCORRIDO.

5. A SEGUIR, CLARIFICA O PRÓPRIO COMANDO.

O Auditor pergunta ao preclaro: "O que significa este comando para ti?" Se, pela resposta do preclaro, for evidente que ele não compreendeu uma palavra tal como esta se encontra no contexto do comando, então:

- (a) Volta a clarificar a palavra óbvia (ou palavras) usando o dicionário.
- (b) Fá-lo usar cada palavra numa frase até a "agarrar". (O pior erro é o preclaro usar um novo conjunto de palavras em vez da própria palavra e responder à palavra alterada e não à própria palavra. Ver HCOB 10 Mar 65, Palavras, Erros de Mal Compreensão).
- (c) Volta a clarificar o comando.
- (d) Se necessário repete os passos a, b e c para te assegurares de que ele compreende o comando.

5A. NOTA: UMA *PALAVRA* QUE REAGE QUANDO SE CLARIFICA UM COMANDO, UMA PERGUNTA DE VERIFICAÇÃO OU DE UMA LISTA, NÃO SIGNIFICA QUE O PRÓPRIO COMANDO OU *PERGUNTA* TENHAM NECESSARIAMENTE REAÇÃO. AS PALAVRAS MAL-ENTENDIDAS REAGEM NO E-METRO.

- 6. AO CLARIFICAR O COMANDO, OBSERVA O E-METRO E ANOTA QUALQUER LEITURA NO COMANDO. (Ref.: B 28 Fev. 71, Série C/S 24, Importante, Medir Itens com Leitura).
- 7. NÃO CLARIFIQUES OS COMANDOS DE TODOS OS RUDIMENTOS PARA DEPOIS OS CORRERES, NEM DE TODOS OS PROCESSOS PARA MAIS TARDE OS CORRERES. DEIXARÁS DE APANHAR F/Ns. OS COMANDOS DE UM PROCESSO SÃO CLARIFICADOS IMEDIATAMENTE ANTES DE *ESSE* PROCESSO SER CORRIDO.
- 8. QUEBRAS DE ARC E LISTAS DEVEM TER AS SUAS PALAVRAS CLARIFICADAS ANTES DE UM PRECLARO PRECISAR DELAS E ISSO DEVE SER ASSINALADO NA PASTA DO PRECLARO NUMA FOLHA AMARELA. (Ref.: HCOB 5 Nov. 72R II, Séries de Administração do Auditor 6R, A Folha Amarela).

Visto ser difícil clarificar todas as palavras de uma lista de correção num preclaro que tem uma pesada Carga Ultrapassada, é normal clarificarem-se as palavras de uma L1C e dos rudimentos muito perto do início da audição e clarificar a L4BRA *antes* de se começarem processos de listagem, ou uma L3RF *antes* de se percorrer R3RA. Assim, quando surge a necessidade destas listas de correção, já não temos que clarificar todas as palavras, visto já ter sido feito. Deste modo, estas listas de correção podem ser usadas sem demora.

Também é normal clarificar as palavras da Lista de Correção de Clarificação de Palavras muito cedo na audição e antes das outras serem clarificadas. Deste modo, se o preclaro encravar em clarificações de palavras subsequentes, já se tem a Lista de Correção de Clarificação de Palavras pronta a usar.



9. SE, CONTUDO, O VOSSO PRECLARO ESTÁ EM CIMA DE UMA QUEBRA DE ARC (OU QUALQUER OUTRA CARGA PESADA) E AS PALAVRAS DA L1C (OU QUALQUER OUTRA LISTA DE CORREÇÃO) AINDA *NÃO* FORAM CLARIFICADAS, *NÃO* AS CLARIFIQUES. AVANÇA E FAZ A VERIFICAÇÃO DA LISTA PARA RESOLVER A CARGA. DE OUTRO MODO SERIA AUDIÇÃO POR CIMA DE UMA QUEBRA DE ARC.

Neste caso verifica-o simplesmente perguntando depois se ele teve qualquer mal-entendido na lista.

Todas as palavras da L1C (ou de outra lista de correção) seriam então clarificadas totalmente na primeira oportunidade, de acordo com as instruções do Supervisor de Caso.

10. *NÃO* VOLTES A CLARIFICAR TODAS AS PALAVRAS DAS LISTAS DE VERIFICAÇÃO CADA VEZ QUE A LISTA É USADA NO MESMO PRECLARO. Fá-lo uma vez, total e corretamente logo à primeira e anota claramente na pasta, na folha amarela para consulta futura, que listas standard de verificação foram clarificadas.
11. ESTAS REGRAS APLICAM-SE A TODOS OS PROCESSOS, PERGUNTAS DE LISTAGEM E VERIFICAÇÃO.
12. AS PALAVRAS DAS PLANILHAS DOS MATERIAIS DOS CURSOS AVANÇADOS *NÃO* SÃO CLARIFICADAS DESTES MODO.

Qualquer violação da clarificação total e correta de comandos e perguntas de verificação, quer seja feita ou não em sessão, é uma ofensa ética, de acordo com a PL 4 Abril 72R, ÉTICA E TÉCNICA DE ESTUDO, Secção 4, a qual afirma:

"QUALQUER AUDITOR QUE *NÃO* CLARIFIQUE TODA E QUALQUER PALAVRA DE TODO E QUALQUER COMANDO OU LISTA USADA, PODE SER CONVOCADO PERANTE UM JÚRI DE ÉTICA".

"A acusação é TÉCNICA FORA".

L. Ron Hubbard
Fundador



GABINETE DE COMUNICAÇÕES HUBBARD

Solar de St. Hill, Grinstead Oriental, Sussex,

HCOB DE 15 DE JULHO DE 1978RA

Remimeo

AUDIÇÃO DE CIENTOLOGIA: CS-1

O C/S-1 de CIENTOLOGIA é feito para dar ao pc novo em CIENTOLOGIA ou a um pc já anteriormente auditado mas que o precise, os dados e a realidade necessários sobre os fundamentos e procedimentos da audição, a fim de que ele compreenda, esteja disposto e consiga ser auditado com êxito.

NOTA: Quando o Supervisor de Caso manda fazer um C/S-1 a um preclaro treinado ou auditado anteriormente, este pode protestar e dizer que já conhece os termos e os procedimentos. Se isto acontecer, acusa a receção com excelentes TRs e, sem invalidar nem avaliar, dá a conhecer ao preclaro que este C/S é destinado a tornar a audição mais eficaz para todos os preclaros. Se os TRs do auditor forem bons e se ele der um bom Fator-R, não deverá ocorrer nenhuma Quebra de ARC e o preclaro terá resultados tremendos.

Não é necessário voltar a clarificar as secções deste C/S-1 de CIENTOLOGIA que o preclaro já tenha percorrido num C/S-1 de Dianética recente e minucioso, contando que o auditor tenha a certeza de que o preclaro compreende os termos.

O auditor deve estar totalmente familiarizado com este boletim bem como com:

- | | |
|------------------|---|
| B 17 Out. 64 III | TORNAR O PRECLARO SESSIONÁVEL. |
| B 3 Abr. 69 | NOVOS PRECLAROS, A FUNCIONALIDADE DA CIENTOLOGIA. |
| B 16 Jun. 70 | Série do C/S Nº 6, O QUE O C/S ESTÁ A FAZER. |

O Auditor terá de olhar muito bem para o que tem de ser tratado com o preclaro neste C/S-1 e conhecer os materiais muito bem, tendo-os prontos para consulta durante a sessão e clarificando qualquer mal-entendido ou pergunta que o preclaro possa ter.

Será necessário ter o seguinte material na sala de audição:

Dicionário Técnico

Dicionário Administrativo

Um bom dicionário de Português

Para um caso de língua estrangeira, um bom dicionário da língua nativa do preclaro, um dicionário duplo (Português -Língua estrangeira) e outro da própria língua estrangeira)

Folha de Definições do C/S-1de CIENTOLOGIA, Anexo 1 deste boletim.

O LIVRO DE FIGURAS DA CIENTOLOGIA BÁSICA

OS FUNDAMENTOS DO PENSAMENTO

B 14 Out. 68RA, O CÓDIGO DO AUDITOR.

Conjunto de Demonstração.

O auditor utiliza totalmente todas estas coisas, conforme necessário. Se forem necessários mais materiais, assegura-te de usares materiais da fonte.



- A. Faz o preclaro definir cada termo de Cientologia (ou outro) usando os elementos de consulta. (Nota: Não pergunte: "Sabes o que significa a palavra _____?". Em vez disso pergunta: "Qual é a definição de _____?")

Quando o preclaro o tiver feito, fá-lo usá-la corretamente numa ou duas frases. Onde isto se aplica, fá-lo dar exemplos, usando a sua própria experiência sempre que possível ou as de parentes ou amigos. Fá-lo também demonstrar o item usando o conjunto de demonstração. Cobre todos os termos utilizados com a definição exata.

- B. Verifica se há quaisquer perguntas (ou más- compreensões) à medida que avanças e assegura-te de o resolveres para que o preclaro consiga uma compreensão clara da palavra, item ou procedimento.

Não aceites palavreado que não demonstre compreensão mas, por outro lado, não ultrapasasses o ponto nem exerças pressão sobre o preclaro.

Certifica-te de que cada palavra clarificada com o preclaro é levada até F/N.

PROCEDIMENTO PARA O C/S-1 DE CIENTOLOGIA

1. Dá ao preclaro o Fator-R de que vais fazer um C/S-1 de Audição de Cientologia a fim de o familiarizares com o procedimento de Audição e com quaisquer dados básicos que possam precisar de ser clarificados.
2. Clarifica a palavra Cientologia.
3. Clarifica as palavras: a) audição d) Clear
b) sessão de audição e) Preclaro
c) Auditor

4. Clarifica as palavras: a) Thetan
b) Mente
c) Corpo

Faz o preclaro usar o demo-kit (conjunto de demonstração) bem como os elementos de consulta para que ele entenda o relacionamento entre estes termos.

5. Clarifica agora os seguintes termos:
a) Imagem (ou retrato)
b) Imagem Mental
c) Mente Reativa
d) Banco

Faz o preclaro dar exemplos de como a Mente Reativa funciona numa base de estímulo resposta e pede-lhe para o demonstrar.

6. Clarifica com o preclaro:
a) O Ciclo de Comunicação.
Faz o preclaro dar exemplos observados por ele. Fá-lo demonstrar o ciclo de comunicação.
b) O Ciclo de Comunicação de Audição.
Faz o preclaro explicar a diferença entre um ciclo de comunicação e um ciclo de comunicação de audição. Fá-lo demonstrar isto. Se necessário para uma maior compreensão, podes demonstrar ao preclaro as etapas do ciclo de comunicação de audição, usando perguntas simples, não restimulativas.



Exemplo: Pergunta: "Já jantaste?" (tomaste café ou almoçaste) e, quando ele responder e depois de acusar a receção, pergunta-lhe: "O que fizeste quando te fiz esta pergunta?" Depois pede-lhe para ser ele a fazer-te a ti uma pergunta semelhante. Responde-lhe e assegura-te de que ele te dá o acusar de receção. Estabelece realmente o teu ciclo de comunicação com o preclaro.

7. Examina os TRs com o preclaro, demonstrando cada um com ele até ter uma boa ideia de como são usados em audição.
8. Clarifica as palavras:
 - a) Carga
 - b) Massa Mental
9. Passa em revista com o preclaro o que faz o E-Metro (regista carga / massa mental).

Para o demonstrar, podes fazer o "teste do beliscão", explicando ao preclaro que, para lhe mostrar como o E-Metro regista carga mental, lhe vais dar um beliscão. Belisca-o. A seguir, fá-lo pensar no beliscão (com ele a segurar nas latas), mostra-lhe a reação da agulha e explica-lhe que regista a massa mental.
10. a) Clarifica as palavras:
 - a) Key-in (ligação)
 - b) Key-out (desligamento)

Faz o preclaro demonstrar e dar exemplos de cada uma.

 - b) Clarifica a palavra: Release (liberado). Faz o preclaro demonstrá-la.
 - c) Clarifica a palavra: Reabilitação.

Certifica-te de que o preclaro compreende o seu uso em audição. Fá-lo demonstrá-la.
11. a) Clarifica a palavra: Postulado.
 - b) Faz o preclaro dar-te exemplos de uma ou duas ocasiões em que postulou algo e o conseguiu.
12. a) Clarifica a palavra: Cognição.
 - b) Faz o preclaro dar-te alguns exemplos de Cognição.
13. Clarifica a palavra: Agulha Flutuante.
14. a) Dá ao preclaro um Fator-R sobre rudimentos e quando seriam usados.
 - b) Clarifica a palavra: Rudimento.
 - c) Clarifica as palavras: 1-Afinidade
2-Realidade
3-Comunicação.

Faz o preclaro dar-te exemplos de cada.
 - d) Clarifica a palavra: ARC
Demonstra ao preclaro como A, R e C resultam em Compreensão. Fá-lo dar vários exemplos de como A, R e C ocasionam Compreensão.
 - e) Clarifica : Quebra de ARC. Faz o preclaro demonstrá-lo.
 - f) Usando um dicionário apropriado, clarifica as palavras:
Curiosidade
Desejada
Imposta
Inibida
Nenhuma (ausência)
Recusada
 - g) Clarifica:
 1. Problema
 2. Problema de Tempo Presente



- h) Clarifica:
1. Ato Overt (aberto)
 2. Retenção
 3. Retenção Escapada.

Faz o preclaro demonstrar 1, 2 e 3. (Usa a folha de consulta ou outros materiais se necessário.)

15. a) Usando um dicionário apropriado, clarifica:
1. Semelhante
 2. Anterior
- b) Depois clarifica "Anterior Semelhante". Dá ao preclaro exemplos de como isto seria usado.
- c) Faz o preclaro dar-te um exemplo de algo "anterior semelhante".
16. Clarifica brevemente com o preclaro como se limpam rudimentos e o procedimento para cada um.
17. Clarifica o que é um "Processo Repetitivo". Certifica-te de que ele entende por que isso é feito. Faz o preclaro demonstrá-lo.
18. a) Clarifica a palavra "fluxo".
- b) Clarifica cada um dos fluxos 1, 2, 3 e 0.
- c) Faz, então, o preclaro demonstrá-lo e dar-te um exemplo de cada.
19. Clarifica as palavras:
- a) Assessment
 - b) Fazer Assessment
20. a) Explica ao preclaro que, se em qualquer momento houver alguma dificuldade em audição, tu (ou outro auditor) irás usar uma lista preparada para encontrar e tratar a dificuldade exata.
- b) Certifica-te de que ele compreende que, quando uma tal lista estiver a ser verificada, ele fica calmamente a segurar nas latas, enquanto o auditor faz a chamada da lista e anota as reações do E-Metro para localizar a dificuldade.
21. Passa em revista os itens 1, 2, 3, 4, 5, 6, 8, 9, 14, 17, 18, 19 e 22 do Código do Auditor.
- Procura e clarifica quaisquer perguntas ou mal-entendidos que o preclaro possa ter sobre isto.
22. a) Clarifica: Examinador.
- b) Dá ao preclaro um Fator-R sobre o Examinador e o facto de que ele irá ao Examinador imediatamente após cada sessão. Certifica-te de que ele entende que o Examinador não diz nada ao preclaro nessa ocasião, registando apenas o que este disser e anotando a posição do marcador de tom e o estado da agulha.
- Assegura-te igualmente que o preclaro compreende que o Examinador é a pessoa a procurar, caso ele deseje fazer qualquer espécie de declaração entre sessões, relacionada com o seu caso.
- c) Condicional: Para familiarizar o preclaro mais completamente com esta etapa, caso possível, leva-o à área do Examinador, apresenta-o a este, orienta-o brevemente naquele local e repassa com o preclaro as funções do Examinador. Depois volta à sala de audição.
23. Manda a pasta para o Supervisor de Caso.

O Supervisor de Caso pode indicar quaisquer ações para além das que aqui estão.

Normalmente, o C/S-1 de Cientologia pode ser completado numa sessão. Caso leve mais do que uma sessão, esta deve ser terminada no fim de uma etapa ou ao completar uma palavra ou demonstração e nunca no meio de uma ação.



Certifica-te de que não deixas o teu preclaro com uma pergunta, mal-entendido ou confusão. Conhece o preclaro à tua frente e obtém como resultado um preclaro educado, que possa percorrer os processos de Cientologia com facilidade e com aproveitamento.

CLARIFICAÇÃO DE COMANDOS

O C/S-1 de Audição de Cientologia não exclui a clarificação dos comandos de cada processo nem a clarificação de um procedimento numa sessão, quando o preclaro é iniciado num novo procedimentos (Ref. B 9 Ago. 78 II, Clarificação de Comandos.).

Incluído nisto estaria a primeira vez que o preclaro faz uma "Comunicação de 2 Vias", uma sessão de "Listening & Nulling", etc. Em cada ação nova, o procedimento deve ser primeiro completamente clarificado pelo auditor com o preclaro.

CLARIFICAÇÃO DE PALAVRAS EM LISTAS DE CORREÇÃO

Além do C/S-1, a fim de preparar inteiramente um preclaro para a sua Audição na Ponte, é normal clarificarem-se as palavras das várias listas de correção muito perto do início da audição, antes que surja a sua necessidade. (De contrário, é difícil clarificar todas as palavras de uma lista de correção num preclaro que tem uma pesada carga by-passed). Assim, quando surge a necessidade destas listas de correção, já não se têm de clarificar todas as palavras visto já ter sido feito e a lista de correção pode ser usada sem demora (Ref. B 9 Ago. 78 II, Clarificação de Comandos).

Isto seria feito conforme instruções do Supervisor de Caso.

LRH.



GLOSSÁRIO PARA O C/S-1 DE CIENTOLOGIA

CIENTOLOGIA:

Uma filosofia aplicada, desenvolvida por L. Ron Hubbard e que lida com o estudo do conhecimento e que, através da aplicação da sua tecnologia, pode trazer mudanças desejáveis nas condições de vida.

(Tirada da palavra latina scio, conhecer no mais amplo sentido da palavra, e do grego logos, estudo.)

Um corpo de conhecimentos que, quando usado apropriadamente, traz liberdade e verdade ao indivíduo.

AUDIÇÃO:

Também chamado Processamento, é a aplicação dos processos e procedimentos de Cientologia a alguém, por um auditor treinado.

A definição exata de audição é: a ação de fazer uma pergunta a um preclaro (a qual ele pode compreender e responder), conseguir uma resposta a essa pergunta e acusar-lhe a receção por essa resposta.

SESSÃO DE AUDIÇÃO:

Um período de tempo durante o qual um auditor e um preclaro estão num local tranquilo onde não serão perturbados. O auditor dá ao preclaro determinados comandos exatos que este pode seguir.

AUDITOR:

Uma pessoa treinada e qualificada para aplicar processos e procedimentos de Cientologia e/ou Dianética a indivíduos para seu melhoramento. É chamado auditor porque esta palavra significa "aquele que ouve".

CLEAR:

Um ser que não está reprimido e que é autodeterminado.

O estado de Clear é alcançado no final do Curso de Clearing. No entanto, o poder da audição é tal que este estado pode ser alcançado antes do Curso de Clear, nos processos da Carta de Graus de Dianética e Cientologia.

PRECLARO:

Uma pessoa ainda não Clear. Geralmente alguém que está a ser auditado, estando assim no caminho para Clear. Uma pessoa que, através do processamento de Cientologia e Dianética, está a descobrir mais acerca dele próprio e da vida.

THETAN:

Vem de THETA (estático da vida), palavra tirada do símbolo ou letra grega "theta"(θ), símbolo tradicional para pensamento ou espírito. O Thetan é a própria pessoa: não o seu corpo ou a sua mente. O Thetan é o "eu". Não se tem nem possui um Thetan: a pessoa é um Thetan.

MENTE:

Um sistema de controlo entre o thetan e o universo físico. Não é o cérebro. A mente é o registos acumulado de pensamentos, conclusões, decisões, observações e perceções de um thetan durante toda a sua existência. O thetan pode usar (e de facto usa) a mente para lidar com a vida e com o universo físico.

CORPO:

O composto ou substância física organizada de um animal ou homem, quer vivo ou morto.

RETRATO:



Uma aparência exata de algo; uma cópia ou representação de uma coisa, não a própria coisa. Uma imagem ou retrato mental de algo.

IMAGEM MENTAL:

Retrato Mental; uma cópia das percepções de uma pessoa do Universo Físico nalguma altura no passado. Um fac-símile ou mock-up. Em Cientologia chamamos a uma imagem mental um Fac-símile quando é um retrato ou "fotografia" do universo físico nalguma altura do passado, criada inconscientemente. Chamamos a uma imagem mental um mock-up quando é criada pelo thetan ou para o thetan e não consiste de uma fotografia do universo físico. Fac-símiles, feitos de energia mental, são imagens contidas na mente reativa.

MENTE REATIVA:

Banco reativo. A porção da mente que funciona numa base de estímulo-resposta (dado um certo estímulo esta vai automaticamente dar uma certa resposta) que não está sob o controlo voluntário da pessoa e que exerce força e poder sobre o estado de consciência, propósitos, pensamentos, corpo e ações da pessoa.

A mente reativa nunca pára de funcionar. Retratos do ambiente, de uma ordem muito baixa, são feitos por esta mente, mesmo em alguns estados de inconsciência.

BANCO:

Um nome coloquial para a mente reativa. A coleção de imagens mentais do preclaro. Vem da tecnologia dos computadores onde todos os dados estão num "banco" de dados.

CICLO DE COMUNICAÇÃO:

Uma comunicação completa, incluindo a originação da comunicação, receção da comunicação e resposta ou acusar de receção da comunicação. Um ciclo de comunicação consiste simplesmente de causa, distância, efeito, com intenção, atenção, duplicação e compreensão.

CICLO DE COMUNICAÇÃO DE AUDIÇÃO:

O ciclo de comunicação de audição que está sempre em uso é:

- 1) O preclaro está pronto a receber o comando?
(aparência, presença)
- 2) O auditor dá o comando ou pergunta ao preclaro.
(causa, distância, efeito)
- 3) O preclaro procura a resposta no banco.
- 4) O preclaro recebe a resposta do banco.
- 5) O preclaro dá a resposta ao auditor.
(causa, distância, efeito)
- 6) O auditor dá o acusar de receção ao preclaro.
- 7) O auditor verifica se o preclaro recebeu o acusar de receção.
(atenção)
- 8) Novo ciclo começa com 1.

CARGA :

As quantidades de energia armazenadas na pista do tempo. Energia armazenada ou potenciais de energia armazenada ou recriável. O impulso elétrico no caso e que movimenta o E-Metro. Energia ou força nociva acumulada e gerada dentro da mente reativa, resultando dos conflitos e experiências desagradáveis que uma pessoa teve.

MASSA MENTAL:



Criando a imagem de matéria, energia, espaço e tempo. O seu peso proporcional seria muito ligeiro comparado com o verdadeiro objeto do qual a pessoa está a fazer uma imagem.

KEY-IN:

A ação de gravar um elo (Lock) sobre um secundário ou engrama; o momento em que uma perturbação ou incidente anterior foi reestimulado.

KEY-OUT:

A ação de um engrama ou secundário se afastar sem ser apagado. Aliviado ou separado da sua mente reativa ou de alguma porção dela.

RELEASE:

Um preclaro cuja mente reativa ou parte importante dela está key-out e não o está a influenciar.

Uma série de key-outs graduais. Num desses key-outs o indivíduo separa-se do resto da mente reativa.

No processamento de Cientologia existem oito graus principais de release. Estes são, de baixo para cima: Grau 0-Release de Comunicações, Grau I-Release de Problemas, Grau II- Release de Alívio, Grau III- Release de Liberdade, Grau IV - Release de Capacidade, Grau V - Release de Power, Grau VA - Release de Power Plus, Grau VI - Release da Pista Total. Cada um é um passo distinto e definido em direção a níveis mais altos de consciência e capacidade.

REABILITAR:

Restaurar uma capacidade ou condição anterior. Na audição, isto significa fazer uma série de ações em sessão que resultam na recuperação de um estado de release para o preclaro.

POSTULADO:

Uma conclusão, decisão ou resolução feita pelo próprio indivíduo. Concluir, decidir ou resolver um problema ou estabelecer um padrão para o futuro ou anular um padrão do passado.

Postulado quer dizer uma verdade autocriada. Um postulado é, é claro, aquela ordem, desejo, inibição ou imposição dirigida, da parte do indivíduo sob a forma de uma ideia.

Postulado significa causar um pensamento ou consideração.

COGNIÇÃO:

Uma originação do preclaro que indica que ele "passou a compreender". É uma declaração do tipo "Sabes uma coisa? Eu...". Uma nova compreensão em relação à vida. Esta resulta num maior grau de consciência e, conseqüentemente, numa maior capacidade para ter sucesso nos seus empreendimentos na vida.

AGULHA FLUTUANTE:

Reação da agulha no E-METRO - é um varrer rítmico da agulha no mostrador, a uma velocidade lenta e constante. É sempre acompanhada de muito bons indicadores por parte do preclaro.

RUDIMENTOS:

Os primeiros princípios, passos, estágios ou condições. As ações básicas feitas no princípio de uma sessão para preparar o preclaro para a ação principal da sessão; Quebras de ARC, PTPs, withholds.

AFINIDADE:

O grau de gostar ou afeição, ou de falta disso. Afinidade é uma tolerância de distância. Uma grande Afinidade seria gostar ou ter uma grande tolerância por uma proximidade estreita. Uma falta de afinidade seria uma intolerância ou não gostar de proximidade estreita. A Afinidade é um dos componentes da Compreensão, sendo os outros componentes a realidade e a comunicação.

REALIDADE:



A aparência da existência que tem a concordância das pessoas. Uma realidade é qualquer dado que está de acordo com as percepções, computações e educação da pessoa. Realidade é o que é. É um dos componentes da Compreensão.

COMUNICAÇÃO:

O intercâmbio de ideias ou objetos entre duas pessoas ou terminais.

Mais precisamente, a definição de Comunicação é a consideração e ação de impelir um impulso ou partícula desde um ponto de origem, através de uma distância, até um ponto de receção, com a intenção de criar no ponto de receção uma duplicação e compreensão daquilo que emanou do ponto de origem. A fórmula da Comunicação é: causa, distância, efeito, com intenção, atenção e duplicação com compreensão.

A Comunicação é uma das partes componentes da compreensão.

ARC:

Uma palavra formada com as letras iniciais de Afinidade, Realidade e Comunicação, que juntas são igual a Compreensão. É pronunciada declarando as suas letras, A-R-C. Para os Cientologistas passou a significar uma sensação boa, amor ou amizade, como por exemplo "Ele estava em ARC com o seu amigo". Uma pessoa, contudo, não deixa de ter ARC; a pessoa tem uma Quebra de ARC.

QUEBRA DE ARC:

Uma queda ou corte repentino da Afinidade, Realidade ou Comunicação de uma pessoa, com alguém ou algo. É pronunciada letra por letra, quebra de A-R-C.

PROBLEMA:

Qualquer coisa que tenha lados opostos de força igual, especialmente postulado -postulado contrário, intenção - intenção contrária, ideia - ideia contrária. Uma intenção-intenção contrária que preocupa o preclaro.

PROBLEMA DE TEMPO PRESENTE:

Um problema específico que existe no universo físico agora, e no qual a pessoa tem a atenção fixa.

Qualquer conjunto de circunstâncias que prende de tal maneira a atenção do preclaro, que este sente que deveria estar a fazer algo acerca disso em vez de ser auditado.

OVERT:

Um ato Overt é um ato que, por omissão ou execução, faz o menor bem ao menor número de dinâmicas ou o maior mal ao maior número de dinâmicas.

...Um ato agressivo ou destrutivo feito pelo indivíduo contra uma ou mais das oito dinâmicas (o próprio, a família, os grupos, a humanidade, os animais e as plantas, o MEST, a vida e o infinito). Aquilo que fazes e que não estás disposto que te aconteça a ti.

WITHHOLD:

Um ato nocivo (contra a sobrevivência) não revelado.

WITHHOLD ESCAPADO:

Um ato contra sobrevivência não revelado que foi reestimulado por outro, mas não revelado. Este é um withhold acerca do qual outra pessoa quase descobriu, deixando a pessoa que tem o withhold num estado de dúvida se o seu ato escondido é ou não conhecido.

PROCESSO REPETITIVO:

...Um processo que é feito uma e outra vez com a mesma pergunta feita ao preclaro. Não se espera que o auditor faça mais nada a não ser dar o comando (ou fazer a pergunta) sem variações, acusar a receção à resposta do preclaro e tratar as originações deste, compreendendo-as e acusando a receção



ao que foi dito. É um processo que permite que o indivíduo examine a sua mente e o ambiente e que, a partir daí, selecione o que é importante e o que não é.

FLUXO:

Um progresso de energia entre dois pontos.

Um impulso ou direção de partículas de energia, de pensamentos ou de massas entre terminais.

O progresso de partículas, impulsos ou ondas do ponto A para o ponto B.

Os quatro fluxos usados no processamento são:

F-1, Fluxo Um, algo acontecer com o próprio;

F-2, Fluxo Dois, fazer algo a outro;

F-3, Fluxo Três, outros fazerem coisas a outros;

F-0, Fluxo Zero, o próprio a fazer algo ao próprio.

ASSESSMENT:

Escolher, de uma lista de afirmações, qual a que tem a maior reação no E-Metro e o interesse do preclaro. A que tem a maior reação, normalmente, também terá o interesse do preclaro.

FAZER ASSESSMENT:

...Uma ação feita a partir de uma lista preparada. O assessment é feito pelo auditor entre o banco do preclaro e o E-Metro...ele só anota qual o item que tem a maior reação ou queda da agulha. O auditor olha para o E-Metro enquanto faz o assessment. Um assessment é a ação completa de obter um item significativo de um preclaro.

EXAMINADOR:

Examinador de Preclaros. A pessoa numa organização de Cientologia para onde os preclaros são enviados imediatamente a seguir a qualquer sessão de audição. Ele não diz nada ao pc durante esta ação, registrando unicamente a posição do braço de tom e o estado da agulha no E-Metro e escrevendo o que o preclaro disser, se ele disser algo. O Examinador é também a pessoa que um preclaro vai ver quando deseja fazer qualquer tipo de declaração acerca do seu caso, ou se quiser que algo seja manejado acerca do seu caso.



GABINETE DE COMUNICAÇÕES HUBBARD

Solar de St. Hill, Grinstead Oriental, Sussex,

HCOB DE 7 de Agosto de 1978

HAVINGNESS DESCOBRIR E PERCORRER O PROCESSO DE HAVINGNESS DO PRECLARO

Nota: Este boletim não é, de modo nenhum, um resumo completo do assunto havingness. Existe uma ampla gama de materiais sobre havingness e sua reparação em publicações anteriores e outros boletins que podem ser encontrados nos Volumes Técnicos, dados que o estudante irá adquirindo à medida que continua a treinar-se nos níveis e no SHSBC.

Este boletim destina-se a dar ao auditor principiante, conhecimentos funcionais sobre havingness.

"HAVINGNESS: 1) Aquilo que permite a experiência de massa e de pressão. 2) A sensação de que se detém ou possui. 3) Pode ser simplesmente definido como ARC com o ambiente...6) A capacidade de duplicar aquilo que se percebe, ou a disposição para criar um duplicado seu...8) Havingness é o conceito de ser capaz de alcançar ou de não ser impedido de alcançar...4) Aquela atividade que é executada quando necessária sem distrair violentamente a atenção do preclaro. "

(Retirado do Dicionário Técnico)

Tudo isto é válido, mas a definição final de havingness pode ser simplesmente descrita como:

HAVINGNESS É O CONCEITO DE SER CAPAZ DE ALCANÇAR.

NÃO-HAVINGNESS É O CONCEITO DE NÃO SER CAPAZ DE ALCANÇAR.

A disposição e capacidade de duplicar são inerentes à capacidade de alcançar. O que faz a comunicação funcionar nos processos, é a faceta duplicação da fórmula de comunicação. (Axioma 28 Emendado)

A posição de um ser na Escala de Tom é determinada pela sua capacidade de alcançar (e, deste modo, pela sua disposição e capacidade de duplicar, de comunicar e de ter a experiência). Quanto mais baixo o tom do ser menos disposição ele terá para alcançar para ter a experiência e comunicar com o seu ambiente presente, e menos vontade terá de alcançar e duplicar acontecimentos do passado ou permitir que eles sucedam de novo.

Isto é corrigido com os Processos Objetivos de Havingness. Trata-se de processos que constam de observar e tocar objetos na sala de audição ou no ambiente. São processos do tipo "olhar à volta" ou de contacto físico, usados para corrigir uma condição de baixa ou nenhuma havingness.

Encontra-se, deste modo, o Processo de Havingness do preclaro no início da audição e este é usado para ganhar ou reparar a havingness do preclaro antes ou depois de processos ou no final das sessões.



DESCOBRIR E PERCORRER O PROCESSO DE HAVINGNESS DO PRECLARO

O Processo de Havingness do preclaro é testado no E-Metro de uma forma exata, através da *agulha*, com um aperto de latas do preclaro.

Utiliza-se o HCOB 6 de Outubro de 1960R, "Trinta e Seis Pré-Sessões novas".

1. Coloque a sensibilidade para uma queda de 1/3 do mostrador quando o preclaro aperta as latas. (Ver o Exercício de E-Metro N° 5)
2. Percorra 5 a 8 comandos do primeiro Processo de Havingness do boletim citado, com o preclaro ao E-Metro.
3. Peça então ao preclaro para apertar as latas e anote o tamanho da queda da agulha. Se o segundo aperto das latas mostrar a agulha mais solta (dançar mais amplamente) do que no primeiro, então já está. O Processo de Havingness que testou é o do preclaro e pode ser usado para reparar a sua havingness quando necessário.
4. Se o processo aperta a agulha durante o teste, não o use. Nem sequer faça a ponte dele para outro. Saia simplesmente dele e teste o processo seguinte, depois o seguinte, continuando até encontrar um Processo de Havingness que solte realmente a agulha e ela dê um balanço mais amplo. Será encontrado um entre os da lista de Processos de Havingness do HCOB de 6 de Outubro de 60R.
5. O Processo de Havingness correto é então corrido 10 ou 12 comandos de cada vez, normalmente antes de terminar a sessão.

O Processo de Havingness de um preclaro pode mudar à medida que o preclaro muda com a audição. Se em algum ponto da audição o Processo de Havingness que tem estado em uso não conseguir obter o resultado desejado, teste simplesmente um novo Processo de Havingness, encontre um que funcione e use-o.

Mesmo o Processo de Havingness correto, se for demasiado usado de cada vez (mais do que 10 ou 20 comandos), começará a tratar do banco. Não prejudica o preclaro, mas não é esse o seu fim, visto haver outros processos que melhor tratam o banco.

O *objetivo* de um Processo de Havingness é estabilizar o preclaro no seu ambiente.

L. Ron Hubbard

Fundador



L.- SESSÃO MODELO E RUDIMENTOS

GABINETE DE COMUNICAÇÕES HUBBARD

Solar de St. Hill, Grinstead Oriental, Sussex,

HCOB DE 15 DE AGOSTO DE 1969

Remimeo
Chksht Classe VIII
Supervisores de Caso
Classe VIIIs

LIMPANDO RUDIMENTOS

A fim de clarificar como se limpam rudimentos:

Se um rud (rudimento) lê, obténs os dados e depois pedes um anterior até obteres uma F/N.

Se um rud não lê, introduzes-lhe o Reprimido e voltas a verificar. Se desencadeia algum comentário, crítica, protesto ou espanto, introduzes o Falso e limpa-lo.

Para limpares todos os ruds pedes uma Q. ARC e, se não ler, pões o Reprimido. Se ler obtém-na, fazes ARCU CDEINR, ARCU CDEINR anterior, até obteres uma F/N. Depois fazes o mesmo com PTP e, depois, com MW/Hs.

Se, quando inicias um rud, ele não lê nem tem F/N, mesmo que o Reprimido seja introduzido, avança para o rud seguinte até obteres um que leia mesmo.

Depois, obtém F/N nos 2 que não tinham lido.

INCORRETO

Obter um rud com leitura, pondo-se ou não o Reprimido e, depois, não o seguir até anterior e continuar a chamá-lo, apanhando só leituras, é incorreto.

CORRETO

Se um Rud lê, segue-o sempre até um anterior até F/N.

Não continues a testá-lo com o E-Metro e NÃO o abandonas só porque já não lê de novo.

Se um rud lê, limpa-o indo a anterior, anterior, anterior até F/N.

Se um rud lê e a leitura é falsa, limpa o falso.

Existem DUAS ações possíveis quando se limpam ruds:

1. O rud não está sujo. Se não deu leitura, verifica com Reprimido. Se leu, mas é de algum modo protestado, limpa falso.

IMPRESSO VERDE

Isto também se aplica à limpeza de ruds no Impresso Verde.



QUEBRA DE ARC

Se houver uma Quebra de ARC, obtém-na, usa ARCU e CDEI, indica-o, depois, se não houver F/N, segue-o até anterior, obtém ARCU CDEINR, indica-o, se não houver F/N obtém um anterior e continua, sempre com ARCU CDEINR até obteres uma F/N.

PTP

Se obtiveres um PTP segue-o até um anterior, outro anterior e outro até obteres uma F/N.

WITHHOLD FALHADO

Se obtiveres um withhold, descobre QUEM o falhou, depois outro e outro usando Reprimido. Se houver protesto, introduz falso. Vais descobrir que estes W/Hs também têm anteriores como qualquer outra cadeia, mas não têm de o fazer.

MISTURANDO MÉTODOS

Se obténs uma leitura num rud e o preclaro te dá um, não verificas de novo a leitura. Obténs mais até teres uma F/N.

Obter resposta a um rud e depois verificar reprimido e leituras é misturar 1 e 2 atrás.

FALSO

Alguém disse que tinhas um(a).....quando não tinhas?" é a resposta a protestos em ruds.

Qualquer Classe VIII deve ser capaz de limpar qualquer rud. Isto clarifica dados nos boletins e gravações sobre este assunto.

L. Ron Hubbard

Fundador



GABINETE DE COMUNICAÇÕES HUBBARD

Solar St. Hill, Grinstead Oriental, Sussex,

HCOB DE 11 DE AGOSTO DE 1978

Emissão I

Remimeo

Todos os auditores

RUDIMENTOS, DEFINIÇÕES E FRASEADO

(Ref: HCOB 15 Ago 69, Voar Ruds)

(NOTA: Este boletim de nenhum modo resume toda a informação sobre Quebras de ARC, PTPs, WHs falhados (MWHs) ou sobre a resolução de rudimentos. Existe toda uma tecnologia e informação ao longo dos Volumes Técnicos e livros de Cientologia de que o auditor estudante necessitará à medida que progride pelos níveis).

Um rudimento é aquilo que é usado para preparar o preclaro para ser auditado nessa sessão.

A fim de que a audição tenha de algum modo lugar, o preclaro tem de estar em sessão o que significa:

1. Disposto a falar ao auditor.
2. Interessado no seu próprio caso.

É só isto que queremos obter com os rudimentos. Queremos preparar o caso para ser auditado e não para auditar o caso.

As Quebras de ARC, PTPs e Contenções (WHs), todos impedem o curso da sessão. É de a técnica elementar de audição saber que auditar sobre uma Quebra de ARC pode fazer baixar o gráfico de uma pessoa, prendê-la às sessões ou piorar o caso e que, na presença de PTPs, Overts e WHs falhados (um overt encoberto restimulado) não podem ocorrer ganhos. São, portanto, estes os rudimentos o que mais nos preocupa introduzir no início de uma sessão para que a audição com resultados possa ocorrer.

OBTER A F/N

Se conhecer a estrutura do banco você sabe que, se algo não se liberta, é necessário encontrar um item anterior.

Se um Rud não dá F/N, então existe um elo anterior (ou vários) que está a impedir a F/N.

Temos assim esta regra e procedimento:

SE UM RUD LER VOCÊ LEVA-O SEMPRE A ANTERIOR SEMELHANTE ATÉ F/N.

A pergunta usada é:

"Existe (uma Quebra de ARC) ou (Problema) ou (WH FALHADO) anterior semelhante?"

Se no início de uma sessão os rudimentos estiverem *dentro* (a agulha a flutuar e o preclaro com VGIs), o Auditor vai diretamente para a ação principal da sessão. Se não, o Auditor tem de limpar um Rud ou os Ruds, de acordo com o que for determinado pelo C/S.

QUEBRAS DE ARC

ARC: Uma palavra formada a partir das letras iniciais de Afinidade, Realidade e Comunicação que juntas equivalem a Compreensão.



QUEBRA DE ARC: Uma queda ou corte súbito da Afinidade, Realidade, Comunicação ou Compreensão da pessoa para com alguém ou algo. Perturbações com pessoas ou coisas surgem quando há uma redução ou rompimento de Afinidade, Realidade, Comunicação ou compreensão.

Embora a regra do E/S se aplique totalmente às quebras de ARC, há uma ação adicional na limpeza de quebras de ARC que permite ao preclaro detetar exatamente o que sucedeu e que originou a perturbação.

Uma Quebra de ARC é chamada, "quebra de A-R-C" em vez de perturbação porque, se descobrir qual dos três pontos da compreensão foi cortado pode-se obter uma rápida recuperação do estado de espírito da pessoa.

Nunca audite por cima de uma Quebra de ARC e *nunca audite* a própria Quebra de ARC. Ela não pode ser auditada. Mas pode ser sujeita a uma *verificação* a fim de localizar os elementos básicos do ARC onde se encontra a carga.

Assim, para resolver uma Quebra de ARC, faz a verificação de Afinidade, Realidade, Comunicação e Compreensão a fim de descobrir em qual destes pontos ocorreu a quebra.

Tendo-o determinado, faz agora a verificação do item encontrado (A, R, C ou U (U=Understanding = Compreensão) seguido da Escala CDEI Expandida (curiosidade, desejada, imposta, inibida, nenhuma e recusada).

Com esta verificação a verdadeira carga ultrapassada pode ser localizada e indicada ainda com mais exatidão, permitindo assim ao preclaro estoirá-la.

A verificação é feita em cada Quebra de ARC à medida que vai para anteriores semelhantes até que o rudimento esteja limpo com F/N e VGIs.

A primeira pergunta de rudimentos é:

1. "Estás com uma Quebra de ARC?"
2. Se existir, obtenha resumidamente os dados.
3. Descubra, com uma verificação, em que ponto ocorreu a quebra:

"Foi uma quebra em Afinidade?
 Realidade?
 Comunicação?
 Compreensão?"

Faz a verificação *uma vez* e obtém a leitura (ou a maior leitura) que foi, por exemplo, em Comunicação.

4. Verifique-a com o preclaro: "Foi uma quebra em (comunicação)?" Se ele disser que não, volta a manejar. Se disser que sim, deixe-o falar disso se assim o desejar. Depois indique-lha: "Gostaria de te indicar que *foi* uma quebra em comunicação".

CONTANTO QUE TENHA SIDO APANHADO O ITEM CORRETO, o preclaro vai animar-se, mesmo que só um pouco, *na primeira verificação*.

NOTA: No passo 4 o preclaro pode originar, por exemplo: "sim, acho que foi em comunicação, mas, para mim, tratou-se mais de uma quebra em realidade". O Auditor sensato acusaria a receção e indicaria que tinha sido uma quebra em "realidade".

5. Apanhando o item encontrado no passo 4, faz a sua verificação em conjunto com a Escala CDEI:

"Foi:

Curiosidade acerca de Comunicação?

Comunicação	Desejada?
Comunicação	Forçada?



Comunicação	Inibida?
Nenhuma	Comunicação?
Comunicação	Recusada?"

6. Tal como nos passos 3 e 4, faz a verificação uma vez, obtém o item e verifica-o com o preclaro:
"Foi comunicação desejada?"
Se não foi, volta a manejar. Se foi, indica-o.
7. Se não houver F/N neste ponto, segue-a para anterior com a pergunta:
"Existe uma Quebra de ARC anterior e semelhante?"
8. Obtém a Quebra de ARC anterior semelhante, introduz ARCU, CDEINR, indica. Se não houver F/N, repete o Passo 7, continua a ir a anterior usando sempre o ARCU CDEINR, até obter uma F/N.
Quando tiver a F/N e os VGIs, acabou.

PROBLEMA DE TEMPO PRESENTE

PROBLEMA: Um conflito surgindo a partir de duas intenções opostas. Trata-se de uma coisa contra outra. Uma intenção contra outra intenção que preocupa o preclaro.

PROBLEMA DE TEMPO PRESENTE: Um problema especial que existe no universo físico agora e no qual o preclaro tem a atenção presa.

...Qualquer conjunto de circunstâncias que prende a atenção do preclaro de tal maneira que ele sente que deveria estar a resolvê-lo em vez de estar a ser auditado.

Há uma violação de "em sessão" quando a atenção do preclaro está fixa nalguma preocupação que está "agora, ali mesmo" no universo físico. A atenção do preclaro está "lá" e não no seu caso. Se o auditor passar por cima disso e não resolver o PTP, então o preclaro nunca estará em sessão, começa a ficar agitado, tem uma Quebra de ARC e não serão obtidos resultados pois o preclaro não está em sessão.

A segunda pergunta de rudimentos é:

1. "Estás com um problema de tempo presente?"
2. Se houver, faz com que o preclaro o conte.
3. Se não houver F/N, leva-o a um anterior com a pergunta:
"Existe um problema anterior e semelhante?"
4. Obtém o problema anterior e, se não houver F/N, segue-o até um anterior semelhante, e outro e outro até F/N.

WITHHOLD FALHADO

ATO OVERT: Um ato nocivo cometido intencionalmente num esforço para resolver um problema.

Uma não ação ou uma ação que faz o menor benefício ao menor número de dinâmicas ou o maior prejuízo ao maior número de dinâmicas.

Aquilo que você faz e que não deseja que lhe aconteça a si.

WITHHOLD(WH): Um ato nocivo (contra a sobrevivência) encoberto. Algo que o preclaro fez e de que não está a falar.



WITHHOLD FALHADO (MWH): Um ato nocivo encoberto que foi restimulado por outrem, mas não descoberto. Trata-se de uma Contenção que outra pessoa quase descobriu, deixando aquele que tem a Contenção num estado de dúvida sobre se o seu ato contido foi ou não descoberto.

Um preclaro com um WITHHOLD FALHADO não estará honestamente "disposto a falar ao auditor" e, portanto, não estará em sessão até que o WITHHOLD FALHADO tenha sido arrancado.

Falhar uma CONTENÇÃO ou não obter o seu todo é a única fonte de Quebras de ARC. Um WITHHOLD FALHADO é detetado por um dos seguintes factos:

O preclaro não fazer progressos;

O preclaro a criticar o auditor, zangar-se com ele ou a dizer mal dele;

O preclaro a recusar falar ao auditor;

O preclaro sem vontade de ser auditado;

O preclaro a dormir, exausto, nebuloso no final da sessão;

Havingness em baixo;

O preclaro a dizer que o auditor não é bom, exigindo a reparação dos erros;

O preclaro crítico da Cientologia, das Organizações ou das pessoas da Cientologia;

Falta de resultados de audição;

Fracassos na disseminação.

(Ref.: HCOB 3 Maio 62, "Quebras de ARC, WHs Falhados)

O auditor *não* pode passar por cima de qualquer manifestação de WITHHOLD FALHADO.

Portanto, se o preclaro tiver um WITHHOLD FALHADO, obtém o que ela é, tudo o que ela é, usando o sistema descrito abaixo, e usa o mesmo sistema em cada WITHHOLD FALHADO anterior semelhante até obter a F/N.

A terceira pergunta de rudimentos é:

1. " Um WITHHOLD foi falhado (deixado escapar)?"
2. Se obtiver um WITHHOLD FALHADO, descubra:
 - (a) O que foi o WITHHOLD?
 - (b) Quando foi?
 - (c) É tudo sobre o WITHHOLD?
 - (d) **QUEM** o falhou?
 - (e) O que é que ele (ou ela) fez que te deixou na dúvida se saberia ou não?
 - (f) Quem mais a falhou? Repete (e).

Obtenha outra e outra pessoa que a tenha falhado usando o botão suprimido sempre que necessário, repetindo o passo (e).

3. Limpe-a até F/N ou, se não der F/N, leva-a a anterior semelhante com a pergunta:
"Há um WITHHOLD FALHADO anterior e semelhante?"
4. Trate cada WITHHOLD FALHADO anterior e semelhante que obtiver com o passo 2 até F/N.

SUPRIMIDO

Se um rudimento não der leitura nem F/N, introduza o botão suprimido, usando:



"Na pergunta 'Está com uma Quebra de ARC?' alguma coisa foi suprimida?"

Se der leitura, faça ARCU CDEINR, anterior semelhante, etc.

Use Suprimido do mesmo modo para PTPs e WHs falhados sem leitura.

FALSO

Se o preclaro protestar, fizer comentários ou parecer espantado, introduza o botão Falso. A pergunta é:

"Alguém disse que tinhas um(a) _____ quando não tinhas?" Obtenha quem, como, quando e leve-o, se necessário, a anterior para F/N.

FENÓMENOS FINAIS

Nos rudimentos, quando obtém a sua F/N e a carga se afastou, indique-o. Não empurre o preclaro para algum outro tipo de "EP" (End Phenomena = Fenómenos Finais).

Quando o preclaro tem F/N com VGIs, acabou.

TA ALTO OU BAIXO

Nunca tente limpar Ruds com um TA alto ou baixo.

Vendo um TA alto ou baixo no início da sessão, o Auditor de Dianética ou Cientologia até Classe II não começa a sessão, mas devolve a pasta ao Supervisor de Caso para que um Auditor de classe mais alta maneje. O C/S mandará fazer a lista de correção necessária por um Auditor Classe III ou acima.

REFERÊNCIAS:

HCOB 15 Ago. 69	Limpar Ruds
HCOB 13 Out. 59	Escala DEI Expandida
HCOB 18 Set. 67	Escalas
HCOB 07 Set. 64 II	Todos os Níveis, PTPs, Overts e Quebras de ARC
HCOB 12 Fev. 62	Como Limpar WHs e WHs Falhados.
HCOB 31 Mar. 60	O Problema de Tempo Presente
HCOB 14 Mar. 71R	Tudo Até F/N
HCOB 23 Ago. 71	Séries do C/S1, Direitos do Auditor
HCOB 21 Mar. 74	Fenómenos Finais
HCOB 22 Fev. 62	WHs, Falhados e Parciais
HCOB 03 Maio 62	Quebras de ARC, WHs Falhados

Estes boletins dão mais informações sobre os rudimentos, quebras de ARC, PTPs e Withholds Falhados. Note, contudo, que esta não é uma lista completa de referências sobre o assunto. Existe muito mais informação nos Volumes Técnicos.

L Ron Hubbard

Fundador



GABINETE DE COMUNICAÇÕES HUBBARD
Solar de St. Hill, Grinstead Oriental, Sussex,
HCOB DE 6 de JUNHO DE 1984
Emissão III

Remimeo
Auditores
C/Ss
Chshts de treino de auditores
Curso HSSC
Tech/Qual
Verif. de Segurança

MANEJAR A WITHHOLD FALHADO

Ref.:

Fita. 6211C01 A WITHHOLD FALHADO

Modifica:

HCOB 30 Nov. 78 PROCEDIMENTO CONFSSIONAL

HCOB 11 Ago. 78 I RUDIMENTOS, DEFINIÇÃO E PADRÃO

HCOB 15 Ago. 69 VOAR RUDS

Parte do procedimento de rotina esperado de qualquer auditor que esteja a limpar um WITHHOLD FALHADO, quer como rudimento quer em Sec-checks, é obter "quem a tocou" (as pessoas que tocaram na contenção) e o que cada uma delas fez para deixar o preclaro a pensar se elas saberiam ou não.

Às vezes, no entanto, o rudimento faz key-out e dá F/N antes do auditor chegar ao passo "quem a tocou".

Essa F/N é indicada, mas o auditor deve continuar e perguntar quem tocou na contenção e o que a pessoa fez para “tocar” a atenção do preclaro.

Este manejo pode alargar consideravelmente a F/N e limpar completamente o WITHHOLD FALHADO.

L. RON HUBBARD

Fundador



GABINETE DE COMUNICAÇÕES HUBBARD

Solar St. Hill, Grinstead Oriental, Sussex,

HCOB DE 11 DE AGOSTO DE 1978

Emissão II

SESSÃO MODELO

1. Preparação da Sessão

Antes da sessão, o auditor tem que se assegurar de que tudo está pronto a fim de garantir uma sessão suave, sem interrupções nem distrações.

Utiliza o HCOB de 4 de Dezembro de 77, "Lista de Verificação para Preparar Sessões e Ajustar um E-Metro", verificando cada ponto da lista.

O preclaro está sentado na cadeira mais distante da porta. Desde o momento em que se lhe pede para agarrar as "latas" até ao final da sessão, ele permanecerá ligado ao E-Metro.

Quando se estabelecer que não há razão para não iniciar a sessão, o Auditor inicia-a.

2. Começo da Sessão.

O Auditor diz: "Começo de Sessão". (Tom 40)

Se a agulha estiver a flutuar e o preclaro com VGIs, o Auditor vai diretamente para a ação principal da sessão. Se assim não for, tem de limpar um rud.

3. Rudimentos

Os rudimentos são limpos de acordo com o HCOB de 11 de Agosto de 78, I, "Rudimentos, Definições e Fraseado".

(Se o TA estiver alto ou baixo no início da sessão ou se o Auditor não conseguir limpar um rud, ele acaba a sessão e envia a pasta para o C/S. Um Auditor de Classe IV (ou acima) pode fazer um Forma Verde ou outra Lista de Correção.

Quando o preclaro tem uma F/N e VGIs, o auditor avança para a ação principal da sessão.

4. Ação Principal da Sessão

a) Fator-R ao preclaro: O Auditor informa o preclaro do que vai ser feito na sessão: "Agora vamos tratar de _____".

b) Clarificar comandos: Os comandos do processo são clarificados de acordo com o HCOB de 9 de Agosto de 1978, II, "Clarificar Comandos".

c) O processo: O Auditor percorre o processo ou completa as instruções do C/S para a sessão até aos Fenómenos Finais.

Em Dianética os Fenómenos Finais seriam: F/N, apagamento da cadeia, cognição, postulado (se não tiver sido dito junto com a cognição) e VGIs.



Nos processos de Cientologia, os Fenómenos Finais são: F/N, cognição, VGIs. Os Processos de Poder têm os seus próprios EPs.

5. Havingness (TER)

Quando for indicado havingness ou estiver incluído nas instruções do C/S, o Auditor faz cerca de 10 a 12 comandos do Processo de Havingness do preclaro até este estar animado, com F/N e em Tempo Presente. (Nota: Havingness nunca é auditado para esconder ou encobrir o facto de não se ter conseguido F/N no processo principal ou numa pergunta de audição ou de confessional).

(Ref.: HCOB de 7 de Agosto de 78, "Havingness, Descobrir e Percorrer o Processo de Havingness do Preclaro").

6. Final da Sessão.

- a) Quando o Auditor estiver pronto para terminar a sessão, dá ao preclaro um Fator-R de que vai acabar a sessão.
- b) Então, ele pergunta: "Há alguma coisa que queiras dizer ou perguntar antes de eu terminar a sessão?"
O preclaro responde.
O Auditor acusa a receção e toma nota da resposta.
- c) Se o preclaro fizer uma pergunta, responda se puder ou acusa a receção e diz: "Vou tomar nota disso para o C/S".
- d) O Auditor termina a sessão com: "Fim da Sessão". (Tom 40)
(Nota: A frase "É tudo" é incorreta para terminar a sessão e não deve ser usada. A frase correcta é: "Fim de Sessão").

Imediatamente após o fim da sessão, o Auditor ou um contínuo leva o preclaro ao Examinador.

L. RON HUBBARD

Fundador



GABINETE DE COMUNICAÇÃO HUBBARD

St. Hill, Grinstead Oriental, Sussex

HCOB DE 7 DE MARÇO DE 1975

EXTERIORIZAR E TERMINAR A SESSÃO

Quando o Pc exterioriza numa boa vitória em sessão ou se o Pc tem uma grande vitória habitualmente seguida de uma F/N persistente a ação usual é terminar a sessão.

Ao terminar a sessão nestas circunstâncias o Auditor não deve fazer nenhuma outra ação para além de terminar a sessão suavemente.

Isto inclui “dizer ou perguntar?”, percorrer havingness ou qualquer outra coisa que não seja terminar a sessão suavemente.

L. RON HUBBARD
FUNDADOR



M.- PROCESSAMENTO DE NÍVEL 0

GABINETE DE COMUNICAÇÕES HUBBARD

Solar de St. Hill, Grinstead Oriental, Sussex,

HCOB DE 10 DE DEZEMBRO DE 1964

AUDIÇÃO ESTILO OUVIR

Existem duas maneiras de usar o Estilo Ouvir de Audição:

1. Como membro de equipas diretamente orientadas por um supervisor de audição;
2. Como Auditor individual

O treino correto no procedimento do Nível 0, é pôr o auditor a fazer o estilo em co audição até que esteja confiante e, depois, treiná-lo a fazer o mesmo como Auditor individual.

CO AUDIÇÃO DO ESTILO OUVIR

A versão de co audição existe unicamente para pôr o auditor a auditar sem ter de assumir demasiada responsabilidade.

Nesta versão é, realmente, o instrutor quem está a fazer a audição. Ele começa a sessão e diz ao auditor para dar os comandos e acusar a receção. Se este relacionamento for entendido, a supervisão de um grupo de pares do Nível 0 torna-se muito mais fácil.

O procedimento para uma Co-audição Estilo Ouvir é a seguinte:

1. O instrutor pede aos auditores para mandarem sentar os seus preclaros e depois senta-se ele.
2. Escreve num quadro o fraseado exato do processo a ser usado.
3. Pergunta aos estudantes se está bem serem auditados nessa sala.
4. Diz aos Auditores e preclaros o que vai ser feito na sessão (Fator-R) e clarifica quaisquer perguntas que dos preclaros (obviamente que a ênfase será em capacitá-los a falar com qualquer pessoa).
5. Diz aos Auditores e preclaros que só é permitido ao Auditor dar o comando e acusar a receção às suas respostas. Se o preclaro disser qualquer coisa que não possa ser resolvida com um acusar de receção, o Auditor põe a mão atrás das costas e espera pelo instrutor.
6. Diz aos Auditores para manterem os seus relatórios de audição.
7. O Instrutor então diz: "Começo da Sessão". E diz aos Auditor para darem o comando. Não são estabelecidas metas nem são feitos rudimentos.

Notas: Aos estudantes deve ser ensinado que antes de acusarem a receção devem compreender a resposta do preclaro. É-lhes permitido, contudo, pedir ao preclaro para explicar melhor uma resposta ou uma palavra de modo a que o Auditor a compreenda.

Se um estudante puser as mãos atrás das costas, o instrutor entra na sessão e, sem a terminar, resolve o que for preciso e deixa a sessão continuar. Ele terá o cuidado de não se transformar totalmente no auditor do preclaro visto que se irá estabelecer um fenómeno de transferência e os preclaros vão inventar problemas a fim de obterem mais atenção. O Instrutor deve ter um E-Metro à mão de modo a que, em caso de Quebra de ARC, faça rapidamente uma verificação. Quando ele faz uma Verificação de Quebra de ARC, tem, é claro, o cuidado de não auditar o preclaro e unicamente localiza e indica a carga-ultrapassada.



No final do período o Instrutor diz: "Comecem a terminar as sessões". Espera algum tempo e depois diz: "Digam ao vosso Auditor quaisquer resultados que tenham tido na sessão. Os Auditores escrevem-nos". Espera de novo um bocadinho e depois diz: "Muito bem, vou terminar agora a sessão. Fim da Sessão". O Instrutor então dá as instruções necessárias, quer para terminar o período quer para preparar a sala para o período seguinte ou dar um intervalo, etc.

ESTILO OUVIR INDIVIDUAL

É feito exatamente como a versão de co audição mas neste caso, é claro, o auditor coordena a sessão. Passa-se deste modo:

1. O Auditor manda o preclaro sentar-se e depois senta-se ele à sua frente com os joelhos a alguns centímetros dos do preclaro. É usada uma mesa ou simplesmente duas cadeiras sendo, neste caso, o relatório do auditor mantido numa prancha de mola. Não há, é claro, E-Metro.
2. O Auditor tira o comando exato de audição a ser usado do seu livro, boletim ou notas.
3. Pergunta ao preclaro se aceita ser auditado na sala e, se não, corrige as coisas ajustando a sala ou a localização da audição.
4. Ele diz ao preclaro o objetivo destas sessões (Fator de Realidade): "Quero habituar-te a falar com outra pessoa," "Quero aumentar a tua área de influência", etc. Trata-se neste nível, da meta do Auditor, e não do preclaro. Aos preclaros não é dada oportunidade de terem metas no Estilo Ouvir, visto que estabeleceriam metas que não conseguiriam atingir neste nível e, de qualquer modo, não teriam suficiente realidade sobre a audição para serem sensatos sobre ela. Portanto, só é usado um Fator-R, e nenhuma metas. O Auditor também diz ao preclaro *exatamente* quanto tempo a sessão vai durar.
5. O Auditor diz ao preclaro que o que vai fazer é só ouvi-lo e tentar compreendê-lo, e que só quer que ele fale do assunto que o auditor lhe vai dar, e que se se desviar dele, o auditor vai chamar-lhe a atenção.
6. O Auditor começa então rapidamente o seu relatório de audição.
7. O Auditor diz: "Começo da Sessão".
8. O Auditor dá o comando tirado do seu texto, boletim ou notas. O comando tem que ter algo a ver com dizer coisas às pessoas ou com comunicar e pode também especificar um assunto sobre o qual falar.
9. Só são dados mais comandos quando o preclaro perde de vista o assunto e quer saber do que se tratava (ver Rotinas do Nível 0 para o tratamento exato dos comandos).
10. Quando o preclaro diz algo e espera obviamente uma resposta, o Auditor manifesta tê-lo ouvido usando qualquer método usual.
11. Quando o preclaro diz algo que o Auditor não compreende, este pede ao preclaro para o repetir ou para o explicar de modo a que o consiga *ouvir* no sentido mais completo da palavra. (Ver "Os Incitadores" abaixo. Só 4 são permitidos).
12. Quando o preclaro para de falar, o Auditor deve decidir se o preclaro já não está simplesmente interessado no assunto ou não tem vontade de falar de alguma parte dele. Se o Auditor acreditar que o preclaro parou por embaraço ou por qualquer outra razão, tem Os Incitadores, a única coisa que é autorizado a usar.

Incitador (a) "Encontraste alguma coisa que pensas que me fará pensar mal de ti?"

Incitador (b) "Há alguma coisa que pensaste sobre isto que achas que eu não compreenderia?"

Incitador (c) "Disseste alguma coisa que sentiste que eu não tinha compreendido?"

Se assim foi, diz-me outra vez".

Incitador (d) "Encontraste alguma coisa que tu não compreendeste?"



Se assim foi, fala-me disso”.

(O estudante tem de saber estes incitadores de cor). Ele usa tantos quantos necessários, na sequência dada, a fim de pôr o preclaro de novo a falar.

O Auditor não pode iniciar um novo assunto ou processo só porque o preclaro não consegue continuar a falar. Toda a essência do Nível 0 é fazer com que o preclaro esteja à altura de ter vontade de falar sobre qualquer coisa com qualquer pessoa. Deste modo, qualquer incitamento também é permitido. Ameaças são proibidas. (a), (b), (c) e (d) são normalmente suficientes. Estas são as razões mais vulgares que levam as pessoas a parar de falar. Uma mera distração é resolvida relembrando ao preclaro o assunto.

13. Novos Processos (ou novos assuntos numa Rotina que sejam, em essência, novos processos) são só iniciados quando o preclaro se avivou e se tornou bastante capaz por ter ficado bastante confortável com o último. Se compreendermos que a única meta do Nível 0 é pôr as pessoas com vontade de falar com os outros sobre qualquer coisa, uma capacidade recuperada num assunto indica quando iniciar um novo processo. Se o auditor puder responder a si próprio afirmativamente a esta pergunta, então pode avançar para um novo processo: "Este preclaro é capaz de falar livremente sobre (assunto do último processo)?" Se assim for, será correto selecionar uma nova pergunta da mesma rotina ou uma nova Rotina (mais raramente) e iniciar agora a pergunta. Mas não é nunca correto impedir um preclaro de falar, interrompendo-o com uma nova pergunta. *Nunca* se fazem perguntas no Nível 0 que peçam um desenvolvimento. Também não há perguntas do tipo comentário. O auditor só ouve as respostas às perguntas e interrompe unicamente quando verdadeiramente não ouviu ou não compreendeu alguma coisa. Não existe, é claro, o uso repetitivo dos comandos visto que isso é Nível Um. Os mesmos comandos são dados raramente, mas só para manter o preclaro a andar. Comandos repetitivos sincopados e respostas curtas do preclaro *não* pertencem ao Nível 0.
14. Para o fim do período de audição, o Auditor avisa: "O tempo da sessão está quase a acabar. Vamos ter de terminar daqui a pouco”.
15. Quando o preclaro fez mais um ou dois comentários, o Auditor diz: "Vamos agora terminar a sessão. O tempo acabou. Obtiveste alguns resultados nesta sessão?"
16. As respostas do preclaro são *rapidamente* anotadas.
17. O Auditor diz: "Fim da Sessão".

Nota: É claro que os preclaros continuam por vezes a falar e tornam difícil acabar a sessão. De qualquer modo, acaba-a. Se isto parecer chocar o preclaro, faz-lhe notar a hora estabelecida para o fim da sessão e diz-lhe também: "Vamos ter mais audição e abordaremos isso na próxima sessão”. Terá *sempre* problemas em terminar uma sessão se não estabelecer a sua duração no Fator-R do passo 4. Quando o Auditor anota a hora no seu relatório (ver 4) deve dizer: "Esta sessão vai durar exatamente até ____ (horas e minutos)”. Deste modo ele tem uma marca para terminar. Um Auditor nunca deve ultrapassar essa hora e, é claro, tem de auditar até a alcançar. Isto, a propósito, não se aplica só ao Nível 0. Trata-se de uma boa prática para todas as sessões de audição normal. A única exceção é o assiste na qual se audita até um resultado específico. Na audição geral procuram-se resultados gerais e não rasgos súbitos e momentâneos.

O Auditor, neste nível e no seguinte, quer esteja em co audição quer em sessões individuais, depressa ficará impressionado com este facto: quanto mais falar na sessão, menos ganhos o preclaro fará. Portanto, o Auditor faz muito pouco na sessão e é lindamente pago por isso em termos de resultados no preclaro.

L. Ron Hubbard

Fundador



GABINETE DE COMUNICAÇÕES HUBBARD

Solar de St. Hill, Grinstead Oriental, Sussex,

B DE 11 DE DEZEMBRO DE 1964

PROCESSOS CIENTOLOGIA 0

O *único* resultado de caso esperado num Pc no Nível 0, é a capacidade de falar com os outros.

No Nível 0 não esperamos nem levamos as pessoas a esperar qualquer súbito milagre de recuperação física ou mental. Em vez disso salientamos o facto de lhe estarmos a pôr o pé no primeiro degrau da escada e que, à medida que *progredirem* pelos níveis, alcançarão tudo o que desejarem e ainda mais.

Saltar para níveis mais altos deixa lá as incapacidades dos níveis inferiores. Deste modo, quando tentamos auditar alguém, por exemplo, no Nível III, encontramos-nos a lutar com coisas que deviam ter sido resolvidas no Nível 0.

Além disso, de acordo com a minha experiência, esta *é* a meta em que os Pcs principiantes obtêm mais resultados. Recordo-me de um quase-milagre de uma rapariga que não conseguia falar com os pais, e tudo o que eu fiz foi pô-la a falar do que ela lhes diria se conseguisse falar com eles.

Recordar é demasiado elevado para um Pc ora iniciado. Não consegue realmente recordar bem até perto do Nível IV quando lhes podem ser limpas as Quebras de ARC com a vida.

Eis o projeto todo do Nível 0:

"Recuperar a capacidade do Pc para falar livremente com os outros".

Se compreendermos que um Pc não consegue estar em sessão a não ser que tenha vontade de falar para o auditor, também compreenderemos que ele não conseguirá estar na vida a não ser que seja capaz de comunicar livremente com os outros.

Portanto, qualquer processo que não tenha este fim em vista *não é* do Nível 0, por mais ansioso que o caso esteja de ficar clear "ontem".

Quanto mais histérico um Pc estiver quanto a receber processos avançados, ou quanto a ter um resultado no caso, menos vigoroso deverá ser o processo utilizado. O psiquiatra errou neste ponto, e isso baniu-o como benfeitor social. Quanto mais desesperado era o caso, mais desesperadas eram as medidas tomadas. Ele só estava a fazer eco dos seus pacientes. É *muito* importante que o Auditor compreenda este dado visto ser a segunda regra do Nível 0. É um dado muito básico. Não se pode ficar desesperado e usar medidas desesperadas só porque o Pc, a sua família ou a sociedade estão desesperados. Quanto pior estiver o Pc, mais suave tem de ser a sua abordagem.

Os psicopatas (os verdadeiros, os balbuciantes) estão abaixo da capacidade de tratamento em audição. As medidas usadas para eles devem ser só descanso e isolamento do seu ambiente anterior. E o primeiro processo deve ser só levar a pessoa a descobrir que somos de confiança e que falar connosco não tem perigo.

Assim, embora alguns casos sejam psicopatas, isto ainda é verdade. O Auditor tem de levar o Pc a descobrir que ele é de confiança: não o vai punir, ralhar, repreender ou trair confidências, e vai ouvi-lo.

Não falar das contenções de outro não cria no Auditor uma contenção. Só aquilo que a própria pessoa fez pode criar uma contenção. O que o Pc fez ou disse não é sequer assunto para uma sessão do Auditor visto que conter isso não tem valor aberrativo.



Mesmo quando somos Classe IV, continuamos a iniciar todos os Pcs no seu próprio nível que é, para um principiante, o Nível 0.

Aquilo que, portanto, estamos a tentar fazer com os nossos Pcs no Nível 0 é só:

1. Recuperar a capacidade do Pc para falar livremente com os outros.
2. Ensinar ao Pc, pelo exemplo, que o Auditor é digno de confiança, que é seguro falar com ele e que ele não vai ralar, repreender, punir ou atraindo, e
3. Recusar envolver-se em medidas drásticas só porque o Pc está desesperado e, deste modo, obter um resultado verdadeiro e duradouro para o Pc.

ROTINAS

Uma rotina é um processo padrão projetado para dar o resultado mais estável ao Pc no nível em que este está. Um *remédio* é uma coisa diferente. É um processo de audição projetado para resolver uma situação que não é de rotina. O único verdadeiro remédio no Nível 0, é para o facto de não se ter ouvido ou compreendido o Pc. Tudo o resto é feito com rotinas. Os Remédios de Caso pertencem todos ao Nível II e, embora todos saibamos que todo o caso de Nível 0 precisa de muitos remédios do Nível II, também sabemos que nenhum remédio funcionará bem até que o Pc seja capaz de falar com os outros.

Quando deparamos com sarilhos no Nível 0, é só por 3 razões possíveis:

1. O Pc não foi auditado na direção ou com o processo orientado para melhorar a sua capacidade de comunicar com os outros;
2. O Auditor não conseguiu compreender as afirmações do Pc, quer as suas palavras quer o seu significado, ou
3. O Auditor envolveu-se em medidas drásticas, alterou processos, ralar com o Pc ou fez algo que diminuiu o sentimento de segurança do Pc na sessão.

E é tudo. À medida que avança nos níveis, descobrirá muitas outras maneiras de o Pc ficar perturbado. Mas, no Nível 0, ele não está suficientemente perto da realidade do seu caso para sequer ser afetado por elas. O Pc ainda está muito longe disso quando começa a ser auditado. Só consegue abordar o seu próprio caso grau a grau. Deste modo, por mais que um Pc dramatize no Nível 0, só é realmente capaz de uma pequeníssima realidade sobre si próprio. E um tal Pc tem de ser capaz de falar antes que qualquer outra coisa possa suceder. Os Pcs podem ser arruinados por alguém que não compreenda este simples facto. Os psiquiatras, não o conseguindo compreender, assassinaram vários milhões de pessoas. Não se trata por isso de um assunto superficial. É importante.

No Nível 0, normalmente, um Pc não consegue sequer conceber ter cometido um overt (ato nocivo). Quando o consegue, sente-se religiosamente culpado e procura expiá-lo ou qualquer coisa assim. Vai para monge ou comete suicídio.

A razão pela qual 1/3 de todos os pacientes da psicanálise se diz terem cometido suicídio durante os três primeiros meses de terapia, não é que tenham "chegado tarde de mais", mas que montes de dados estranhos lhes são atirados para chegarem à sua "fonte de culpa" e atiraram-se de cabeça para o banco reativo, procuraram demonstrar a sua "culpa" culpando os outros e suicidando-se.

Não queremos mais nada do Pc a senão uma melhor capacidade para falar calmamente com as pessoas, sem medo, sem embaraço, sem desconfiança nem culpabilização. Assim, todos os processos do Nível 0 estão organizados de acordo com isto.

FRASEADOS



Dar todos os fraseados possíveis para as rotinas que consigam realizar o que se disse atrás, está completamente fora de qualquer necessidade.

Uma vez que tenhamos compreendido a ideia corretamente, podemos inventá-los às dúzias.

Não há que pensar num Pc em particular. Todos os processos do Nível 0 são bons só quando se podem aplicar a todos os Pcs.

ROTINA 0-0 (Zero-Zero)

A rotina de abertura é a mais básica de todas as rotinas de audição. É simplesmente: "De que é que não te importas de me falar?" O Pc responde. "O que é que gostarias de me dizer sobre isso?"

No Nível II, a primeira pergunta, isolada, transforma-se num remédio. Mas aqui, as duas perguntas formam uma rotina. E é mesmo muito eficaz!

ROTINA 0-A

A forma como o Auditor põe de pé a Rotina 0-A é a seguinte:

1. Faz uma lista de pessoas ou de coisas com as quais normalmente não se pode falar facilmente! Isto inclui pais, polícias, governos e Deus. Mas é uma lista muito mais longa. O Auditor tem que a fazer. Não poderá nunca ser publicada como lista "enlatada".
2. Usando qualquer dos itens da lista, pergunta: "Se pudesses falar com _____ (item da lista) ____ o que é que lhe dirias?"

Muito bem. É tudo o que há sobre encontrar os comandos para a Rotina 0-A.

Não se deixa o Pc fazer a lista. Não se faz a lista em sessão. O Auditor faz a lista, ele próprio e no seu tempo livre. E cada Auditor deve fazer a sua própria lista para os seus Pcs e adicionar-lhe itens, de tempos a tempos, à medida que pensa em novas pessoas ou coisas.

Ao Pc não é necessariamente dada qualquer opção sobre os itens. O auditor apanha um que pensa que é apropriado. Isto é fácil de fazer depois de uma sessão. O Pc continua a queixar-se dos pais. O.k. Percorre a 0-A em pais.

E esgota-a!

Esgotar significa usar esse assunto até o Pc ter a certeza absoluta de que poderia agora falar com o item escolhido. Se ele ainda quer dizer mal do item, não está esgotado. Se ele ainda quer *fazer* qualquer coisa com o item, então não está esgotado. Quando o Pc estiver contente com o item ou quando este já não o fascinar, então este está esgotado.

Lembre-se que não há necessidade de descobrir com que é que o Pc não consegue falar. De facto, na maior parte dos casos, é melhor apanhar simplesmente um item seu e usá-lo. Pode parecer estranho, mas passará momentos mais suaves com um Pc assim. Além disso não reestimulará tanto o banco do Pc.

ROTINA 0-B

A segunda rotina consiste de coisas *sobre* as quais falar.

Faz-se assim:

1. O Auditor faz uma lista (não a partir do Pc, mas sim ele próprio) de tudo o que, por uma razão qualquer, possa pensar que está banido da conversa, ou que não é geralmente considerado aceitável para comunicação social. Isto inclui assuntos tais como experiências sexuais, detalhes de "casa de banho", experiências embaraçosas, roubos que a pessoa fez, etc. Trata-se de coisas que ninguém abordaria calmamente num grupo de várias pessoas.



2. Um item da lista é incluído no comando de audição: "O que é que estarias disposto a dizer-me sobre (item escolhido)?"
3. Quando a corda acabou (como nos relógios), pergunta-lhe: "A quem mais é que conseguirias dizer essas coisas?"
4. Volta a escolher um assunto da lista.
5. Repete 3.
6. Continua a repetir 4. e 5.

Acima de tudo, não sejas crítico para com o Pc. E, *muito* calmamente, ouve e procura compreender o que ele diz. (Nunca procures descobrir *a razão por que* o Pc reagiu ou respondeu de determinada maneira. Um erro crasso no Nível 0 é: "Porque é que te sentes assim?" ou "Porque é que pensas que não podes dizer isso?" *Não* andamos atrás das causas das coisas no Nível 0. Descobrirás o porquê dessas coisas no Nível VII) No Nível 0 continua só a fazê-los falar, entretanto tu só ouves. E usa unicamente o assunto escolhido para os pões a falar.

ROTINA 0-C

A Rotina 0-C é, é claro, a antiga R-1-C com outro nome. É feita sem E-Metro e contém qualquer assunto, qualquer que seja, nos seus comandos. É abordada noutros materiais.

Em todas as rotinas dadas é vital não alterar os comandos dados.

Existem muito mais rotinas possíveis. Mas para que seja uma Rotina de Nível Zero tem de ter como única meta libertar a capacidade do Pc para falar livremente com os outros.

Este não é nível para ser visto como uma escovadela. É necessária muita perícia para recuperar a capacidade de um Pc para comunicar livremente.

Quando um Auditor tem essa perícia ele terá êxito em todos os níveis mais elevados.

Quando um Pc recuperou essa capacidade, o seu mundo vai parecer um local muito, muito melhor.

É, portanto, é muito importante ultrapassar esta primeira barreira. E é também importante não tentar esquivar-se e continuar pela ladeira acima. Iria tornar-se uma ladeira terrivelmente íngreme.

L. Ron Hubbard

Fundador



GABINETE DE COMUNICAÇÕES HUBBARD

Solar de St. Hill, Grinstead Oriental, Sussex,

HCOB de 23 de JUNHO de 1980RA

Rev.25 Fev. 82

Re-Rev. 25 Out. 83

Remimeo

Todos os auditores

C/Ss

Níveis da Academia

Tech/Qual

VERIFICAÇÃO DAS PERGUNTAS NOS PROCESSOS DOS GRAUS

(HCOB de 23 de Junho de 1980 RA)

Cancela a emissão original, e a sua revisão de 25 Fev. 82

Ref.

HCOB 12 Jun. 70	C/S Séries 2
HCOPL 17 Jun. 70 RB	Degradações técnicas. Urgente importante, <i>KSW séries 5R</i>
HCOB 19 Bar 72	"Quikie" definido KSW séries 8
HCOB 3 Dez 78	Fluxos não reagentes.
HCOB 27 Mia 70R	Perguntas e itens não reagentes.
HCOB 8 Jun. 61	Observação do E-Metro.
HCOB 7 Mai. 69	Os cinco GAEs.
HCOB 22 Mar 80	Exercícios de Verificação.

(A versão original do HCOB de 23 Jun. 80 afirmava incorretamente que um auditor não tinha que verificar se os processos dum grau davam leitura antes de os percorrer. Com esta revisão todos os textos anteriores escritos por outros foram simplesmente retirados e mais referências foram adicionadas à lista acima).

CADA UM DOS PROCESSOS DOS GRAUS A SER CORRIDO NUM E-METRO TEM QUE ANTES SER VERIFICADO SE DÁ LEITURA E, SE NÃO DER, NÃO É PERCORRIDO NESTA ALTURA.

Esta regra aplica-se aos processos subjetivos dos graus. Não se aplica a processos que não são percorridos ao E-Metro, tais como processos objetivos ou assists (exceto assists ao E-Metro de natureza subjetiva).

Na realidade um processo que "não lê" provém de uma de três fontes:

- (a) O processo não tem carga,
- (b) O processo está invalidado ou suprimido ou



(c) Os rudimentos estão fora na sessão.

É um facto que o interesse do PC também tem um papel no meio disto.

Eu acho que as pressas vêm de:

- (1) Auditores que tentam furar para além das F/Ns existentes ou persistentes ou
- (2) Auditores com TRs tão pobres que o PC nunca esteve em sessão.

Quase todos os processos e fluxos dos graus leem nos PCs que estão naquela área da carta de graus, a menos que as duas condições acima estejam presentes.

A verificação também não dá lá grande resultado uma vez que isso distraia o Pc.

Existe um sistema, entre outros, que podemos usar. Podemos dizer: "O próximo processo é (expomos o fraseado da pergunta de audição)" e verificamos se lê. Isto não leva mais que um lampejo. Se não ler, mas, o que é mais provável, se não tiver carga, der F/N ou uma suave agulha nula, fazemos uma curta pausa e acrescentamos: "Mas estás interessado nisto?" O PC considerá-lo-á, e se não tiver carga com o PC em sessão, dará F/N ou uma F/N mais larga.

Se tiver carga, o PC deverá normalmente pôr a sua atenção nela e teremos uma Queda ou apenas uma paragem da F/N seguida de uma Queda na parte do interesse.

Para fazer isto, é preciso audição muito suave e não falhar. Assim, em caso de dúvida podemos verificar a pergunta de novo. Mas nunca perseguir ou molestar o PC com isso. Verificar desajeitadamente se as perguntas leem pode resultar numa perturbação do PC e atirá-lo para fora de sessão, por isso esta ação de audição, como qualquer outra, requer suavidade.

L. RON HUBBARD

Fundador



GABINETE DE COMUNICAÇÕES HUBBARD
Saint Hill Manor, East Grinstead, Sussex
HCOB DE 3 DE DEZEMBRO DE 1978

Todos os Auditores
Todos os C/Ses
Checksheet NED

FLUXOS SEM LEITURA

Referências: HCOB 5 Ago 78

HCOB 25 Maio 62

HCOB 28 Fevereiro 71

HCOB 8 Jun. 61

HCOB 27 Maio 70R

Rev. 3.12.78

LEITURAS INSTANTÂNEAS

LEITURAS INSTANTÂNEAS DO E-METRO

Série C/S 24 METRIA DE ITENS REAGENTES

OBSERVAÇÃO DO E-METRO

PERGUNTAS E ITENS SEM LEITURA

A LEITURA DE CADA FLUXO DE UM ITEM OU PERGUNTA É CONFERIDA ANTES DE A CORRER. NÃO SÃO CORRIDOS FLUXOS SEM LEITURA.

Uma das leis administrativas da audição é que você não corre itens sem leitura. Não importa o que esteja a auditar. Você não corre itens sem leitura. E não corre fluxos sem leitura. Você não corre nada sem leitura. Jamais. Por nenhuma razão.

A audição é apontada à reatividade. Você corre o que reage no e-metro porque reage, e faz por isso parte da mente reativa. Uma leitura significa que há carga presente e disponível para correr. Correr itens, fluxos e perguntas *com leitura* é a única maneira de melhorar um Pc. Este é nosso propósito em audição. Correr fluxos, etc. sem leitura exige do Pc correr respostas “analíticas” ou “correr” coisas que não estão lá, ou pôr lá alguma coisa para “correr”.

A maior parte dos apuros em que você pode meter um Pc é correr itens ou fluxos sem carga. É que um auditor, sentar-se em sessão a observar um e-metro que não leu olhando para o Pc expectante por uma resposta a uma pergunta, fluxo ou item sem carga, é um GAE e afundará casos mais depressa do que qualquer outra coisa que possa fazer.

Logo tem que conferir perguntas, fluxos ou itens antes de correr qualquer coisa. Se não ler você diz só: “obrigado” e continua para o próximo. Você usaria, é claro, os botões para assegurar que nada foi suprimido, invalidado ou mal-entendido antes de deixar um item, fluxo ou pergunta sem leitura.

Esta é provavelmente uma das razões por que foi observado que eu posso auditar um Pc durante 2 ½ horas e obter o mesmo resultado que outro auditor em 25 horas. Não há nada misterioso nisto. Eu nunca corro um Pc em coisas que não estão carregadas. E não perco leituras.

Eu não espero menos de você.

L. RON HUBBARD

Fundador



N.- MINI LISTA DE PROCESSOS PARA O GRAU 0

GABINETE DE COMUNICAÇÕES HUBBRD

Solar de St. Hill, Grinstead Oriental, Sussex,

HCOB DE 8 DE SETEMBRO DE 1978RB

Rev. 16 Nov. 87

MINI LISTA DOS PROCESSOS DOS GRAUS DE 0-IV

NOTA ESPECIAL: A lista seguinte não é de modo algum uma lista completa dos processos dos graus de 0-IV. Muitos muitos processos existem nos graus de 0-IV nos quais o preclaro deveria ser auditado para atingir em cheio o fenómeno final (capacidade adquirida) para cada um dos Graus Expandidos.

O seguinte é uma MINI LISTA dos processos dos Graus de 0-IV.

Em cada um dos Níveis da Academia, perto do fim de cada checksheet, o estudante auditor estuda os boletins listados para cada processo e exercita exaustivamente o processo antes de o auditar. Ele audita cada um dos processos desta lista para o nível em que se encontra.

Cada um dos Processos maiores do Grau é seguido por um processo de Condição de Ter.

Cada Processo dos Graus é que é percorrido no e-metro, tem que ser testado quanto à reacção antes de ser percorrido e, se não ler, não é percorrido nessa altura. (Ref. HCOB 23 Jun. 80RA, Rev. 25.10.83, VERIFICAÇÃO DAS PERGUNTAS NOS PROCESSOS DOS GRAUS).

Este HCOB pode também servir como lista de controlo dos processos percorridos num pc. O auditor coloca uma cópia deste HCOB no folder do pc a, à medida que cada processo ou fluxo é levado ao EP, é claramente marcado com a respectiva data.

PROCESSO DE ARC LINHA DIRECTA

1. PROCESSO DE ARC LINHA DIRECTA.

(Ref.: HCOB 27 Set. 68 II, ARC LINHA DIRECTA)

LD F1. 1. RECORDA UMA OCASIÃO QUE ERA REALMENTE REAL PARATI.

O QUE FOI?

2. RECORDA UMA OCASIÃO EM QUE ESTAVAS EM BOA COMUNICAÇÃO COM ALGUÉM.

O QUE FOI?

3. RECORDA UMA OCASIÃO EM QUE REALMENTE SENTISTE AFINIDADE POR ALGUÉM.

O QUE FOI?

4. RECORDA UMA OCASIÃO EM QUE SABIAS QUE COMPREENDIAS ALGUÉM.



O QUE FOI?

(Percorre consecutivamente, isto é, 1,2,3,4,1,2, etc., até EP)

- LD F2 1. RECORDA UMA OCASIÃO QUE ERA REALMENTE REAL PARA OUTRO.

O QUE FOI?

2. RECORDA UMA OCASIÃO EM QUE ALGUÉM ESTAVA EM BOA COMUNICAÇÃO CONTIGO.

O QUE FOI?

3. RECORDA UMA OCASIÃO EM QUE ALGUÉM REALMENTE SENTIU AFINIDADE POR TI.

O QUE FOI?

4. RECORDA UMA OCASIÃO EM QUE OUTRO SABIA QUE TE COMPREENDIA.

O QUE FOI?

(Percorre consecutivamente, isto é, 1,2,3,4,1,2, etc., até EP)

- LD F3 1. RECORDA UMA OCASIÃO QUE ERA REALMENTE REAL PARA OUTROS.

O QUE FOI?

2. RECORDA UMA OCASIÃO EM QUE OUTROS ESTAVAM EM BOA COMUNICAÇÃO COM OUTROS.

O QUE FOI?

3. RECORDA UMA OCASIÃO EM QUE OUTROS REALMENTE SENTIAM AFINIDADE POR OUTROS.

O QUE FOI?

4. RECORDA UMA OCASIÃO EM QUE OUTROS SABIAM QUE COMPREENDIAM OUTROS.

O QUE FOI?

(Percorre consecutivamente, isto é, 1,2,3,4,1,2, etc., até EP)

- LD F0 1. RECORDA UMA OCASIÃO EM QUE TU FIZESTE ALGO REALMENTE REAL PARA TI MESMO.

O QUE FOI?

2. RECORDA UMA OCASIÃO EM QUE TU ESTAVAS EM BOA COMUNICAÇÃO CONTIGO MESMO.

O QUE FOI?

3. RECORDA UMA OCASIÃO EM QUE TU REALMENTE SENTIAS AFINIDADE POR TI MESMO.

O QUE FOI?



4. RECORDA UMA OCASIÃO EM QUE TU SABIAS QUE TE COMPREENDIAS A TI MESMO.

O QUE FOI?

(Percorre consecutivamente, isto é, 1,2,3,4,1,2, etc., até EP)

2. HAVINGNESS DE ARC LINHA DIRECTA.

HLD F1. OLHA AQUI À VOLTA E ENCONTRA ALGO QUE SEJA REALMENTE REAL PARA TI.

(percorrer repetida/ até EP)

HLD F2. OLHA AQUI À VOLTA E ENCONTRA ALGO QUE SERIA REALMENTE REAL PARA OUTRO.

(percorrer repetida/ até EP)

HLD F3. OLHA AQUI À VOLTA E ENCONTRA ALGO QUE SERIA REALMENTE REAL PARA OUTROS.

(percorrer repetida/ até EP)

HLD F0. ENCONTRA EM TI MESMO ALGO QUE SERIA REALMENTE REAL PARA TI.

(percorrer repetida/ até EP)

PROCESSO DO GRAU 0.

(Ref.: HCOB 11 Dez 64, PROCESSOS

HCOB 26 Dez 64, ROTINA 0A EXPANDIDA)

3.A. ROTINA 0-0

00F1. 1. SOBRE O QUE É QUE TU ESTÁS DISPOSTO A QUE EU TE FALE?

2. O QUE É QUE TU GOSTARIAS QUE EU TE DISSESSE SOBRE ISSO?

(Percorre alternada/ até EP)

00F2. 1. SOBRE QUE É QUE ESTÁS DISPOSTO A FALAR COMIGO?

2. O QUE É QUE TU GOSTARIAS DE ME DIZER SOBRE ISSO?

(Percorre alternada/ até EP)

00F3. 1. SOBRE QUE É QUE TU ESTÁS DISPOSTO QUE EU FALE A OUTROS?



2. O QUE É QUE TU GOSTARIAS QUE EU LHES DISSESSE SOBRE ISSO?

(Percorre alternada/ até EP)

00F0. 1. SOBRE QUE É QUE ESTÁS DISPOSTO A FALAR CONTIGO MESMO POR MINHA CAUSA?

2. O QUE É QUE TU GOSTARIAS DE DIZER SOBRE ISSO?

(Percorre alternada/ até EP)

3.B. ROTINA 0A.

O auditor faz uma lista de pessoas ou coisas com quem as pessoas em geral não conseguem falar facilmente. Isto inclui pais, polícias, governos e Deus, mas ela será muito mais longa. O auditor deverá ele próprio compilar esta lista fora da sessão. Ele pode de vez em quando acrescentá-la. Nunca deve ser publicada como "lista enlatada". Os instrutores e pessoal de Cientologia não devem ser incluídos nela pois isso conduz a perturbações nas sessões. Fazemos um assessment da lista no pc e usamos o item com maior leitura nos quatro fluxos da 0A conforme abaixo indicado. *Depois* pegamos nos restantes itens e percorremo-los até ao último da mesma forma pela ordem da maior leitura. Cada um dos itens reagentes é percorrido nos quatro fluxos antes de se passar ao próximo. Em qualquer dos itens sem leitura entramos com os botões Suprimir e Invalidar.

0A. F1. 1. SE (item escolhido) PUDESSE FALAR CONTIGO DE QUE É QUE FALARIA?

(O pc responde uma ou mais coisas de maior ou menor extensão. Quando o pc parece satisfeito com a resposta à pergunta, o auditor diz):

2. MUITO BEM, SE (item escolhido) ESTIVESSE A FALAR CONTIGO SOBRE ISSO, O QUE É QUE DIRIA EXACTAMENTE?

(Esperamos do pc que ele refira o que seria dito como se ele fosse o assunto em 1 a falar).

(Percorrer 1 e 2 segundo instruções acima, isto é, 1.2.1.2.1.2.1, etc., até EP)

0A. F2. 1. SE PUDESSES FALAR COM (item escolhido) DE QUE É QUE FALARIAS?

(O pc responde uma ou mais coisas de maior ou menor extensão. Quando o pc parece satisfeito com a resposta à pergunta, o auditor diz):

2. MUITO BEM, SE ESTIVESSES A FALAR COM (item escolhido) SOBRE ISSO, O QUE É QUE DIRIAS EXACTAMENTE?

(Esperamos do pc que ele fale como se estivesse a falar para o item escolhido em 1).

(Percorrer 1 e 2 segundo instruções acima, isto é, 1.2.1.2.1.2.1, etc., até EP)



0A. F3. 1. SE OUTROS PUDESSEM FALAR COM (item escolhido) DE QUE É QUE FALARIAM?

(O pc responde uma ou mais coisas de maior ou menor extensão. Quando o pc parece satisfeito com a resposta à pergunta, o auditor diz):

2. MUITO BEM, SE OUTROS ESTIVESSEM A FALAR COM (item escolhido) SOBRE ISSO, O QUE É QUE ELES DIRIAM EXACTAMENTE?

(Esperamos do pc que ele fale como se estivesse a falar para outros sobre o item escolhido em 1).

(Percorrer 1 e 2 segundo instruções acima, isto é, 1.2.1.2.1.2.1, etc., até EP)

0A. F0 1. SE TU PUDESSES FALAR CONTIGO MESMO SOBRE (item escolhido) DE QUE É QUE TU FALARIAS?

(O pc responde uma ou mais coisas de maior ou menor extensão. Quando o pc parece satisfeito com a resposta à pergunta, o auditor diz):

2. MUITO BEM, SE TU ESTIVESSE A FALAR CONTIGO MESMO SOBRE (item escolhido), O QUE É QUE TU DIRIAS EXACTAMENTE?

(Esperamos do pc que ele fale como se estivesse a falar consigo mesmo sobre o item escolhido em 1).

(Percorrer 1 e 2 segundo instruções acima, isto é, 1.2.1.2.1.2.1, etc., até EP)

3.C. ROTINA 0B.

O auditor faz uma lista (não proveniente do pc, mas ele próprio) de tudo o que ele possa pensar que esteja banido por qualquer razão da conversação ou não seja geralmente considerado aceitável para comunicação social. Isto inclui assuntos não sociais, tais como experiências sexuais, detalhes da casa de banho, experiências embaraçosas, roubos que a pessoa fez, etc. Coisas de que ninguém falaria na companhia de qualquer pessoa.

Fazemos assessment da lista no pc e o assunto com maior leitura é percorrido nos quatro fluxos, seguido pelo resto dos assuntos reagentes pela ordem da maior leitura. Em qualquer dos assuntos sem leitura entramos com os botões Suprimir e Invalidar.

0B. F1. 1. O QUE É QUE TU ESTARIAS DISPOSTO QUE OUTRA PESSOA TE CONTASSE SOBRE _____?

(Quando o pc "esgotou" como deve ser perguntamos:)

2. A QUEM MAIS É QUE ESSA PESSOA PODERIA DIZER ESSAS COISAS?

(Continuamos a percorrer 1 e 2 segundo instruções acima, isto é, 1.2.1.2.1.2.1, etc., até EP) -



0B. F2. 1. O QUE É QUE ESTARIAS DISPOSTO A CONTAR-ME SOBRE _____?

(Quando o pc "esgotou" como deve ser perguntamos:)

2. A QUEM MAIS É QUE TU PODERIAS DIZER ESSAS COISAS?

(Continuamos a percorrer 1 e 2 segundo instruções acima, isto é, 1.2.1.2.1.2.1, etc., até EP)

0B. F3. 1. O QUE É QUE ESTARIAS DISPOSTO QUE OUTROS CONTASSEM A OUTROS SOBRE _____?

(Quando o pc "esgotou" como deve ser perguntamos:)

2. A QUEM MAIS PODERIAM ELES DIZER ESSAS COISAS?

(Continuamos a percorrer 1 e 2 segundo instruções acima, isto é, 1.2.1.2.1.2.1, etc., até EP)

0B. F0. 1. O QUE É QUE TU ESTARIAS DISPOSTO A CONTAR A TI PRÓPRIO SOBRE _____?

(Quando o pc "esgotou" como deve ser perguntamos:)

2. A QUEM MAIS PODERIAS TU DIZER ESSAS COISAS?

(Continuamos a percorrer 1 e 2 segundo instruções acima, isto é, 1.2.1.2.1.2.1, etc., até EP)

4. HAVINGNESS DE GRAU 0.

0H. F1. OLHA AQUI À VOLTA E ENCONTRA ALGO EM QUE POSSAS TOCAR.

(Percorrer repetitiva/ até EP)

0H. F2. OLHA AQUI À VOLTA E ENCONTRA ALGO EM QUE OUTRO POSSA TOCAR.

(Percorrer repetitiva/ até EP)

0H. F3. OLHA AQUI À VOLTA E ENCONTRA ALGO EM QUE OUTROS POSSAM TOCAR.

(Percorrer repetitiva/ até EP)

0H. F1. ENCONTRA EM TI MESMO ALGO EM QUE POSSAS TOCAR.

(Percorrer repetitiva/ até EP)

GRAU I - PROBLEMAS

5. CCHs



CCHs DE I a 4

Refs.	HCOB 2 Ago. 62	RESPOSTAS DOS CCHs
	HCOB 7 Ago. 62	CCHs MAIS INFORMAÇÃO
	BTB 12 Set. 63	DADOS SOBRE CCHs
	HCOB 1 Dez 65	CCHs

CCH I:

“ DÁ-ME ESSA MÃO. “

CCH II:

“ TU OLHA PARA AQUELA PAREDE. “ “ OBRIGADO. “

“ TU CAMINHA ATÉ AQUELA PAREDE. “ “ OBRIGADO. “

“ TU TOCA NESSA PAREDE. “ “ OBRIGADO. “

“ VOLTA-TE. “ “ OBRIGADO. “

CCH III:

MÍMICA DAS MÃOS NO ESPAÇO.

“ PÕE AS TUAS MÃOS DE ENCONTRO ÀS MINHAS, SEGUE-AS E CONTRIBUI PARA O SEU MOVIMENTO. “

“ CONTRIBUÍSTE PARA O SEU MOVIMENTO? “

Aumentamos gradualmente o espaço entre as mãos do pc e do auditor, em cada percurso subsequente dos CCHs de 0-4.

Com respeito à distância aumentada:

(1) Usar : ““ Põe as tuas mãos em frente às minhas, a mais ou menos dois centímetros de distância (ou a distância que estiver a ser usada), segue-as e contribui para o seu movimento”.”

NOTA : À medida que a distância é aumentada, a cadeira do auditor é puxada para trás, ficando entre o pc e a porta.

CCH IV

Ref. HCOB 1Dez 65

Não há comandos estabelecidos para o CCH4. Auditor e Pc sentados em frente um do outro a uma distância confortável. O auditor faz um movimento simples com um livro. Dá o livro ao Pc. O Pc faz o movimento duplicando movimento do auditor estilo imagem do espelho. O auditor pergunta ao Pc se está satisfeito de ter duplicado o movimento. Se o Pc e o auditor estiverem ambos totalmente satisfeitos, o auditor pega de novo o livro e vai para o próximo comando. Se o Pc não tem a certeza de ter duplicado um comando, o auditor repete-lho e dá-lhe o livro de novo.

Correr até um ponto esgotado.

Repetir os CCHs 1,2 ,3 ,4 vez após vez até todos estarem APLANADOS e o pc ter atingido EPs completos ,de acordo com os Bs de LRH.

Até EP



6. PROCESSO DE PROBLEMAS DO GRAU UM.

(Ref. HCOB 16 Nov. 65, PROCESSO DE PROBLEMAS)

F1. “Que problema é que tu tiveste com alguém ?”

“Que soluções é que tu encontraste para esse problema ?”

Até EP

O Pc dá o problema, depois o TA das soluções é esvaziado. Então é feita uma nova exposição do problema e mais perguntas sobre soluções. Corra 1, 2, 1, 2 etc, até EP.

F2. “Que problema é que outrem teve contigo ?”

“Que soluções é que outrem encontrou para esse problema ?”

Até EP

F3. “Que problema é que alguém teve com outrem ?”

“Que soluções é que eles encontraram para esse problema ?”

Até EP

F0. “Que problema é que tu causaste a ti mesmo ?”

“Que soluções é que tu encontraste para esse problema ?”

Até EP

7. HAVINGNESS DO GRAU 1:

1H F1. 1. “Pensa num espaço”.

2. “Nota dois objectos”

Correr alternadamente Até EP

1H F2. 1. “Pensa no espaço de outro”

2. “Nota dois objectos”

Correr alternadamente Até EP

1H F3. 1. “Pensa no espaço de outros”

2. “Nota dois objectos”

Correr alternadamente Até EP

1H F0. 1. “Pensa no teu próprio espaço”.

2. “Nota dois objectos”

Correr alternadamente Até EP



PROCESSOS GRAU II

8. PROCESSAMENTO CONFESSIONAL, GRAU II

Usando a tecnologia coberta no HCOB 30 Nov. 78R, PROCESSAMENTO CONFESSIONAL, e outras referências da folha de controle do seu curso, o estudante entrega o processamento Confessional a um preclaro conforme programado pelo C/S-

9. - PROCESSO DE O/W, GRAU II

(Ref. HCOB 4 Fev. 60, PROCESSAMENTO DE TEORIA DA RESPONSABILIDADE)

F1 1. O QUE É QUE OUTRO TE FEZ?

2. O QUE É QUE OUTRO ESCONDEU DE TI?

(Correr alternadamente até EP)

F2 1. O QUE É QUE TU FIZESTE A OUTRO?

2. O QUE É QUE TU ESCONDESTES DE OUTRO?

(Correr alternadamente até EP)

F3 1. O QUE É QUE OUTROS FIZERAM A OUTROS?

2. O QUE É QUE OUTROS ESCONDERAM DE OUTROS?

(Correr alternadamente até EP)

F0 1. O QUE É QUE TU FIZESTE A TI MESMO?

2. O QUE É QUE TU ESCONDESTES DE TI MESMO?

(Correr alternadamente até EP)

10. HAVIGNESS, GRAU II

2H F1 OLHA AQUI À VOLTA E ENCONTRA ALGO QUE TU NÃO ESTÁS A ESCONDER.

(Correr repetitivamente até EP)

2H F2 OLHA AQUI À VOLTA E ENCONTRA ALGUMA COISA QUE OUTRO NÃO ESTÁ A ESCONDER.

(Correr repetitivamente até EP)

2H F3 OLHA AQUI À VOLTA E ENCONTRA ALGUMA COISA QUE OUTROS NÃO ESTÃO A ESCONDER.

(Correr repetitivamente até EP)

2H F0 OLHA AQUI À VOLTA E ENCONTRA ALGUMA COISA QUE TU NÃO ESTÁS A ESCONDER DE TI PRÓPRIO.



(Correr repetitivamente até EP)

PROCESSOS GRAU III

11. - PROCESSOS DE GRAU III - R3H

(Ref. HCOB 6 Ago. 68, R3H

HCOB 1 Ago. 68, AS LEIS DE LISTAGEM E ANULAÇÃO)

- F1 1. Localizar uma mudança na vida listando até um item F/N ou BD F/N.

QUE MUDANÇAS É QUE OUTRO CAUSOU NA TUA VIDA?

2. Obter a data disso.
3. Obter alguns dados sobre isso (não percorrer como engrama) a fim de saber qual foi a mudança.
4. Descobrir por assessment se foi uma quebra em:

Afinidade _____

Realidade _____

Comunicação _____

Compreensão _____

Apanhamos a melhor leitura e conferimos com o pc, perguntando se foi uma quebra em (afinidade, realidade, comunicação ou compreensão). Se ele disser não, manejar de novo. Se sim, deixá-lo falar disso se quiser. Então indicar o item.

5. Pegando no que apanhámos em (4) descobrimos por assess. se foi:

Curioso sobre _____

Desejada _____

Forçada _____

Inibida _____

Nenhuma _____

Recusada _____

Como em (4) acima apanhar o item e verificar com o pc. se o pc disser que não é, manejar de novo. Se sim, deixá-lo falar sobre isso se quiser. Então indicar.

(Percorrer conforme acima)

- F2 Listar até um item F/N ou BD F/N.

QUE MUDANÇA É QUE TU CAUSASTE NA VIDA DE OUTROS?

(Manejar segundo os passo de 1 a 5 acima)

- F3 Listar até um item F/N ou BD F/N.



QUE MUDANÇA É QUE OUTROS CAUSARAM NAS VIDAS DE OUTROS?

(Manejar segundo os passo de 1 a 5 acima) -----

F0 Listar até um item F/N ou BD F/N.

QUE MUDANÇA É QUE TU CAUSASTE NA TUA PRÓPRIA VIDA?

(Manejar segundo os passo de 1 a 5 acima) -----

12. - HAVINGNESS GRAU III

3H F1 O QUE É QUE ESTÁ PARADO?

(Correr repetitivamente até EP) -----

3H F2 O QUE É QUE OUTRO PENSARIA ESTAR PARADO?

(Correr repetitivamente até EP) -----

3H F3 O QUE É QUE OUTROS PENSARIAM ESTAR PARADO?

(Correr repetitivamente até EP) -----

3H F0 O QUE É QUE ESTÁ PARADO EM TI MESMO?

(Correr repetitivamente até EP) -----

PROCESSOS GRAU IV

13. - PROCESSOS GRAU IV - R3SC

(Ref. HCOB . 6 Set. 78 III, ROTINA TRÊS SC-A, MANEJAMENTO COMPLETO DO FAC DE SERVIÇO ACTUALIZADO COM NOVA ERA DIANÉTICA.

HCOB . 1 Set. 63, ROTINA TRÊS SC

HCOB . 6 Set. 78 II, FACS DE SERVIÇO E ROCK SLAMS)

NOTA: As perguntas listadas abaixo não são as únicas perguntas de listagem e anulação que podem ser percorridas num preclaro para encontrar e manejar facs de serviço. Outras podem ser encontradas no HCOB . 14 Nov. 78 VI, LISTA DE PROCESSOS. Para certificação no Nível IV, tudo o que é preciso é que o auditor mostre sucesso auditando alguém no processo dado abaixo.

- I. Aclarar a fundo os termos ‘computação’ e ‘fac-símile de serviço’. Garantir que o pc compreende que um ‘fac-símile de serviço’ é uma computação segundo a qual o próprio deve estar certo e os outros errados, dominar ou escapar à dominação e aumentar a sobrevivência própria e lesar a dos outros. O pc deve apreender que , o que está a ser pedido neste processo é uma computação, não uma condição de ser, uma condição de fazer ou condição de ter (beingness, doingness, havingness).



II. Aclaramos e listamos (listagem e anulação) a seguinte pergunta de listagem até um item F/N ou BD F/N.

- a. NESTA VIDA O QUE É QUE TU USAS PARA PÔR OS OUTROS ERRADOS? -----

III. Percorrer o fac-símile de serviço encontrado nas chavetas exactamente conforme o HCOB . 6 Set. 78 II, ROTINA TRÊS SC-A, MANEJAMENTO COMPLETO DO FAC DE SERVIÇO ACTUALIZADO COM NOVA ERA DIANÉTICA.

1. NESTA VIDA COMO É QUE _____ TE FARIA ESTAR CERTO? -----

2. NESTA VIDA COMO É QUE _____ FARIA OUTROS ESTAR ERRADOS? -----

(Percorrer até EP conforme descrito abaixo)

3. NESTA VIDA COMO É QUE _____ TE AJUDARIA A ESCAPAR À DOMINAÇÃO? -----

4. NESTA VIDA COMO É QUE _____ TE AJUDARIA A DOMINAR OUTROS? -----

(Percorrer até EP conforme descrito abaixo)

5. NESTA VIDA COMO É QUE _____ AJUDARIA A TUA SOBREVIVÊNCIA? -----

6. NESTA VIDA COMO É QUE _____ IMPEDIRIA A SOBREVIVÊNCIA DE OUTROS? -----

(Percorrer até EP conforme descrito abaixo)

Estes processos são percorridos como segue:

Dar ao pc a primeira pergunta, 'Nesta vida como é que (fac. serv.) te faria estar certo?' e deixá-lo percorrer com isso. Ele terá uma catadupa de respostas, respostas que vêm, nesta fase, depressa demais para serem facilmente ditas. Não repetir a pergunta a menos que o pc precise. Deixá-lo apenas responder 1-1-1-1-1-1 (pode dar tanto como 50 respostas) até chegar a uma cognição ou ficar sem respostas ou inadvertidamente responder à pergunta 2.

Então mudar para a pergunta 2: 'Nesta vida como é que (fac. de serv.) faria os outros estar errados?' Tratar isto da mesma maneira, isto é, deixá-lo responder 2-2-2-2-2-2 até ter a cognição ou ficar sem respostas ou responder à pergunta 1. Então mudar para a pergunta 1, o mesmo manejo, de volta à pergunta 2, o mesmo manejo, na medida em que as respostas do pc venham facilmente. Perante a cognição e F/N, acusar a recepção, indicar a F/N e terminar 1 e 2.

Agora fazemos-lhe a pergunta 3: 'Nesta vida como é que (fac. de serv.) te ajudaria a escapar à dominação?' E deixá-lo percorrer com o mesmo método acima. Quando isto parece arrefecer, usamos a pergunta 4: 'Nesta vida como é que (fac. de serv.) te ajudaria a dominar os outros?' Usar as perguntas 3 e 4 como acima, na medida em que as respostas do pc venham facilmente. Perante a cognição e F/N, acusar a recepção, indicar a F/N e continuar para a próxima chaveta.

Usando o mesmo método acima, fazer a pergunta 5: 'Nesta vida como é que (fac. de serv.) ajudaria a tua sobrevivência?' Quando ele esgotou 5-5-5-5-5-5, mudar para a pergunta 6: 'Nesta vida como é que (fac. de serv.) impediria a sobrevivência de outros?' Usar as perguntas 5 e 6 como acima na medida em que as respostas do pc



venham facilmente. Deixá-lo atirar com todos os automatismos e chegar a uma cognição e F/N. Acusar a recepção e indicar a F/N.

NOTA: Se o item encontrado na lista dos facs de serviço não correu em nenhuma das chavetas, temos que lhe fazer prepcheck até EP, (F/N, cog, VGIs, libertação) usando o HCOB . 7 Set. 78R, PREPCHECK REPETITIVO MODERNO.

IV. Repetir os passos II e III, usando as seguintes perguntas de listagem, uma de cada vez no passo III.

b. NESTA VIDA O QUE É QUE TU USAS PARA DOMINAR OUTROS?

(Correr o item conforme o passo III até EP)

c. NESTA VIDA O QUE É QUE TU USAS PARA AJUDAR A TUA PRÓPRIA SOBREVIVÊNCIA?

(Correr o item conforme o passo III até EP)

d. NESTA VIDA O QUE É QUE TU USAS PARA TU PRÓPRIO ESTARES CERTO?

(Correr o item conforme o passo III até EP)

e. NESTA VIDA O QUE É QUE TU USAS PARA ESCAPAR À DOMINAÇÃO?

(Correr o item conforme o passo III até EP)

f. NESTA VIDA O QUE É QUE TU USAS PARA IMPEDIR A SOBREVIVÊNCIA DOS OUTROS?

(Correr o item conforme o passo II até EP)

14. - HAVINGNESS GRAU IV

4H F1 O QUE É QUE OUTRO PODERIA LIGAR A TI?

(Percorrer repetitivamente até EP)

4H F2 O QUE É QUE TU PODERIAS LIGAR A OUTRO?

(Percorrer repetitivamente até EP)

4H F3 O QUE É QUE OUTROS PODERIAM LIGAR A OUTROS?

(Percorrer repetitivamente até EP)

4H F1 O QUE É QUE TU PODERIAS LIGAR A TI?

(Percorrer repetitivamente até EP)

4H F5 OLHA AQUI À VOLTA E ENCONTRA ALGO QUE TU TENS A CERTEZA ABSOLUTA DE QUE ESTARÁ AQUI DURANTE _____

(o auditor aumenta o tempo pouco a pouco)

(Percorrer repetitivamente até EP)

4H F6 OLHA AQUI À VOLTA E ENCONTRA ALGO QUE OUTRO TERIA A CERTEZA ABSOLUTA DE QUE ESTARÁ AQUI DURANTE _____



(o auditor aumenta o tempo pouco a pouco)

(Percorrer repetitivamente até EP)

4H F7 OLHA AQUI À VOLTA E ENCONTRA ALGO QUE TU TENS
A CERTEZA ABSOLUTA QUE ESTARÁ AQUI DURANTE

(o auditor aumenta o tempo pouco a pouco)

(Percorrer repetitivamente até EP)

4H F8 ENCONTRA ALGO EM TI PRÓPRIO QUE TU TENS A CER-
TEZA ABSOLUTA QUE ESTARÁ AQUI DURANTE _____

(o auditor aumenta o tempo pouco a pouco)

(Percorrer repetitivamente até EP)

Um auditor não tem nem pode ser obrigado por ninguém a auditar processos acima da sua classe.

L RON HUBBARD

Fundador